

ALTEROSA

JUNHO • 1960

CR\$ 25,00



MAY BRITT — O NOVO ANJO AZUL

Françoise Sagan: Adeus, Felicidade!

OS JOGOS OLIMPICOS DE ROMA

Rio Paranaíba: Município de Jesus



Momentos que a memória guarda para sempre

cigarros

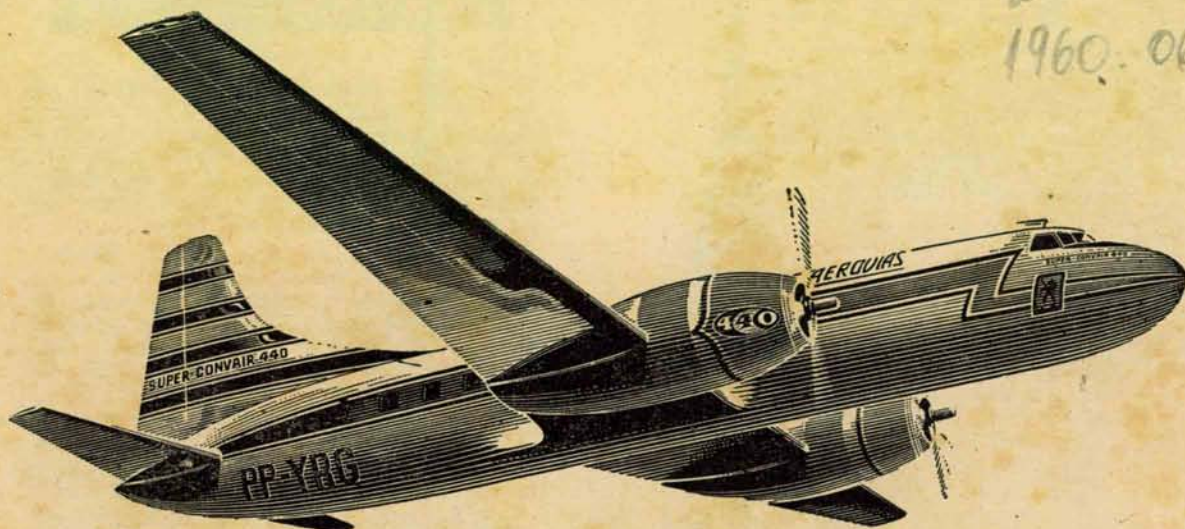
hollywood

uma tradição de bom gosto



Cia. de
Cigarros
SOUZA CRUZ

1960.06



GANHE TEMPO!

Realmente, tal é a suavidade de voo, tão extrema a rapidez, que você tem a impressão de chegar antes do tempo, quando viaja num Super-Convair da Real. Tão seguro quanto veloz, este avião ultra moderno fará de sua próxima viagem na Real um voo inesquecível.

VEJA QUE RAPIDEZ!

Belo Horizonte - Rio 0 h. 55'
 Belo Horizonte - São Paulo ... 1 h. 25'
 Belo Horizonte - Brasília 1 h. 40'
 Belo Horizonte - Salvador 2 h. 45'
 Belo Horizonte - Recife 5 h. 00'

São Paulo - Curitiba 0 h. 50'
 São Paulo - Londrina 1 h. 05'
 São Paulo - Porto Alegre 2 h. 05'
 São Paulo - Montevideu 5 h. 00'
 São Paulo - Buenos Aires 6 h. 30'

Voe nos Super-Convair da Real

Veja quanto conforto!

Cabine pressurizada (a qualquer altitude, você goza a pressão do nível do mar). Grandes e macias poltronas reclináveis. Ar condicionado. Lanches deliciosos... e a famosa cortesia da Real.

Rua Espírito Santo, 647-Ed. Acaiaca
 Av. Afonso Pena, 342-Ed. IAPC - Tel. 4-8200



ALTEROSA

A revista da família brasileira

ANO XXII

Nº 330

Propriedade da

SOC. EDITORA ALTEROSA LTDA.

Rua Rio de Janeiro, 926 — 3º pavimento
Fones 2-0652 e 2-4251 — Cx. Postal 279 —
End. Teleg.: "Alterosa" — Belo Hori-
zonte — Minas Gerais — Brasil.

* * *

DIREÇÃO: N. M. Castro e Miranda e
Castro, diretores.

REDAÇÃO: Jorge Azevedo, secretário;
Afrânio Cardoso, Cristiano Linhares, Er-
nesto Rosa Neto, Euclides Marques An-
drade, Garry O. Myers, Gibson Lessa,
Gilberto de Alencar, Leonor Telles, Ma-
ria Lysia, Neusa Batista e Oscar Mendes.

REPORTAGEM: André F. de Carvalho,
Aristides Roriz, Dário Carrera Justo, Jo-
sé Indício, José Nicolau da Silva, Na-
ly Burnier Coelho, Nivaldo Corrêa, Os-
valdo Profeta, Pepito Carrera, Ponce de
Leon, Roberto Drumond, Wilson Frade,
Fernando P. Lima e Geraldo Vieira.

REVISÃO: Cléia Dalva M. Ramos, che-
fe; Eunice C. Pinto Coelho, assistente.

ARTE: Adão Pinto, Alvaro Apocalypse,
Euclides L. Santos, J. C. Moura, Jarbas
Juarez Antunes e Jerônimo Ribeiro.

CORRESPONDENTES: Olga Obry em
Paris; Orlandi Cavalcanti, em Hollywood;
Gastão Fernandes dos Santos, em Roma;
e Sérvulo Tavares, em Madrid.

SERVIÇO INTERNACIONAL: Camera
Press, King Features Syndicate, Odhan
Press, Opera Mundi, Reuter, Transworld
e United Overseas Press.

**OFICINAS GRÁFICAS E FOTOGRAVU-
RA:** Wilson Manso Pereira, gerente ge-
ral; assistentes técnicos: Delvaír H.
dos Santos, João Tibúrcio Pessoa, José
Fernandes Coelho, Juarez Droschic e
Oldemar Almeida.

PUBLICIDADE

BELO HORIZONTE: Oscar de Oliveira,
chefe; Moacir de Castro Oliveira, as-
sistente.

RIO: Ulisses de Castro Filho — Rua da
Matriz, 108 — conj. 503 — Fone 26-1881.

SÃO PAULO: Newton Feitoza — Rua
Boa Vista, — 3º andar — Fone 33-1432.

ASSINATURAS

2 anos	Cr\$ 500,00
1 ano	275,00
1 semestre	150,00

Esses preços valem para todo o con-
tinentes americano, Portugal e Espanha.
Para outros países: US\$ 3,00, para 2
anos; US\$ 2,00, para 1 ano; US\$
1,00, para um semestre.

VENDA AVULSA

Em todo o Brasil	Cr\$ 25,00
Número atrasado	30,00
Portugal e colônias	Esc. 8,00

* * *

A redação não devolve originais de foto-
grafias ou colaborações não solicitados.

* * *

Os conceitos emitidos em artigos assina-
dos não são de responsabilidade da di-
reção da Revista.

LEITOR AMIGO

A nossa conversa agora será mensal, por
força de contingência inelutável que atinge a
imprensa deste Brasil inflacionário, e nos sen-
timos algo tristes. Mas de tristeza muito leve,
porque temos certeza de que você, leitor amigo,
não faltará a este encontro e esta certeza nos
faz ficar, na realidade, menos tristes.

Nesta edição inaugural da nova periodici-
dade, encontraremos matéria sem dúvida exce-
lente, pontificando a magnífica reportagem de
Gastão Fernandes dos Santos que, lá da Itália,
nos fala dos próximos jogos olímpicos a rea-
lizar-se em agosto. É um trabalho digno de
atenção.

Rogério Machado continua, com *O crime
que abalou Formiga*, as suas narrativas polí-
ciais condensadas por casos pitorescos e
picarescos.

A *Vida das Estrélas* é outra reportagem
curiosa, contando-nos coisas interessantes des-
sas luminárias celestes que, antigamente, como
a lua, hoje meio desmoralizada, eram as com-
panheiras dos poetas.

Mostramos também São Paulo, mas no seu
lado humilde, e sentimos que, mesmo sob esse
aspecto, a grandeza humana do grande Esta-
do bandeirante não diminui, porque tem, como
constante gloriosa, o trabalho.

Você acha que vale a pena a pena de mor-
te? Esta pergunta, respondem-nas, nesta edi-
ção, a Célia Laborne Tavares, várias figuras
representativas da nossa cultura, política e re-
ligião.

Quanto aos artigos, o gabarito é o mes-
mo: a conversão de Foujita ao catolicismo, o
dramático terremoto do Japão e a criação do
município de Jesus por decreto terreno...

Há, também, as habituais seções de que
você gosta, além das reportagens de cinema
que estão, parece-nos, bem a seu gosto.

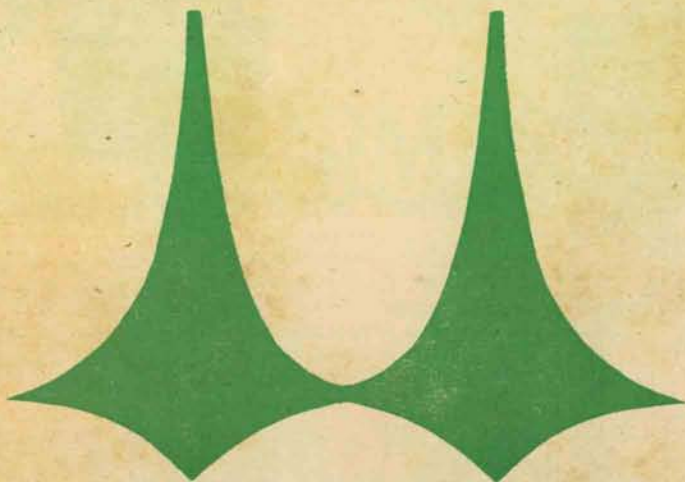
E, agradecendo sua atenção, gostaríamos
de saber suas impressões sobre esta nossa edi-
ção mensal, cujo êxito depende de você.

CAPA

MAY BRITT, uma estréla sueca
que vem obtendo enorme sucesso
em Hollywood, num kodachrome
gentilmente cedido pela 20th Cen-
tury Fox. May Britt é objeto de
uma reportagem incluída neste
número, sob o título "May Britt, o
novo Anjo Azul".

CONTOS E NOVELAS

O Presente de Susana	30
O Segrêdo	42



Ainda BRASÍLIA

HÁ poucos dias que Brasília é. Seu concreto está em todas as posições, desafiando qualquer linha. Só se fala em arquitetura arrojada, plano-piloto, beleza funcional, super-quadradas geminadas, simplicidade, Alvorada, Três Poderes, Juscelino, Niemeyer, Lúcio Costa e candangos. A Catedral, com sua nave subterrânea, é indescritível. Brasília é dinamismo, Brasília é alvorada, esperança, Brasília é prece na voz do poeta. Jornais e revistas não são mais que monumentos, viadutos, câmara-senado, ministérios, tudo nas mais lindas fotografias.

De longe vimos um vinte e um de abril festivo, orgulhoso, casacas e penteados, gente, gente, muita gente. De longe também vibramos. Foi uma festa plena, total. Inegavelmente, Brasília é o acontecimento do século.

Graças a Deus, não houve injustiças nas aclamações. Também foram exaltados os candangos, heróis anônimos, vindos de toda a parte, sul, norte, centro, carregando sonhos factíveis. Os jornais trazem seus retratos, muitos com risos sem dentes, chapéus de palha, simples, enormes na sua simplicidade. Os candangos desfilaram e para eles foi levantada uma voz única de saudação, entusiasmo. Os candangos também são heróis. Suas mãos também deixaram marcas indestrutíveis.

O Planalto Goiano foi plantado e a semente fez jus à fé de todos esses homens que acreditavam. Brasília aí está com um belíssimo céu contornando seus ousados blocos cheios de beleza e poesia, porque construídos de uma argamassa de fé e esperança. Brasília é a realização, é força, é futuro amplo. Desconfianças ficaram para trás. Só há lugar para ânimo, confiança. Pessimismo é passado. Estagnação é passado. Brasília é vida pela frente, caminho aberto, rota.

Pois é, ainda Brasília. As notícias nunca serão bastantes para falar desse maravilhoso esforço acontecido naquela amplidão outrora apenas amplidão.

Candango, engenheiro, presidente, funcionário, a vocês todos um altíssimo HIP-HIP, HURRA!

Maria Lysia

A Grande Oportunidade	84
Igapitanga	102

CRONISTAS

Adeus, Felicidade!	18
Uma República Americana ..	22
Os Jogos Olímpicos	34
O Crime de Formiga	46
O Lado Humilde de São Paulo ..	50
A Vida das Estrelas	54
Rio Paranaíba	58
A TV e Lucille Ball	60
Brasília, Capital do Brasil ..	65
Juscelino Usa Chapéu	72
A Opinião Nacional	74

O Caminho de Fôjita	82
Gina Defende Lollobrigida ..	90
A Pena de Morte	94
Sábado Trágico	98
De Roma Para o Inverno	114
Testamento de Orfeu	122
O Anjo Azul	124

SEÇÕES PERMANENTES

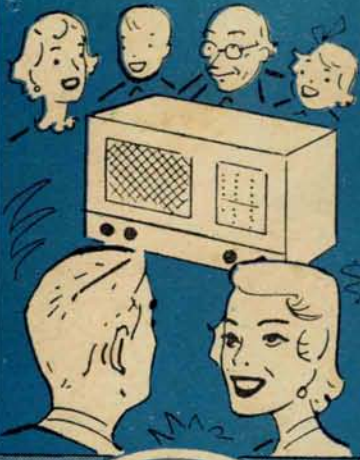
Maria Lysia	3
Wanda de Almeida Prado	8
Gilberto de Alencar	144

ARTIGOS E REPORTAGENS

Cartas	4
--------------	---

A Voz do Brasil	6
Picadeiro	10
Aquarela	12
Fuga	24
Quitandinha	26
Crianças	28
Fonte Viva	29
Poesia	88
Saúde	109
Humor	121
Panorama — a partir da	130
Livros e Letras	188
Palavras Cruzadas	141
Teatrinho	142

**Companheiras
DE TODOS OS MOMENTOS**



• Bons programas
• Melhores locutores
• A melhor música
nos céus de Minas



**rádio
MINAS**

**rádio
PAMPULHA**

**Direção de
RAMOS DE CARVALHO**

Dep. Comercial
Edifício Acaiaca — 14º andar —
Salas 1420/21 — Fone: 2-9711 —
Belo Horizonte
Representantes no Rio e São Paulo:
M. A. Galvão & Cia. Ltda.
RIO — Av. Erasmo Braga, 227 — 2º
andar — Tel. 42-2020
SÃO PAULO — Rua Sete de Abril,
342 — 1º andar — Tel. 33-6965

CARTAS

Reclama Juros e Resgate de Apólices da Prefeitura

SOU antigo portador de apólices da Prefeitura dessa Capital, cujos juros se encontram com o respectivo pagamento em atraso. Como diretamente nada tenho conseguido com o atual Prefeito, rogo a essa Reda-

ção a fineza de indicar-me alguém que possa receber os juros atrasados e o resgate de 30 apólices vencidas em 1955.

ANTÔNIO DINIZ —
LORENA — SP

• Podemos indicar ao prezado leitor, como corretores de títulos idôneos, os Srs. Geraldo Correia (rua Santa Catarina, 846) e José Drumond (rua Carijós, 244, sala 1313), aos quais poderá se dirigir no sentido de obter melhores esclarecimentos.

Memórias de um Chefe de Polícia

É COM a mais lúdica admiração e prazer que envio aos senhores meus sinceros parabéns pela publicação das «Memórias de um Chefe de Polícia», iniciada por essa conceituada revista. Trata-se de um trabalho de inegáveis méritos, sendo o principal o de pôr um lado im-

portantíssimo da vida brasileira — o policial — em um cru e sincero debate, que tão bem faz aos que têm pela Justiça um carinho especial, como este leitor e acadêmico de direito.

EDDIE MAIA RAMOS —
SÃO JOSE' DOS CAMPOS — SP

Advertência aos Escrivães de Paz

TUDO nos tem sido negado porque a classe até hoje não quis sacudir a inércia, o indiferentismo, a apatia. O que nos ofereceu a Organização Judiciária? Onde estão os falsos patronos dos serventuários da Justiça, deputados que só se lembram de nós em vésperas de eleição?

Foi-nos negada uma pequena gratificação, como aquela do pro-

jeto do ex-deputado Guilherme Machado, e no entanto o sr. Presidente da República concede ao nosso Governador uma aposentadoria com noventa mil cruzeiros mensais, em recompensa de seis dias de trabalho em cartório! Está certo, meus caros colegas de Escrivania de Paz?

JOSE' DE SOUZA LANDIM —
PONTE FIRME — MG

Para ALTEROSA Não Tem Censura

SOU leitor de ALTEROSA há mais de dez anos, e com orgulho, pois é uma revista sadia, própria para os lares brasileiros em geral e em particular para o mineiro, que sempre soube cultivar os bons costumes. Qualquer outra revista, antes de

entrar em minha casa, tem de ser lida cuidadosamente, para que possa obter acesso aos meus familiares. Já com ALTEROSA a coisa é diferente: não tem censura.

GENÉSIO PEIXOTO DE SOUZA —
GUAXUPE' — MG

Bossa Nova no Velho Jôgo

GOSTEI da reportagem de Jorge Azevedo — Bossa Nova no Velho Jôgo — embora discorde de que deva licenciar o jôgo do bicho. Toda forma de jôgo é condenável, e o bicho também é jôgo. Mas gostei das considerações desenvolvidas sobre a jogatina em que se vem transformando ultimamente o

comércio. Afinal de contas, os mentores da propaganda desses comerciantes estão fazendo muito pouco caso da inteligência do público mineiro, que não é formado por uma multidão de tolos ou idiotas. O público, em sua grande maioria, sabe que o preço dos automóveis, geladeiras, televisores e outras «iscas» lançadas nos

sorteios, é, por certo, incorporado ao custo das mercadorias, encarecendo-as conseqüentemente.

As verdadeiras vantagens que o público espera do comércio residem no preço (e em que alturas andam os preços!) e na qualidade das mercadorias. Tudo o mais não passa de jôgo, atividade em que o banqueiro é sempre o grande ganhador...

JUVENTINO CALAZANS FILHO —
BELO HORIZONTE

Ainda a Inconveniência dos Cinemas

SEM dúvida alguma a portaria do ilustre Juiz de Menores, que parecia ainda há pouco ter solucionado o velho problema, deve ter caído no esquecimento dos responsáveis pela moralidade nos programas e nas platéias dos cinemas. No último domingo, tive de abandonar o recinto de um desses cinemas, para que minhas filhas menores não fossem testemunhas de cenas escandalosas promovidas por casaisinhos de jovens transviados, em plena platéia, e ainda porque, antes do filme anunciado como censura livre, projetava-se na tela um «trailer» com cenas fortíssimas, tiradas de uma película inconveniente até mesmo para maiores de 60 anos.

Até quando teremos que esperar pela verdadeira moralização dos cinemas, a única diversão popular ainda ao alcance das famílias desta Capital? Não poderia ALTEROSA realizar uma campanha nesse sentido?

ANTONIETA MARIA DE MELO —
BELO HORIZONTE

• Registramos o protesto da prezada leitora, certos de que será suficiente para as providências que devem ser tomadas pelas autoridades do Juizado de Menores e da Delegacia de Costumes. O assunto é verdadeiramente grave e não comporta delongas nem omissões, em benefício da própria ordem social e dos nossos foros de cidade civilizada.

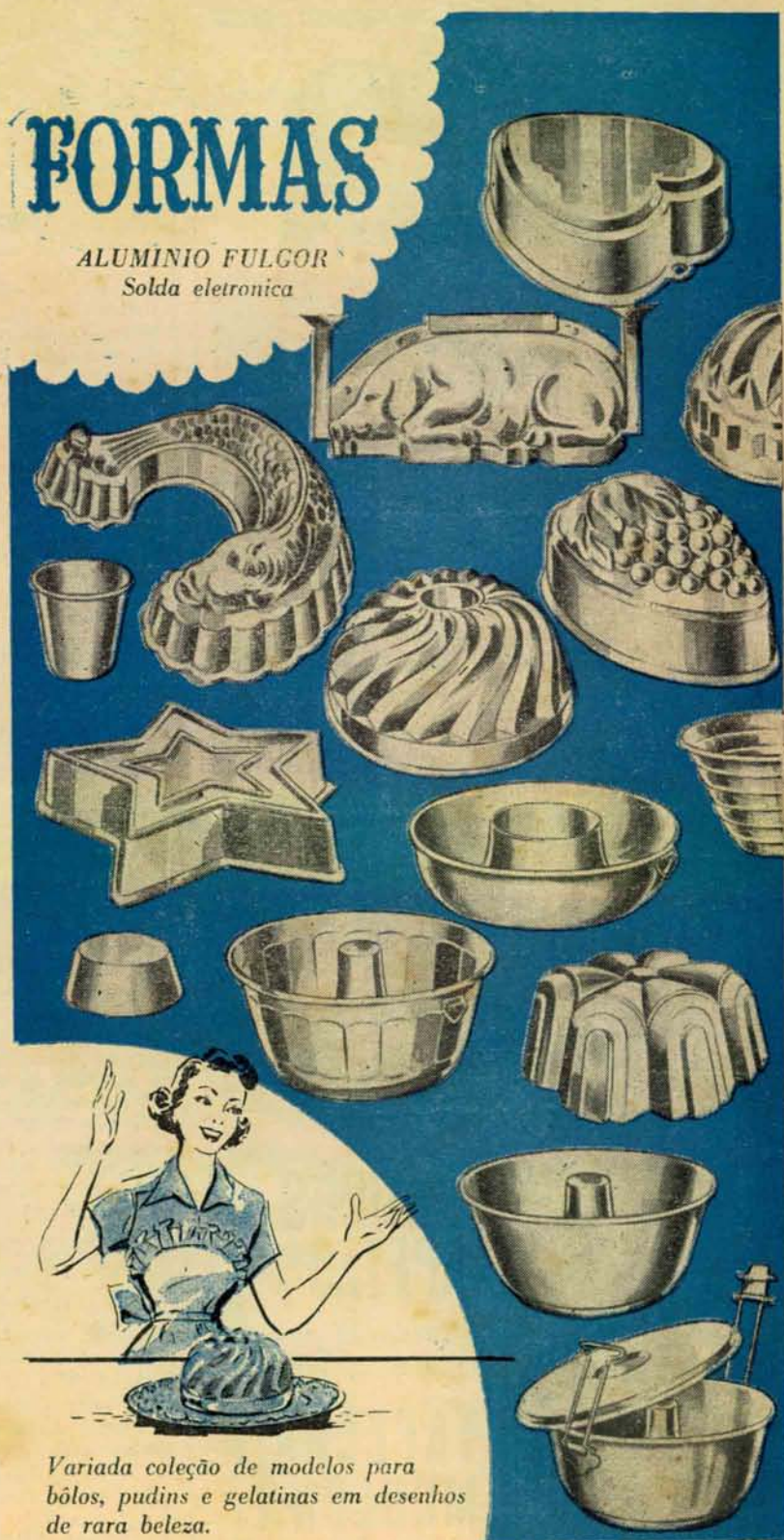
Bazar Feminino

Quero também aplaudir a orientação que vem sendo dada ao Bazar Feminino que agora está apresentando sempre uma coleção de assuntos bem interessantes para a mulher e para o lar. Acho que esta seção deveria ser ampliada, pois é de grande interesse para as leitoras.

ALZIRA COSTA PACHECO —
BELO HORIZONTE

FORMAS

ALUMÍNIO FULGOR
Solda eletrônica



Variada coleção de modelos para
bôlos, pudins e gelatinas em desenhos
de rara beleza.

ALUMÍNIO FULGOR S. A.

Caixa Postal 4238 — São Paulo

ÁGUA DO SUB-SOLO



Perfuração de poços
tubulares profundos
para captação de
água subterrânea.

Possuímos má-
quinas e pes-
soal habilitado para
trabalhar em qual-
quer ponto do País.



SECÇÃO DE ENGENHARIA



CIA. T. JANER

COMERCIO
INDUSTRIA

RUA CAETES, 1042 — FONE 4-0020
CAIXA POSTAL 615 — BELO HORIZONTE



CORTINAS TAPETES

os menores preços
o maior sortimento.

**TAPEÇARIA
MODERNA**

tupinambás 741
rio de janeiro 839

A VOZ DO BRASIL

Compilação de Afrânio Cardoso

• Um dos maiores males da nossa época está justamente aí, nesse pavor de desagradar, de criar casos, de definir-se, de ser e parecer puro no meio da corrupção geral; de dizer a verdade quando quase todos mentem. Estamos cansados, fartos, enjoados dessa água morna, dessa moleza sem fim, desse chove-não-molha, dessas continuas capitulações às exigências dos adversários, dessas acomodações, que nada nos rendem e tanto nos humilham, dessas eternas adesões ao «mal menor», com as quais nem sempre conseguimos tranquilizar a nossa consciência. Cresce em nós o sentimento de que assim não vai. Nada mais diferente do que foi o Cristianismo primitivo.

GAZETA DE MINAS — OLIVEIRA — MG

• Cada dia floresce mais a maravilhosa classe dos homens-cabides. A nenhum dos cargos se dedica o homem-cabide. Ele é apenas um fantasma, mas não um fantasma camarada, inofensivo; um fantasma daninho, uma bomba de sucção dos dinheiros públicos, que desserve o povo, dá mau exemplo, desacredita a administração, deixando à margem tantas outras criaturas que muito poderiam dar ao Estado e à coletividade. E vão ficando e sugando as tétas do erário. Há muitos que justificam essas anomalias dizendo: — Isso é democracia.

A DEFESA — CARUARU — PE

• O Governo Brasileiro, que possui ordens honoríficas, cruzeiros e medalhas realmente expressivas e de grande significação, não pode nem deve permitir que, também nesse terreno, campeie a inflação. Mesmo porque, permitindo tais abusos, dos mais ridículos, lá também se aplicará a lei de Gresham. A moeda má expelle a boa... Quem preza condecorações, quem sabe do seu exato valor, passará a temer as brasileiras.

Souza Brasil
JORNAL DO BRASIL — RIO

• Quem põe em perigo o regime são esses deputados que não podem fazer um pequeno sacrifício. Que não colocam o interesse da Pátria acima de seus estômagos. Que acham que servir em Brasília é extremamente ruim, porque isso os deixará longe do conforto dos Cadillacs, das boates, das praias, das molezas do Rio de Janeiro. Quando esses «pais da pátria» saíram para mendigar o voto do povo, não estipularam os locais onde desejavam servir. A investidura lhes foi dada para servir o Brasil.

VOZ DE DIAMANTINA — MG

• Sempre que uma crise financeira atinge certos limites e seus efeitos se fazem sentir nos meios industriais e bancários, lemos ou ouvimos dizer que o Brasil está à beira do abismo. Acreditamos que não será fácil encontrar-se um abismo suficientemente profundo e grande para tragar esta Nação. E' que o nosso povo, inteligente e jovem, mesmo nas suas

horas mais dramáticas, tem sabido livrar-se de seus líderes fracassados, castigando-os, como se faz mister, mudando de rumos...

DIÁRIO DO OESTE — DIVINÓPOLIS — MG

• Um deputado pessedista, em conversa na Assembléia, estava calmo quanto à posição do PR em Minas: "Os perristas são iguais a caramujo em casco de navio. Aquilo gruda mesmo e é preciso uma raspadeira para tirar. Assim, o PR está agarrado ao Governo, como piolho em tubarão ou carrapato em umbigo de boi. Você puxa, o umbigo espicha, mas o carrapato não solta", salientou.

DIÁRIO DE MINAS — BELO HORIZONTE

• Falamos sobre o aumento dos militares (50 a 100%). Soubemos, depois, que muitos deles não estão satisfeitos. Aham pequeno o aumento. Está certo. Seja feita a vontade deles. Ou melhor, de seus fuzis. Antigamente o militar tinha por obrigação servir bem à Pátria. Agora, a Pátria é que tem obrigação de servir-lhe bem...

DIÁRIO MERCANTIL — JUIZ DE FORA — MG

• Esse aumento do preço do pão que o Sr. Leonel Brizzola quis impor ao Brasil é mais um ato estapafúrdio do PTB, o partido dito dos trabalhadores. Está o PTB no governo para isso? Ou para melhorar a vida dura dos pobres? Estamos oferecendo um presente a quem decifrar esse enigma, que é o PTB — o maior "saco de gatos brigões" da República.

O DIÁRIO — BELO HORIZONTE

• O estado de alma do carioca é o de quem se livrou de uma longa ocupação durante a qual lhe tiraram tudo, antes de lhe deixarem a casa de pernas para o ar. Uma Berlim de inúmeros setores cada qual arrancando para si o melhor pedaço.

Henrique Pongetti
O GLOBO — RIO

• Agora, decifrada a sombria linguagem dos símbolos daspianos, já se pode entender o Plano de Reclassificação como um instrumento de embuste às pretensões do funcionalismo civil da União. Para a perfeita consumação dessa farsa o Congresso Nacional gastou cinco anos. Diversa é a situação dos militares. Vão ter aumento no duro. E sem Planos daspias. Votado em regime de urgência e sem discussão. Para isso o ministro da Guerra acionou o dispositivo de pressão sobre o ministro da Justiça e o líder da maioria. E de lambugem, a um marechal-deputado foi confiada a tarefa de relatar o projeto. Estará aprovado em ritmo de "blitzkrieg". Quanto aos civis, que se lixem com suas lamúrias.

CORREIO DA MANHÃ — RIO

• Noticia-se que há inúmeros funcionários da antiga Prefeitura — hoje Estado da Guanabara — que vinham recebendo vencimentos, mas que, infelizmente, não podiam comparecer aos guichês oficiais por estarem mortos. São os chamados servidores do outro mundo. Segundo os mais otimistas, a cifra dos tais ascende a 4 mil. Segundo outros, a 3 mil. Andou bem o Governador Sette Câmara em pedir uma atualização dos servidores estaduais: perturbará a paz dos mortos, que se mostraram mais vivos que os vivos, mas terá a gratidão dos presentes, a esta altura mortos de inveja.

JORNAL DO BRASIL — RIO

— AGORA COM
HASTE DUPLA!



NOVA
ARNO

Dupla
firmeza!

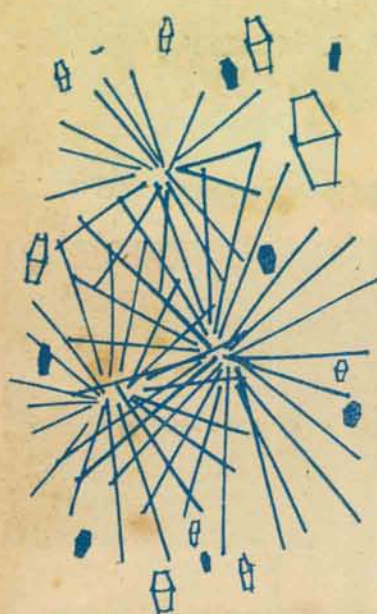
V. faz todo
o trabalho em
menos tempo
e sem esforço!

- uma só escóva — rendimento superior — maior superfície de polimento que nas enceradeiras comuns com 3 escóvas!
- faz todas as operações — raspa, espalha a cera, encera, lustra e dá brilho — sem troca de escóvas!
- controle centralizado — facilita o manejo!

* pode ser equipada
com espalhador de cera
eleiro-automático.

— A marca diz tudo!





PÁGINAS
ESCOLHIDAS

BALÕES NOS CÉUS

Wanda de Almeida Prado

A NOITE é clara... o céu de um azul imenso... é mês de junho...

Estrélas abrem-se em flor cintilando no imenso acetinado. De repente, descobrimos uma bola de fogo que é móvel, que vai girando lentamente, ganhando alturas. E' o primeiro balão, a primeira mensagem de festa, de amor, fraternidade, fé. Olhos voltam-se cheios de esperança em direção ao primeiro sonho que parte. Em resposta a esse fugaz sonho de infinito temos logo em seguida um céu de balões, pequenas bolas de fogo que somem de vista dentro da imensidade noturna. Em cada balão vai um pou-

co de nós, nosso anseio em busca de felicidade passageira. Somos crianças na alegria das cores, das bolas, dos fogos... Extasiamo-nos olhando os céus infintos pinfadinhos dessas bolas móveis, girando, levando nossa prece, nosso convite, nossa esperança. Rodeamos fogueiras, escondemo-nos do frio mais frio do ano, saltamos rojões e buscapés, lançamos bombinhas para surpresa dos amigos, comemos doces, assamos batatas, bebemos o tradicional "quentão". Tudo é festa, alegria, vida... E' noite de São João.

Longe... o primeiro mastro com o santo padroeiro ergue-se imponente em meio à música, rojões, bebidas e doces. São João domina terreiros, quintais, estradas, campos e distâncias, onde há corações fervorosos.

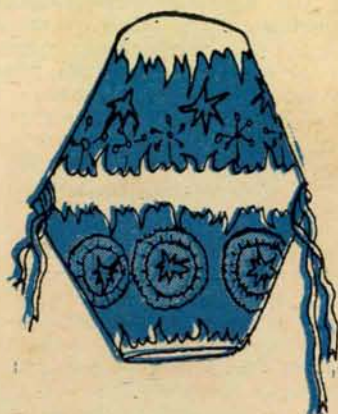
Em cada balão há um coração fulgindo no espaço. E cada balão é uma estrela guiando nossos olhos.

Quando crianças, fazemos balões cheios de alegria e de múltiplas cores, e soltando-os para os céus, corremos em sua direção na ânsia de subir também. Quando adultos, fazemos novamente outros balões mais cheios de esperança e felicidade, que um dia a vida incendia.

Noite de junho... noite de São João... noite de balões... de felicidade, alegria, esperança...

Esta é a época mais brilhante, é o mês mais bonito, mais festivo, mais tradicional do ano. E' o tempo das igrejas, das novenas, das promessas, das lendas, dos casamentos solicitados em copos d'água, em folhas de bananeiras, em sonhos com chaves debaixo de travesseiros. E' o tempo da superstição e da esperança. E' o tempo que mais passa ligeiro, na festividade colorida de balões subindo o azul que se perde no abismo do profundo.

Junho em tempo de sanfona, pinga queimada, balões nos céus, São João no mastro... junho dos meus amores em noites enluaradas e frias, dos meus olhos de estrélas buscando infinito e de mim incendiando saudade...





PARA AS PERNAS: PARA PERNAS ÁSPERAS, IRRITADAS PELO FRIO INTENSO OU QUEIMADAS PELO SOL, MASSAGENS COM ANTISARDINA N. 3 RESTITUIRÃO O PRIMITIVO FRESCOR DA PELE.



PARA O COLO E PESCOÇO: PARA EVITAR A FLACIDEZ DOS TECIDOS DO PESCOÇO E EMBELEZAR A PELE DO COLO, UTILIZE ANTISARDINA N. 2. DURANTE O DIA PROTEJA-SE COM ANTISARDINA N. 1.



PARA OS OMBROS: NA CORREÇÃO DAS IMPERFEIÇÕES DA PELE DOS OMBROS, FAÇA LEVE MASSAGEM COM ANTISARDINA N. 1. ATÉ SENTIR O CREME TOTALMENTE ABSORVIDO.

**troque um minuto diário
por beleza e saúde!**

Apenas um minuto diário... e ANTISARDINA transforma seus encantos naturais em motivos de inveja e admiração!

ANTISARDINA é um creme de beleza cientificamente preparado com 3 fórmulas distintas. ANTISARDINA nutre as células, limpa e clareia a epiderme! É uma garantia de beleza e saúde da pele!



PARA AS MÃOS: ANTISARDINA N. 1, À NOITE OU AO SAIR, PROTEGE AS MÃOS EVITANDO QUE FIQUEM ÁSPERAS OU VERMELHAS. APLIQUE ANTISARDINA N. 3 PARA REMOVER MANCHAS E ASPEREZAS.

PARA O ROSTO: ANTISARDINA N. 1, EXCELENTE BASE PARA PÓ, PROTEGE A PELE SÃO CONTRA O APARECIMENTO DE IMPERFEIÇÕES. PARA ELIMINAR SARDAS, MANCHAS, ESPINHAS, ETC, APLIQUE ANTISARDINA N. 2.



PARA OS BRAÇOS: AS VERMELHIDÕES E ASPEREZAS, TÃO COMUNS E QUE ENFEIAM TANTO A PELE DOS BRAÇOS, COM ANTISARDINA N. 3 DESAPARECEM FÁCILMENTE.

Antisardina

O SEGRÊDO
DA BELEZA
FEMININA

MACI propaganda



VOCÊ PODERÁ SENTIR UMA LEVE REACÇÃO INICIAL ÀS PRIMEIRAS APLICAÇÕES DE ANTISARDINA NAS FÓRMULAS 2 E 3. ESSA REACÇÃO, NATURAL E BENÉFICA, DESAPARECERÁ COM O USO DIÁRIO DO MODERNO CREME REVITALIZADOR DAS CÉLULAS DA EPIDERME.

SIGA À RISCA AS INSTRUÇÕES DA BULA QUE ACOMPANHA CADA POTE DE ANTISARDINA

JUNHO DE 1960

ALTEROSA

O QUADRO DA SUCESSÃO



PINHEIRO CHAGAS
Mértitos reconhecidos pelo próprio
adversário político.

REGISTRO

• Os círculos políticos da Oposição mineira esperam que Jânio Quadros e Magalhães Pinto obtenham pelo menos 90% do eleitorado do grande município de Salinas, onde até mesmo o PSD local está contra o governo Bias Fortes, além do PR, que detém a administração municipal. O prefeito, Sr. Geraldo Santana obedece à orientação do deputado Feliciano Pena, líder perrista entrosado na campanha do Sr. Magalhães Pinto.

Nos últimos trinta dias muita água rolou sob a ponte da sucessão federal. Os acontecimentos andaram de tal modo agitados que suas marcas ainda permanecerão sentidas, por algum tempo, nos quadros partidários que se chocam na luta pelo poder.

No lado da Oposição, foram duas grandes crises cujas consequências ainda não permitem uma avaliação perfeita de seus resultados: a agitação de Carlos Lacerda contra a direção partidária e a renúncia de Leandro Maciel. Esta, consequência imediata daquela. Até hoje não se pode perceber claramente as intenções de Lacerda quando investiu contra a alta direção de seu partido, já que os motivos por ele invocados para justificar sua atitude — desintresse pela vitória de Jânio — foram logo afastados com a iniciativa do presidente Magalhães Pinto, confiando ao mesmo Lacerda a chefia da campanha janista na área da UDN nacional, conjuntamente com o senador Padre Calazans e o deputado Bilal Pinto. E já sabemos que esse triunvirato nem chegou a funcionar, rejeitando a tarefa sem ao menos tê-la iniciado. Se o deputado Lacerda acha que a campanha udenista não estava sendo bem conduzida para servir à causa de Jânio, e se pode fazê-lo melhor, porque recusa a oportunidade que se lhe ofereceu de realizar os seus propósitos? Essa crise, portanto, não passou de tempestade em copo d'água, de efeitos inócuos e, até mesmo, estranhos pela demonstrada falta de conteúdo em seus motivos.

Outro, porém, foi o desfecho da crise gerada pela renúncia de Leandro Maciel, que se processou de modo surpreendente para quantos supunham existir uma perfeita identidade de propósitos entre os que levaram seu nome à convenção udenista. "Retiro-me — disse o ex-candidato à vice-presidência — com a dignidade com que entrei, enojado, todavia, dos estranhos e

lamentáveis processos políticos em curso no País. Estou convencido de que a leviandade, a deslealdade, a astúcia ou o suborno são, desgracadamente, armas que dão, muitas vezes, grandeza na vida pública".

Consumou-se, assim, a renúncia de Leandro Maciel, sem que uma só voz udenista do nordeste — responsável pela indicação de seu nome — se erguesse para sustentá-lo. E em seu lugar, surgiu o nome do senador Milton Campos, indiscutivelmente uma das grandes reservas morais da Nação. Sem nenhuma dúvida, a UDN lucrou, eleitoralmente, com o novo candidato, cujas possibilidades de vitória são muito maiores, sem embargo das altas virtudes cívicas do ex-governador de Sergipe, cujo nome, entretanto, não alcançou ainda a intensa projeção nacional de Milton Campos.

Mas não é só na Oposição que as crises se sucedem. Também na área governista, os choques não são menores. A coligação PSD-PTB está-se transformando num verdadeiro pandemônio, revelando a desconfiança que se alinha nas mentes de seus condutores, cada vez mais aterrorizados com as crescentes possibilidades de vitória janista.

O ardoroso deputado Último de Carvalho, fazendo-se arauto dos lotistas mais devotados, não titubeou em denunciar publicamente o movimento continuista que se esboçou nos arraiais da situação, declarando, textualmente: "Temos de tudo neste regime. Os que querem continuar, os que querem subir e os que não querem descer". E depois de censurar "o desinteresse generalizado pela sorte do próximo pleito", afirma que "a indiferença das cúpulas confirma em parte, os boatos continuistas".

Enquanto isso, descobre-se que o Sr. João Goulart, já descrente da possibilidade de vencer na chapa do marechal Lott, está inspirando demarches no sentido de colo-

• O novo protocolo PSD-PR, que teria sido assinado pelas cúpulas de ambos os partidos em 12 de abril último, virou mistério. Está assinado — dizem uns. Ainda não — dizem outros. Exatamente como ocorreu com o documento semelhante, elaborado para a eleição do Sr. Juscelino Kubitschek, parece destinado a ser mantido em discreto sigilo, pelo menos até que se firmem as eleições. Do contrário, não atingiria seus fins, pela revolta generalizada que se espalhará nos municípios.

• Por absoluta falta de ressonância nos meios udenistas, falhou a idéia lançada por alguns próceres republicanos, no sentido de se conquistar o

apoio da UDN à candidatura do ministro Clóvis Salgado à vice-governança do Estado, em troca dos votos republicanos ao senador Milton Campos para a vice-presidência.

• Enquanto isso, o Sr. San Tiago Dantas, depois de resistir à mais impressionante pressão política imaginável, declara que mantém a sua candidatura à vice-governança, como candidato do PTB, e acrescenta que virá residir em Belo Horizonte a partir de junho, a fim de conduzir pessoalmente a sua campanha, terminando por afirmar que não admite a possibilidade dos pessedistas quebrarem a prometida neutralidade no que tange às candidaturas do PTB e do PR à vice-governadoria do Estado.

car Ademir de Barros em seu lugar, com esperanças de melhor sorte numa provável candidatura a governador do Estado da Guanabara. Mas o prefeito de São Paulo, falando na TV belo-horizontina, declarou enfaticamente que não aceitará nenhuma fórmula que implique no afastamento de seu no-

me, confirmando, mais uma vez, que a sua candidatura só deixará de existir no dia 4 de outubro. Desfazem-se, assim, mais uma vez, as ilusões dos que formam na área governista e esperavam contar com os dois milhões de votos que Ademir de Barros deve contar, com base nos resultados do pleito anterior.

EM OURO PRÊTO: CT FAZ BARULHO

EM coligação com a UDN local, o PTB de Ouro Preto conseguiu, no último pleito, derrotar o candidato pessedista à Prefeitura da histórica cidade mineira, retirando, assim, do partido comandado por Teódulo Pereira, o poder municipal. O prefeito eleito, Sr. Benedito Xavier, embora a bancada de seu partido na Câmara Municipal contasse apenas com 3 vereadores, manteve ali uma firme maioria durante o ano passado, em virtude da coligação com a numerosa bancada udenista. E graças a esse domínio pôde o prefeito trabalhista fazer votar um Código Tributário que deveria entrar em vigor este ano.

A exemplo do que está ocorrendo em Belo Horizonte, com um Código semelhante, que os vereadores votaram por imposição de outro prefeito trabalhista, a população da antiga Vila Rica se insurgiu contra o que passou a ser considerado uma espoliação fiscal, levantando-se protestos generalizados contra a aprovação do estatuto elaborado pela municipalidade e aprovado pela Câmara. A bancada udenista receptiva ao clamor local, decidiu abandonar a coligação e formar entre os que impugnaram o Código Tributário, que foi submetido a uma comissão de conceituados juristas. O parecer dessa Comissão condenou o documento por sua inconstitucionalidade, dando motivo aos vere-

dores locais, agora em sólida maioria contra o prefeito Xavier, para a votação de um substitutivo, revogando a execução do Código anteriormente aprovado.

Não se conformando com a decisão dos legisladores municipais, o prefeito vetou a nova lei fiscal, passando a trabalhar os vereadores adversários para que mantivessem seu veto. A luta tornou-se feroz, chegando o prefeito a sacar de sua arma contra o presidente da Câmara, Sr. José Feliciano Rodrigues, o que não impediu que aquele cenáculo rejeitasse o veto, pondo por terra a lei tributária que ameaçava a paz da família ouro-pretana.

O Sr. Washington Dias, ex-prefeito municipal e atual líder da bancada pessedista na Câmara dos Vereadores, falando à imprensa, declarou que Ouro Preto vive agora horas de paz e harmonia, graças à estabilidade política que se estabeleceu com a união das forças pessedistas, comandadas por Teódulo Pereira, com as udenistas, chefiadas pelo prof. Edmundo José Vieira e as demais correntes partidárias que, reunidas, somam dois terços da representação política municipal, responsáveis pela queda do Código Tributário.

— O Código — comentou o Sr. Washinton Dias — poderia servir para ter aplicação em Marte ou Saturno, mas não em Ouro Preto.

● Os meios políticos mais equilibrados em Belo Horizonte não admitem, nem para, argumentar, a possibilidade do presidente Juscelino tentar qualquer manobra continuísta, como se tem propagado ultimamente. "O balão de ensaio — explicava um íntimo amigo do Presidente — partiu dessa gente que não sabe viver fora dos ambientes palacianos e que está tremendo de medo ante a possibilidade da vitória de Jânio, Juscelino, entretanto — concluiu o nosso informante — não é nenhum tólo para segurar o chifre da cabra para essa gente tirar leite..." E disse uma meia dúzia de nomes de categorizados "big-shots" da situação.

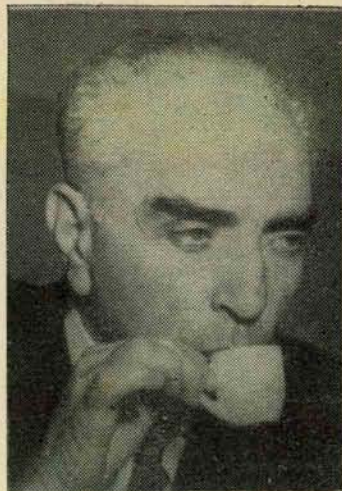
● O novo e imponente edifício do Departamento Estadual do Trânsito,

em Belo Horizonte, foi construído pelo deputado Paulo Pinheiro Chagas, quando Secretário da Segurança. Solenemente inaugurado, há pouco, pelo governador Bias Fortes, sem nenhuma palavra em louvor do ex-Secretário que dotou a cidade do importante melhoramento. E foi um deputado udenista, o Sr. Nelson Leite, adversário de Paulo Pinheiro Chagas em Oliveira, que apresentou à Assembléia um projeto de lei para que a nova sede do DET leve o nome do seu construtor.

● O Sr. Ernani do Amaral Peixoto, ministro da Viação e presidente nacional do PSD, aliado, portanto, do PTB janguista que detém o controle da Previdência Social, acaba de declarar aos jornais cariocas, textu-



ADEMAR
Só deixarei de ser candidato no dia 4 de outubro.



ÚLTIMO
Denunciou com veemência campanha continuísta.

almente: "É impossível saber como são aplicados os dinheiros públicos em Institutos e Sociedades que manipulam recursos às vezes superiores ao orçamento da União".

● Os jornais estão publicando um gráfico que ilustrou a conferência pronunciada pelo engenheiro Antônio Arlindo Laviola, no Clube de Engenharia do Rio, demonstrando a disparidade entre os vencimentos estabelecidos para os civis e os militares, ora em estudos no Congresso. Enquanto um engenheiro ou arquiteto começa a sua carreira, a serviço da União, com Cr\$ 22.000,00, e termina com Cr\$ 31.450,00, um 2º tenente perceberá inicialmente Cr\$ 27.225,00, chegando a ganhar como general de exército, almirante ou brigadeiro, Cr\$ 122.655,00.



AQUARELA

CASAMENTO DE DUAS IRMÃS

JUNTAS TAMBÉM AO PÉ DO ALTAR
As duas irmãs recebem o sacramento do matrimônio.

CONSTITUIU acontecimento de destaque nos círculos sociais de Belo Horizonte o casamento de duas filhas do casal jornalista Ennius Marcus de Oliveira Santos, diretor-gerente de O DIÁRIO, e D. Efigênia de Almeida Santos. A cerimônia reli-

giosa, que uniu Eliane de Almeida Santos e José Carlos Cabral Linhares, filho do Sr. e Sra. Geraldo Jardim Linhares; Ebe de Almeida Santos e Euro Oreglia Guimarães, filho do Sr. e Sra. José Oreglia Guimarães, teve lugar na Catedral da Boa Viagem

e foi oficiada pelo Frei Martinho Penido Burnier, O.P., contando com a presença de figuras representativas de nossa sociedade.

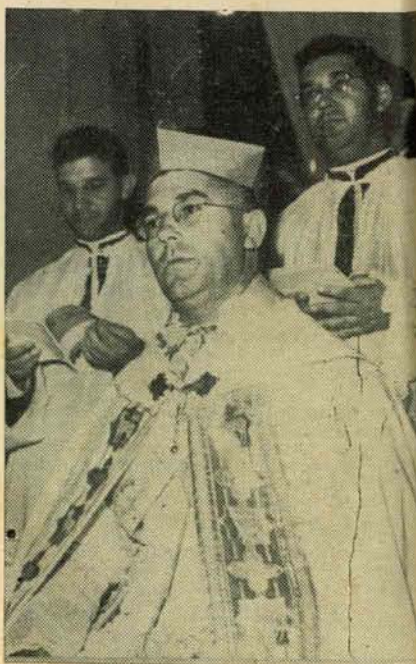
Após a cerimônia religiosa, os pais da noiva receberam os convidados nos salões do Automóvel Clube.

SAGRADO MAIS UM BISPO

A MATRIZ Paroquial de São José do Calafate foi bastante pequena para conter a grande multidão que a ela compareceu, a fim de assistir às solenidades de sagração de dom Belchior Joaquim da Silva Neto, C.M. bispo coadjutor e administrador apostólico da diocese de Aterrado (Luz). A cerimônia, paraninfada pelos governadores Bias Fortes e Parsifal Barroso, além do sr. Joaquim Zico, pai do

eleito, e de outras figuras, e oficiada pelo arcebispo coadjutor de Belo Horizonte, dom João de Resende Costa, estiveram presentes vários prelados, delegações do Ceará e de todas as paróquias da diocese, sacerdotes, freiras, seminaristas e diversas autoridades constituídas.

Após as solenidades de sagração, que se revestiram de grande pompa e brilhantismo, D. Belchior Neto foi recepcionado no colégio Sagrada Família pelas religiosas franciscanas, oportunidade em que várias pessoas se fizeram ouvir em saudação ao novo bispo, destacando-se entre elas pe. Vicente Zico, irmão de dom Belchior, que o saudou em nome da família; sr. Lanier Resende, prefeito de Luz; pe. Antônio Mourão, diretor das Irmãs de Caridade; e mons. Omar Nunes Coelho. À noite, várias sociedades católicas uniram-se em expressiva homenagem ao novo bispo, no auditório do Banco Comércio e Indústria. Dom Belchior viajou para Curitiba, a fim de participar do Retiro do Episcopado e dos atos do Congresso Eucarístico Nacional.



MOMENTO SOLENE
Dom Belchior ouve a leitura da bula papal.



QUADRO DE MARYSIA
Muito aplaudido na Argentina.

PINTURA BRASILEIRA EM MUSEU ARGENTINO

A TRAVÉS da «Dirección Provincial de Cultura», o «MUSEU PROVINCIAL DE BELAS ARTES» de São Luiz (Argentina), um dos mais importantes da região, acaba de adquirir três trabalhos de autoria de jo-

vens pintores paulistas: um óleo sobre papel, da autoria de Marysia Portinari Gregg (foto) um desenho a nanquim, de Paolo Maranca e outro de Ana Alice Nabas, que participavam da exposição de pintura brasileira aberta no «Sa-

lon Oficial de Exposiciones» daquela cidade argentina.

A artista Marysia, paulista de Araçatuba, estudou desenho no Museu de Arte de São Paulo e fez longo estágio de aprendizado no atelier de Candido Portinari, tendo exposto em inúmeras coletivas, inclusive no exterior. Trabalha atualmente em seu atelier, em São Paulo.

Maranca nasceu em Nápoles (Itália), tendo-se mudado para São Paulo muito moço ainda. Inicialmente trabalhou no atelier de Waldemar da Costa, passando depois para o de Clovis Graciano. Participou de inúmeras exposições coletivas, e já fez crítica de arte em vários jornais bandeirantes.

Embora já pinte há algum tempo, Ana Alice é pouco conhecida, por não participar de exposições coletivas. Nasceu em São Paulo, onde vive e trabalha.

A exposição atualmente aberta em São Luís está sendo apresentada no catálogo pelo pintor «puntano» Hector Bianchi e já foi apresentada em Córdoba com um texto do crítico brasileiro Sergio Milliet.

Os trabalhos dos artistas brasileiros seguirão para Mendoza, devendo ser apresentados também em Tucumán, Santa Fé, La Rioja e Catamarca.

SEMANA SANTA EM LAFAIETE

AS solenidades comemorativas da Semana Santa na cidade de Conselheiro Lafaiete revestiram-se este ano de brilho invulgar, graças à conjugação de esforços do padre Antônio José Ferreira, da Paróquia de São Sebastião, do padre Ermano José Ferreira, vigário cooperador e de destacadas figuras da sociedade local. A população católica lafaietense reviveu o drama do Calvário, participando das místicas procissões que percorreram várias ruas da cidade, e que apresentaram diversas figuras ligadas à Vida, Paixão e Morte de Cristo. Na foto, a senhorita Nice Junqueira Martins, que figurou nas procissões como Samaritana.

SAMARITANA NICE
Desfila nas ruas de Lafaiete.





AQUARELA

MISSÃO CUMPRIDA
O Padre Flávio casa uma filha querida do seu coração.

PADRE D'AMATO CASA UMA DE SUAS 130 FILHAS ADOTIVAS

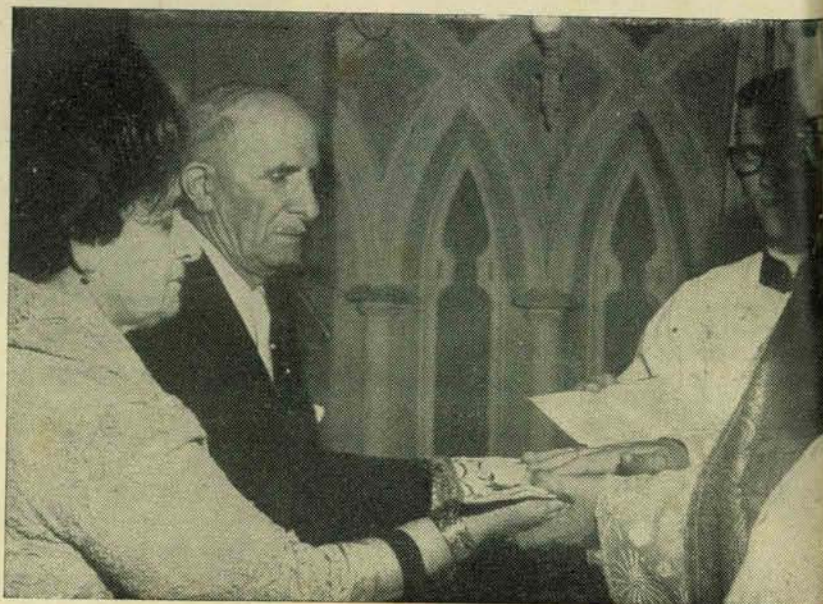
EM novembro do ano passado, ALTEROSA publicou uma reportagem sobre a gigantesca e humanitária obra de amparo e proteção à infância órfã, que pe. Flávio D'Amato vem realizando na vizinha localidade de Sete Lagoas. Em 1946, o magnânimo prelado acolheu em sua obra a garotinha Geni Costa Santiago,

então com apenas 4 anos de idade. Encontrando todos os elementos necessários ao seu desenvolvimento integral, Geni cresceu, transformando-se em bonita e prezada moça e um dia, apareceu Leodegário Alves Santiago, para pedi-la em casamento. A cerimônia teve lugar na Matriz daquela ci-

dade mineira e foi oficiada pelo próprio pe. D'Amato. O flagrante foi colhido quando os felizes noivos faziam a troca das alianças. Geni é a primeira das filhas de criação do Padre Flávio que chega ao Sacramento do matrimônio, o que foi, sem dúvida alguma, motivo de grande júbilo para o magnânimo sacerdote.

BODAS DE OURO

○ CASAL Antônio Lage-Maria Lage comemorou, recentemente, suas Bodas de Ouro, promovendo seus filhos, em regozijo, magnífica festa na residência do ilustre casal. Na Catedral da Boa Viagem, realizou-se solene missa, oficiada pelo Revmo. Bispo D. Serafim (foto) com numerosa afluência de parentes, amigos e admiradores do casal.



50 ANOS DE FELICIDADE
O casal Lage, recebendo a bênção.

FUNERAIS DE DOM HELVÉCIO



LÁGRIMAS DOLORÓAS
Comovido até as lágrimas, o povo comprime-se na Catedral da Sé, em Mariana, para dar o último adeus à dom Helvécio.

A NOTICIA do falecimento de dom Helvécio Gomes de Oliveira consternou profundamente não só a cidade de Mariana, da qual o ilustre prelado salesiano era arcebispo há cerca de 40 anos, mas toda a comunidade católica de Minas e do Brasil. Figura ilustre, culta, de fino trato e querida por todos, seu desaparecimento deixou no clero uma

lacuna difícil de ser preenchida e, no coração de quantos o conheceram, uma lembrança inapagável.

Grande número de ordens religiosas de nossa capital fizeram-se representar nos funerais do ilustre desaparecido, realizados em Mariana, e grande multidão, composta de pessoas de todas as camadas sociais, foram prestar-lhe,

entre lágrimas sentidas, sua deradeira homenagem.

D. Helvécio, uma das figuras mais ilustres do episcopado brasileiro, era irmão de outro bispo ilustre, também desaparecido há pouco, D. Manuel Gomes de Oliveira, da diocese de Goiânia e membro da Academia Brasileira de Letras, como ele também salesiano.

PROLES NUMEROSAS

DE uns poucos anos para cá, os jornais belo-horizontinos começaram a realizar interessante concurso para escolher a «Mãe Mineira do Ano», como parte das solenidades comemorativas do Dia das Mães, que se celebra anualmente no segundo domingo de maio. Esse concurso, que vem despertando um crescente interesse por parte do público, tem servido também para facilitar a descoberta de famílias muito numerosas, fato comum em Minas Gerais, sobretudo no interior, onde ninguém chega a se surpreender diante de famílias com 10 ou 12 filhos.

Mas agora, sob o estímulo da comovente promoção em favor da figura venerável da Mãe Mineira, estão sendo localizadas por toda parte criaturas responsáveis pelo advento de 20, e até mais brasileirinhos, num atestado vivo da dedicação e da ternura

dessas numerosas mães montanhosas por suas proles. E o que é ainda mais admirável, contribuindo para avultar a figura dessas abnegadas mães em nossa admiração, é o fato de que mesmo nas classes mais humildes, onde a escassez de recursos não consegue sobrepor-se à missão sacrossanta da maternidade, es-

sas famílias de vinte ou mais filhos são também encontradas, como se pode ver na foto em que aparece D. Regina Bento de Carvalho, ao lado de seu marido, o lavrador Gabriel Lopes Caldeira, com seus 19 filhos, em vésperas de ganharem mais um irmãozinho que será o 20.º do venturoso lar, nos arredores de Belo Horizonte.



D. REGINA, MARIDO & FILHOS
Agora, 19 crianças. Dentro em pouco serão 20.

Póx

resolve
os problemas
da lavagem
da sua roupa



COMP. QUÍMICA "DUAS ANCORAS"
CAIXA POSTAL 2143 - SÃO PAULO



RESPEITO À TRADIÇÃO
Ouro Preto em péso acompanhou a cruz ao pedestal de Marília.

AQUARELA

PATRIMÔNIO AGE E O POVO APÓIA EM OURO PRÊTO

NAS proximidades da casa de Marília, a musa que constituiu doce objeto dos sonhos de Tomás Antônio Gonzaga, inspirando-lhe os mais tocantes versos de amor saudosista, existe de há muito uma ponte que recebeu seu nome e no início da qual encontra-se, como é comum em Ouro Preto, bonita cruz de pedra, pertencente hoje, como inúmeros outros objetos, ao Patrimônio Histórico. Até aí, nada de mais. Acontece, porém, que certo dia a cruz apareceu quebrada e o Patrimônio, naturalmente zeloso de conservar à antiga Vila Rica aquele caráter tradicionalmente histórico, moveu céus e terras no sentido de descobrir o

autor ou autores de tamanho «sacrilégio», ao mesmo tempo que providenciava a colocação da cruz, reconstruída, no seu pedestal na Ponte de Marília. Ambos os objetivos foram alcançados. Os autores, alguns estudantes da cidade ouropretana, naturalmente meio eufóricos na ocasião, não se deram conta da gravidade das consequências, ao se dependurarem nos braços da cruz, mas o mesmo não aconteceu com o povo em geral que, numa viva demonstração de respeito e reverência pelas coisas antigas da cidade, promoveu verdadeira romaria (foto) para levar a cruz, já reconstruída ao seu antigo lugar.

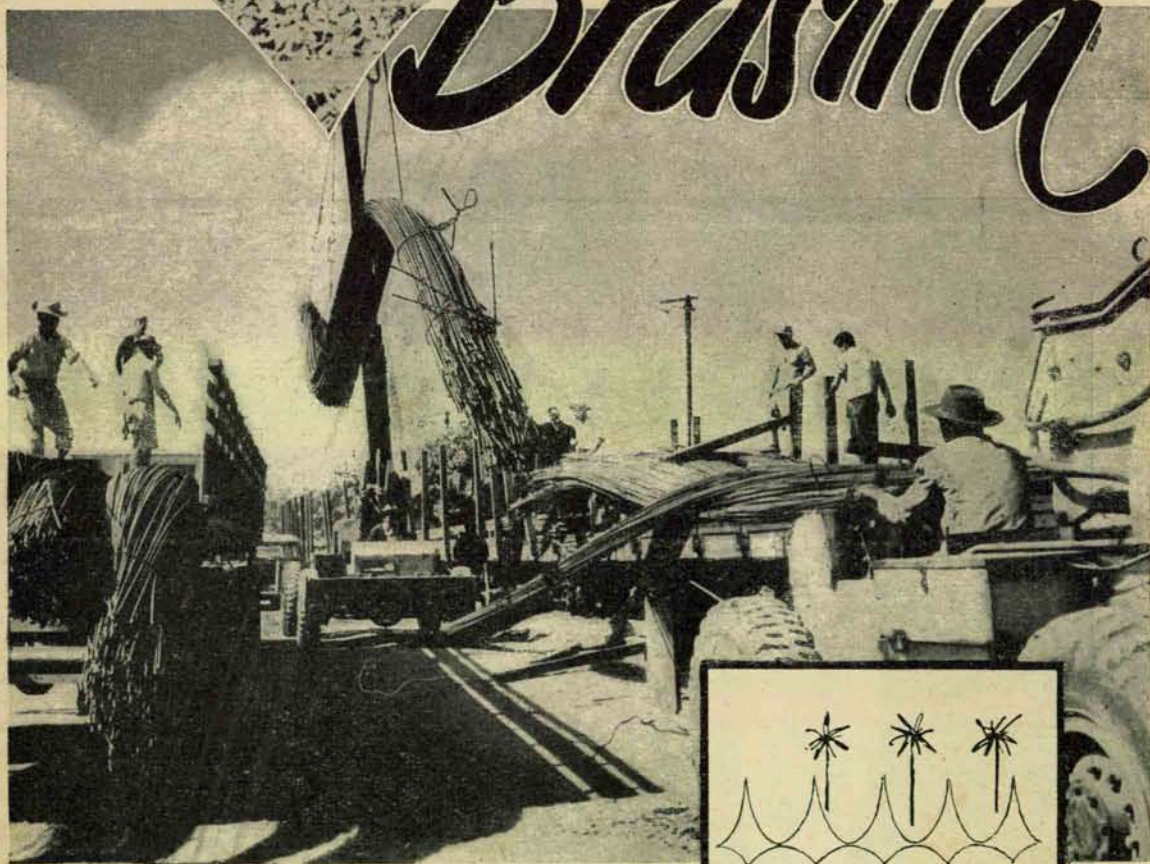
☆☆☆

HOMENAGEM AS MÃES

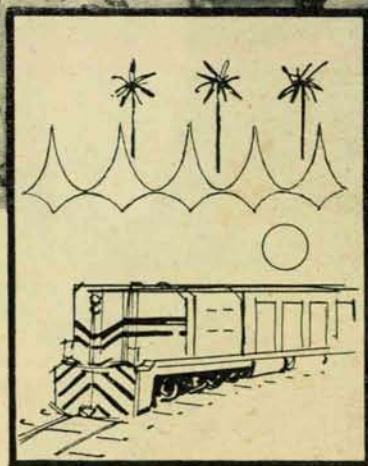
Constituindo já uma tradição que se renova cada ano, em maio, a «Refinações de Milho, Brasil», produtora da famosa «Maizena», está distribuindo, gratuitamente, a interessante plaqueta «Dia das Mães», reunindo belíssimas poesias e crônicas firmadas por nomes dos mais consagrados nas letras nacionais, em homenagem à figura da Mãe Brasileira. As pessoas interessadas em receber esse belo trabalho poderão solicitá-lo à agência de publicidade Triângulo Ltda. Praça Ramos de Azevedo, 206, 22.º andar, Caixa Postal 8006, São Paulo.

nós
ajudamos
a
fazer

Brasília



Graças ao programa de reaparelhamento ferroviário, que a Rêde Ferroviária Federal vem executando em ritmo acelerado, a E.F. GOIÁS e Rêde Mineira de Viação, com suas linhas remodeladas e modernas locomotivas Diesel em tráfego, tornaram-se o escoadouro natural de todo o material de construção procedente de S. Paulo e Minas, destinado à nova capital.

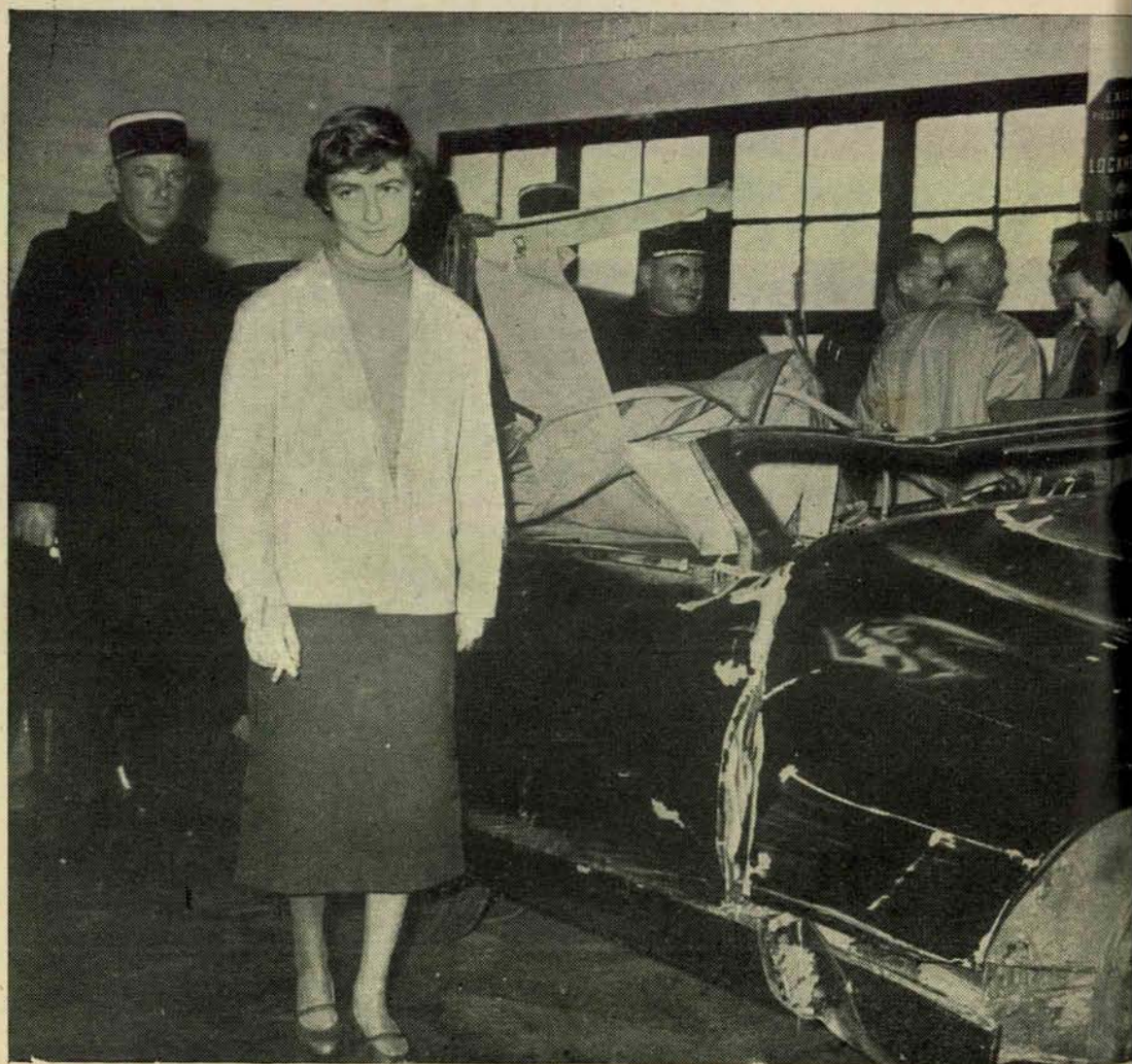
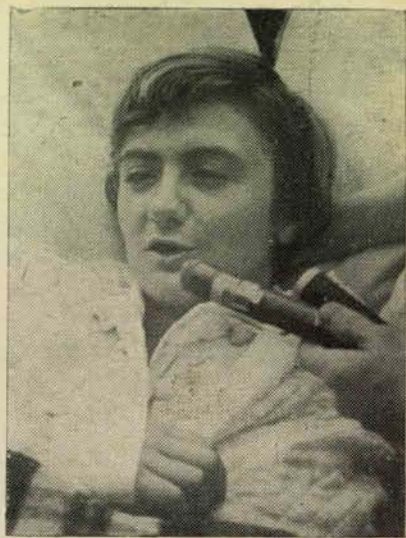
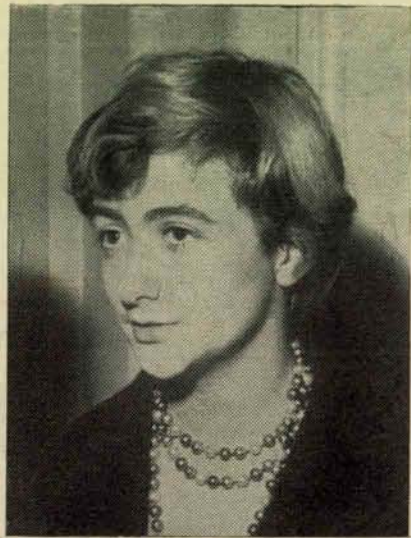


Prefira o transporte ferroviário e colabore no progresso do Brasil

RÊDE FERROVIÁRIA FEDERAL S.A.

Av. Presidente Vargas, 309

Dep. Rel. Públ. RFF - 001





Françoise Sagan, a menina prodígio do tempo de seu primeiro e maior sucesso: «*Bonjour Tristesse*», publicado e premiado em 1954. * A autora já famosa e um tanto desenganada de «*Um certo sorriso*», em 1956. * Num leito de hospital, gravemente ferida num desastre de automóvel, Françoise Sagan, figura lendária para o público francês, concede uma entrevista radiofônica a respeito de seu terceiro romance, «*Dans un mois, dans un an*», que está no prelo (1957). * Agora ela se chama Madame Guy Schoeller, mas, é sob o pseudônimo de sempre que ela lança, em 1959, seu quarto sucesso: «*Aimez-vous Brahms...*».



OLGA OBRY

Especial para ALTEROSA

ADEUS, FELICIDADE!

*Françoise Sagan não era feita
para a vida de casada*

PARIS (Via Panair) — Exatamente há vinte e cinco anos, no dia 21 de junho de 1935, nascia em Cajarc, cidadezinha com pouco mais de mil habitantes no sul da França, uma menina que recebeu na pia batismal o nome de Françoise. Seu pai era um industrial abastado, vivia num bairro elegante da capital e veio de Paris passar férias com a família, na roça, não longe dos Pirineus e da península ibérica. Era originário dessa região, o que talvez explique a afinidade de seu sobrenome com um nome português bem conhecido nas letras brasileiras: Quirez — é só trocar duas vogais... Mas não é sob o nome de Françoise Quirez que a menina ia tornar-se famosa, e nada deixava prever que um dia isso aconteceria.

Françoise Sagan, após seu desastre de automóvel, não se lembrava de nada. Aqui, ela está assistindo, com olhar perdido e confuso, à reconstituição do drama causado pela sua loucura de velocidade.





←
Françoise Sagan em companhia de seu editor, sr. René Julliard (de óculos, ao lado da escritora).

ADEUS, FELICIDADE!

→
Em maio de 1959, no Festival Cinematográfico de Canes, Françoise Sagan tem encontro marcado com Juliette Greco (segurando nos braços seu cachorrinho «Crocodylo», presente do produtor Zanuck) e Orson Welles. * Correm boatos a respeito de um filme que realizariam juntos, mas são apenas boatos. Françoise veio de calça de praia e pullover da sua casa de férias em Saint-Tropez. * O advogado «Maitre» Croquez, que se vê aqui estudando as atas com sua assistente, e sua freguesia famosa, defendeu Françoise Sagan durante o processo. E ele também a quem a escritora encarregou de cuidar de seu divórcio.



Na tribuna da imprensa, Françoise Sagan assiste, entre os jornalistas parisienses, ao processo sensacional de dois jovens criminosos no Tribunal de Versalhes, procurando, talvez, material psicológico para um novo romance sôbre a juventude moderna.



Brincava, em criança, sôzinha : a irmã e o irmão eram muito mais velhos, não podiam fazer-lhe companhia. Trepava nas árvores como um garoto, mas com gente de fora ficava acanhada. Sem ter muito entusiasmo pelos estudos, ocupava sempre o primeiro lugar na escola primária. Tinha pouco contacto com outras crianças, vivia rodeada de adultos. De repente, revoltou-se, tornou-se arrogante e agressiva. No Colégio do Convento dos Pássaros, as freiras acharam que a aluna Quoirez "faltava espiritualidade". As professoras do Sacré-Coeur, para onde Françoise passou em seguida, também não a contavam entre as melhores da turma. Logo após a formatura Françoise Quoirez foi à Sorbonne, mas não suportando a disciplina universitária melhor do que a do curso secundário, fracassou nas provas do ano preparatório. A mocinha estava criando verdadeiro complexo de inferioridade quando uma amiga mais idosa, escritora sem grande renome, aconselhou-a tentar sua sorte nas letras.

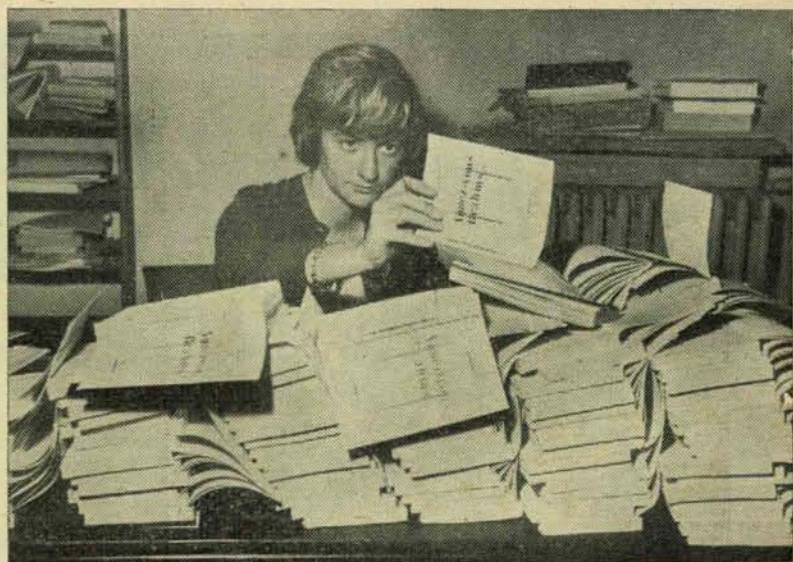
Durante as férias na terra natal, para esquecer seu insucesso e os aborrecimentos em casa — o irmão tinha casado, e os pais não entendiam muito bem suas maneiras e seu modo de viver — Françoise de fato, tinha acabado um romance, com o título pessimista "Bonjour tristesse". Quando, encorajada pela amiga, a jovem autora foi com o manuscrito debaixo do braço procurar uma casa editora

que o aceitasse, ela não estava nada menos do que confiante no seu sucesso. O único desejo que a movia era o de mostrar à família não ser uma incapaz, uma fracassada, uma frustrada.

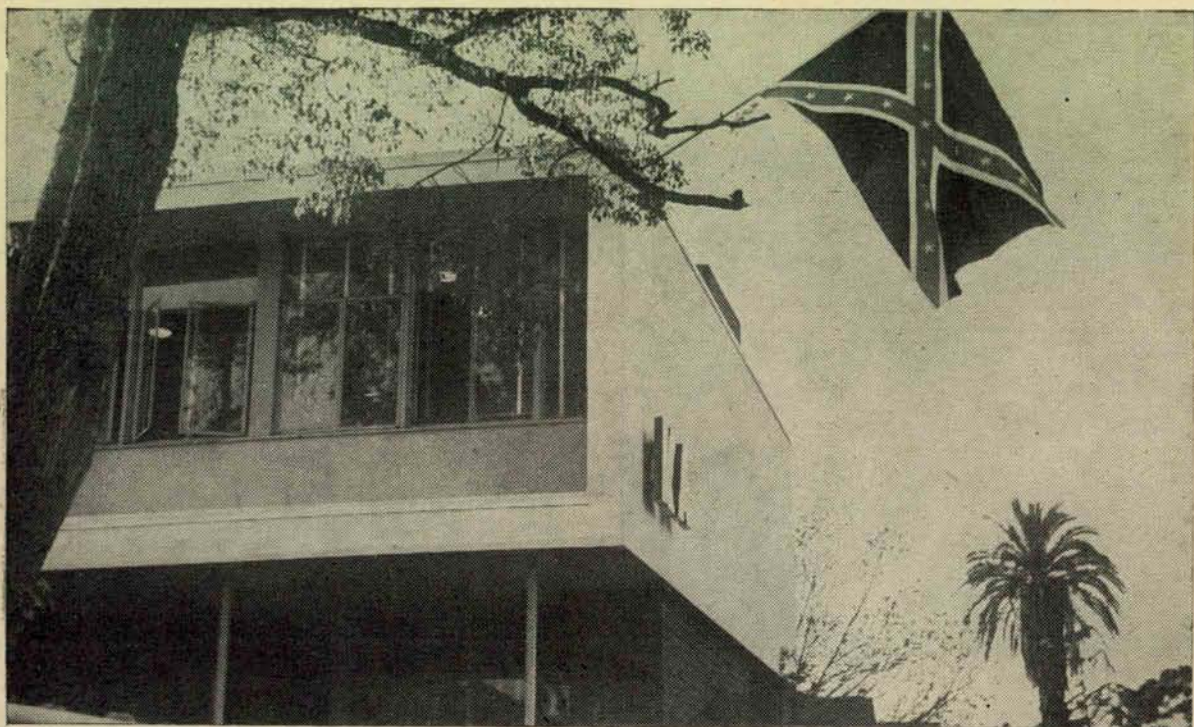
O manuscrito estava assinado com um pseudônimo : Françoise Sagan. O nome Sagan, além de ser o de uma cidade silesiana, encontra-se num romance de Proust, e é provável que ela o tivesse tomado emprestado ao romancista cujas obras bem conhecia — em criança lia muito, tudo o que lhe

caía na mão. Françoise diz agora que não teve praticamente infância, pois sempre vivia com adultos, considerando adultos também os irmãos, por causa da diferença de idade bastante grande. Foi simplesmente lá por volta dos doze anos que ela deixou de tirar boas notas e prêmios na escola, de ser menina de mamãe, bem comportada e indefesa diante das companheiras de classe que zombavam dela, e passou a atacar. Com quinze ou dezesseis, descobriu a mú-

(Continua na pág. 110)



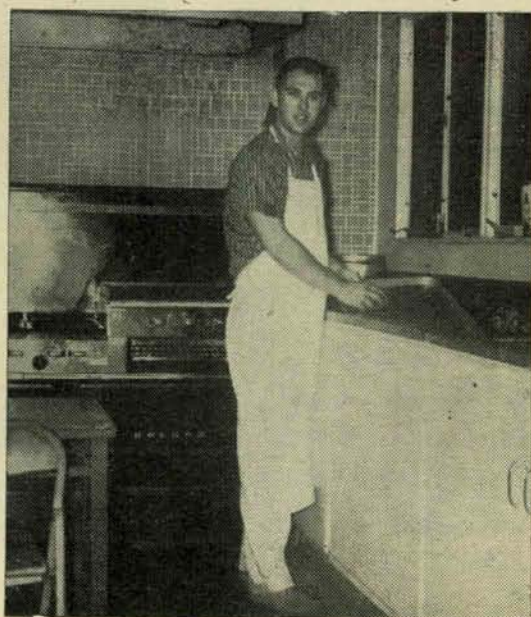
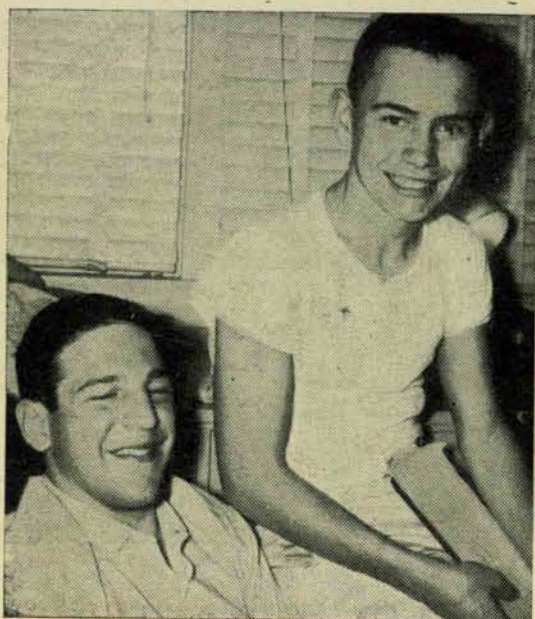
Françoise Sagan na editora Julliard, escrevendo dedicatórias no seu último romance «Aimez-vous Brahms...».



A Fraternidade Kappa Alpha, na Universidade da Califórnia do Sul, única no gênero, nos Estados Unidos.

Na Fraternidade, a harmonia entre todos os seus membros talvez seja a melhor explicação para a longa existência da esplêndida república.

Lavar pratos, panelas e talheres é tarefa de calouro na Fraternidade K. A. A cozinheira só cozinha... E com todo o conforto, como se pode ver nesta foto!



UMA REPÚBLICA AMERICANA

TEXTO E FOTOS DE ÉLCIO COUTINHO

QUEM não sente saudade de alguma república? Todo estudante que, longe da família, viveu nas cidades grandes, trabalhando e estudando, lembra-se, emocionado, do bom tempo que, numa casa barulhenta e quase sempre desorganizada, conviveu com criaturas amigas que, homens feitos, e feitos na vida, desapareceram tragados pelas multidões de cidades longínquas. Agora, pergunto: que espécie de saudade sentirei eu, brasileiro jovem, convivendo, por mais de ano e meio, com jovens

americanos, numa república maravilhosa, onde o sentimento de fraternidade realmente existe, dentro de uma disciplina relativa?

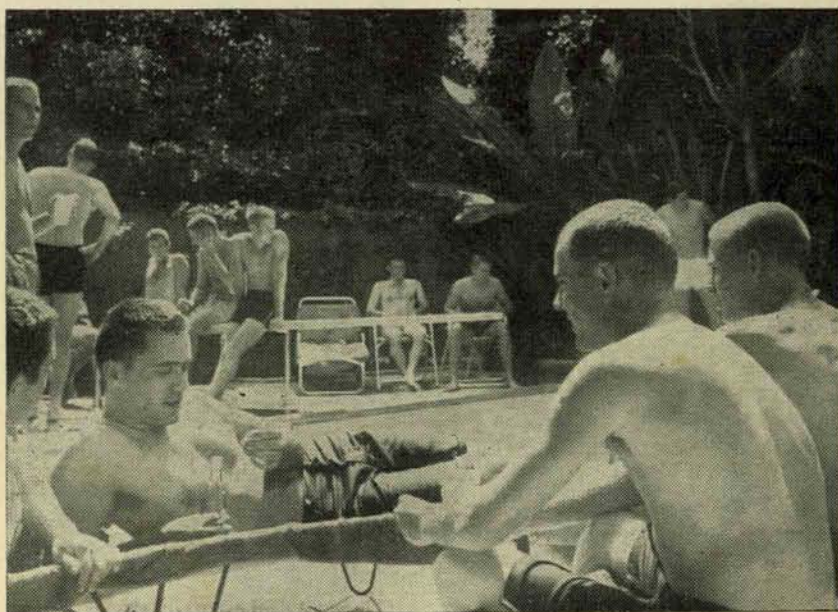
A **Fraternidade Americana Kappa Alpha** — a república de estudantes a que aludo — é a mais famosa da Califórnia. As letras gregas, que denominam a agremiação estudantil, constituem segredo sagrado. Os seus estatutos determinam que, para ser membro da **Fraternidade**, o estudante tem que apresentar boas notas na Universidade — da nota sete em diante — ser considerado de boa

família e, como condição única, ser convidado por veterano.

A **Fraternidade Kappa Alpha** foi fundada em 1865, sendo considerada uma das mais tradicionais dos Estados Unidos. Seu fundador espiritual foi o General Lee. E, por ser a votação muito rigorosa, somente dois estudantes estrangeiros foram votados, no período de 1865 a 1959, para dirigirem a agremiação. Esses estrangeiros foram Lewis Keegan, da Nova Zelândia, e o estudante

(Continua na pág. 28)

No parque, veteranos e calouros confraternizam, numa trêgua dos trotes cujo espírito de camaradagem une mais os membros da Fraternidade.



— O mundo é tão grande, Rima, que, não importa de que ponto olhemos, só poderemos ver uma parte infinitamente pequena dele. Olhe isto — e com um pau que me havia auxiliado na ascensão da montanha, tracei um círculo de quinze ou dezoito centímetros de circunferência, no centro do qual coloquei uma pedrinha. — Isto representa a montanha em que estamos — e toquei na pedrinha — e este círculo representa toda a parte da terra que podemos ver aqui do alto. Está compreendendo? A linha que tracei é a linha azul do horizonte e para além da qual não podemos ver nada. Fora deste círculo pequenino está todo o taboleiro do Itaioa representando o resto do mundo. Veja, pois, como é minúscula a parte do mundo que podemos ver daqui do alto.

— E você conhece tudo? — Perguntou com animação. — O mundo inteiro? Todas as montanhas, rios, florestas e as pessoas que moram no mundo?

— Isto seria impossível, Rima. Considere como o mundo é vasto... (W. H. Hudson)

Quem sou eu diante de ti, grande mundo! Eu — parte infinitesimal de átomo, eu — produto do acaso, só, em completo abandono!

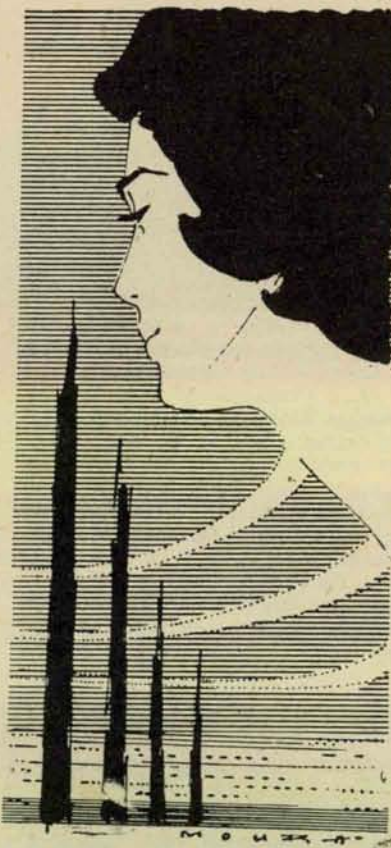
Que significação tem minha vida diante da tua amplitude, ó grande mundo dos pobres reis mortais! Que significação tem minha vida... minha vida: efêmera luz relampejante! (Maciel Oliveira)

Dos cadernos de Almaide d'Etre-mont — O mundo é duro, bruto demais para mim, para esta sensibilidade exagerada que me domina e me tem prisioneira. Não aceito esta falta de romance, de fantasia que ele tem. Vivo num mundo aparte, meu, e sonho... pois que o sonho é o alimento deste mundo. Mas não posso deixar de abençoar a vida! A vida — que tanta coisa má tem me ofertado, mas que também me trouxe — o Amor!...

O mundo é um anárquico depósito, uma loja monumental, onde a gente compra estrelas e flores para a festa silenciosa e recatada no recesso da alma. Não é assim que fazem os escultores, quando arrancam o barro do chão e o trazem para o encontro de amor? Não é assim, por exclusão, por ablação, que o poeta destaca o que quer do anônimo e bulhento reservatório comum? O importante, na poesia e na vida, é a escolha. (Gustavo Corção)

«Vivemos no mundo quando o amamos...»

FUGA



LEONOR TELLES

De Antoine Saint-Exupéry — Esta noite de vôo e suas cem mil estrelas, esta serenidade, esta soberania de algumas horas, o dinheiro não compra. Esta face nova do mundo depois de uma etapa difícil, estas árvores, estas flores, estas mulheres, estes sorrisos docemente coloridos pela vida a que regressamos de madrugada, este mundo de pequenas coisas nos recompensam, o dinheiro não compra.

A corrente há tanto tempo represada rompeu os diques e inundou a planície, fertilizando os campos. Tornou possível o fluir de águas cristalinas, o canto da cigarra, o gorjeio dos pássaros.

Tornou possível ver a beleza do mundo, o verde das montanhas, o azul do céu. As nuvens esbranquiçadas, que seguem qual veleiros, tangidas pelo vento, a desfazer-se em sonhos.

Tornou possível a aceitação de tudo. A renúncia completa, a resignação total. E, para alcançar, da paz, o bem supremo, resta apenas matar o último desejo e nada mais querer para atingir os Céus... (Carmen Carneiro)

O mundo todo era tão grande! e ele era apenas um menino de doze anos... (James T. Farrell)

De Oscar Wilde — Creio que, no princípio, Deus fez um mundo para cada pessoa, e neste mundo que está dentro de nós devemos tentar viver...

O mundo não começa nem termina em nós. Começa em nossos belos sonhos e acaba, talvez, nos pensamentos que não encontram expressão... (Oliveira e Silva)

De Rosamond Lehmann — Nada neste mundo permanece imutável; toda situação sofre a continuidade de ação: ou aumenta e cresce ou cai em decadência.

Do diário íntimo de Elisabeth Leseur — O mundo aprova ou autoriza quase tudo. Quer se trate do emprêgo do tempo ou da fortuna, do dom do coração, das manifestações, mesmo as mais loucas e as mais criminosas, ele fecha os olhos, sorri ou aplaude. Em compensação, não procureis consagrar um pouco de vós mesmos, de vosso dinheiro ou de vossas horas à causa de Deus. Um tal emprêgo da vida não pode agradar a este mundo frívolo porque o que dais assim às coisas eternas, dos vossos irmãos lhe é roubado, e ele não perdoa semelhantes roubos. O amor de Deus é a única originalidade que ele não aceita e nunca aceitará.

De Eduardo Mallea — Tudo é presa. Nem o homem pertence a si mesmo, nem o filho à sua mãe, nem o vegetal à terra, nem a ave ao espaço, nem o amante ao amor, nem as terras de muitos frutos à eterna fertilidade, nem o ser humano à vida. Tudo é presa. Tudo pertence a outro mundo.



trio maravilhoso



Deliciosamente perfumada... como você deseja... uma suave fragrância de Água de Colônia, Talco e Sabonete envolvendo você o dia inteiro... a suave fragrância do Trio Maravilhoso Regina. Nunca você imaginou tão perfeita harmonia em três produtos!

COLÔNIA • TALCO • SABONETE

Regina

QUITAN DINH



OH! AS MULHERES...

Segurando o volante com dois dedos apenas, enquanto cuidava de maquilar-se com os oito restantes, aquela mulher rodava a 90, sem notar que seu marido ao lado quase morria de medo. Finalmente, o carro bateu em uma árvore e o homem começou a xingar.

— É isto mesmo — interrompeu a mulher — como sempre, você só vê o que faço de pior. Aposto como não viu quanta coisa eu soube evitar antes de bater nesta árvore!

• • •

Como parte do serviço religioso na igreja, os fiéis estavam repetindo em voz alta o Salmo 23, mas havia uma senhora que estava cerca de 12 palavras adiante dos demais. Terminado o ofício, um visitante perguntou ao companheiro:

— Quem era aquela senhora que já havia entrado nas águas tranquilas, enquanto o resto da congregação ainda permanecia deitado em verdes pastos?

• • •

Duas atrizes de televisão conversavam sobre seus planos. Dizia a primeira:

— Naturalmente, não me casarei antes dos trinta.

— Pois eu — acrescentou a segunda — não chegarei aos trinta enquanto não me casar.

• • •

Interrogada a respeito do sucesso em seu casamento, aquela senhora respondeu:

— Meu marido é o Cabeça. Sempre achei que o marido deve tomar todas as decisões importantes.

— E quem decidiu que ele deveria ser o Cabeça?

— perguntaram-lhe.

— Ora, é lógico que fui eu.



GAROTOS & GARÔTAS

A vovó deu à netinha um catálogo e pediu-lhe que escolhesse seus presentes de Natal.

— Quero esta aqui — disse a menina, apontando enorme bola de praia.

— Sim, querida, mas somente quando você for maior — disse a avó.

A garôta continuou a apontar inúmeros objetos que a agradavam, mas a vovó sempre dizia que aqueles, só quando ela fosse maior. Desanimada, a garôta fechou o catálogo e a avó perguntou-lhe:

— Então, já sabe o que quer pelo Natal?

— Sei, sim senhora — disse a menina — quero ser maior.

• • •

A cachorrinha do Toninho dera ao mundo nova prole e a mãe do garoto estava ansiosa por participar-lhe a nova, pensando na alegria que ele iria ter. Ao voltar do jardim, Toninho foi correndo ver os rebentos. Olhou-os, sorriu meio amarelo e, sem esconder seu desapontamento, exclamou:

— É, mamãe, gosto muito deles, mas queria tanto que fossem gatinhos!

• • •

Chamado ao quadro negro para nomear os vários sinais de pontuação, aquele garoto ia-se desencumbindo de sua tarefa maravilhosamente, até que encontrou um apóstrofo. Olhou-o bem, pensou por alguns instantes e disse:

— Ah! já sei, isto aqui é uma virgula que está voando.

• • •

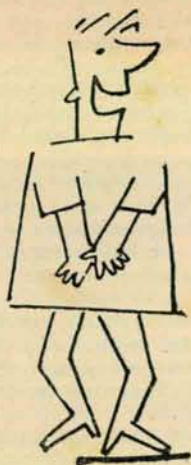
Retornando da escola, aquele pequeno canibal abraça sua mãe e pergunta:

— Mamãe, quem é que vamos comer hoje, heim?



**A GAROTINHA TINHA O HÁBITO DE COMER AÇÚCAR
TODA MANHÃ, ANTES DO CAFÉ. INTERROGADA
POR SUA MÃE SOBRE O PORQUE DE TAL HÁBITO,
RESPONDEU, CHEIA DE SI:
— ENTÃO A SENHORA ACHA QUE EU DEVO TOMAR
CAFÉ COM O ESTÔMAGO VAZIO?**

**Pequena
Enciclopédia
das Famílias**



LÁBIOS — Zona do rosto na qual as mulheres exercitam sua habilidade de desenhistas.

LAMPIÕES — Amigo dos bêbados, segundo as vinhetas humorísticas. Com o desaparecimento dos lampiões, vão desaparecendo também os bêbados que, não tendo mais amigos, não sabem a quem confiar suas desditas.

LATIM — Matéria de estudo que, em relação às outras, ocupa o primeiro lugar na produção de tapas e pescoções.

TRABALHO — Trabalho de estrada é aquele exercido por dois operários, feitorados por nada menos de trinta pessoas. Trabalho forçado é o que a mulher faz em casa, enquanto o marido sai todo santo dia: para o trabalho, diz êle.

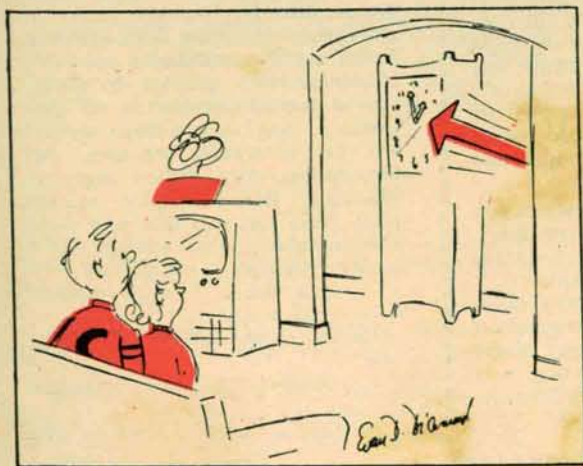
CARTAS — Aquelas que, escritas à espôsa quando noiva e relidas depois de alguns anos, fazem o marido exclamar: «Como eu era cretino!» Ao que ela acrescenta: «e não mudou nada até hoje».

LINHA — Aquela que inventam os grandes costureiros para as senhoras (linhas H, Império, Colher, Trapézio, Saco, etc.). Os homens, quando vêem os vários modelos das várias «linhas», põem-se a rir, mas param imediatamente quando suas espôsas lhes entregam a conta.

LÍNGUA — Usa-se freqüentemente em lugar da tesoura, para cortar fazendas nas costas dos outros.

LUZ — Aquela que a mulher quer acesa, para ler, quando o marido deseja dormir e quer apagada para dormir, quando o marido a deseja acesa para ler.

LUA — Satélite que gira em tórno dos namorados.



OS próprios pais, sem o saberem, podem dar ao filho, a primeira lição para que aprenda a mentir. Espantam-se? Pois aqui está a maneira como isto pode acontecer.

Ainda que não tenha visto seu filhinho praticar qualquer arte, a mãe acredita piamente que ele tenha feito algo errado e corre-lhe a perguntar. Inocentemente, a criança confessa-se autora da diabrura, sendo, então, repreendida ou castigada. Alguns dias depois, a mesma história se repete e novo castigo é aplicado. Ativa como sempre é, depois de algumas experiências como estas, a criança começa a desenvolver seu senso prático, negando a autoria dos erros, na esperança de livrar-se do castigo. É muito provável que escape, pois tem a certeza de que não foi vista na prática do erro. De modo geral, quando a mãe não está muito segura a respeito da culpabilidade da criança, não a pune.

Entretanto, estando certa de que a criança é culpada, a mãe insiste para que confesse. Imediatamente, ela lança mão de uma explicação e, vendo que esta não convence, inventa mais outra e outra mais. Ao descobrir que se está saindo bem no propósito de conservar sua mãe na dúvida, a criança pode até chegar a convencê-la de sua inocência, quando na realidade é culpada. E ela

CRIANÇAS



MENTIRA E PUNIÇÃO

desempenha seu papel de tal maneira, que acaba por livrar-se do castigo e da confissão, ao mesmo tempo. Assim, ela sente-se perfeitamente recompensada por haver mentido.

No caso de não se sair bem e acabar confessando e sendo punida, ela simplesmente chega à conclusão de que precisa agir melhor da próxima vez na invenção das desculpas. Pode acontecer que a mãe tenha provas do mau ato da criança, mas prefira que confesse seu erro e diga-lhe que não pode mentir, porque de nada adiantaria. Entretanto, a criança tentará mentir, justamente por saber que lhe convém, uma vez que já obteve vantagens da mentira.

De qualquer modo, quanto mais a criança mentir, antes de confessar seu delito, tanto mais prática vai adquirindo nesse hábito. E quão trágico lhe seria ser punida por algo que não praticou!

Se a criança confessa sob pressão, pode supor que está sendo castigada por ter dito a verdade, e não pela falta que praticou. Sendo assim, a mentira e a falta podem ser praticadas conjuntamente. No fundo, ambas constituem a mesma coisa — fraude.

Entretanto, se a mãe desconfia que seu filho fez algo errado, mas não dispõe de provas, não deve interrogá-lo, obrigando-o a confessar. Mas, se estiver segura quanto à sua falta, deve dizê-lhe, e proceder conforme lhe parecer melhor. É dever dos pais fazer tudo para proteger a criança contra a tentação da mentira e do dolo. — Dr. Garry C. Myers.

Uma República...

Continuação da pág. 23

que assina esta mensagem dirigida aos seus colegas brasileiros.

No fim de cada semestre, são eleitos dez veteranos que se encarregarão de todos os calouros no que concerne às informações sobre notas na Universidade e à família dos mesmos, constituindo-se a comissão de sindicância numa terrível miniatura da FBI...

Há, na Universidade da Califórnia do Sul, um Departamento para o estudante estrangeiro e dirigido por Mr. Viets Logue, verdadeiro pai de todos os estudantes estrangeiros.

Após a votação, vem o **trote**, aliás bem variado, desde a lavagem dos pratos e panelas até a ingestão de cebolas e pimenta e a prática de ginástica. Detalhe curioso: a cozinha da **Fraternidade** não lava louças nem talheres, por ser a tarefa exclusividade de calouros... Pois bem: durante um semestre, numa segunda-feira de cada mês, à tarde, são feitas aos calouros perguntas sobre a história da **Fraternidade**, as pessoas famosas que a ela pertenceram e sobre seus próprios estudos. Se o calouro não responde certo, por não saber, pois calouro, de acordo com o regulamento oficial, **não esquece**, — eis o castigo: uma cebola corre de mão em mão para a clássica dentada. O **chôro** involuntário dos calouros diverte os **insensíveis** veteranos... os **big-brothers**, irmão grande ou, como aqui se considera irmão mais velho.

O regime de estudo na **Fraternidade** é dos melhores: o regulamento determina que o calouro estude, diariamente, de terça a sexta-feira, das 7 às 10 horas da noite, sob o **olho** vigilante do **irmão mais velho**.

Após as provas finais, há o último **trote**. É a **hell-week**, a semana de inferno. Durante cinco ou seis dias seguidos, os calouros ficam na **Fraternidade**, presos e incomunicáveis, praticando ginástica e fazendo concertos ou pintando a casa para o novo semestre. Os veteranos realizam, então, nessa época, **troles** engraçados. Por exemplo: atiram para cima um ovo que não pode cair no chão. Mas, quando cai e quebra o veterano pergunta:

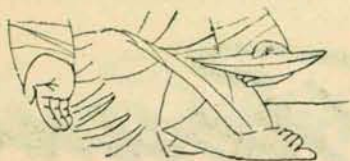
— Que faz o calouro quando o ovo cai e quebra?

Os calouros, em **côro**, respondem:

— Veterano não vê manchas de ovo...

Sentam-se, então, sobre o ovo

(Conclui na pág. 137)



HÁ MUITA DIFERENÇA

"E disse Pedro : Não tenho prata nem ouro, mas o que tenho, isso te dou". — (ATOS, 3:6).

É JUSTO recomendar muito cuidado aos que se interessam pelas vantagens da política humana, reportando-se a Jesus e tentando explicar, pelo Evangelho, certos absurdos em matéria de teorias sociais.

Quase sempre, a lei humana se dirige ao governado, nesta fórmula : — "O que tens me pertence".

O Cristianismo, porém, pela boca inspirada de Pedro, assevera aos ouvidos do próximo : — "O que tenho, isso te dou".

Já meditaste na grandeza do mundo, quando os homens estiverem resolvidos a dar do que possuem para o edifício da evolução universal ?

Nos serviços da caridade comum, nas instituições de benemerência pública, raramente a criatura cede ao semelhante aquilo que lhe constitui propriedade intrínseca.

Para o serviço real do bem eterno, fiar-se-á alguém nas posses perecíveis da Terra, em caráter absoluto ?

O homem generoso distribuirá dinheiro e utilidades com os necessitados do seu caminho, entretanto, não fixará em si mesmo a luz e a alegria que nascem dessas dádivas, se as não realizou com o sentimento do amor, que, no fundo, é a sua riqueza imperecível e legítima.

Cada individualidade traz consigo as qualidades nobres que já conquistou e com que pode avançar sempre, no terreno das aquisições espirituais de ordem superior.

Não olvides a palavra amorosa de Pedro e dá de ti mesmo, no esforço de salvação, porquanto quem espera pelo ouro ou pela prata, a fim de contribuir nas boas obras, em verdade ainda se encontra distante da possibilidade de ajudar a si próprio. — Emanuel (Do livro "Pão Nosso").

EM SEU BENEFÍCIO

* Não se agaste com o ignorante; certamente, não dispõe ele das oportunidades que iluminaram o seu caminho.

* Ampare o companheiro inseguro; talvez não possua o necessário, quando você detém excessos.


* Ajude ao que erra; seus pés pisam o mesmo chão, e, se você tem possibilidades de corrigir, não tem o direito de censurar. (Da "Agenda Cristã", de André Luiz).

A
FELICIDADE
ESTÁ
À SUA
ESPERA
TODAS AS
SEXTAS-
FEIRAS

2
milhões

LOTERIA
DO ESTADO
DE MINAS GERAIS

a nossa loteria



Premiado no Concurso de Contos

O Presente

Conto de ADEL MARINO

SAÚDE, alegria e dinheiro eram coisas que não faltavam em nossa casa. Papai tinha um bom emprêgo, que nos garantia uma vida bastante folgada. Elegera-se rei e parecia governar o seu pequeno mundo familiar. Digo parecia, porque, embora ele nunca houvesse percebido, tratava-se de um regime parlamentar tendo como primeiro ministro a minha mãe. Os demais membros do parlamento eram os gêmeos Roberto e Rogério, Marta, eu e Susana, com dezessete, quinze, nove e cinco anos, respectivamente. Mantínhamo-nos em constante vigilância, pois Susana, com as suas qualidades irrefutáveis de golpista, ameaçava o poder e de um momento para outro poderia tornar-se ditadora.

Morávamos num casarão antigo de dois pavimentos tão cheio de contrastes como os seus habitantes. Cozinha enorme mas modernamente equipada. Armários embutidos em número suficiente para conter os objetos úteis e a avalanche de cacarecos que sempre arranjávamos. Escada de corrimão largo e sólido que nos permitia escorregar até o andar térreo sem perda inútil de tempo. Portas altas que nos proporcionavam momentos divertidos até que alguém, de tanto se balançar nos painéis, se esborrachava no chão. Os vidros já haviam sido liquidados em nossas guerras de chupe-chupe. Na ausência de papai e mamãe, é claro.

de Susana

Ilust. de Moura

Naquela ocasião, apesar da estabilidade aparente, estávamos atravessando uma crise das piores. Creio que era devido à idade problemática de todos nós. Mamãe lia e relia os mais modernos livros de psicologia do adolescente, entretanto, nos momentos críticos, só a sua intuição funcionava com eficiência.

Roberto e Rogério eram gêmeos idênticos e até mesmo pessoas da família, às vezes, confundiam um com o outro. Quando bebês, mamãe preparou-lhes as mamadeiras. Enquanto alimentava um dei-

xou a outra mamadeira esfriando. Quando foi buscá-la, alguém deve ter entrado no quarto e trocado os garotos de lugar. Só depois que um deles abriu um berreiro desenfreado foi que mamãe verificou que um dos gêmeos não tivera a sua mamadeira e o outro recebera ração dobrada.

No colégio, a confusão não era menor. Rogério era um fracasso em matemática e se não obtivesse oito na prova oral seria reprovado. Quando o professor chamou-o, Roberto levantou-se, resolveu os problemas e presenteou o nosso irmão

Rogério com nota dez. Nas arguições de história, Rogério respondia por Roberto. Creio que os professores nunca desconfiaram desse "trabalho por equipe".

Mamãe tinha de inventar mil e um artifícios para que eles estudassem. Era um sacrifício danado, até que papai, perdendo a paciência, deu-lhes trinta e quatro tabefes, dezessete para cada um. Isso

Quem mandava na casa era a caçula, mas bem que o merecia.

para lembrar-lhes que já não eram mais crianças e sim rapazes que deviam merecer toda consideração, a chave da casa e o automóvel duas vezes por semana.

Em suas implicâncias, Marta era a vítima favorita. Não tinha direito a coisa alguma e nenhum rapaz se atrevia a aproximar-se dela. Lembro-me de que, na ocasião de seu primeiro baile, encontrei-a em seu quarto formando um novo rio para ser incorporado aos nossos estudos de geografia. O medo de ter de decorar mais um nome e o receio de vê-la afogada em suas próprias lágrimas levaram-me a intervir.

— Que houve Marta, tá com dor de barriga?

— Oh, Pedrinho como sou infeliz! Vão atirar-me à jaula dos leões.

— Uai, eu não sabia que tinha circo na cidade.

— Deixa de ser bobo! Isso é força de expressão.

— Força de quê?



— Não tem importância. Você é criança e não compreenderia os problemas de uma mulher.

— Que mulher? Fale que nem gente, Marta.

— Tá bem! Ninguém vai dançar comigo no baile, todos os rapazes têm medo de Roberto e Rogério. Tomarei chá de cadeira e as outras moças se rirão de mim. Entendeu agora?

— Ahn... Mas que têm os leões com isso?

— Ora vá plantar batatas! E começou a choradeira, abrindo uma boca maior que o buraco da minha meia azul.

Resolvi falar com mamãe; talvez ela desse um jeito na situação. Não sei o que ela fez, mas o certo é que Marta passou a encarar o tal baile como o acontecimento mais auspicioso de sua vida. Cantarolava, rodopiava pela casa e fazia poses em frente ao espelho. Até os gêmeos começaram a tratá-la melhor. Tornaram-se seus professores de dança e de comportamento social.

— Não fique emproada nem queira assumir a atitude de mulher fatal — dizia Roberto.

— Seja você mesma, dê um sorriso natural que lhe realce as covinhas do rosto — acrescentava Rogério.

— Não curve os ombros, sente-se erecta na cadeira. Encolha as pernas, alguém poderá tropeçar nelas — falava mamãe.

A agonia continuava até que eu, cansado daquelas bobagens, resolvia ir pegar rãs no brejo.

Papai, relegado a segundo plano, se consolava com as bajulações de Susana. Com isso, ela vivia empanturrada de doces e chocolates, fazia o que bem entendia, inclusive trazer para casa uma gata em vésperas de ser mãe.

O reboliço continuava. Faltavam quatro dias para o baile quando o vestido de Marta ficou pronto. Estava uma beleza. Tudo parecia caminhar para um fim feliz e para o restabelecimento de nossa vida normal. Porém, a tragédia espreitava por alguma fresta da porta em busca de uma oportunidade para se manifestar. E aquilo aconteceu. Desprezando a cama que lhe havíamos arranjado, a gata foi ter seus pimpolhos naquela nuvem de tules que era o vestido de baile de Marta.

Com a família acrescida por dois novos membros, Tico e Chico, os gatos mais descarados que já vi até hoje, nossa vida prosseguia.

Havíamos decidido dar a papai, no Dia dos Pais, presentes que não saíssem de seu próprio bolso. Os gêmeos, após as aulas, trabalhavam



numa oficina mecânica. Marta dava aulas particulares, e eu fazia o que podia. Recados, entrega de compras, engraxar sapatos e até mesmo carregar malas. Todas as noites, abria o meu cofre para contar o dinheiro que estava juntando. Susana olhava as moedas, suspirava e dizia:

— Dá a metade pra mim?

— Nada disso, você tem de ganhar o seu.

— Mas eu não sei fazer nada!

— Arranje-se.

No dia seguinte Susana levantou-se cedo e saiu sem tomar seu café. Quando acordei papai e mamãe preocupados procuravam-na pela vizinhança. Saí e encontrei-a. O que vi deixou-me humilhado e com uma vontade enorme de chorar. Minha irmãzinha, com a carinha suja e manchada pelas lágrimas, trazendo os dois gatinhos ao colo, falava com uma senhora:

— Eles são muitos bonzinhos. Não sujam dentro de casa nem nada. Por favor, compre os dois, eu vendo eles baratinho.

— Você gosta muito deles não é verdade? — perguntou-lhe a senhora.

— Gosto.

— Então por que vai vendê-los?

— É que eu preciso de dinheiro pra comprar o presente pro papai. Pedi licença, peguei Susana pela mão e levei-a para casa, prometendo encontrar-lhe algum serviço.

O tempo passava, mas nenhum jeito para que Susana pudesse arranjar dinheiro vinha à minha cabeça. Ela, que desconhecia o valor do dinheiro e o quanto custava consegui-lo, continuava tranqüila, confiando na minha promessa.

Na véspera do "Dia do Papai", eu estava arrasado. O que juntara dava para comprar apenas um presente. Deveria renunciar ao sonho que havia acalentado com tanto carinho e me custado tanto sacrifício para não decepcionar Susana? Os meus pensamentos se chocavam num impacto tremendo, deixando-me a cabeça dolorida e atordoada. No meio da balbúrdia de idéias, surgia uma pergunta que se repetia, como se houvesse sido pronunciada numa galeria de ecos: "Eu ou Susana?" "Eu ou Susana?" "Eu ou Susana?"... Chamei minha irmã e lhe entreguei o dinheiro.

— Tome é seu.

Ela olhou o punhado de moedas e pequenas notas que estavam nas minhas mãos, depois virou-se para mim com os olhinhos arregalados como que pedindo uma explicação.

— O que você vai comprar pro papai, Susana?

Não sei o que lhe passava pela cabeça quando respondeu-me:

— Sabe Pedrinho, num quero mais dinheiro. Já tenho o presente pro paizinho.

— Mas como, você pediu dinheiro a mamãe?

— Não, eu arranjei o presente sozinha.

— O que é?

— É segredo, amanhã você vê ele.

No "Dia do Papai", em meio às nossas carinhosas homenagens e entrega de presentes vi que a atitude de minha irmã para comigo fôra um gesto de compreensão e altruísmo muito difícil para uma garota de cinco anos.

Quando papai abriu a caixa do presente que ela lhe ofereceu encontrou dentro, o que de mais precioso e querido que Susana possuía: seus dois gatinhos...

“MEU PONTO
É O DE MAIOR
MOVIMENTO...
— E AGORA?”



Seu primeiro passo:
consultar a

CARTEIRA DE CRÉDITO PROFISSIONAL

Para o tipo de negócio que você deseja ampliar - seja barbearia ou oficina - o “movimento” de fato pode justificar a empresa... mas não é só! Por isso é que você pensou bem duas vezes: ampliar o seu negócio e visitar a nossa Carteira de Crédito Profissional. Assim como você, muitos outros profissionais devem estar pensando a mesma coisa. Nos atenderemos com o mesmo interesse que vamos dispensar a você. São cerca de 50 as profissões que selecionamos para este plano. Procure-nos o quanto antes.



DO BANCO NACIONAL
DE MINAS GERAIS S. A.

OS JOGOS OLÍMPICOS DE 1960 EM ROMA

O que é Olimpismo ☆ Os jogos olímpicos através da História ☆ Centro Olímpico da EUR ☆ Velódromo ☆ O majestoso Palácio do Congresso ☆ Centro Olímpico do Fôro Itálico ☆ O Estádio de Mármore e o Palácio dos Esportes.

Por GASTÃO FERNANDES DOS SANTOS
(Representante de ALTEROSA na Itália)

Olimpismo é mais do que um acontecimento esportivo, pois representa a iniciativa do Barão Pierre de Coubertin, no sentido de reviver as disputas esportivas em honra das quais os antigos gregos suspendiam suas inúmeras atividades, inclusive as guerras nas quais se empenhavam.

Na realidade, Pierre de Coubertin, o grande humanista francês, invocou em vida, o mito d'Olimpia, na certeza de que, no ânimo de cada ser humano, estavam apagadas ou esquecidas, as bases principais da harmonia e da forma. Era amante da beleza e da paz.

Olimpismo é, assim, antes de mais nada, o culto da paz que congrega em torno do esporte, homens de boa vontade de todos os quadrantes da terra.

Quinze séculos são passados e a ação do tempo não conseguiu colocar no esquecimento os jogos d'Olimpia. Isso sentiu o Barão de Coubertin, antes de morrer.

A história da humanidade está marcada por episódios guerreiros. São legiões atiradas umas contra as outras, povos que se degladiam na ânsia de superar os demais, em todos os campos de atividade. Em verdade, a luta no campo esportivo é bem maior como glória, apesar de determinar somente a vitória de um ou outro atleta, com um décimo de segundo a menos — numa corrida de velocidade, ou um centímetro a mais — nos saltos de altura ou de distância.

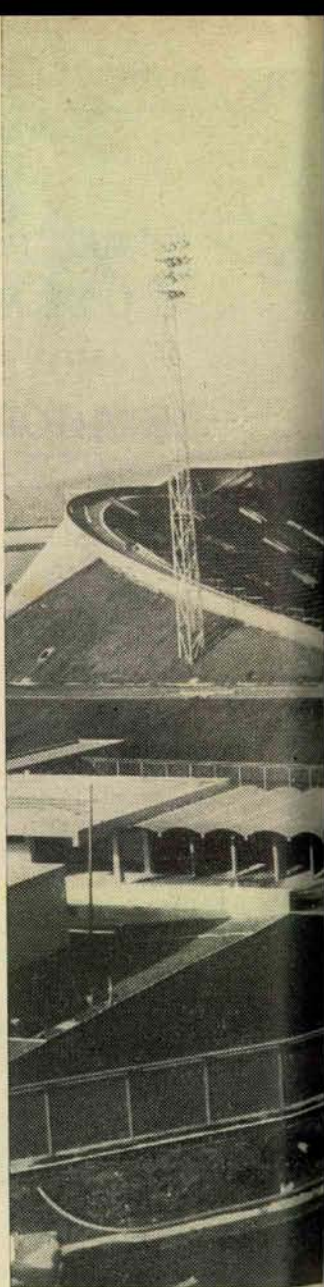
O desejo de superar o adversário numa prova atlética, qualquer que seja, é meritório, mas, acima de

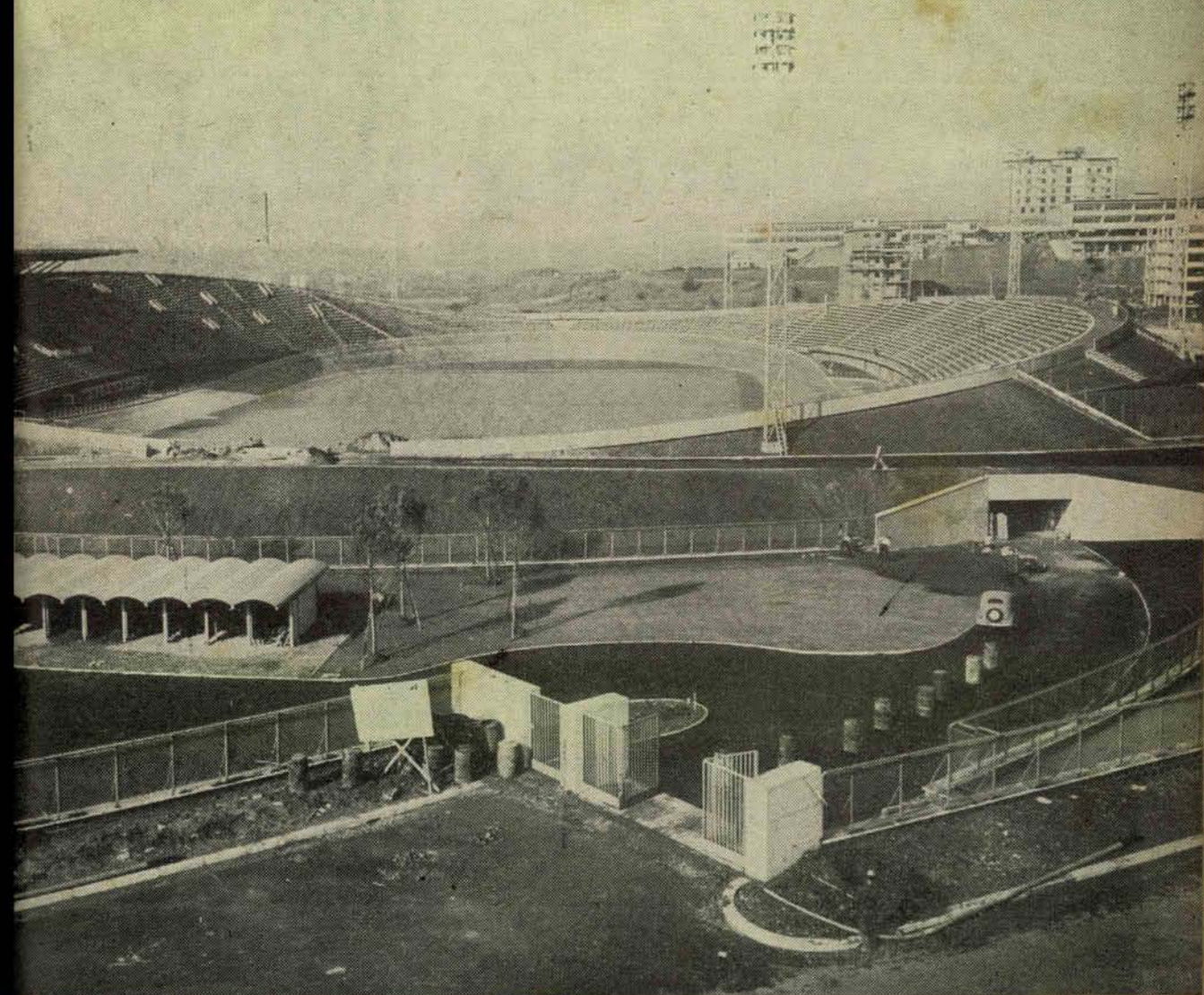
tudo se engrandece aquele que visa praticar o exercício físico, dedicando-lhe grande parte de sua juventude.

Os jovens de hoje, devem ao Barão de Coubertin, uma gratidão. É dele que nos vem o ensinamento de como se pode percorrer a estrada da competição com lealdade. Seu conceito era:

— Importante não é vencer uma prova, mas participar dela.

Vinte e poucos anos são passados após o seu desaparecimento. De quatro em quatro anos, qualquer coisa de novo vem sendo introduzida na organização de uma olimpíada. O que predomina, entretanto, é o esforço no sentido de impedir que as disputas descambem para a competição exibicionista e desleal, com requintes de orgulho que,





de certo modo, susceptibilizam os demais componentes de outras nações. Deve imperar, acima de tudo, a lealdade e o espírito de sacrifício, bases sólidas para a perpetuação dos jogos olímpicos. Não deve imperar a supremacia das raças, mas um ideal que congregue todos os povos. E nenhum é maior do que o esforço em favor da eugenia da raça humana, em toda a sua plenitude.

UM POUCO DE HISTÓRIA

Diz Carlo Marcucci que, "a origem do esporte nasceu com o homem. Este teve necessidade de correr para fugir das feras, de saltar para superar os obstáculos, de lançar pedras e bastões para matar os animais e de lutar com os seus

semelhantes, para fazer uma presa ou conquistar uma mulher."

Classificando de ação instintiva disse mais que "em verdade, esses foram os primeiros exercícios físicos do homem."

Creio que a Grécia teve a supremacia de organizar em primeiro lugar, o esporte. Alguns admitem que a China quando atingiu o mais alto grau de civilização, deteve essa supremacia, uma vez que antes da Grécia, já se projetara em tal terreno. Estudos acurados afirmam também que, no tempo dos faraós, egípcios já se empenhavam em lutas e no pugilato. Desenhos existentes, demonstram que 4.000 anos antes de Cristo, no médio Egito, os soldados já se empenhavam a fundo. Mas devemos, sem dúvida alguma, à imortal Grécia, as celebra-

O Velódromo, possuindo arquibancada com capacidade para 20.000 pessoas e cuja pista arborizada mede 400 metros.

ções mais expressivas, no sentido de tornar o esporte popular e importante para a formação da juventude e o aperfeiçoamento da espécie humana.

Verdade é que a origem dos jogos olímpicos é um tanto obscura. Ressalta, entretanto, como certo, de tudo o que foi escrito, é que os mencionados jogos se desenvolviam em honra dos deuses do Olimpo, visando Giove, ao qual se atribui a fundação desses jogos para celebrar suas vitórias sobre Saturno ou a conquista do mundo.



O belo Estádio dei Marmi, com arquibancadas de mármore e circundado por 60 maravilhosas estátuas simbolizando o esporte.

OS JOGOS OLÍMPICOS

A mitologia helênica narra que, na primeira olimpíada, participaram além dos deuses do Olimpo, Febo Apolo que venceu Mercúrio, e Marte que não encontrara rival no terreno do pugilato. Uma lenda narra que foi Hércules que instituiu os jogos olímpicos no ano 1.250, antes de Cristo. Realmente, o que existe de concreto na história, faz crer que a olimpíada de 776 anos antes de Cristo, foi a primeira do novo ciclo. Documentos o comprovam. Data da época, a instituição da TREGUA SACRA devido às constantes lutas, nas quais se empenhavam os gregos. TREGUA SACRA era, assim, a interrupção dessas guerras, durante quatro anos, um retorno à paz.

O prêmio conferido aos vencedores constava de uma coroa de folhas de oliveira. Posteriormente, além desse prêmio, recebia cada um cinquenta "dracme", além de ver per-

petuados seu nome e sua figura, no mármore esculpido.

Com a realização de outros jogos olímpicos, ante o entusiasmo que dominava as massas, os atletas gozavam de vários privilégios, a ponto de Cícero, o grande tribuno, declarar:

— Um general romano triunfador não recebia tantas honras e dádivas quanto um vencedor de Olímpia.

Verdade é que os triunfadores atletas não pagavam impostos e taxas, freqüentando ainda as escolas por conta do Estado. Sparta teve até o privilégio de sentar-se ao lado do seu rei, nos teatros e combater a seu lado, honra das mais insígnias.

A Grécia vem de ser conquistada pelos romanos que se deslumbram ante o espírito reinante em Olímpia. Até os imperadores sofreram essa influência, tomando parte nos jogos ou provas atléticas. O próprio

Nero, na olimpíada realizada 67 anos depois de Cristo, conquistou seis vitórias. Como não podia deixar de ser, duas nas representações trágicas e musicais, três em equitação e uma na corrida ou prova dos arautos. A escolha destes, os que anunciavam os jogos, era disputada e constituía uma prova de honra.

Díficeis eram as marcações do tempo, pois ainda não havia sido inventado o relógio de precisão.

Dados existentes atestam que um dos primeiros atletas que tiveram sua frente adornada com folhas de oliveira, foi um cozinheiro de nome Corebo, concorrente a uma prova de velocidade. Saltos a distância, lançamento de disco, de peso, corridas, etc., eram provas principais de todos os jogos. Faillo, foi um exemplo de bravura, saltando 55 pés ou sejam: 16,31. Não se sabe ao certo, se tal salto era triplo. Se era, nesse caso, em se tratando

do maior saltador de todos os tempos, foi menor do que Waldemar Ferreira da Silva que ainda detém o título de campeoníssimo, saltando 16,35.

OLIMPIA, CIDADE SAGRADA

Olimpia era a cidade sagrada da antiga Grécia, que se situava perto do monte Olimpo, na região do Poloponeso. De todos os seus majestuosos edifícios, os mais importantes eram os que se destinavam aos esportes. Seu estádio comportava cinquenta mil espectadores, aliás do sexo masculino por ser vedada a entrada de mulheres, durante os jogos. Somente a sacerdotisa Demetra Cerere gozava esse privilégio.

Diz a história que uma mulher de nome Callipatira, certa vez disfarçada em homem, assistia à prova na qual se empenhava um filho, que, por sinal, sagrou-se vencedor. Seu entusiasmo foi tão grande que procurou saltar a cerca do estádio para abraçá-lo. Gesto infeliz, pois teve suas vestes rasgadas e sua identidade à mostra. Tal desobediência era punida com a pena de

morte. Deveria ser atirada no despenhadeiro, junto ao monte Olimpo. Mas os severos juizes inclinaram-se ante o amor materno, e a perdoaram. Ficou, entretanto, estabelecido que, dali por diante, não só os atletas como a assistência, se apresentassem completamente despidos.

Depois de alguns anos foram organizadas olimpíadas femininas que, logicamente não contavam com assistentes masculinos. Denominados de Erei em honra de Era, mulher de Zeus, os jogos se realizavam também de quatro em quatro anos. Constituíam o espetáculo corridas de 150 metros, aproximadamente. As atletas se subdividiam em três categorias: virgens jovens, jovens e anciãs. Como indumentária, uma pequena túnica curta, cabelos soltos ao vento, descalças, o lado direito nu, com o respectivo seio à mostra. Como os atletas masculinos, as vencedoras gozavam o privilégio de terem sua figura perpetuada no mármore branco.

A história dos jogos olímpicos é toda ela cheia de episódios curiosos e pitorescos. Argeo, por exem-

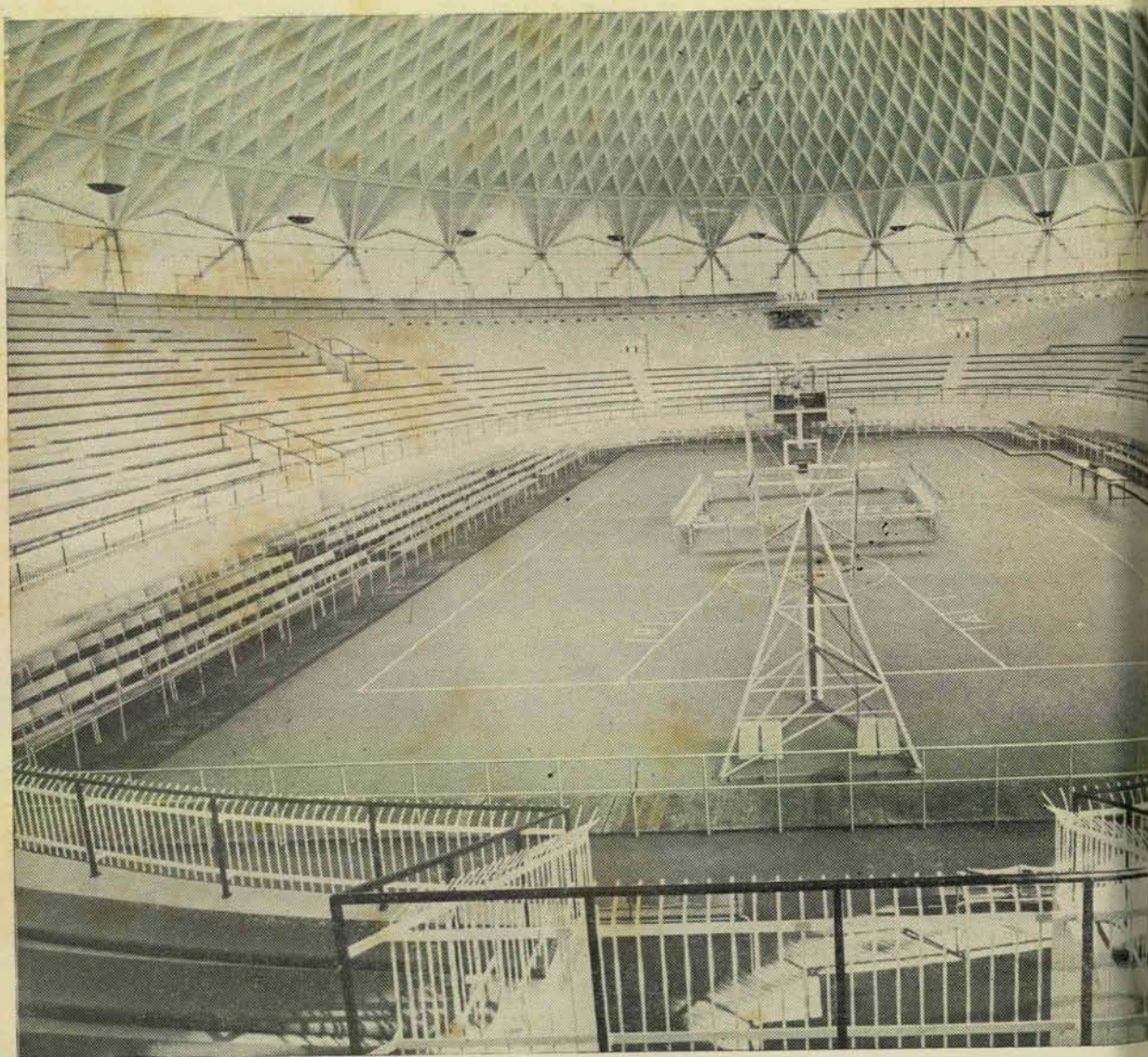
plo, era um especialista em corrida de resistência. Quando vitorioso em uma das provas, coroado com as folhas de oliva, continuou a correr, percorrendo mais 95 quilômetros até atingir Argo, onde residia sua amada, a quem quis levar, de viva voz, o resultado da prova ou a notícia de seu triunfo. Lata sagrou-se campeão na corrida de 2.300 metros. Sua velocidade era tão grande que, segundo dizem, não deixava marcas de seus pés na areia da pista.

O pugilato encontrava, no seio da massa, uma enorme atração. Os combates e as lutas terminavam tão logo um dos contendores se declarava vencido ou quando os juizes assim o julgavam. De uma feita, nas olimpíadas realizadas no século VI, o atleta Arrachione morreu sufocado exatamente quando o seu contendor se declarava vencido. Os juizes não tiveram dúvida, coroando-o depois de morto.

O imperador Teodósio, assim como os dois terremotos que assolaram Olimpia, sufocaram todas as iniciativas pela continuidade dos jogos. Com o advento do cristianismo, tais divertimentos foram

O Estádio Olímpico que, pelas suas características especiais, é uma das mais completas obras no gênero.





OS JOGOS OLÍMPICOS

colocados de lado e até condenados. Passaram-se séculos de completa inatividade esportiva.

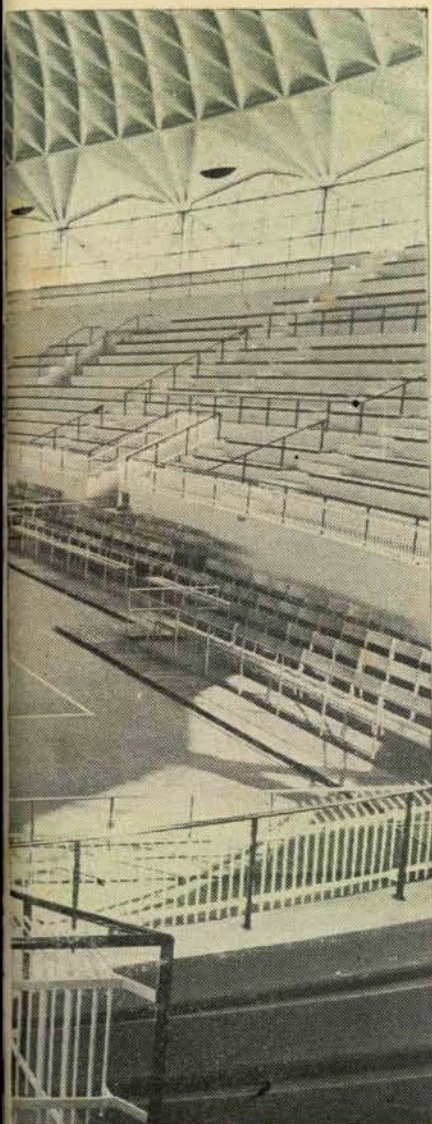
As escavações que se procederam na Grécia, trazendo à luz do dia preciosidades arqueológicas, entusiasmaram seus habitantes. Evangelista Zappaz, um rico comerciante, impressionado com os magníficos mármore descobertos, desenhos e gráficos, doou uma enorme soma em dinheiro, para que, de tempos em tempos, se praticassem uma série de provas, recordando a gloriosa época de seu povo.

Vários insucessos marcaram essa época de ressurgimento. A morte de alguns atletas durante as corridas e lutas, não deixou de influir no espírito do povo. Morre Zappaz, certo, entretanto, que havia lançado a nova semente que mais tarde frutificaria.

Em 1889, o jovem Barão de Coubertin lança a idéia de restaurar os grandes jogos. A luta que enfrentou aquele nobre, os dissabores, as incompreensões, não tiveram limites. Taxado de visionário, jamais esmoreceu e, depois de algumas viagens pelos países que se mostravam interessados nos seus planos, consegue organizar a primeira olimpíada de nossos tempos. As qualidades físicas de um Zatópek e o comportamento técnico de um Adhemar Ferreira da Silva, é o coroamento do esforço hercúleo do jovem barão que, ao morrer há vinte e poucos anos, deixou escrito no seu testamento, o desejo de que seu coração fosse enterrado nas ruínas de Olímpia, coisa que foi feita.

ROMA 1960

Roma hospedará em agosto próximo, os representantes do mundo



O interior do magnífico Ginásio — Palazzetto dello Sport, como o denominaram — onde se realizarão os jogos de basquete e vôlei.

A piscina olímpica, na moldura do cenário verdejante, constitui outra obra que recomenda o secular dom artístico dos italianos.

esportivo. Os trabalhos que vinham sendo feitos em surdina, atingem agora, seu ponto culminante. As ruas estão revolvidas, cheias de buracos, num esforço metódico e consciente para o ampliamiento da rede de esgotos e canalização de água. E' o interesse do govêrno, no sentido de proporcionar aos visitantes o máximo conforto.

O cenário onde se desenrolarão os jogos de 1960, não poderia ser mais imponente. Serão quinze dias de atividade ininterrupta, em vários pontos da *Cidade Eterna* que abrigará um número avultado de turistas. Os governantes não quiseram ser colhidos de surpresa como acontecera em outros países e se prepararam para dar o máximo de grandiosidade e brilho à primeira olimpíada que aqui se realiza. Trabalha-se com método e há muito tempo. Basta dizer que o *Palácio dos Esportes* se encontra em vias de conclusão. Constituirá essa obra, o ponto alto do cenário que será definitivo e permanente, pois nada foi feito ou está sendo feito para ser relegado a segundo plano ou abandonado.

A emissão de selos pré-olímpicos, feita há tanto tempo, já ascendeu a uma soma fatulosa, deixando antever o que será a emissão dos olímpicos. A venda dos bilhetes para os jogos, já iniciada em janeiro, encontra por parte dos aficionados uma boa aceitação. 7.000 atletas serão alojados na vila olímpica situada na Viale Tiziano, sendo que as mulheres disputantes atingem o número de 1.000. Cada atleta pagará a pequena cifra de 5.000 liras, para alojamento e refeição. Alojamento em apartamentos modernos e refeições de 4.000 calorias ao dia. Os jornalistas que,

por força do regulamento, não podem ultrapassar o número de 1.000, contarão com boas acomodações e aparelhagem completa e moderníssima que facilitarão, ao máximo, o trabalho que terão de desenvolver.

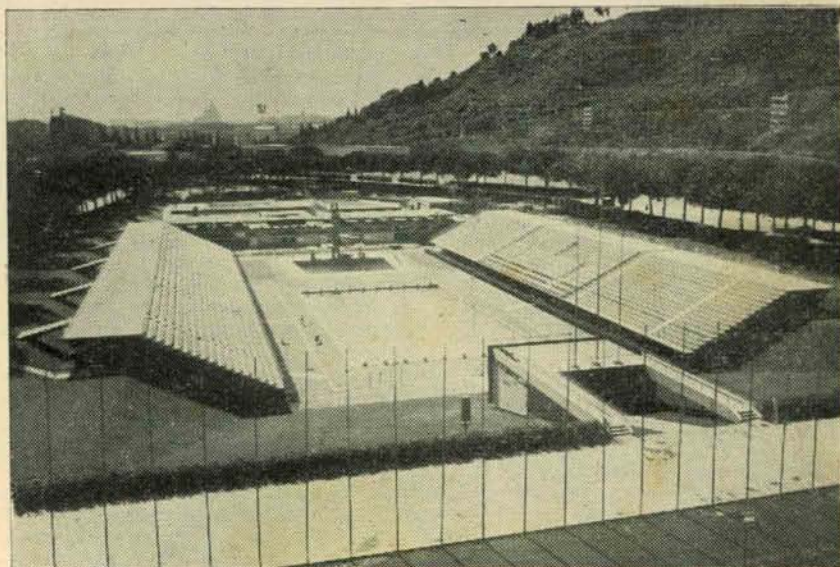
A questão que realmente se apresentava de difícil solução, acaba de ser equacionada. E' sabido que Roma possui 30.000 leitos em hotéis de luxo, comuns e pensões, número já insuficiente para acolher normalmente os turistas que aqui aportam durante o ano. Assim sendo, a Prefeitura acaba de conseguir a cooperação dos moradores da Cidade que acolherão visitantes em suas próprias residências, a preço módico. Quatro milhões de lugares já foram colocados à disposição da comissão encarregada desse setor.

E, assim, no dia 25 de agosto próximo, terão início os jogos, marcando, talvez, a mais bem organizada olimpíada de todos os tempos. Já em 1964, em Tóquio, os japoneses pretendem suplantá-lo que fôr feito em Roma, pois técnicos daquele País que se encontram aqui, como observadores, anotam as providências tomadas.

O CENTRO OLIMPICO DA "EUR"

As majestosas muralhas do moderno jardim da Cidade EUR, formam bom lugar para a prática dos esportes que constituirão a XVII Olimpíada. O espaço delimitado dará ensejo à ampliação de tôdas as atividades esportivas que, cada dia que passa, vêm sendo ampliadas, quando não, criadas.

No ano de 1935, Roma se preparou para a Exposição Universal "EUR". Em espaço escolhido previamente, tiveram início os estu-





OS JOGOS OLÍMPICOS

dos quando foram executados os projetos de prédios que deveriam formar o grandioso conjunto. Várias exposições industriais e de arte têm levado multidões ao aprazível local que, em 1960, será teatro da maior olimpíada de todos os tempos. A denominação de *Olimpíadas da Civilização* tem a sua razão de ser.

Os planos da E. 42, abreviação das próximas olimpíadas, foram baseados nos mapas da antiga Roma que, até hoje são as melhores bases para a edificação de uma metrópole.

A "EUR" já havia sido criada com o objetivo de servir, no futuro, de teatro de grandes provas esportivas. Arquitetonicamente bem lançado, obedecendo o estilo clássico-moderno, servirá para exposições artísticas, além de servir a instituições recreativas.

Meconi, campeão de lançamentos de peso. Representou as cores da Itália nas últimas Olimpíadas, batendo um recorde italiano: 17,12 m.

A realização da primitiva idéia deixou o campo das cogitações e projetos, para atingir o terreno da concretização. Magníficos prédios foram levantados, dos quais os mais importantes são :

Palácio do Congresso; Palácio da Ciência; Palácio da Arte Antiga e Civilização Italiana.

Suas linhas são rigorosamente modernas e funcionais. Hoje, estão sendo utilizados na instalação de secretarias de importantes associações, institutos de cultura e museus.

No início da última guerra, foram interrompidos os estudos e, conseqüentemente, a realização total do projeto. Mas o trabalho já iniciado, não poderia ficar no esquecimento. Tão logo terminou a guerra, a maior parte do programa original foi concluída.

O VELÓDROMO

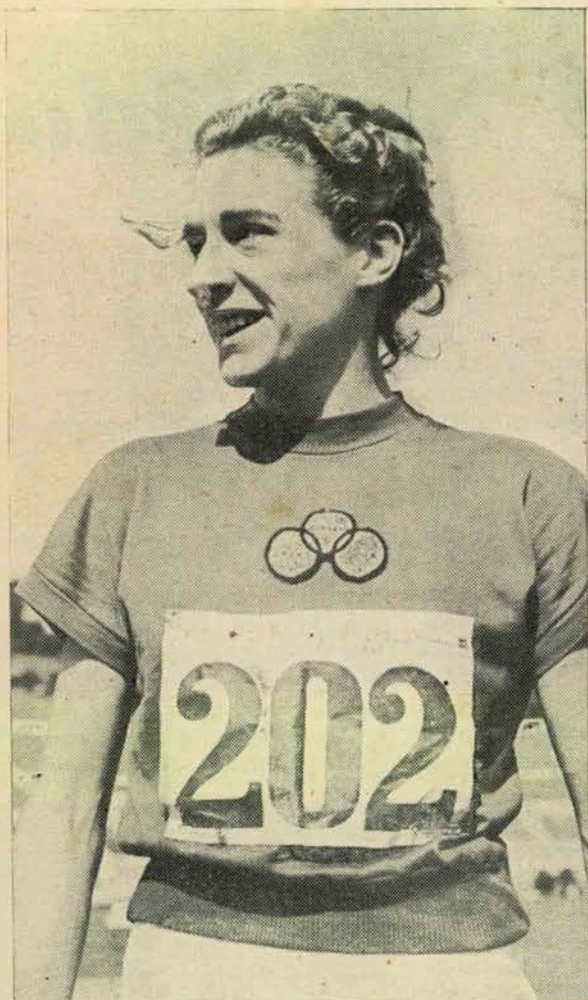
O velódromo está situado na parte oeste do grandioso local dos jogos olímpicos, onde a bela área foi aumentada e arborizada convenientemente.

A arquibancada terá capacidade para abrigar 20.000 pessoas e, provavelmente, terá na parte central do campo uma cobertura de proteção. Por baixo das ditas arquibancadas, secretarias para vendas de bilhetes e jornais, instalações telefônicas, vestiários, etc.

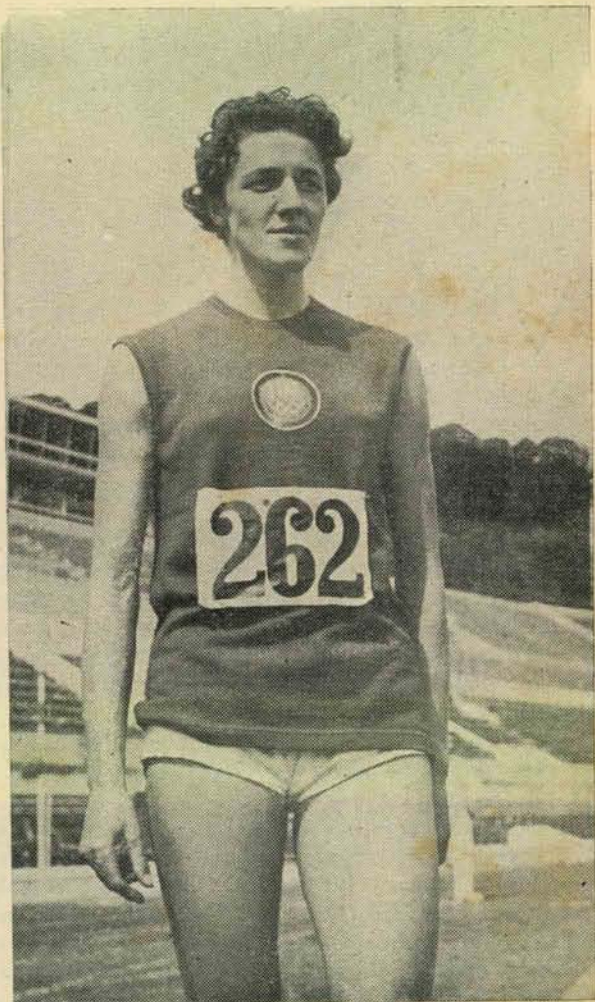
Moderna iluminação com refletores *quebra-neblina* já estão sendo instalados. Terá o velódromo o mais moderno e técnico equipamento no gênero. Sua pista será toda arborizada, medindo 400 metros de comprimento. Ao lado do velódromo, um edifício próprio guardará todos os apetrechos usados, equipamentos do gênero como : bicicletas, motocicletas de corrida, etc., além de servir de depósito de vestimentas dos atletas, juizes, etc.

Não terá entrada comunicando com a via pública, pois engenhoso subterrâneo ligará o edifício ao velódromo. Assim sendo, os corredores já entram no recinto de provas, sem passar pelas avenidas de tráfego intenso, mormente nos dias de prática esportiva. Um traçado metódico proporcionará conforto total no estacionamento de veículos.

A campeã Greppi que, nas últimas Olimpíadas, defendeu as cores da Itália, em corridas de obstáculos. Está em ótima forma.



Leone, campeã italiana em corridas de 200 metros, com obstáculos. Foi a 5ª colocada nas últimas Olimpíadas, tendo obtido o 1º lugar nas eliminatórias.



PALÁCIO DO CONGRESSO

O torneio olímpico de corridas com obstáculos, etc., terá lugar na "EUR", provido de todo o conforto. O *Palácio do Congresso* que faz parte do conjunto, com amplas galerias, salas de estar, de banho, secretaria, gabinetes de leitura, correio, telégrafo, etc., será privativo dos atletas disputantes. Não faltarão locais para treino de todos os esportes.

O *Palácio do Congresso* que ocupa uma grande área de mais de 32.000 m² é dividido em duas partes. A primeira consiste numa grande área que se destinará a recepção. Tem 40 metros de largura e um pé direito com a mesma metragem. Para se avaliar o tamanho da dita área, basta saber que o *Pantheon* cabe perfeitamente dentro de seu limite. Colunas de granito com 12 metros de altura

dão um ar majestoso à entrada do *Palácio*.

A segunda compõe-se de recinto com capacidade para abrigar, comodamente, 1.000 pessoas, circundado por 5 salas amplas, além de um grande salão que servirá de sala de projeção cinematográfica. Outros dois recintos podem acomodar 1.000 pessoas, servindo para variados fins. Os 80 metros da imensa sala, somados à entrada, dão um ar de solene majestade. Um teatro ao ar livre se localiza no terraço do *Palácio*, com capacidade para 1.400 espectadores. Note-se que dali se descortina toda a imensa área da "EUR", além do belo panorama da *Cidade Eterna*, circundada pelas colinas e a costa tirrena.

O CENTRO OLÍMPICO DO FÓRO ITALICO

O Centro Olímpico do Fôro Italico possui, como moldura, as en-

costas arborizadas dos Montes Mário e Farnesinos. Construído à margem do Tevere tem, como base para o ecoamento das enormes multidões em dias de prática esportiva, a Praça fronteira à Ponte Milvio, as vias Cassia, Camillucia e uma parte da via Trionfale. Todas as vias mencionadas foram projetadas e construídas, baseando-se nas antigas estradas que fazem lembrar a história de Roma. São de uma beleza sem par, além de constituírem logradouro tranqüilo tão a gosto das mais tradicionais famílias italianas que ali residem. A verdejante vegetação lhe dá uma frescura excepcional, mesmo durante o verão que é, em Roma, asfixiante.

Giulio di Medici, o Cardeal da Renascença, de gosto apurado, encarregou os artistas Sangallo, Giulio Romano, Rafael e Giovanni Ba-

(Conclui na pág. 45)

O Segrêdo

VERDADEIRAMENTE, era uma estranha em seu próprio quarto. Vinha do médico, um estranho também. Em caso de suspeita, deve-se buscar confirmação. Encontrara a sua — ia ser mãe.

A luz entrou com insolência pela janela, como se quisesse atirar-lhe à cara o descuido dos vinte anos pouco experientes. Fitou a rua, com vago mal-estar, sentindo-se pálida e fatigada.

Diante do espelho, daí a nada, passou a escovar com vigor os cabelos pretos e deixou-os soltos, amimando-lhe o pescoço. Neco, Neco, e agora? Observou-se inteira. Era toda um contorno bem definido, sem linhas imprecisas. Miúda embora, tinha mais de rochedo do que de nuvem. Então por que êsse acabrunhamento sem razão, (Sem razão? Bem que havia!), essa moleza de pensar, essa conduta nova, essa confusão na ordem geral das coisas? Puxou o vestido na cintura, procurando descobrir quanto tecido sobrava. Nada. Aderia-lhe ao corpo, sem permitir a folga de um centímetro. E ela, ingênua, que ainda outro dia tivera a idéia passageira de ajustá-lo, para ficar mais como Neco gostava... Era de sêda vermelha, pesada.

Cinco horas da tarde. «O verão vem aí», pensou. A essa hora, no inverno, o céu já tem horrível côr de chumbo. No inverno tôdas as coisas

adquirem côr de chumbo, as caras, os corpos, as casas. Teve vontade de chorar, como se realmente fôsse inverno. Sôzinha! Num momento crítico dêsses, em que a assustadora nova derruía o chão sob seus pés, em que o dia ia morrer sem lhe dar qualquer esperança, via-se só, sem Neco, sem ninguém da casa. Sentiu a boca irada, ao pronunciar «Ninguém» por meia dezena de vêzes. Isso era demais! Então uma filha não necessita da asa materna numa hora dessas? Mãe então é só para sorrisos ternos e condescendências frívolas e para dar presentes de aniversário, como ontem a sua lhe dera, e depois tomar um trem, sumir, desaparecer acenando, a fim de aproveitar um sol ainda abatido à beira-mar, como uma menina em férias?

Nem adiantava recorrer a Cláudia e Luíza. As ilustres manas e os respectivos maridos tinham lá tempo e gôsto, dentro de seus magníficos e egocêntricos mundos, de pensar, e logo em quem, na caçula tôla que sempre desdenhara advertências? E Neco? Bem, a atitude dêle, diante do fato, constituía o problema mais sério. Certo, dera-lhe o bracelete, no dia anterior, demonstrara-se carinhoso. — Mas devia sentir medo, como ela sentira, ao conhecer a grande verdade, a existência da prova efetiva, autêntica, de suas relações. «Êle não sabe ainda», refletiu, «felizmente». E, de um

certo modo, sentiu-se superior a êle. «Neco não sabe de coisa alguma, êle que conhece tudo, e eu sei. Tenho um segrêdo que ninguém ainda no mundo compartilha comigo».

Em dois minutos a picada de orgulho a abandonou. «O que êle soube foi admirar minha beleza, fazer-me versos. E agora...» E se despisse o vestido e o destruísse, para que Neco nunca mais lhe pusesse os olhos de fogo? E se vestisse aquêle generosamente decotado, para lhe despertar ciúme, e fôsse ao seu encontro na primeira esquina, dando-se ares de mulher friamente equilibrada e de uma indiferença jamais prevista, ante qualquer cataclismo?

Vontade havia para caminhar até a esquina, mas essa moleza... Além do que, ainda não era hora. O jeito, por enquanto, era meditar, refletir, se pudesse, sôbre a situação. De justo, o vestido vermelho parecia comprimir as idéias, sufocar qualquer movimento; mas, decidiu: não o tiraria. Quem sabe o vestia pela última vez...

Entrou um cheiro de fôlhas, pela janela, que aticou o mundo de suas lembranças. Primeiros dias do namôro... Líricos, amenos. — Mentiras jogadas aos outros, as dela à mãe, às irmãs, aos cunhados, e as dêle aos superiores da repartição. Neco chegara a pedir licença do serviço, pretextando funerais de parentas próximas e longínquas, ape-

IDA LEHNER DE ALMEIDA PASSOS

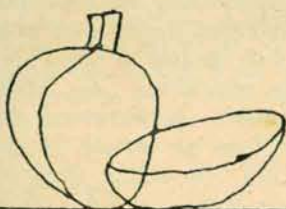
ilust. de Wilma Martins

nas para estar junto dela,
sentir o aroma de alfazema
de seu rosto, e entrelaçarem
as mãos, no jardim da praça.
Era o amor sem hora marcada,
sem refeições, sem palavras
prosaicas.

Suspirou, cheia de momen-
tos doces. De que adiantava?
O bronze da desilusão soara
nessa tarde, na voz do médico.
Implacável vida! E se Neco
mudasse? Teve medo. Não
andava menos quente, nos úl-
timos dias, o olhar dêle? Pa-
recia-lhe que sim. E se gelas-
se, se se tornasse como o de
algumas pessoas que conhe-
cia, como o de Frederico
depois que desfizera o namôro
com Laura, sua amiga?

Se sua mãe estivesse aqui...
Se pudesse enfiar seu nariz,
supostamente gelado, no colo
morno da mãe, para afugentar
êsses pensamentos... E

Mas devia sentir
medo ao
conhecer a grande
verdade, a
existência da
prova efetiva,
autêntica.



dizer-se que sua infância vivia ainda ontem, nos brindes de aniversário, na festinha dada aos íntimos...

La perder o vestido vermelho, o predileto de Neco, e outros mais, ganhando em compensação bochechas dilatadas, corpo balofo, narinas largas. Não, santo Deus, não! Deu um salto em direção ao espelho, desejando provar que seria impossível ocorrer transformação no corpo que ele refletia agora, no corpo cujos contornos ela desejaria limitar a essa imagem, a essa precisa imagem, nem um milímetro maior. Viu-se delgada, elegante no vestido vermelho, a cabeleira, negra no tampo, como uma fronde lustrosa de árvore cobrindo um belo tronco. Respirou, aliviada. Era ainda a mesma.

O de que necessitava era distração. Pensou em descer, palestrar com a cozinheira, falar de sua mãe, das instruções que deixara. E foi ficando no quarto, estirada na cama, folheando revistas de modas, de cinema, primeiro com desinteresse, depois com atenção e afinal com sono. Cochi-lou.

De um receptor distante, quando despertou, vinha uma Ave-Maria como que do céu. Seis horas. Dezoito, como Neco queria que dissesse, para não confundir. Agora, sim, desceria. Ele apareceria logo, tinha certeza.

A sala tinha algo de acolhedor. Tinha ainda o sinal de sua mãe, a marca de seus dedos ordeiros, depois do pequeno caos da véspera. Festas dão sempre nisso. Mas não se cansava, a Mamãe. Deixara todas as coisas em seu lugar e ainda tivera ânimo para ma-druguar e partir para Santos. Que saudade sentia dela, agora. Como fora injusta nas censuras de há pouco...

Animou-se. Ali estava a porta que dava para o jardim.



Quando ouvisse os passos de Neco, correria ao portão e o abraçaria, chorando descontroladamente, sem o equilíbrio emocional que pretendia afetar. Mas não, não, isso estragaria tudo. Pensando bem, as lágrimas deveriam correr com mansidão, sem estardalhaço. E somente o deixaria conhecer a situação depois de uma longa série de enigmas, de ataques e de recuos. Embaraça-lo-ia. Então não era ele o responsável? Não fora inconseqüente, egoísta? e não o estaria sendo agora? Nova ferroadada lhe deu a vespa da desconfiança.

Poderia jurar que nesse preciso instante Neco nem sequer se lembrava de sua existência. Estaria no aperitivo, em risos, com os amigos sabidos, que tinham por hábito fitar mulheres, todas as que passassem, da cabeça aos pés. Olhares de avaliação, olhares de ourives a examinar gemas. Talvez nesse mesmo instante... Não, não, Neco não seria capaz. Ele não.

A atmosfera ficou mais tênue. Começou a ventar. Afastou as cortinas, abriu a janela da frente. Logo, logo seria noite. Como os pés de Neco voavam nos primeiros tempos... E nem sinal dele, ainda. Com receio de ser tomada outra vez daquele desamparo, foi até a estante de livros,

decidida a ler, se preciso fosse, e então viu o pacote.

Súbita e irreprimível vontade de soltar uma gargalhada a tomou. E o riso veio sonoro, desse que se assemelha a cascata rolando, cuspidando espumas brancas. Vieram-lhe até lágrimas aos olhos.

Acusara Neco de indifferente, de injusto. Pois o que significava aquele embrulho amarelo, retangular, bem feito, que ele lhe entregara na véspera, diante de todos, juntamente com o pequeno embrulho do bracelete, mas que pedira para abrir quando ela estivesse a sós, no dia seguinte? e só agora, tantas horas passadas, e porque o acaso a ajudara, é que dera pela sua presença. Afogou-se-lhe o rosto, tornou-se trêmula. «Afinal», justificou-se, o «susto por que passei, as horas de agonia...»

E se Neco chegasse nesse instante? Num alvoroço, puxou o fitilho, a custo desfez-lhe o nó, amarrotou o papel amarelo da embalagem e viu que o presente era um livro.

Leu o título, o autor, a página de rosto, que continha a dedicatória e sentou-se mansamente no sofá amplo, à espera de Neco. O livro deixou estar no regaço palpitante e ela mesma permaneceu firme, à espera dele, de Neco, o medo perdido, a angústia perdida. Dentro de si, pela primeira vez, sentia o crepitar da idéia magnífica da criação. Nenhuma importância tinha já o fato de ter de perder o vestido vermelho dentro de pouco tempo, e todos os vestidos que tivesse. Os homens, afinal, não são todos irresponsáveis. Não pelo menos, Neco, o seu marido, que ela estava esperando para o jantar. Pois não dizia o livro, na dedicatória: «Do futuro papai, à esposa bem-amada», e, em letra impressa, no título: «Seu bebê vem aí»?

Os Jogos Olímpicos de 1960 em Roma

Conclusão da pág. 41

tista de darem forma à Vila que serviria de residência do Papa Leon X. O tempo incumbiu-se de destruir o que com tanto sacrifício fôra executado, restando, exclusivamente, algumas colunas e poucas decorações impecáveis da hoje chamada *Vila Madama*.

E' bela e bem cuidada a área onde se localiza o Fóro Itálico.

Em 1928, sob a orientação do grande estadista Benito Mussolini, foram iniciadas inúmeras construções. Mais tarde, para as olimpíadas que se realizariam em 1944, o *Stadio dei Cipressi* foi construído. A guerra interrompeu as obras, para em dezembro de 1950 serem reiniciadas, modificando-se grandemente o projeto, fazendo do Estádio Olímpico uma das mais completas obras de todo o mundo, no gênero, dadas as suas características especiais.

ESTADIO DEI MARMII

O valor de cada obra de escultura que figura no majestoso *Estádio dei Marmi* é inestimável. A pedra branca de Carrara faz surpreendente contraste com a configuração do Monte Mario onde a verdejante vegetação empresta à paisagem esplendente visão de conjunto.

São arquivancadas também de mármore, talhadas em enormes blocos que lhe dão um aspecto de nobreza, o que justifica o bem escolhido nome. Seu estilo severamente arquitetural o faz semelhante aos estádios gregos, apesar dos italianos pretenderem admiti-lo como obra de classicismo romano. A bela série de 60 estátuas de tamanho enorme, talvez seja o motivo que os anime a compará-lo às igualmente majestosas obras da era romana.

A capacidade do *Estadio dei Marmi* é de 20.000 espectadores para uma área de 5.000 m². As estátuas que representam todos os esportes, medem 4 metros de altura e estão montadas em bases cilíndricas de 2 metros de diâmetro e 1,20 de alto. Junto ao Estádio estão situados os vários serviços constantes de salas de estar, vestir, comedor, etc., localizados em magníficos e modernos prédios. Há uma pista gramada medindo 203 metros de comprimento por 83 de largura. A de corrida mede 400 metros de comprimento, podendo ser utilizada para as eliminatórias de "hockey". Destaca-se do conjunto o moderno subterrâneo adrede preparado, que liga um estádio a outro, e que serve para

exercícios que ativam a circulação e promovem o aquecimento dos atletas antes de cada prova.

Está em construção uma área para treinamentos de lançamento de pesos, discos, etc., ao lado do *Estadio dei Marmi*.

O PALÁCIO DO ESPORTE

Destaca-se de todo o conjunto o *Palácio do Esporte*, em vias de conclusão. Tem forma circular, belíssima cúpula e pode ser considerado como uma das maiores obras arquitetônicas modernas. Seus arquitetos pertencem à C.O.N.I., organização de "experts" em matéria esportiva. Está localizado entre dois braços da ampla Av. Cristóvão Colombo que liga a Cidade a um novo bairro, onde se alinham um sem número de prédios de apartamentos. E' realmente, uma obra de fôlego, imponência e originalidade, toda coberta de vidro, destacando-se o avançado muro de vidro que circunda todo o palácio. Seu interior não servirá somente para a prática de box, ginástica, basquete e volei, mas também para representações artísticas, culturais e recreativas. Possui também um amplo auditório para outros fins. Salas de recepção, ginásiums, secretarias, etc., fazem do *Palácio do Esporte* o ponto de maior atração turística da "EUR". E, para coroar as múltiplas finalidades do majestoso *Palácio*, uma galeria de proporções excepcionais em estilo igualmente moderno, servirá para mostras de pintura, escultura, etc. Do piso ao cume da cúpula, o *Palácio do Esporte* mede 32,50. Seu diâmetro externo é de 112 metros e o interno de 100 metros. Sua capacidade calculada para 16.000 espectadores será suficiente para abrigar os aficionados das provas esportivas que ali serão disputadas. Uma área de 11.500 m² e um espaço cúbico de 2.800 m³ ocupada pelo *Palácio do Esporte*, dá ensejo à instalação de 25 enormes salas de vestir, completamente equipadas com chuveiros, duchas diversas, etc. Não se pode olvidar a magnífica instalação de ar condicionado que obedece à mais completa técnica moderna.

ATIVIDADES PRÉ-OLÍMPICAS

As organizações esportivas de Roma, aprestam-se para os jogos de agosto. Os treinos intensos apontarão aos dirigentes aqueles que representarão as cores da Itália.

ALTEROSA, teve oportunidade de assistir a muitos desses exercícios, focalizando nestas páginas instantâneos sugestivos.

VARIZES

Tratamento sem operação e sem injeções

Após longos estudos foi descoberto um ótimo remédio para tratamento das varizes (nas pernas). Use na dose de 3 colheres (das de chá) ao dia em água açucarada e fricção a pomada no local. As pernas readquirem seu estado normal e a beleza estética. **USE DURANTE 3 MESES.** Para hemorroidas (mamilos externos e internos) inclusive os que sangram usa-se a pomada no local e toma-se juntamente o líquido. Com este tratamento em pouco tempo poderão ser debelados tais males.

NAS FARMACIAS E DROGARIAS

HEMO-VIRTUS

POMADA E LÍQUIDO

Limpeza da pele em casa



Agora em sua casa num minuto apenas, antes de deitar-se, faça a mais completa limpeza de pele com **CRAVOSAN!**

Penetrando profundamente nos poros - **Cravosan** dissolve as impurezas e manchas da pele; remove pó, gorduras, e elimina rugas, cravos, sardas e espinhas. **Cravosan** - limpa - suaviza e amacia.

CRAVOSAN

remove a maquiagem
Formula original do Instituto de beleza
"Guillon" de Paris.
NAs FARMACIAS E PERFUMARIAS

DR. JOSÉ CHIABI

**Clínica e cirurgia de
Ouvindo, Nariz e Garganta**

☆

Edif. Banco Crédito Real —
13.º pav. — Sala 1302 — Rua
Espírito Santo, 495 — Telefone:
ne : 4-4040

CLÍNICA HOMEOPÁTICA

Dr. J. Schembri

Adultos e Crianças

☆

Av. Afonso Pena, 526 — Edifício
Mariana, 8º andar — Das 15 às 18
horas — Fone: 4-1791 — Residência:
cia : 4-5965.

A morte espreitava o dentista

O CRIME QUE ABALOU FORMIGA

ROGÉRIO MACHADO

(Ex-Chefe da Polícia de Minas Gerais)

Ilust. de Jarbas

NA ligeira passagem por Patos, cidade encostada ao oeste mineiro, via de acesso ao distante Paracatu, e a Patrocínio, o delito parecia em férias... Município de terras férteis, acomodando um povo ordeiro, exceto pequenos fatos triviais, era mínimo o movimento carcerário, que naturalmente teria crescido com a população.

Durante meia dúzia de meses, apenas um homicídio: do desentendimento entre dois camaradas, meeiros duma fazenda, resultara a morte de um deles.

O corpo ia ser enterrado no cemitério da cidade, com as formalidades costumeiras, quando uma denúncia justificou o adiamento da inumação. Dois médicos, funcionando como peritos, constataram no exame cadavérico, a materialidade de um crime: impunha-se investigar sua autoria. Problema banal à primeira vista, dado o número dos que acompanhavam o corpo tornou-se difícil, visto que ninguém sabia de cousa alguma.

Considerando a astúcia dos roceiros, que sempre procuram fugir à responsabilidade de crimes em que se achem envolvidos, compreende-se o velho recurso do sal de glauber, do óleo de ricino, ou de banho de sabre, obrigando-os à narrativa do fato, que procuram encobrir.

As autoridades policiais, esparamadas por esses municípios afora, não levam a sério os métodos modernos de laboratórios técnicos, porquanto, muitas vezes, não dispõem de dois médicos para um laudo pericial. Não havendo testemunhas, nem dispondo de provas circunstanciais, recorrem mesmo à prata da casa, e haja sabres para

"abertura-de-livros", porquanto, precisam dar conta do recado...

Certo representante da lei, ao tempo exercendo funções policiais em município vizinho, e que se tornara respeitado pelas suas atitudes violentas, dizia-se sabedor de um meio sensacional para obter confissões, que consistia em introduzir fibras de bambu, por baixo das unhas do interrogado. Muito mais prático que detentores, porquanto, após tal terapêutica, não haveria, por certo, nenhum crime, em torno do qual não se fizesse luz...

Tal filigrana de suplicio chinês, foi superada pelo moderno "pau-de-arara" muito em voga em certas capitais, ciosas de uma polícia moderna e atualizada pelos administradores do dia.

Em 21 de novembro de 1921, outra transferência, desta vez para Formiga, no oeste mineiro: "globe-trotter" caminhando pelas comunas, Código Penal às mãos, einos a assumir novo posto, na verdade, de lutas inglórias e inúteis.

Logo à entrada, ao descer da estação, um bem tratado jardim, na mesma linha de um outro, no centro urbano, denotava que existia um administrador realizando alguma coisa em prol da cidade. De fato, Newton Ferreira Pires, chefe do Executivo Municipal, sabia cuidar de sua comuna, trazendo-a bem tratada. Dedicava ao município particular atenção, administrando com lisura: por isto mesmo, morreu em pleno ostracismo, que o mundo é dos fanfarradores...

Servida por duas linhas férreas, a "Oeste de Minas" e a "Goiás", depois reunidas à R.M.V., era o ponto de convergência dos

cometas da Capital, Rio e São Paulo, a caminho do sertão, e dos boiadeiros, em trânsito para os centros mais adiantados.

Todos se retinham, prazeiramente, permanecendo dias consecutivos na cidade, atraídos pela vida noturna do "Ponto-Chique" e do "Dia e Noite", onde se divertiam até alta madrugada, pelos encantos da famosa rua Santo Antônio, com as suas pensões alegres... Com importante comércio, indústrias, charqueadas, e o celeiro das matas dos Pains, Formiga podia ser classificada entre os mais importantes municípios do Estado.

A delegacia era movimentada, não faltando, habitualmente, atendidos à propriedade e outros crimes, inclusive homicídios, trazendo a cadeia lotada de correccionais, que se revezavam em consequência de um constante serviço preventivo.

Dias depois de chegarmos, tivemos conhecimento de tenebroso crime que abalara a opinião pela importância social dos partícipes.

Odontólogo carioca, já com dois ou três anos de residência na cidade, escolhida para clinicar, fôra procurado por uma senhora casada, filha de rico fazendeiro, membro do diretório do P. R. M. local. Terminados os serviços, teria feito elogios aos trabalhos que prestara à cliente, talvez em termos levianos, avançando o sinal das conveniências...

Nunca se soube, ao certo, o que se teria passado. Afirmava-se que o profissional, gabando seus trabalhos dentários, não tivera nenhuma intenção maldosa, senão pelo exagêro de um molequinho, que o espreitava propositadamente, denunciando-o ao patrão, a seu modo. Pessoas esclarecidas infor-



mam, entretanto, que o marido teria encontrado a esposa chorando, daí deduzindo que o profissional incorrera em falta grave... Convocada a família, reunidos pai, espôso, cunhados e irmãos, concertaram o delito, embora um deles houvesse objetivado, com sensatez, que o caso poderia ser solucionado com uma boa "biabada" ao galanteador.

A concepção de honra de família, naqueles tempos, era rigorosa; não admitia restrições, e daí a sentença de morte inapelável. Premeditado o delito, armaram a trincheira da morte num capão, à beira da estrada, em "Moita-Fria", distante alguns quilômetros da cidade, assentando-se que o chefe da clã atrairia a vítima.

E assim foi feito.

Convocado para uma "caçada" e combinado o dia, lá se foi a vítima, que antes fizera entrega de sua espingarda, cautelosamente solicitada pelo anfitrião. Ao passar pelo ponto referido, recebeu tremenda descarga de carabina, morrendo instantaneamente.

O crime abalou a cidade, porquanto a vítima era benquista, e sua casa logo se encheu de amigos que iam levar pêsames à viúva, não faltando o velho fazendeiro, o mesmo que acordara sobre a trama, e fôra o autor do convite à "caçada", que não se atraçou ao acompanhar os despojos ao túmulo e assistir à missa de 7º dia.

— Bom moço — repetia êle, cumpridamente, à viúva.

Depois de enfrontada sobre os antecedentes do caso, indicação dos nomes das pessoas que podiam ser ouvidas, e com o "croquis" do local, a Chefia de Polícia comissionou um militar para a feitura do inquérito. E, em determinada manhã, no seu uniforme cáqui, apresentou-se o emissário, chefiando aguerrida caravana, composta de dois investigadores, um dos quais, seu escrivão "ad-hoc", e uma dezena de praças, com os seus fuzis.

Sem tardanças, iniciaram-se as diligências às fazendas dos indigitados, não sem aparato, "et pour cause", sob os olhares dos curiosos, inclusive dos comentadores de novidades, que se reuniam nas principais farmácias: a do João Vaz e a do prof. Antônio Leite, duas personalidades de escol e grande prestígio.

Decretada a prisão dos culpados, foram, às pressas, transferidos para outras enxovias os presos que ocupavam o compartimento, carregando seus desengonçados catres, baús e bugigangas.

Mais tarde, os novos hóspedes davam entrada solene, ocupando o

cômodo que lhes fôra destinado. A cadeia, então, se transformou num poderoso Banco, eis que abrigava milhares de contos de réis: os fazendeiros eram milionários, e por isto, talvez, não tardou a via-sacra dos maiores, empertigados nos seus colarinhos duros.

A hora do jantar, e à noite, o panorama era mais alegre porque o momento dos "comes e bebes", traduzidos em magníficos bródios, com a presença obrigatória do leitão, peru com farofa, regados a vinhos de boa procedência, com frutas, doces e charutos: o carcereiro e os guardas jamais conheceram tamanha fartura... Entre as visitas infalíveis, anotavam-se as das autoridades, advogados, médicos, negociantes: a fina flor social, inclusive, o delegado e seu invicto escrivão, exímio num "baratino", e na especializada maneira de "achacar"... Tempo que deixou saudades: a "grana" corria "à la gordacha", espalhada por todos os cantos, e só não se "defendia", quem não o quisesse.

Delegado, escrivão e demais componentes da caravana, que, de início pareciam tão arrogantes e belicosos, como por encanto, tornaram-se afáveis e comunicativos, e, onde chegavam, iam inspirando confiança aos que deles se aproximavam: "gente boa", diziam.

Em pouco tempo, porém, tudo se esclareceu: os coronéis, após uma conversinha amiga com o escrivão, explicaram-se que foi uma beleza, cotizando-se, generosamente, com muita "grana", de modo que ninguém ficou esquecido... O carcereiro sempre carrancudo e mal-humorado, passou a rir à-toa, como um pateta-alegre e, logo depois, arrumou seu barracão.

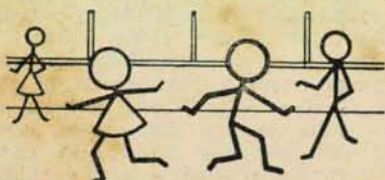
A euforia era geral: o banco começara a emitir...

O bronze sonante é o argumento para a boa vontade, e o viático que transforma os carrancudos em sorridentes, prontos a cooperar.

A farra, porém, haveria de sofrer pequeno hiato: chamado à Capital, viajaram as briosas e honestas autoridades, e, então, fecharam-se, automaticamente, as grades do xadrez, que a lei, sendo igual para todos, assim devia ser observada: para os desprotegidos e, também, para os chefões...

Dêste modo, restauraram-se a disciplina e a moralidade, observando-se, honestamente, o regulamento das cadeias, e assim foram-se as alegres champanhotas. A grita, porém, não se fez esperar: mexeram-se os advogados, tocados de santa indignação, quase sempre omissa ante às injustiças dos poderosos contra os desvalidos. Reuniu-se o diretório político,

NÃO PERCA TEMPO...



...com o pagamento de seus impostos municipais. Faça seus pagamentos em nossos «guichets», assim você não perderá tempo, e ainda ganhará 2% de desconto como bonificação.

**BANCO MINEIRO
DA PRODUÇÃO, S.A.**

MATRIZ:

Praça Sete de Setembro

AGÊNCIAS:

Tupinambás
Rua Tupinambás, 749

Tupis
Rua Tupis, 303

Caetés
Rua Espírito Santo, 292

BELO HORIZONTE



Aspecto parcial da florescente cidade de Formiga, no Oeste Mineiro.

O crime de Formiga

exigindo que os presos gozassem do privilégio antigo de sala livre. A pressão era geral: o ambiente apavoraria os tímidos...

Apelando-se para a autoridade superior, disse ela: — “Não bastam alegações. É necessário apresentar patente instruindo com ela requerimento para ser posto sala livre. Caso seja apresentada, devem obter cômodo no Fórum, ou na Câmara Municipal e se, não conseguir poderão presos ficar no Quartel, ou no Corpo da Guarda em falta de outro local”. (Telegrama de 25-12-23, assinado pelo Chefe de Polícia A. S.).

A recomendação da Chefia de Polícia veio confirmar nosso ponto de vista: somente após a apresentação de uma patente da antiga Guarda Nacional, é que foram abertas as grades da enxovia onde se achavam os senhores poderosos.

Vêzo cediço o de se fazerem leis para não serem cumpridas, dando oportunidade à prevaricação dos que mercadejam com os cargos. Grande mentira o dogma de que “todos são iguais perante a lei”: a divisão social cada vez mais se acentua. Por ventura são condenados e recolhidos às penitenciárias, os grande tubarões que se locupletam com a miséria do povo? Os criminosos endinheirados? Os

que subornam e prevaricam? As exceções o comprovam. Os privilegiados gozam de prerrogativas, não extensivas aos párias. Por que não fazer logo as restrições? Seria mais honesto o reconhecimento de classes e castas, que as há, tornando desnecessário o agressivo — “sabe com quem está falando”?...

O rigor da lei haveria de perdurar por pouco tempo, visto que fôra acelerado o processo e, logo em seguida ao sumário de culpa, pronúncia, libelos e o júri, com dia marcado para o julgamento: tudo em mínimo espaço de tempo. O júri constituiu acontecimento festivo: a sala de julgamento encheu-se de amigos. Os defensores pareciam mais atentos e solícitos, como que fixando nos acusados, o bezerro de ouro, ou melhor — o “cofre das graças”, na verdade, força capaz de remover dificuldades, transformando o preto em branco.

Lida a denúncia e demais peças do processo, no impedimento do representante do M. P. da comarca, o desditoso A. Segundo de Magalhães, que se finou no Instituto Raul Soares, foi dada a palavra ao promotor de justiça de Lavras, o bravo e impoluto Luiz Duque da Rocha, terrível no seu libelo e ora-

dor primoroso : sua acusação foi sensacional. A infeliz aparte de um dos advogados, alegando que sendo coronel um dos acusados, assim devia ser tratado, provocou incontinente revide do representante da justiça pública replicando que "não reconhecia tal título a quem não era capaz de corresponder, com acerto, à continência dum bisonho recruta", denominando o acusado de "coronel de bobagem"...

O promotor avolumara-se na tribuna, pregando que a "lei sendo para todos os plebeus, deveria ser também extensiva aos cartolas e coronéis". E, nesse diapasão, empolgou por mais de três horas.

Em seguida, os advogados-defensores esgotaram o estoque do louvor : cada qual (todos os causídicos da comarca foram contratados), queria superar o companheiro no incenso exagerado. Um mais atirado à demagogia condoreira, referiu-se aos atos de benemerência pública atribuídos a um dos acusados, sem enumerar fatos concretos, primando pelo amor à bolada a que estava fazendo jus. Quando as absolvições foram anunciadas, a madrugada vinha chegando : enquanto que os abraços não acabavam e o júbilo se tornara contagiante. O foguetório espoucava, e nos cabarês os músicos das orquestras pareciam mais entusiasmados, com o estouro da champanha : verdadeira consagração a heróis, cobertos de glória.

Certas absolvições do júri popular, o "jogo-de-bicho", e a corrupção nacional, constituem realidades firmadas...

Ainda na manhã do pronunciamento do tribunal popular, a viúva e as órfãs, deixavam a cidade, pelo trem da carreira, levando a amargura da desgraça. E no abandono dos amigos que lhe levaram pesames, os mesmos que ovacionavam os homicidas, voltou-se para a falibilidade da justiça dos homens, suas fraquezas e hipocrisias.

Tempos após, um motorista de costas-quentes, rebelde à observação de preceitos legais, tornara-se instrumento dos que transformam casos policiais em intransigência política. Não cedendo a achincalhes, preferimos a exoneração, vindo a talhe o insolúvel problema de transferências de delegados de polícia.

A bem da correção administrativa, os governos haveriam de colocar acima de interesses campanários, o imperativo de um aparelhamento policial respeitável, intangível a caprichos mesquinhos. Nesse sentido, por que não assegurar em suas funções os prepostos honestos, garantindo-os

(Concui na pág. 140)

Ela pensa que sabe tudo!



VOCE ANDA SE COMPORTANDO TAO MAL, RUY... SERA PORQUE SEU IRMAO E EU BRIGAMOS?

NÃO É BEM ISSO... É QUE A SRA. NÃO SABE QUE A BRIGA FOI POR CAUSA DO SEU MAU HÁLITO! É BOM CONSULTAR O DENTISTA!

RECOMENDO COLGATE QUE É UM CREME DENTAL DE BOA QUALIDADE, E QUE USADO LOGO APÓS AS REFEIÇÕES PERFUMA O HÁLITO, LIMPA E PROTEGE OS DENTES E AJUDA A EVITAR A CÁRIE!

EXPERIÊNCIAS CIENTÍFICAS PROVAM QUE, EM 7 ENTRE 10 CASOS, COLGATE ELIMINA INSTANTÂNEAMENTE O MAU HÁLITO QUE SE ORIGINA NA BÓCA!

FORMIDÁVEL... COLGATE LIMPA, DEIXANDO OS DENTES ALVOS E BRILHANTES... O HÁLITO PURO E PERFUMADO!

COLGATE FOI A SOLUÇÃO PARA A RECONCILIAÇÃO!

CREME DENTAL

COLGATE

limpa e embeleza os dentes - combate o mau hálito e ajuda a evitar a cárie!

COLGATE é o Creme Dental da mais pura qualidade que existe. Sua espuma ativa e penetrante, destrói as bactérias e ácidos causadores da cárie e do mau hálito. Pelos resultados positivos que oferece para a saúde dos dentes e a higiene da boca, COLGATE é o creme dental preferido por milhões de pessoas no mundo inteiro!



Que sabor gostoso tem COLGATE!

Os mais belos sorrisos são SORRISOS COLGATE

Cenas como estas já não impressionam os transeuntes apressados que se dirigem para os próprios trabalhos.

O LADO HUMILDE DE SÃO PAULO

Reportagem de
M. A. CAMACHO

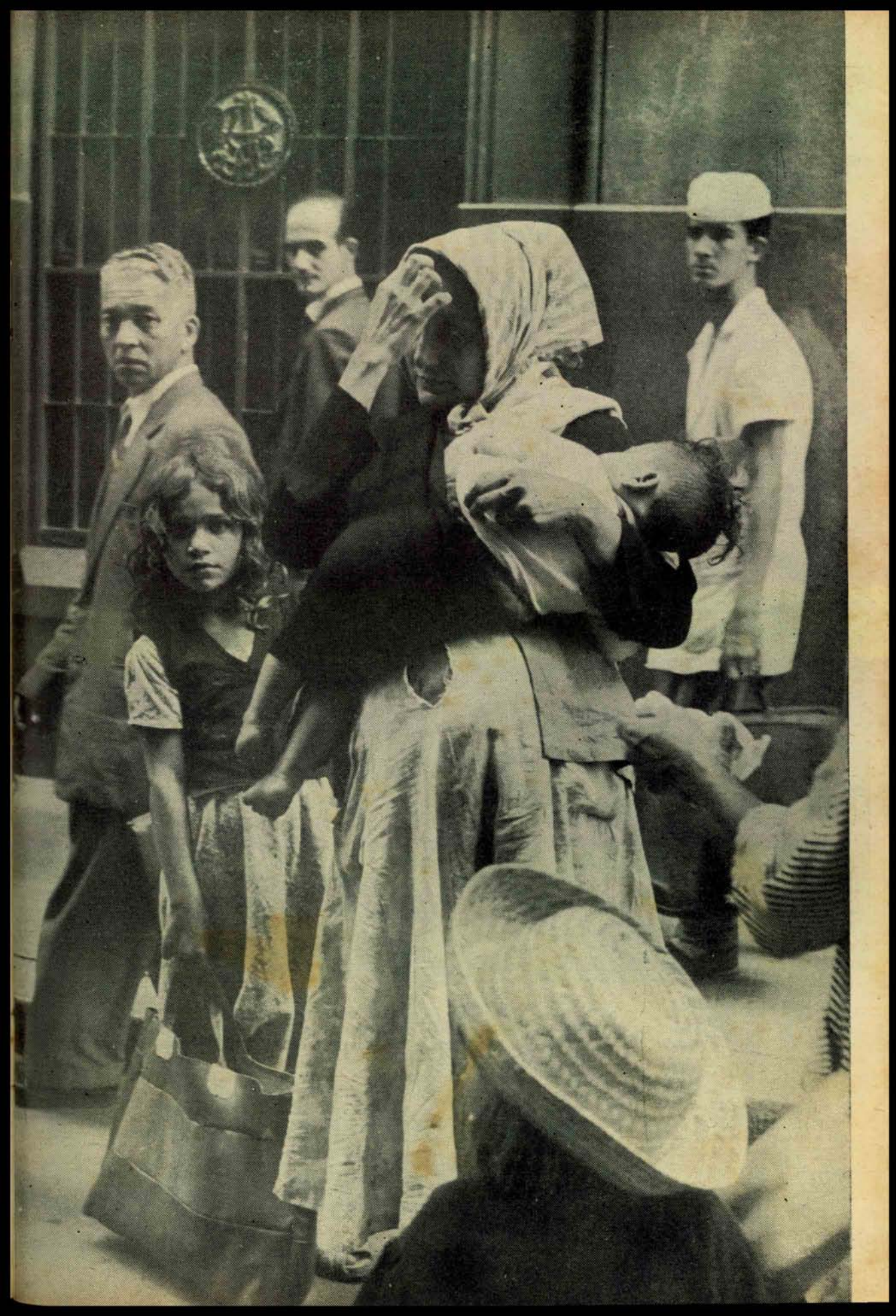
NA desnordeante corrida do ouro paulista, o lado humilde da cidade oferece uma lição de força de vontade, heroísmo e fé nos destinos da nação. É interessante notar que o lado modesto não é constituído somente por brasileiros, mas por pessoas de muitas raças, nacionalidades e religiões diferentes. Tem havido um verdadeiro êxodo de todos os Estados da Federação para São Paulo, mas tem havido também imigração em massa de quase todos os países do mundo. Os aviões, transatlânticos e demais meios de

Este rapazinho já tem pesada responsabilidade sobre os ombros. De seu humilde lucro depende a refeição de irmãos menores e da velha mãe paralítica.



Criatura lendária no Viaduto do Chá, este velhinho vive há muito tempo de vender resumos bíblicos para a American Bible Society, de Nova Iorque.







Este cidadão apregoa que vende tesouras mágicas que cortam de tudo. Certo ou não, ele procura construir o alicerce de sua própria vida. Não será de estranhar que apareça andando de Cadillac no futuro, porque o mercado da cidade é realmente fenomenal.

O homem que transporta a tabuleta está contente com sua profissão. Tem ganho dinheiro e está estudando montagem de televisão, à noite.



O LADO HUMILDE...

transportes despejam aqui gente de todo lado, e este milagre brasileiro que é São Paulo recebe todos de braços abertos, oferecendo trabalho, riqueza e amor àqueles que procuram esta terra.

No primeiro ano, aqueles que chegam sofrem um bocado, não por culpa da cidade, mas por culpa deles mesmos, pois que erram nos costumes, leis, conduções e até na carreira que escolheram. Muitos não se adaptam à vida metódica e disciplinada de um trabalho duro,

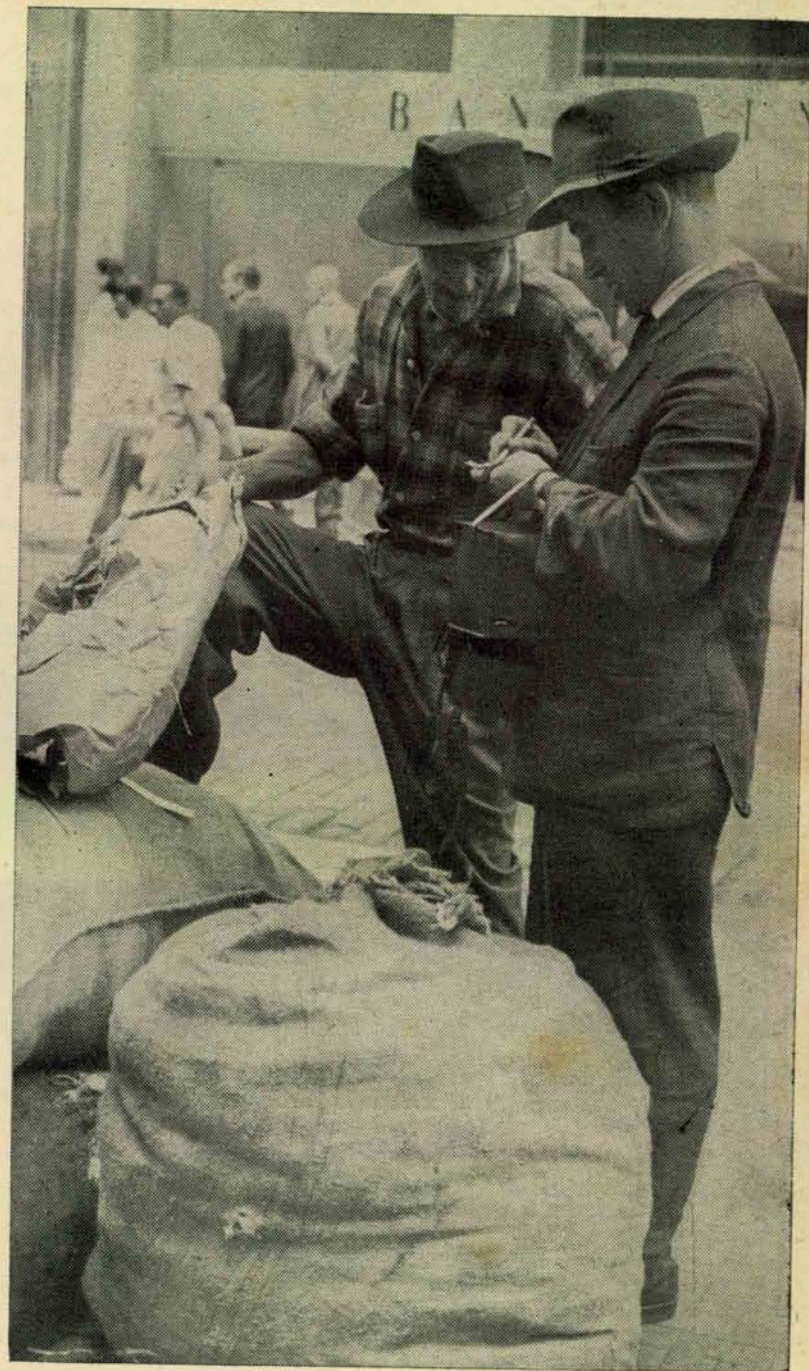
e descambam para o meretrício e para a malandragem. A maioria, porém, vai-se integrando, ambientando, adquirindo a própria personalidade captando o "modus-vivendi", e dentro em pouco o que se vê são novas famílias com casa própria, televisão, fogão a gás, móveis confortáveis e roupas decentes.

Uma família numerosa, aqui, com todos os seus membros trabalhando honestamente naquilo que gostam, faz fortuna. A fortuna tem

Este cidadão paranaense confessa ao repórter que o negócio de catar papel não é tão ruim como julgam e que com ele está sustentando uma esposa com seis filhos menores. E aponta cifras, confirmando o o que diz.

de ser feita com renda, não com miséria, porque a cidade não comporta uma economia tipo "pé-de-meia". São tantas as coisas boas postas à venda, são tantas as tentações, que todos passam a viver decentemente. Aliás, esse é o orgulho dos paulistas: casa e vida decente, embora com trabalho duro. Em cidades como esta é que se pode meditar sobre o banquete do rico citado na parábola de Cristo. Sêres que se arrastam, heróis anônimos, verdadeiros párias no mais exato significado da palavra, assistem cá de fora, às vezes implorando migalhas, à festa da vida oferecida pelos ricos. Mas sabem perfeitamente que são eles, os humildes, que ajudam a construir as imensas fortunas que dia a dia mais se agigantam e erguem chaminés, fazendas que são verdadeiras fábulas, arranha-céus e empresas de renome internacional. Batalham árduamente para ganhar uma humilde refeição, enquanto os beirados pela fortuna gastam sorrindo 20 milhões em uma simples tarde de corrida de cavalos. Mas, em busca da fortuna, do amor e da glória, procuram descobrir um meio engenhoso de progredir.

Com a inteligência aguçada pela fome, o imigrante procura o melhor meio de defesa: os mais idosos abraçam trabalhos ingratos, enquanto a mocidade estuda e procura evoluir. Há o indivíduo que se conformou em carregar pelas ruas uma tabuleta publicitária. Seu serviço é escalado por uma espécie de mentor. Começa às seis da manhã e vai até a entrada da noite. O heróico jornalista, sem banca e sem ponto, troca diálogos com o pequeno engraxate de caixinha portátil. Ambos são companheiros de

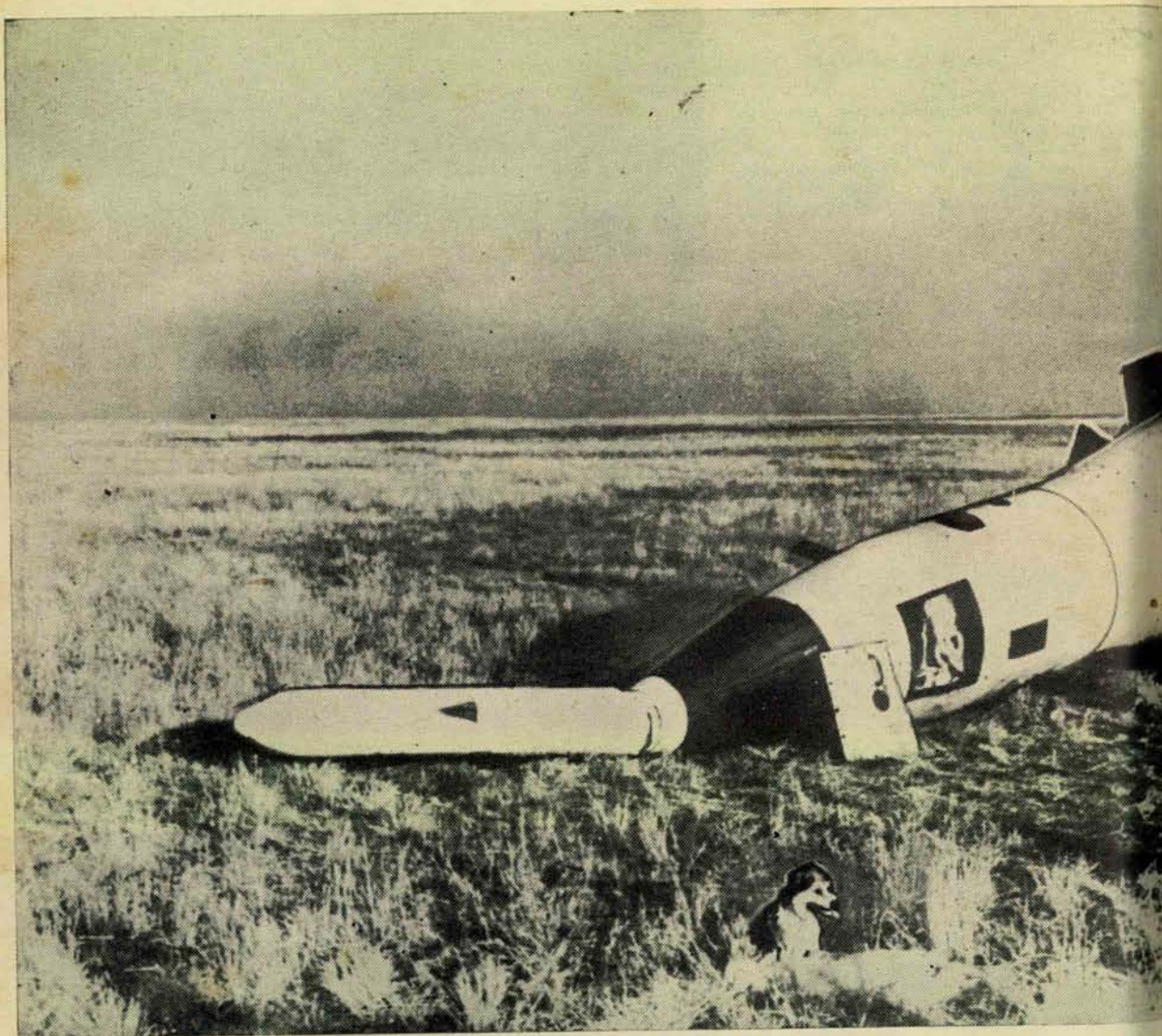


infortúnio, por isso se completam e se compreendem. Falam a mesma linguagem, comem a mesma comida, passam pelos mesmos maus momentos, formando assim um par harmônico.

O livreiro sem prateleiras, que espalha os livros na calçada, tem o orgulho de estar vendendo cultura e assim cooperando para a grandeza da pátria. Mendigar, nas calçadas, não está dando camisa a ninguém. O povo já não usa dar esmolas na rua e esses desventu-

rados estão passando por uma crise caótica. E' que o negócio ficou estragado. Aventureiros mal olhados pelo povo chegaram a fundar até um sindicato de mendigos e a coisa deu sururu na polícia, com manchetes na imprensa. O povo então aprendeu a dizer que pedem na rua por vadiagem e os verdadeiros miseráveis, que realmente necessitam, estão passando fome, frio e vergonha por falta de roupa. Mulheres de cor pardacenta, com fi-

(Conclui na pág. 128)



O PROBLEMA da evolução das estrelas faz tempo que tem ocupado os homens de ciência. O passado e, particularmente, o futuro da estrela mais próxima de nós, o Sol, tem uma relação direta com o destino da humanidade, já que o Sol é a fonte de toda a vida na Terra. A história do Sol tem determinado a história do nosso planeta. Para poder estudar a origem e desenvolvimento da Terra e de outros planetas do sistema solar, é necessário, em primeiro termo, conhecer como se formou e como se foi modificando durante sua existência o nosso astro do dia.

Mas o Sol não é só a estrela mais próxima de nós. É também o protótipo da categoria de estrelas mais difundidas em nosso sistema sideral, a Via-Láctea. Estrelas como o Sol, há por milhões.

Estudando a estrutura e a evolução do Sol, investigamos ao mesmo tempo a natureza física de muitas estrelas com ele parecidas.

Estudar essa evolução não é entretanto, coisa fácil, pois o telescópio mais potente, pode atingir, tão só, a capa exterior — atmosfera — das estrelas. Os processos mais importantes que determinam as suas transformações no decurso do tempo, têm lugar em suas partes centrais ocultas para nós. Aqui, por exemplo, é sabido que a fonte de energia do Sol e das estrelas é constituída pelas reações termonucleares. O Sol e as estrelas irradiam constantemente uma quantidade enorme de luz e calor ao espaço que os rodeia, porque os átomos de hidrogênio se transformam em suas entranhas em núcleos de hélio. Devido a isto, liberta-se uma

certa parte da energia que encerram em si os núcleos dos átomos.

Por conseguinte, com o transcurso do tempo, têm lugar nas estrelas mutações completamente determinadas: diminui a quantidade de hidrogênio que contém e, pelo contrário, aumenta a quantidade de hélio. Deste modo, muda constantemente a estrutura das estrelas, isto é, a distribuição das características físicas de temperatura e densidade da superfície para o interior; o estado de equilíbrio em suas profundidades; a quantidade de energia irradiada. E estas mutações internas influem por sua vez no "aspecto exterior" das estrelas. Uma estrela de qualquer tipo determinado, com o transcurso do tempo, muda, convertendo-se em uma estrela com outros sintomas exteriores.

Tôdas estas mutações, que ca-

A VIDA DAS ESTRÊLAS

ALA MASEVICH

(Vice-Presidente do Conselho
Astronômico da URSS)

FOTOS de

A. BALKOUDI e M. OZERSKY

O foguete **Container**, que levou aparelhos e animais para a experiência, depois de seu lançamento, com êxito, a uma altura de 212 quilômetros. No primeiro plano, pode-se observar a cachorrinha Módnitsa, logo após o voo.

racterizam a evolução das estrêlas, transcorrem com grande lentidão. Assim por exemplo, o Sol, durante toda sua existência (pelo menos 400 milhões de anos) consumiu tão-somente perto de 10% das suas reservas de hidrogênio e tem mudado tão sumamente pouco, que isto não se refletiu no desenvolvimento da vida na Terra, a qual, convém salientar, é muito sensível às oscilações do regime de calor. A quantidade de hidrogênio que fica no Sol é suficiente para dezenas de bilhões de anos, durante os quais continuará irradiando energia praticamente igual a que nos manda agora.

O exemplo citado demonstra que para seguir as mutações das estrêlas do tipo do Sol não é bastante a vida de uma pessoa, tornando-se necessária a observação de muitas gerações. Isto dificulta,

em grande medida, as pesquisas sobre a evolução das estrêlas.

Existem, porém, estrêlas nas quais estas mutações se verificam com maior rapidez; são as chamadas estrêlas instáveis. Estão sendo objeto de especial estudo, mas, infelizmente, há relativamente poucas estrêlas deste tipo.

Para investigar a maioria das estrêlas, os astrofísicos têm que se valer de métodos indiretos: cálculos especiais baseados nas leis físicas e químicas bem estudadas nas propriedades das partículas ínfimas da matéria — os núcleos atômicos — e logicamente, naqueles dados acerca das estrêlas que se obtêm com a observação de suas capas exteriores. Estes cálculos são extremamente complicados e trabalhosos, e até há pouco tempo era preciso realizá-los à mão. Atualmente, valemo-nos das máquinas

eletrônicas calculadoras que reduzem de modo considerável o trabalho dos matemáticos.

Por meio dos cálculos consegue-se não só estabelecer a estrutura, dimensões, massa, composição química e intensidade de luz de uma ou outra estrêla que conhecemos pelas observações (por exemplo o Sol), mas, também, de que modo deverá mudar com o decurso do tempo, à medida que o hidrogênio contido no seu interior for se convertendo em hélio. Isto permite estabelecer a relação de "parentesco" entre estrêlas, segundo parece, de tipos muito diferentes; prever teoricamente a forma e o grau desta relação e, depois, comprová-la mediante a observação dos correspondentes grupos de estrêlas. As pesquisas realizadas em 1949-1950 de acordo com este método pelo acadêmico soviético V.



QUANDO José Jacinto de Alcântara, zeloso coletor, resolveu candidatar-se, em 1958, à Prefeitura de Rio Paranaíba, cidade mineira à margem do Rio Abatê, mandou erguer, num morro qualquer que emoldura o casario, uma cruz de madeira que parecia simbolizar, na ocasião, as virtudes cristãs que deveriam presidir a sua gestão, caso os eleitores o elegessem. E, num manifesto inédito, lançado em agosto do mesmo ano, o candidato — místico ou excêntrico, como queiram, mas revelando fé extraordinária nos designios divinos — afirmou, peremptório:

— Só tenho um chefe: Deus. Só tenho um programa: minha consciência. Só tenho uma bandeira: a verdade. Só tenho um compromisso: servir ao povo.

Foi eleito: sua votação revelou que mais de dois terços dos eleitores paranaibanos haviam acreditado nas suas palavras. E parece que não se enganavam... E' que, aliando a sua fé cristã — que, aliás, viria a exteriorizar-se mais uma vez, agora num decreto, — à fé cívica na eficácia do dinamismo necessário à realização de obras úteis à coletividade — o Prefeito José Jacinto de Alcântara tomou realmente providências relevantes para o progresso da cidade que o recebera, de braços abertos, na alvorada de 1951, quando fôra nomeado coletor de Rio Paranaíba. Cumpre-nos destacar, entre essas providências, as reformas da usina hidrelétrica *Olhos D'água*, da rede da distribuição de energia elétrica e do sistema de abastecimento d'água da cidade.

Adquiriu, para a Prefeitura, um caminhão (pagamento em cinco anos) e uma motoniveladora (comprada na Alemanha, com dólar favorecido, por intermédio da ABM). Aumentou o salário do funcionalismo, assinou convênio com o Estado para o reaparelhamento das escolas primárias rurais, com sensível melhoria no padrão do ensino e do vencimento (de Cr\$ 320,00 para Cr\$ 6.200,00 mensais) e assinou, também, outro convênio com a União para a construção de cinco grupos escolares rurais. Conseguiu a transferência do Ginásio *Capitão Franklin de Castro* para a CNEG, possibilitando o ensino gratuito no município; restabeleceu a agência dos Correios e Telégrafos e conseguiu a instalação de um gabinete dentário, destinado aos pobres e às crianças do Grupo Escolar local. Assinou, ainda, convênios com as Pioneiras Sociais para a criação de um Posto de Puericultura na cidade, com a CAMIG para a instalação de Posto Agro-Pecuário — a fim de vender máquinas pelo custo aos fazendeiros — e com o DER, para conservação das atuais rodovias municipais e construção do trecho Chave—Rio Paranaíba, em linha reta.

São realizações que recomendam o Prefeito de Rio Paranaíba, cuja fé nos destinos do seu município cresceu no mesmo ritmo de suas atividades de administrador eleito pelo povo sob a égide de Deus, e que, reconhecendo o drama que representa a vida de um município — através de suas deficiências, reivindicações populares e entraves burocráticos, técnicos e políticos — resolveu, sob

a inspiração do Natal de 1959, baixar um decreto — inédito em todo o mundo — entregando a direção do seu município às "sábias e operosas mãos de Cristo".

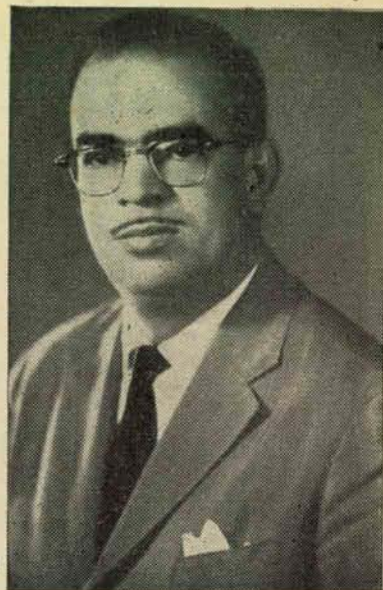
A leitura atenta desse documento cristão, firmado por um Prefeito modesto do interior de Minas, cuja religiosidade autêntica e tradicional vibra nas palavras tocantes da original invocação cristã, sentimentos que ainda existem espíritos que se sobrepõem à camada do lodo e se erguem, com coragem, desafiando até a ironia destrutiva dos materialistas, acima de si próprios, numa invocação que empolga pela beleza mística de sua humildade cristã.

Que fique este decreto — que poderá causar risos aos néscios e indiferença aos áridos de coração, em cujo solo já não florescem as rosas do sonho num mundo melhor sob o governo divino — como um sinal dos tempos, prenunciando uma nova era de esplendor espiritual, em que homens de responsabilidade — prefeitos, governadores e presidentes — reconhecendo a sua infalível falibilidade humana, suplicarão continuamente o auxílio do único Chefe supremo. E que seja, também um sinal de esperança para um mundo traumatizado pela crescente ambição dos homens que, esquecidos da efemeridade meteórica da vida, defrontam-se, ferozes, na ambição dos postos e honrarias.

Que este decreto — são nossos votos — se transforme, com o tempo, numa lei nacional, orientando, num ambiente de paz e solidariedade humana, um Brasil uno, próspero e cristão:

Rio Paranaíba, Município de Jesus

JOSÉ JACINTO DE ALCANTARA



DECRETO Nº 001/59

"O Prefeito Municipal de Rio Paranaíba, usando das atribuições que lhe confere seu livre arbítrio, a mais sagrada prerrogativa outorgada pelo Criador à criatura, e

considerando que o município é a célula-mãter da Nação e como tal merece melhor e maior atenção dos Governos;

considerando que a Constituição atual reduziu o âmbito tributário municipal, relegando o Município à condição de mendigo;

considerando que, em consequência, os municípios ficam à mercê da sorte, que se lhes torna, dia a dia, mais hostil e adversa;

considerando que são notórias as dificuldades e insuperáveis os obstáculos para uma perfeita entrosagem do organismo municipal com as demais esferas do Poder Público;

considerando que os problemas básicos e vitais do País se apresentam, em síntese, no município;

considerando que o município se acha cada vez mais incapacitado de solucionar seus problemas fundamentais, com recursos próprios;

considerando, no que concerne ao problema particular do Rio Paranaíba que o prefeito se tem empenhado, ao máximo, para a solução de seus problemas administrativos;

considerando que, não obstante a ajuda espontânea e sincera dos dirigentes máximos da comunidade, os problemas permanecem insolúveis, desafiando-nos a capacidade de servir;

considerando que, sem DEUS, é impossível construir-se nada de duradouro e reconhecidamente útil;

considerando que Deus é o Supremo Artífice e causa *causarum* de todas as coisas;

considerando que acreditamos plenamente em Sua Presença Augusta e Soberana nos destinos dos homens e dos povos, com vistas à construção de um mundo melhor;

considerando que é nosso dever primário obedecer-Lhe, com humildade, e submeter-nos, com rigor, aos Seus Superiores Desígnios.

considerando, finalmente, que Deus é a Luz de nossas consciências e o Sustentáculo de nossas almas e que somente nessa Luz e nesse Sustentáculo se encontram os recursos extre-

mos para a solução de nossos mais graves problemas.

DECRETA:

Artigo único — Fica o Município de Rio Paranaíba, a partir de "0" hora de hoje, 25 de dezembro de 1959, data natalícia de N. S. Jesus Cristo, Filho de Deus Vivo, entregue às sábias e operosas mãos do mesmo CRISTO, mediante a seguinte invocação:

"O' Deus, Pai Todo-Poderoso, Divina e Soberana Força, que sustentais todas as coisas criadas; que nos redimis em vossa infinita misericórdia, de todos os nossos erros e não-los perdoadis; que infundis ânimo aos bons e aos justos, aos mártires e aos heróis, nós, de rosto colado à Terra, nossa Mãe-Comum, cujo valor e pureza sentimos, e de ouvidos colados aos corações das massas espoliadas, cujos sentimentos auscultamos, nós, Senhor, vos suplicamos, nesta hora sagrada e evocativa, que assinala o ingresso de vossa Grande Luz no império de sombras do paganismo, nós vos suplicamos, Senhor, não por nossos méritos, que não somos dignos de pronunciar o vosso Santo Nome, mas pelos méritos de vosso Divino Filho, Jeus, de nossos Anjos da Guarda, pelos méritos da imensa legião dos tristes e deserdados da terra, pelos méritos dos que gemem e soluçam sob o peso de todas as misérias, dos que, cheios de angústia e melancólicos pressentimentos, aguardam a hora da morte, nas câmaras de gás, nas cadeiras elétricas e nas forcas; nós vos suplicamos, Senhor, em nome e pelo merecimento das almas de quantos se imolaram nas aras da Justiça e do Direito, da Verdade e do Amor, pela redenção do mundo; em nome e pelo merecimento do homem de mãos calejadas e pés descalços, esse herói anônimo, que escreve, no livro da terra um poema de verdura e imacula beleza; em nome e pelo merecimento dos arrependidos, dos que sabem perdoar, dos doentes e aflitos, das crianças órfãs do carinho materno e dos velhos relegados ao desamparo; em nome de tudo quanto é sagrado, digno e perfeito aos vossos olhos, e com a sinceridade de nossa agonia final, nós vos suplicamos, Senhor, que, assim como abristes outrora os olhos ao cego Bartimeu, assim também agora abrais os nossos olhos e apagueis a cegueira de nossa ignorância para que possamos certificar-nos da pre-

sença, entre nós, de vosso Filho Amado, Jesus, como Supremo Patrono e Administrador desta Prefeitura. Concedei-nos a graça de vê-Lo desdobrando por sobre este território o manto de seu imenso Amor, abrigando-nos a todos da corrupção e da discórdia. Fazei, Senhor, do Prefeito deste Município o servo humilde e submisso de Vosso Filho, diante do qual ele se ajoelha reverente, beijando-Lhe os pés, e ao qual entrega, neste instante, os destinos desta terra e deste povo.

O' Jesus, assumi, pois, o comando desta cruzada de redenção espiritual econômica, a fim de que, pela primeira vez na história do mundo, seja definitivamente santificado o poder temporal, para exemplo dos quantos detêm nas mãos a herança dos séculos. Dignai-vos de acolher, como vosso colaborador, aquele que, por amor vosso, se fez Apóstolo da Pobreza, o grande Francisco de Assis, padroeiro desta terra, para que ela se converta em nova Úmbria, pela atmosfera mística de seus rincões e pela espiritualidade contagiante de seu povo.

Príncipe da Paz, preservai a concórdia existente entre os habitantes desta comunidade, para que suas iniciativas traduzam, em todos os recantos, ordem e progresso, prosperidade e abundância.

Operário do Bem, dai aos que laboram nesta seara a consciência dos valores eternos, a fim de que saibam santificar, nas lutas de cada dia, os dons da vida.

Mensageiro da Verdade, iluminaí o entendimento de todos os cidadãos, para que aqui não encontre clima propício do espírito da intriga e maledicência, da mentira e desonestidade.

Paradigma do Perdão, insufal, no íntimo dos revoltados e rancorosos, o sentimento da indulgência, para que aprendam convosco a transformar em amor todo ódio, em bondade toda maldade, em luz toda treva.

Divino Pastor, congregai o rebanho de almas disperso por estes domínios e fazei-o gozar, tranqüilo e feliz, das bênçãos de vossa constante Vigilância.

Embaixador da Humildade, vertei no coração vazio dos orgulhosos e prepotentes a linfa miraculosa de vossa Mensagem Divina, para que conheçam o esplendor da simplicidade e a glória da obediência.

(Conclui na pág. 100)

A T.V.
NORTE-AMERICANA
DE JOELHOS
DIANTE DE

Lucille Ball

NUM sábado, cerca das nove horas da noite, parte das luzes de Nova Iorque se apagou de repente durante alguns instantes. O mesmo fenômeno produziu-se em Washington, em São Francisco e na maior parte das grandes cidades. A América inteira dizia adeus a seu programa de televisão preferido.

Não faz muito tempo que os telespectadores norte-americanos utilizam este meio de manifestar seu entusiasmo. Suprimindo, no fim de um programa, todas as outras fontes luminosas, provocam aumento da potência utilizada pelos receptores. Nas telas, subitamente superalimentadas, a imagem torna-se quase branca. É o aplauso eletrônico. Naquele sábado, coroava a derradeira emissão do famoso programa de Lucille Ball e Dezi Arnaz: "Eu amo Lucy".

Há dez anos, cem milhões de telespectadores seguem com ardor as aventuras conjugais de uma mulherzinha loura, antiga "estrêla" de Hollywood, que engordou muito e que não tem para eles nenhum segredo. Fêz os espectadores participarem de todos os acontecimentos importantes de sua vida, a tal

ponto que alguns não sabem mais se ela vive *para a telê* ou se *vive na telê*. Deu à luz diante das câmaras. Confiou a seus fiéis todos os seus truques para deixar a seu marido a direção do lar, reservando para si, porém, as decisões importantes. Um prodigioso êxito financeiro sancionou seus esforços. É hoje uma das mulheres mais ricas da América e o enorme truste que construiu se desenvolve sem cessar. Há alguns dias, Lucille adjudicou à comunidade de seu lar um dos mais importantes grupos de estúdios de Hollywood. Obtida após um mês de extenuantes tratativas, essa derradeira operação permitiu-lhe repousar.

A penúltima emissão de "Eu amo Lucy" desenrolara-se nos esportes de inverno. Sentira-se bem que os Ricardo (o casal que Lucille e Dezi inventaram), fatigados, teriam em breve necessidade de um descanso. Lucy estava muito nervosa. Enciumara seu marido testemunhando demasiado interesse por um conquistador latino, de bigodes, desgarrado num campo de neve.

Aos 46 anos continua Lucy a enfrentar, com a mesma coragem

paciente e eficaz, o autoritarismo trapalhão de seu marido cubano. Alguns acreditaram ver nessa situação inicial o segredo do seu êxito prodigioso. Uma obra séria acaba de aparecer, em que vários psicólogos expõem seus pontos de vista: Ricky Ricardo reina em sua casa como monarca absoluto. É ele quem decide tudo, desde o novo quadro a pendurar na parede até o lugar em que a família passará suas férias. Mas Lucy, sua mulher, apelidada Mommy, só o deixa governar para melhor arrebatá-lo suas próprias decisões. O espetáculo de um homem tão dominador acalmaria a consciência da norte-americana média. E o de uma mulher tão astuta lisonjearia seu orgulho. Além disto, para os especialistas, o sotaque estrangeiro de Ricky, seu caráter latino, despertam um interesse inconsciente das mulheres. Os amigos do casal, Ethel e Fred, são ainda criaturas estatisticamente perfeitas, como todo norte-americano conhece.

Quaisquer que sejam as razões de sua popularidade, Lucy e Ricky desempenham um papel importante na vida norte-americana. O governo apelou para eles, recentemente, quando se aproximaram as nuvens da recessão. Um tratado secreto foi concluído: em cada uma de suas burletas, Lucy e Ricky deviam comprar um objeto doméstico. Esperava-se obter assim as curvas de venda. Em troca, segundo certos rumores, obtiveram eles uma suavização de suas taxas de impostos.

As modas que eles lançam deram muitas vezes mais que seu programa. No último ano, Ricky tornou-se maníaco pelo barco a vela. Impôs à sua família, fascinada, uma estada na baía de New Port. A moda do barco à vela lançou-se como um foguete em toda a América. Dura ainda hoje, se bem que, desde janeiro, desiludido da vela, Ricky se consagre unicamente ao golfe.

Na vida, é como no vídeo: Ricky Ricardo torna-se então Dezi Arnaz e é célebre pelas suas tempestades, suas decisões cortantes, suas explosões de voz. Mas é ainda Lucy, que volta a ser a antiga vedeta da tela, Lucille Ball, quem, com sua voz doce e discreta, pronuncia as palavras importantes e faz suas idéias triunfarem.

Há alguns meses, o casal achou-se diante de um problema extremamente complexo. Os famosos estúdios RKO, de Hollywood, estavam para vender, ao preço de dez milhões de dólares. A Desilu (Dezi e Lucille) fazia parte das raras companhias bastante prósperas para adquirir aquelas imensas instalações. Naquele sábado, Ricky e Lucy,

na sua burleta, discutiam a compra de uma caravana para o acampamento. Mas o público não se deixava enganar: era dos estúdios da RKO que se tratava na realidade.

— É uma ocasião excepcional — dizia Ricky, falando da nova caravana. — Se me faltar dinheiro, pedi-lo-ei ao banco.

— Você já deve muito ao Banco — dizia Lucy — é preciso procurar outra coisa...

— Os Bancos existem para isso! — replicava Ricky. — Sabem que ganho bastante dinheiro...

— Você é chefe de orquestra, não é uma profissão estável, e isto os bancos sabem também... Finalmente, na burleta, a caravana foi comprada, e na realidade os estúdios. Graças a uma combinação dupla surgida no cérebro fértil de Lucy, da qual Ricky e Dezi, naturalmente, logo se arrogaram o duplo mérito. Enquanto a caravana entrava na família Ricardo graças a um empréstimo solicitado a amigos habituais, a RKO introduziu-se no truste graças a uma operação financeira complicada tendo como eixo o poderoso Banco da América. As imensas instalações da RKO que se estendem por cerca de um quilômetro de Hollywood, seus estúdios de cinema, seus escritórios, seu estoque de filmes e seus filmes em curso, integram-se agora em diante no edifício Desilu, que já abrange os estúdios de Produção Desilu para a telé (seis programas por semana), as Edições Musicais Desilu (Dezi não esqueceu que dirigiu por muito tempo uma orquestra de congas, a Companhia de Discos Desilu, uma espécie de cidade Desilu, em Hollywood, com "vilas" luxuosas alugadas a milardários e inúmeros bangalôs para turistas de menores posses. (Esse parque serve também para que nêle se filmem exteriores). O Golfo Desilu, em Palm-Springs, o mais esnobe da Califórnia, cujo valor em terreno é excepcional. A cadeia de hotéis Desilu e Western Hill, com televisão em cada quarto. Armazéns e fábricas, enfim, de menor importância. Levando-se em conta algumas ações entregues aos empregados importantes de cada empresa, tudo isto constitui a "comunhão de bens" dos Arnaz. Mas como em "Eu amo Lucy", se é ele quem vitupera, quem tropeja e quem discute, quem executa é ela.

Trabalha Lucille desde a idade de 13 anos. Como muitas vedetas de Hollywood, nasceu num quartelão popular e, muito rapidamente, teve de ganhar sua vida. Seu grande êxito no cinema data de antes da guerra. Foi "Meu Marido Favorito". Em 1940, casou-se com



um chefe de orquestra cubano, Dezi Arnaz. Não gozam os músicos de conga de muito boa reputação. E quando são cubanos e mal falam o inglês, isto não arranja nada. Hollywood não está muito satisfeita.

— Isto pode parecer engraçado, o casar-me eu com um músico cubano — declara ela. — Também acho graça nisso. E contudo é preciso habituar-se a isso!

E Lucille, por desafio, anuncia que, para tê-la em um filme é necessário que nêle também apareça Dezi. Os estúdios fecham-se logo diante da "estrela" e de seu "play-boy", de cabelos glostoados. Cheia de despeito, bate ela a uma nova porta — minúscula — a da televisão. Acredita nela. Em 1941, é uma das primeiras a acreditar nela. Mas será preciso ainda muito tempo antes de poder assinar um tratado de aliança com a CBS e os cigarros Philipp Morris. Escolheu como empresário um dos homens de negócios mais "duros" de Hollywood, Don Sharpe, que, após alguns meses de colaboração, declara:

— Suponho que os assentadores de trilhos do Arizona, cercados pe-

los índios, deviam ter reações desta espécie. Pergunto a mim mesmo se não deveria pedir a ela que se tornasse meu agente...

Naturalmente, Don Sharpe vai desaparecer muito depressa do universo dos Arnaz. Da mesma maneira que o cenarista Jess Oppenheimer que se aguentará dois anos, mas que levará cinco para recuperar a saúde. Lucille não dá quartel. É brutal. Admite-o. Durante 5 anos, luta contra o representante da CBS, a cadeia de televisão que realiza às suas custas o programa deles, um tal Martin Leeds. Desta vez, encontrou ela um adversário à sua medida. Defende os orçamentos dólar por dólar. Um dia, discutem duas horas e meia por causa de um projetor que não representa uma despesa superior a 2 dólares! Mas para Lucy é como que uma prova de força. Exercita-se no nunca ceder. Dezi insiste com ela para que ceda. Desforrar-se-á noutra parte. Recusa. Finalmente, tem de confessar-se vencida... Não terá o projetor. Martin Leeds retira-se, com seu passo igual, exigente e satisfeito...

Naquela noite, Lucy não conse-

gue dormir. No dia seguinte, encontra a solução. Propõe a Martin Leeds assumir a direção financeira da casa. Ele aceita. (Hoje é vice-presidente da Desilu, um dos raros diretores que tem realmente situação excepcional).

— Tipos dessa qualidade — diz Lucy a seu marido — prefiro tê-los do meu lado a tê-los pela frente!

— Sempre te disse isto — respondeu ele, satisfeito.

O nascimento de sua primeira filha, Lucille, deu ocasião ao primeiro triunfo do casal. Foi há 6 anos e Lucy tinha então quarenta. Recusou interromper o programa e, em vez de dissimular os progressos de sua gravidez, fez dela o argumento de suas burladas. Anunciou mesmo que daria à luz diante das câmaras. Houve um momento de estupefação. Teria ela ido demasiado longe? Finalmente, foi um verdadeiro triunfo: a própria natureza pôs-se ao ritmo da televisão, pois que a pequena Lucille nasceu num sábado. No domingo, interpelavam-se as pessoas em Nova Iorque, dizendo:

— Então, heim, é uma menina!...

E como Ricky, todo superexcitado, tinha tomado o ônibus elétrico em movimento, houve durante a semana vários acidentes graves!

Essa emissão sem precedente marcou o começo da prosperidade da Desilu. Salvo talvez a subida de flecha da Hecht-Hill-Burt Lancaster, que teve sua origem no filme "Marty", o negócio de rádio mundial, desde 20 anos, jamais tivera êxito tão espetacular. Lucy e Dezi, hoje, podem fazer o que quiserem. A introdução de um ator, uma vez apenas, em um de seus programas, basta para assegurar-lhe a celebridade.

E' a própria Lucy que retoca, sôzinha, à mão, todos os textos que uma turma de 20 cenaristas, continuamente renovada, lhe propõe. (Em Hollywood dificilmente se encontra alguém que não haja escrito um para ela). Dirige-se a seu escritório, todas as manhãs, às oito horas, ao passo que Dezi, preguiçoso e a engordar sem cessar, nunca se levanta antes das dez, o que não o impede de declarar-

se esgotado. Para trabalhar, usa ela óculos. Seu diretor-geral Leeds faz-lhe uma exposição rápida dos acontecimentos do dia e lhe traz para assinatura a correspondência e os cheques.

Quando Dezi chega, todas as coisas importantes estão resolvidas. Começa ele então a agitar-se, a protestar, a dar gritos. Em breve é meio dia. Lucille regressa à sua "vila", de carro, deixando o marido entregue às suas cóleras.

Seus dois filhos, Lucille, a mais velha, e Dezi IV, o mais novo, ocupam o meio do dia. São tão populares na América que, quando de sua passagem por Nova Iorque, o ano passado, foi a Broadway teatro de uma verdadeira arruaça. No que diz respeito à mais velha, Lucille, pode-se dizer que representa um exemplo único de precocidade: deu entrada na TV ao nascer e, desde então, vem crescendo diante de 100 milhões de espectadores. Dezi IV parece-se muito com seu pai, de que já possui alguns pequenos defeitos. Ambos ganham cerca de um milhão de dólares por ano. A administração desses salários, segundo uma estrutura contábil particular inaugurada por Lucille, obrigou o fisco norte-americano a criar uma classe especial, destinada aos riquíssimos de menos de 10 anos e na qual estão inscritos apenas os dois meninos Arnaz! Em matéria de fiscalização, adquiriu Lucille conhecimentos excepcionais que exigem, no campo adverso, o emprêgo de uma turma de doze controladores especializados. No seu lar da ficção, Mommy acha-se investida das mesmas funções. Foi o tema de uma das emissões que lograram mais êxito. Discutia com o coletor do governo e conseguia, graças a subterfúgios e sutilezas extraordinárias, obter uma diminuição das taxas familiares. Ricardo, naturalmente, intervinha no fim (com lentidão), e ela abandonava a ele todo o mérito da operação. Superior e folgazão, Ricardo decidia então a compra de um novo carro e o mecanismo embreava com a precisão habitual.

Cada uma dessas burladas de "Eu amo Lucy", em que cada palavra é meditada, em que cada frase é

discutida em comum, em que cada situação, antes de ser aceita, sofre a prova de vários inquéritos, porque deve ela tocar diretamente "o coração" de um número definido de telespectadores, representa mais de 5.000 horas de trabalho. Os cinco outros programas produzidos pela Desilu são executados da mesma maneira. Lucille Ball, quando deles não participa, assiste a todos e cada erro, cada falha, é imediatamente punida. Acontece-lhe muitas vezes também mandar passar um filme de uma antiga emissão e não hesita em usar de severidade, retroativamente, se alguma falta lhe escapou. Bem poucos colaboradores resistiram a essa comissão de disciplina permanente. Mas os programas da Desilu atingem a perfeição. Nada lhes falta. Nada de excesso há neles. "Não é simplesmente bom — escreveu um crítico — é verdadeiro. Quando se vêem dois atores no mesmo leito, pode-se sempre perguntar se eles são felizes. Com os Ricardo, perdão, com os Arnaz, a gente sabe que são!"

O verdadeiro segredo de Lucille Ball foi, precisamente, misturar a tal ponto os programas e sua própria vida que não se fica sabendo nunca quando é uma coisa ou outra. As duas famílias, a da televisão e a de Hollywood, acabam formando uma só. Se Dezi mudou de nome na tela, Lucille conserva o seu. E não se sabe nunca, quando discute ela com ele, se está representando ou é de veras. Um dia, Dezi IV disparou a solução, na emissão, e isto não fôra previsto. Um crítico disse que ele já era um ator notável. Doutra vez, chegou atrasado — o que fazia parte da peça — e poderosa associação de mães de família protestou contra sua impolidez...

Nesse estranho corredor de espelhos em que se superpõem as imagens de suas duas famílias, Mommy é a única a conservar a cabeça fria. Sabe o que faz, aonde vai. E' a verdadeira mulher norte-americana na qual todas as telespectadoras se reconhecem. Pode passar-se não importa o quê na vida ou na imaginação dos cenaristas. Ela saberá sempre em que pé andam as contas da casa. — J. M. Gaillard.

☆☆☆

VALE A PENA A PENA DE MORTE? — Continuação da pág. 97

O SACERDOTE

Há cristãos favoráveis a que o Estado possa admitir a pena de morte. Mas seus argumentos não parecem suficientemente probantes.

Preliminarmente, é necessário ressaltar que os próprios defensores da pena de morte não a dizem necessária e obrigatória. Afirmando, assim, que um sistema determinado de direito penal pode excluir a

pena de morte e, no entanto, continuar racional e eficaz.

O problema que se põe é então saber se a punição pode ir até este termo: comportar a pena de morte.

Nenhuma determinação existe na Igreja a este respeito, ao contrário do que muitos pensam. Daí não se poder dizer que a pena de morte é condenada

pela Igreja Católica. Pode-se dizer que é contra o sentido cristão; e concebe-se mesmo que a Igreja a condene um dia. Pois, as razões que a sustentam não convencem, por mais autorizadas que sejam nas suas origens. Ainda há o problema muito sério do condicionamento social do mundo. E, sem sombra de erro, podemos dizer que nossa época (em virtude, sem dúvida, de uma maior sedimentação dos princípios cristãos) não aceita a pena de morte. Se se fizesse um plebiscito honesto, nos países onde ainda perdura esta instituição, certo que obteríamos a opinião da absoluta maioria em favor da exclusão da pena de morte, considerada deveras um resíduo de tempos mais bárbaros.

A pena tem dupla finalidade, segundo o direito natural: tende a corrigir o criminoso, e libertar dele a sociedade. Ora, existe uma tensão entre os dois fins: um é mais ou menos antagônico ao outro. Como corrigir o criminoso destinando-o a uma reclusão odiosa entre marginais ainda mais perigosos? A resposta a esta pergunta e outras análogas é a preocupação dos penalistas modernos, que tendem sempre mais para uma humanização das prisões e reeducação dos detentos.

Seria, entretanto, quebrar por completo a tensão admitir a pena de morte. A sociedade se libertaria perfeitamente de seu inimigo, mas onde estaria a finalidade medicinal do castigo?

Ainda o erro do juiz que condenasse o inocente seria irreparável.

E, por fim, na prática, a justiça quase sempre se põe, inconscientemente (por vezes conscientemente) a serviço das desigualdades sociais. A pena de morte viria acentuar e dramatizar estas injustiças. Seria um retrocesso admiti-la. Se a pena de morte tivesse contribuído realmente para amenizar os costumes sociais, já o gangsterismo americano teria desaparecido, após a morte de centenas de culpados.

Sou, assim, contra a pena de morte. — *Padre Francisco Lage Pessoa.*

O ESPIRITA

Respondemos recordando o que disse Jesus, convocado como juiz, pelos judeus que perseguiam a mulher adúltera. Perguntaram-lhe eles: "Mestre, Moisés mandou-nos na lei apedrejar essas pessoas. Que pois dizes tu a isso?" Jesus ergueu-se e lhes falou: "Quem de vós está sem pecado, seja o primeiro a atirar-lhe uma pedra". Como todos se afastassem, Jesus disse à pecadora: "Nem eu te condenarei; vai e não tornes a pecar".

Também nós, entendemos que o criminoso é um enfermo e como tal deve ser tratado a fim de recuperar-se através de oportunidades que lhe sejam ofertadas, após recolhimento e reeducação moral adequada. Pois, entre os dez mandamentos lê-se: "Não matarás". E ainda, na ocasião em que perguntaram a Jesus qual o maior mandamento Ele disse: "Amarás a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo; nisto residem toda a lei e os profetas".

Como cristãos, não podemos concordar com a pena de morte. Com a vinda de Jesus estabeleceu-se o advento da Lei do Amor sobre a terra. Além disso, nós acreditamos na imortalidade da alma, na eternidade da vida, portanto, a morte do corpo não aniquilando o ser pensante que o anima, continuará ele a existir, acompanhado dos sentimentos que lhe são próprios: amor, simpatia, ódio, antipatia, etc. Diante dessa verdade aceita por inúmeros sábios, entendemos que o axioma materialista "morto o animal, morto o veneno" não se ajusta no que se refere ao homem. Não se elimina a causa matando o corpo, quando a causa está no espírito, e este não morre jamais.

Entendemos que as deficiências morais imanta-

(Conclui na pág. 111)

No escritório



Para trabalhar com eficiência e bom humor é preciso cuidar da saúde.

Regulador Gesteira normaliza as funções dos órgãos femininos, evitando assim o desgaste de nervos que certos distúrbios provocam.

Use **Regulador Gesteira**

**Vai
viajar?**

leve
Cheques para Viajantes
First National City Bank

Viaje como quiser e para onde quiser! Com cheques para viajantes First National City Bank seu dinheiro estará em absoluta segurança.

- Reembolsáveis em caso de roubo, perda ou destruição
- Negociáveis como moeda corrente
- Válidos por tempo indeterminado
- Fornecidos nos valores de 10, 20, 50 e 100 dólares

**The FIRST
NATIONAL CITY BANK**
of New York



FILIAIS NO BRASIL:

Belo Horizonte - Curitiba - Porto Alegre - Recife - Rio de Janeiro - Salvador - Santos - São Paulo: Av. Ipiranga, 855
Pça. Antônio Prado, 48

Fundado em 1812
83 Filiais em 27 países
85 Filiais em Nova York



**NO TRICÔ
QUE V. FAZ
COM CARINHO ...**

NÃO DISPENSE A QUALIDADE DAS FAMOSAS

L Ã S
SANTISTA
100% LÃ PURA



BRASÍLIA

CAPITAL

DO

BRASIL

Texto de FERNANDO P. LIMA

Fotos de GERALDO VIEIRA

Visão noturna do imponente edifício do Congresso Nacional, na Praça dos Três Poderes, fixada na noite festiva que precedeu a data da inauguração: 21 de abril. Feêricamente iluminada, Brasília marcava a sua presença no planalto central como o marco luminoso de uma nova era que se abre para a nacionalidade brasileira.

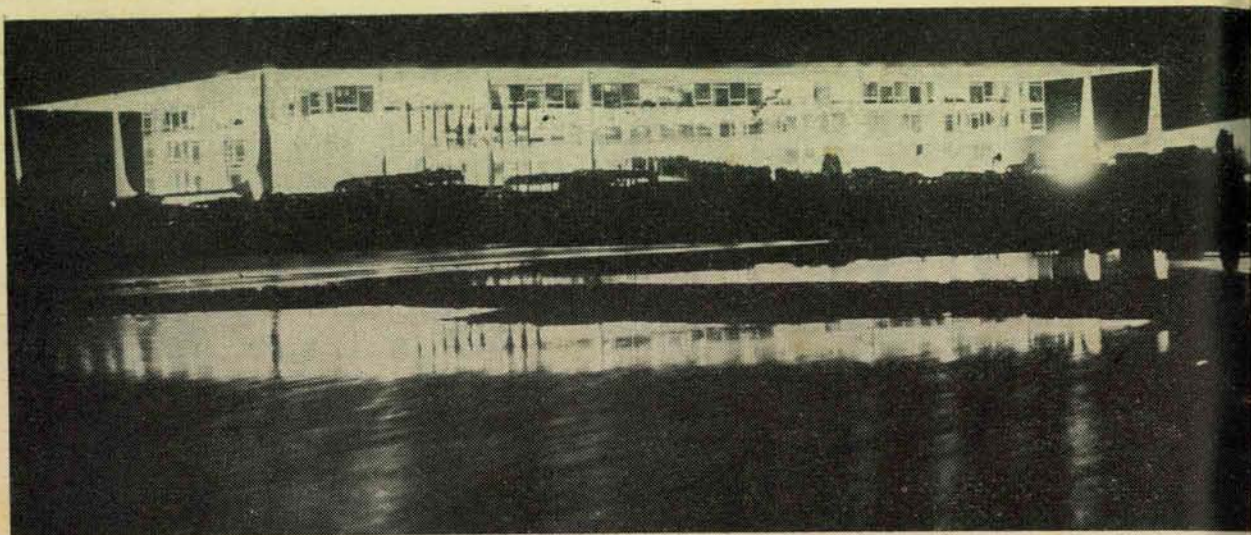
QUANDO o sr. Israel Pinheiro, presidente da Novacap e primeiro Prefeito de Brasília, dava início ao seu histórico discurso, a grande praça dos Três Poderes estava silenciosa no mais rumoroso momento de sua história. O presidente da Novacap, consciente da importância daquele instante para os destinos do seu país, lançou um olhar à enorme multidão que se comprimia vinte metros abaixo, sôbre o piso do «flutuante» Palácio dos Despachos. Era uma massa compacta que se estendia, perdendo-se atrás

do edifício do Congresso que ali estava com seus dois discos enormes, fantástico, silhuetao nos céus de Brasília. A sua esquerda, no outro palanque armado, pouco acima da multidão, perfilavam-se gravemente relevantes figuras da vida nacional, amigos íntimos do orador e que, naquela hora solene, pareciam figuras fantásticas do sonho coletivo de um país. Nesse momento, um ruído ensurdecedor, sem que Israel tivesse dado conta, fêz vibrar a cúpula dos Três Poderes e dezenas de aviões passaram rente ao Palácio dos Des-

pachos.

Da grande massa escaparam ensurdecedores aplausos. O presidente da República, sr. Juscelino Kubitschek, vencido pela emoção, tinha os olhos visivelmente cheios de lágrimas e então, naquele mesmo instante, colocando suas mãos sôbre o parapeito, o presidente da Novacap principiava a sua oração.

— Há cento e setenta e um anos a transferência era sonho patriótico dos Inconfidentes. Há setenta anos, paôsso a ser preceito constitucional — acentua



Zero Hora do dia 21 em Brasília. Os primeiros holofotes começam a varrer a esplanada dos Três Poderes. O belo edifício é o Palácio dos Despachos. (Foto de Fernando P. Lima)

BRASÍLIA, CAPITAL

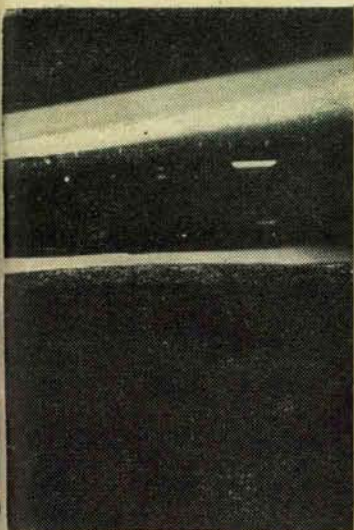


o orador. — Há quatro anos V. Excia. dava início à concretização do sonho secular com a mensagem de Anápolis. Há três anos e meio — disse o distinguido tribuno, dirigindo-se ao Presidente Juscelino Kubitschek — V. Excia. em 2 de outubro de 1956, pisava pela primeira vez as terras do planalto e iniciávamos a batalha de Brasília. Neste momento, os soldados dessa grande e dura peleja aqui se encontram reunidos, em posição de sentido, para entregar ao seu comandante, a V. Excia., senhor presidente da República, a chave da cidade de Brasília.

Concluiu o sr. Israel Pinheiro assinalando a alvorada festiva do dia 21 como etapa decisiva para a política de desenvolvimento econômico do País, baseada na integração e todo o território brasileiro. Em meio ao seu discurso, o sr. Israel Pinheiro fez uma pausa e tirou um estôjo azul do bolso, donde retirou a chave, entregando-a ao presidente Juscelino Kubitschek. Este, mostrou-a à grande multidão que gritava: Brasília! Brasília!

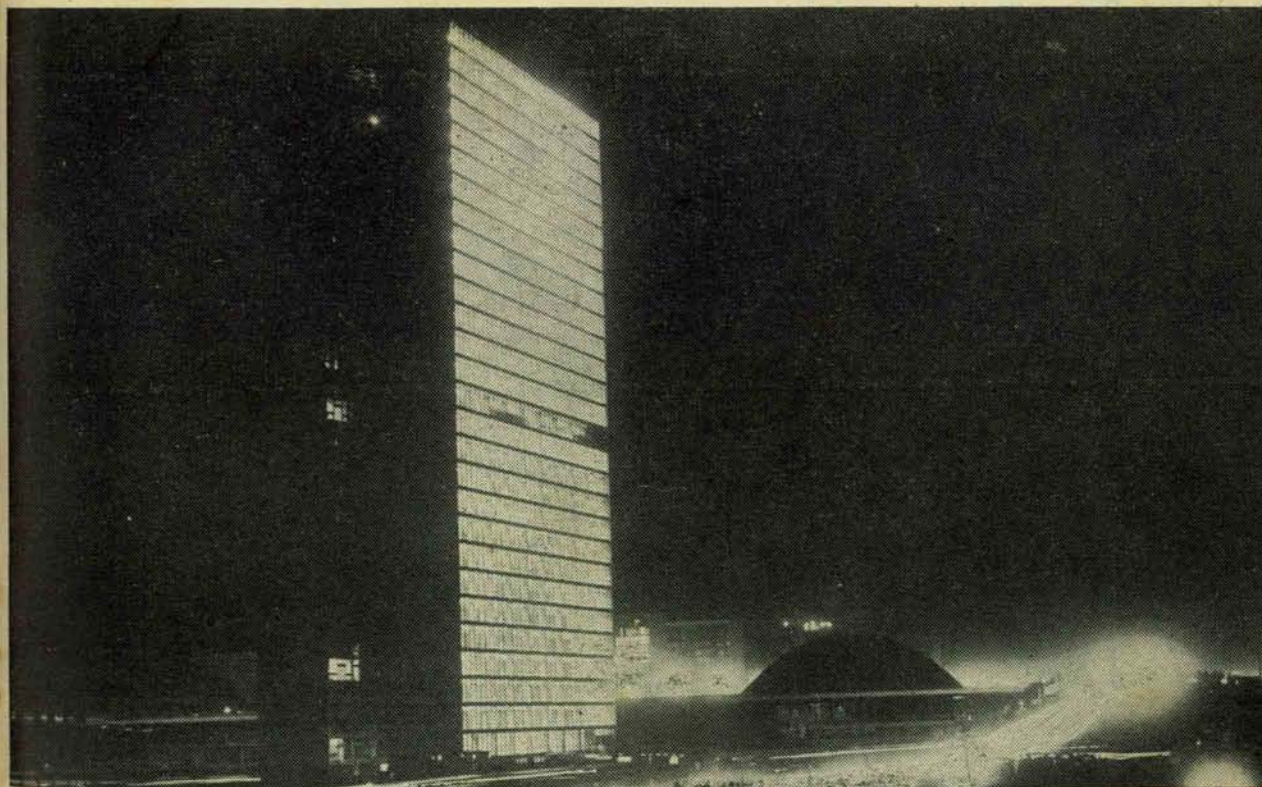
Falou em seguida em nome dos

Oração Oficial da Inauguração de Brasília. O acadêmico Guilherme de Almeida lê seu poema alusivo à data. À esquerda, em primeiro plano, vemos o primeiro prefeito de Brasília, sr. Israel Pinheiro e à direita, o Presidente da República. (Foto de Fernando P. Lima)



Os aviões da Esquadilha da Fumaça em perigosas evoluções fazem com que Juscelino olhe também (e comente) para o céu.

DO BRASIL



ZERO HORA EM BRASÍLIA, 21 DE ABRIL. A Praça dos Três Poderes enche-se de luz e o majestoso prédio do Congresso Nacional é uma visão deslumbrante, cenário de grandes construções que se erguem no coração do planalto central.

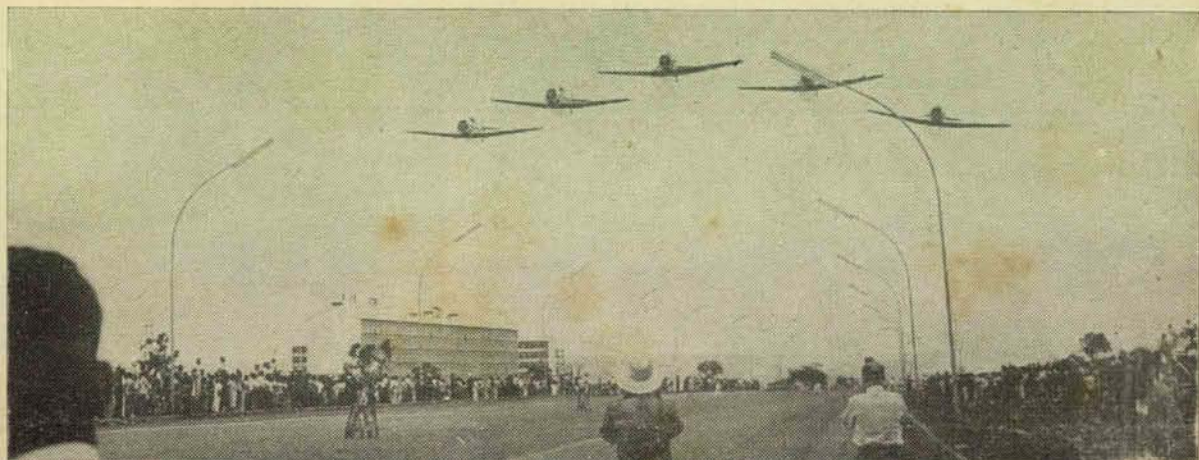


O Patriarca de Lisboa, Cardeal Gonçalves Cerejeira, Legado Papal, deixa a Esplanada da Praça dos Três Poderes após celebrar a Primeira Missa de Brasília, ladeado pelo presidente Juscelino, D. Sara Kubitschek e pelo vice-presidente João Goulart.



A Catedral, de Oscar Niemeyer, obra prima de arquitetura, em adiantada fase de construção. (Foto de Fernando P. Lima)

Ponto culminante do desfile em homenagem ao Presidente Juscelino Kubitschek — passa a famosa Banda dos Fuzileiros Navais.



Aviões da «Esquadrilha Fumaça» fazem perigosas e arrojadadas evoluções pouco antes do desfile na Avenida Principal.

BRASÍLIA

trabalhadores na Nova Capital o sr. Everaldo Queiróz.

Todo o discurso do Presidente foi dedicado aos «candangos», nome carinhoso com que são chamados os operários da nova Capital, aos quais chamou de «verdadeiros heróis de Brasília» e, a certa altura, sob uma explosão de júbilo de milhares de trabalhadores, referindo-se «aos candangos heróicos a que eu tenho a grande honra de também pertencer».

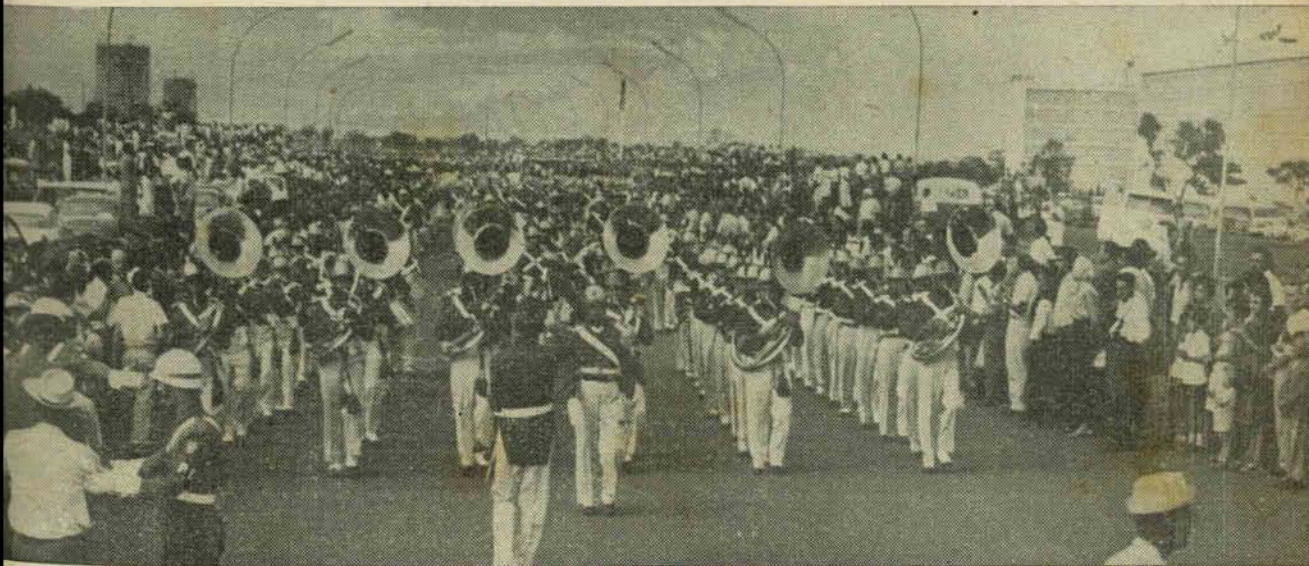
Terminando sua oração, o Pre-

sidente da República despediu-se do sr. Israel Pinheiro e partiu de helicóptero para o aeroporto, onde cumpriria o rígido protocolo do Vaticano e se encontraria com o cardeal Manuel Gonçalves Cerejeira, representante do Papa João XXIII, que chegaria a bordo de um «Caravelle» da Varig.

BRASILIA, CAPITAL DO BRASIL

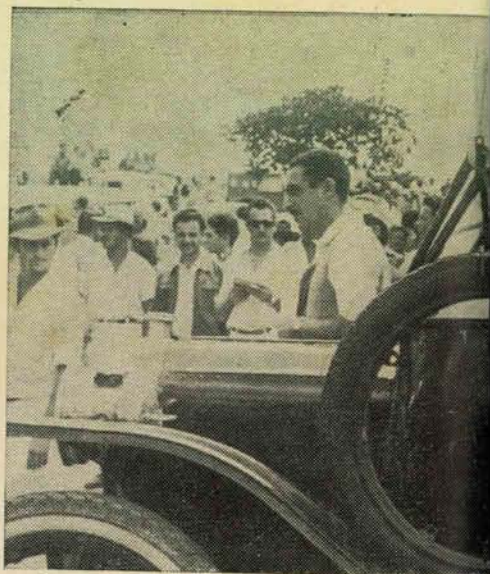
30 minutos antes do dia 21, na Esplanada dos Ministérios, milhares de veículos vindos de todo o

país estavam concentrados. Era muito grande o número de pessoas. Uma das cenas fantásticas da inauguração: — a olímpica Praça dos Três Poderes estava em completa escuridão, quando um filê de luz de um holofote focalizou fantásticamente o piso em frente ao Palácio dos Despachos e foi abrindo um caminho de luz por entre a massa humana até se chocar contra um grande altar resplandecente. A esquerda surgiu um grande tablado onde ficariam os conjuntos corais. Outro



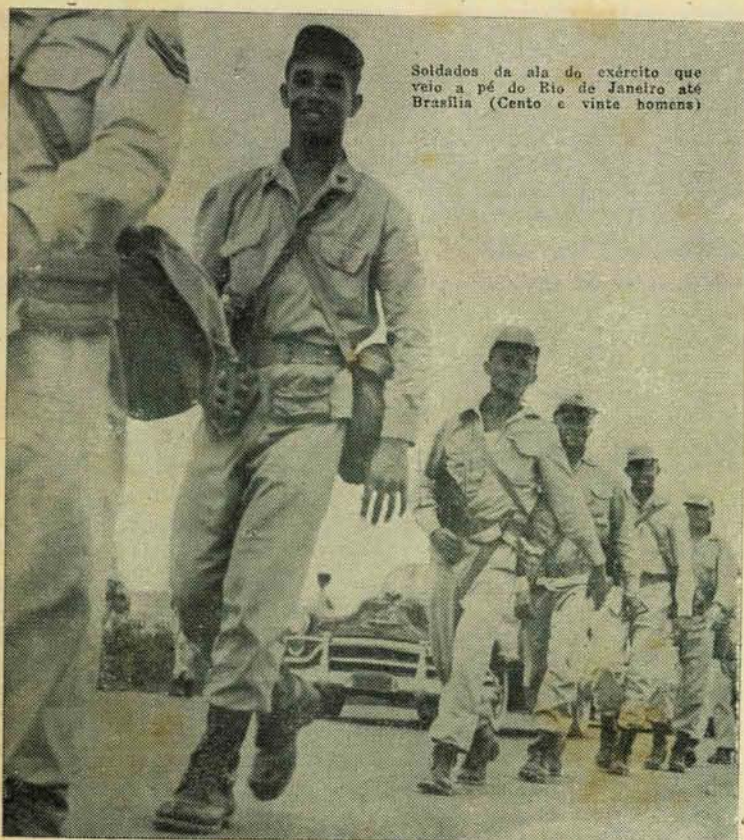


Ciclista. Veio do Rio Grande do Sul pedalando.



Na inauguração de Brasília não faltaram as «blagues». Diversas caricaturas compareceram formando um

BRASÍLIA Capital do Brasil



Soldados da ala do exército que veio a pé do Rio de Janeiro até Brasília (Cento e vinte homens)

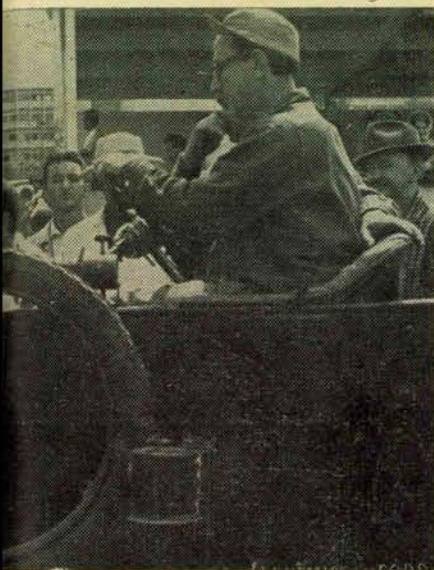
holofote varreu a escuridão e entraram, silentes, os guardas da Independência, com suas lanças, penachos e bandeiras, desenhando um corredor de cem metros até o grande altar da Primeira Missa de Brasília. Por este corredor humano, um filê luminoso chegava até o edifício do Poder Judiciário. Com a aproximação da zero hora de Brasília a multidão vibra e prorrompe em aplausos e vivas ensurdecedores. Representantes da comitiva do Patriarca Cerejeira colocaram diante do altar a cruz de Frei Henrique de Coimbra diante da qual foi celebrada a Primeira Missa do Brasil.

Chegam o presidente da República, sr. Juscelino Kubitschek de Oliveira e relevantes figuras da vida brasileira, sendo consagrados pela multidão que já não se contém. Outros gigantescos holofotes convergem seus facho luminosos sobre a esplanada dos Três Poderes.

Zero hora de Brasília! Começa a repicar o mesmo sino que anunciou a morte do alferes José Joaquim da Silva Xavier, o Tiradentes.

Uma festa de luz cai sobre a grande Praça — o altar é fantás-

(Continua na pág. M)



contraste com as solenidades e agra-
dando o povo que não deixou de
aplaudir entusiasticamente.



Holofotes cruzavam com os fo-
gos numa alegoria fantástica...
(Foto de Fernando P. Lima)

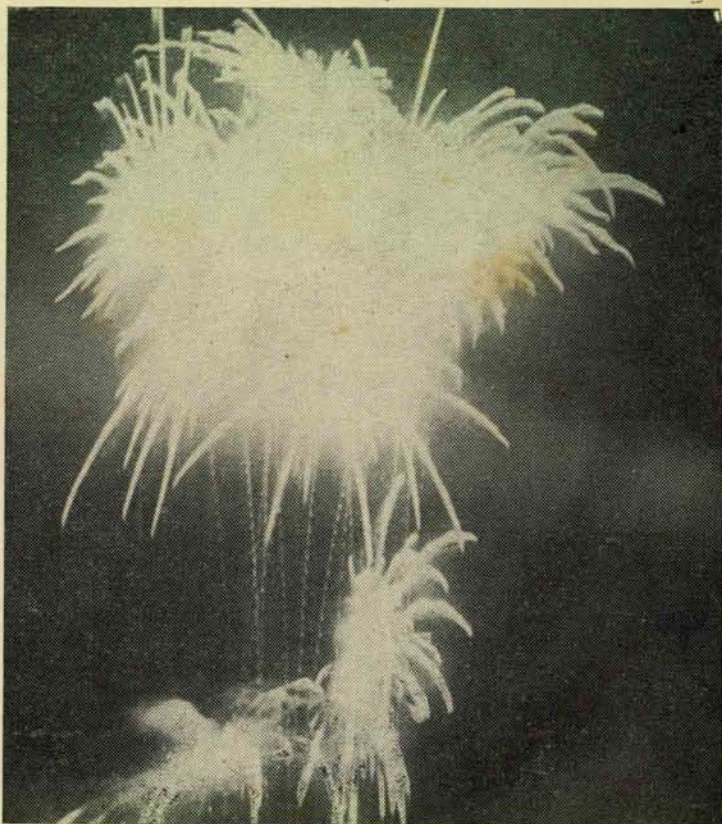
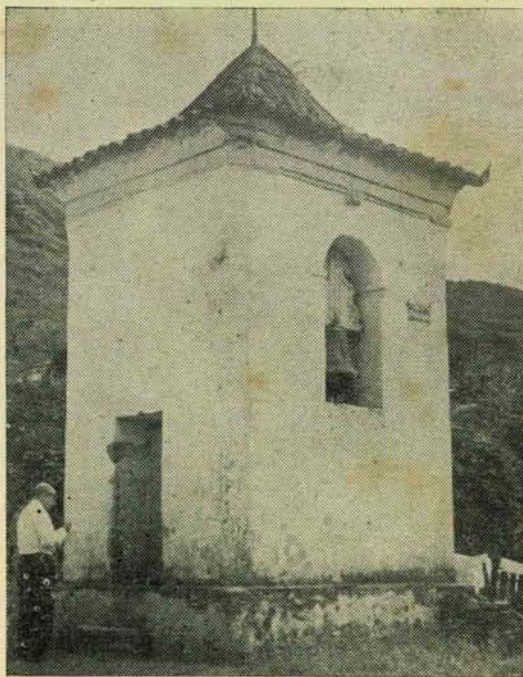


Foto de três campeões: Fângio, Chico Landi
e o carro J. K., que foi atração à parte e
ganhou uma corrida, pilotado pelo campeo-
níssimo Francisco Landi.



O sino que anunciou, no Rio de Janeiro, a
hora do enforcamento de Tiradentes, aparece
aqui no seu campanário em Ouro Preto. Este
sino foi transportado para Brasília, para
anunciar a hora da inauguração de Brasília,
a realização do sonho acalentado pelo herói
da nossa independência.



Uma foto muito feliz de Geraldo Vieira, fixando Léo Carrilo entre a primeira dama do país e sua linda filha Maristela. A sra. Sara Kubitschek também não resistiu à tentação de usar o famoso «sombbrero» do célebre «cow-boy» de Hollywood.

Brasília, capital do Brasil

JUSCELINO USA CHAPÉU (FAMOSO) DE VAQUEIRO

A PROVEITANDO alguns momentos vagos na febril atividade da inauguração de Brasília, a família presidencial compareceu ao lançamento da pedra fundamental do luxuoso hotel de turismo que será construído na nova capital — o Brasília Hilton Hotel. Nos poucos minutos que ali permaneceram, o presidente da República, sua esposa e filhas, sempre com a irradiante simpatia que os caracterizam, deram um verdadeiro «show» com o famoso «cow-boy» do cinema, Léo Carrilo, que será também acionista do monumental hotel cuja construção está sendo iniciada pela conhecida organização internacional dos Hotéis Hilton.

No meio da solenidade campestre, a reportagem de ALTEROSA obteve algumas alegres cenas em que a família presidencial se divertia com o célebre e característico «El Sombbrero» de Léo Carrilo.



O presidente Kubitschek, que nunca foi muito amigo do protocolo, quebra-o mais uma vez pondo na cabeça o chapéu de vaqueiro (de Leo Carrilo).

A OPINIÃO NACIONAL E

Texto de
FERNANDO P. LIMA

Fotos de
LUIZ CARLOS DE ANDRADE



OS Inconfidentes sonharam com ela. Os homens do primeiro e do segundo período do Império também se embalaram com o lindo sonho. Veio a República, e o sonho prosseguiu, traduzido numa expressa recomendação constitucional e, posteriormente, na demarcação da área no planalto central. Veio a segunda República, depois do regime getuliano, e o sonho permaneceu estático, até que Juscelino desceu a Mantiqueira disposto a transformá-lo em realidade. E pôs mãos à obra.

«Muitos eram a favor, muitos eram contra, mas todos começam a ser beneficiados» — poderíamos dizer agora, parodiando a lápide existente no aeroporto de Brasília, a nova capital do País. Sim, Brasília, não é mais apenas um sonho, o sonho de muitas gerações brasileiras que, desde os idos da Inconfidência Mineira, desejaram levar para o centro geográfico nacional a sede da União, e com ela os reflexos de

uma civilização que por quatro séculos se manteve agarrada ao litoral e esquecida de promover a integração do vasto sólo pátrio, que se estende até aos contrafortes andinos.

Brasília aí está, como símbolo de um Brasil novo que se afirma e se agiganta no desejo de recuperar o tempo perdido, de se apossar de fato do que já lhe pertencia de direito, para formar uma pátria maior, mais próspera e mais feliz.

A reportagem desta Revista, presente às solenidades inaugurais, pôde recolher algumas expressões de figuras de relêvo no panorama social do País, inclusive diplomatas, sobre a impressão que tiveram da nossa nova Capital. Nestas páginas, os leitores encontrarão as palavras dessa gente ilustre, deformando Brasília tal como se apresenta aos seus olhos, no dia histórico em que para lá se transferiu a sede do Governo Federal.

← Colot Louis, embaixador da Bélgica: «Pela primeira vez se constrói uma cidade em apenas 3 anos. Sua inauguração assinala um fato histórico de grande importância para o desenvolvimento do Brasil».



← Israel Pinheiro, o primeiro Prefeito de Brasília, como diretor-presidente da Cia. Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (Novacap), foi o braço direito do presidente Juscelino Kubitschek na edificação de Brasília. Desde a primeira hora, Israel esteve à testa dos gigantescos trabalhos de construção da grande cidade numa dedicação sem limites, dia e noite até que pôde ter a satisfação de vê-la inaugurada rigorosamente dentro dos prazos fixados em Lei. Seu nome merece um

lugar de honra no grandioso empreendimento pelo qual sonharam tantas gerações brasileiras. Em um autógrafo que nos concedeu, redigido especialmente para esta revista, o dinâmico comandante das obras da atual capital do País assim se expressa: «Sendo a mais fecunda e brilhante realização do presidente Juscelino Kubitschek, Brasília é a síntese do nosso desenvolvimento com a integração do Brasil mediterrâneo.»

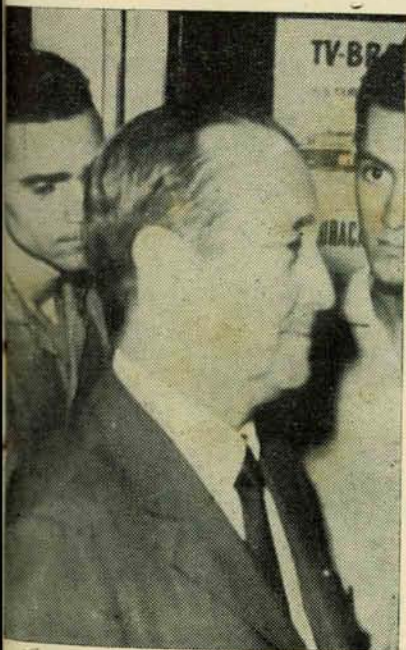
ESTRANGEIRA SÔBRE A NOVA CAPITAL



Bastian Knoppers, secretário da Embaixada Holandesa: «É a segunda vez que venho a Brasília, que me surpreende pelo seu notável desenvolvimento. O seu país trabalha para o futuro, para as novas gerações.»



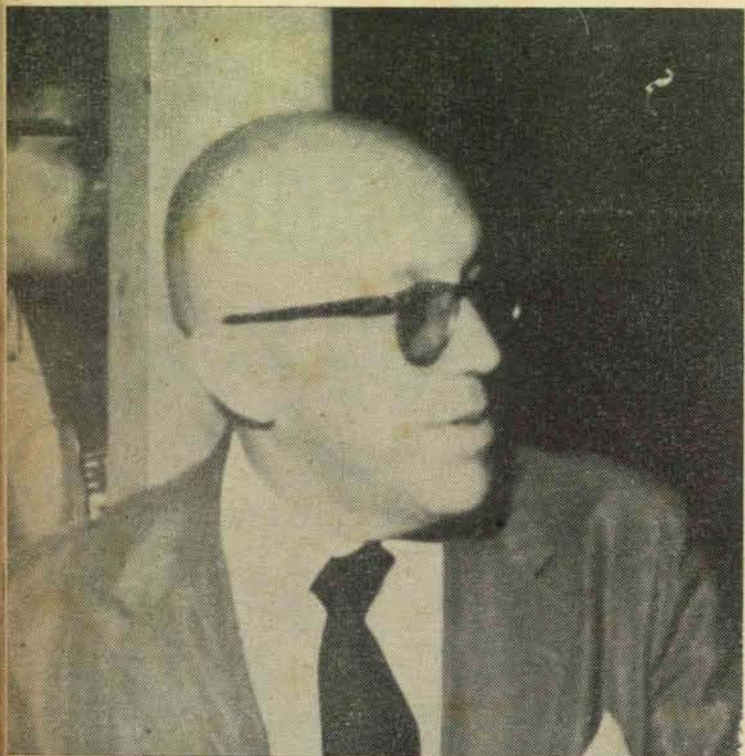
Eine Philipse, adido da embaixada da Holanda: «Brasília é um acontecimento de primeira grandeza na história do Brasil. E os brasileiros devem sentir uma justificada vaidade pelo prazo espetacularmente curto em que foi construída.»



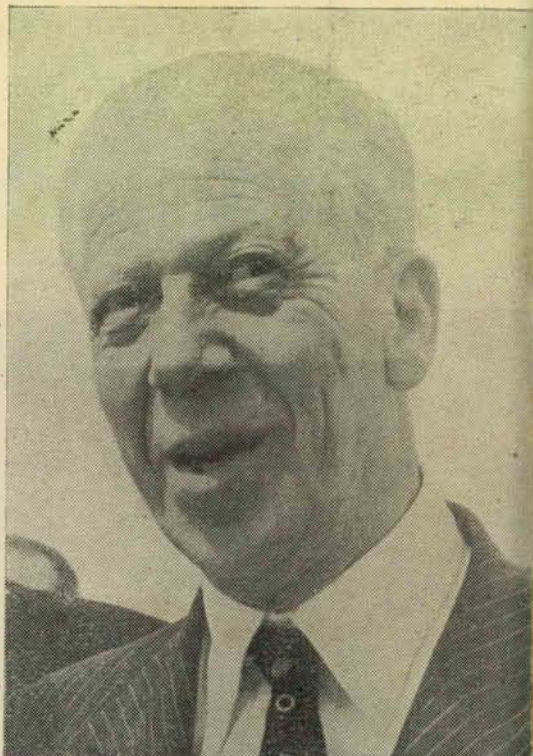
Frikas Meieris, embaixador da Lituânia: «Ficamos sinceramente admirados como o Brasil pôde realizar, em apenas 3 anos, obra de tamanha envergadura. É uma realização maravilhosa, que veio dar grande prestígio ao Brasil.»



Nova da Costa, deputado pelo Rio Branco: «Um grande dia para o Brasil. Sou francamente pioneirista e acho desculpáveis os transtornos naturais que se verificavam na mudança, tendo em vista a grandiosidade do empreendimento.»



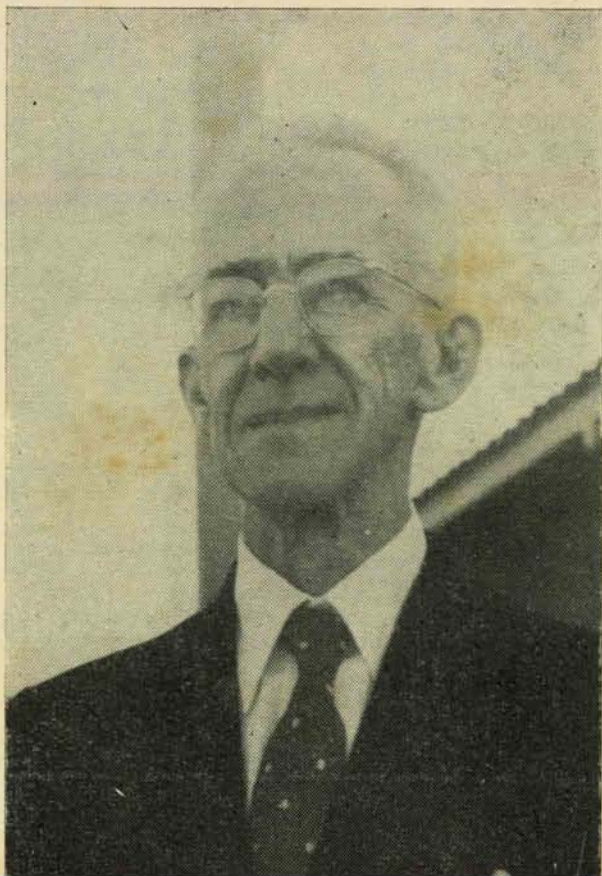
Magalhães Pinto, presidente nacional da UDN e candidato ao governo de Minas Gerais: «A UDN sempre foi favorável à mudança. Particularmente, acho que agora devemos gozar o que nos custou tanto sacrifício.»



Herbert Moses, presidente da Associação Brasileira de Imprensa: «É um dia de que se devem orgulhar todos os brasileiros.»

A OPINIÃO NACIONAL

Rev. Prof. José Borges dos Santos Junior, presidente do Supremo Conselho da Igreja Presbiteriana do Brasil: «Este 21 de Abril de 1960 traz-nos uma grande esperança e, ao mesmo tempo, uma exortação muito severa. A obra realizada é ciclópica; mostra o que pode a energia e o trabalho. Daqui para o futuro tudo depende de aproveitar o impulso mas, principalmente, de aplicar nas relações humanas a intensidade de um vero sentimento de temor a Deus. Se a Justiça for esquecida, as próprias pedras apodrecerão. O futuro será grande enquanto houver homens de verdadeira grandeza e energia de caráter. Brasília era um sonho, um problema. O homem fez do problema a oportunidade e realizou o grande e velho sonho nacional.»



ED. MÁRCIA TOTALMENTE VENDIDO

agora

ED. MARISTELA

O MAIS ALTO EDIFÍCIO DE SALAS DE BRASÍLIA

JUNTO À PRAÇA DOS TRÊS PODERES

FRENTE AO BANCO DO BRASIL

Preço fixo, sem
reajustamento
Fachadas totalmente de vidros
Esquadrias metálicas
Água filtro-gelada em todos
os pavimentos

Ventilação mecanizada
Construção em tempo récorde
Acabamento de
primeiríssima qualidade
Construção de Severo
e Villares

Escritórios de vendas:

BRASÍLIA: Térreo do Brasília Palace Hotel

**BELO HORIZONTE: Rua São Paulo, 638
12º andar - Conj. 1.210 - Fone 4-8294**

**RIO: Imobiliária Nova York - Av. Rio Branco,
131 - 14º andar - Fone 42-4669**

mais uma realização de

múcio MATHAYDE

Belém - Brasília

A ESTRADA DA UNIDADE



O dr. Waldir Bouhid, dirigente da SPVEA e presidente da RODOBRAS, é o vitorioso comandante da árdua batalha que vem de ser vencida com a abertura da Belém—Brasília, é cumprimentado pelo Presidente Juscelino Kubitschek.

Um trecho da rodovia Belém—Brasília, aberto em plena selva amazônica.

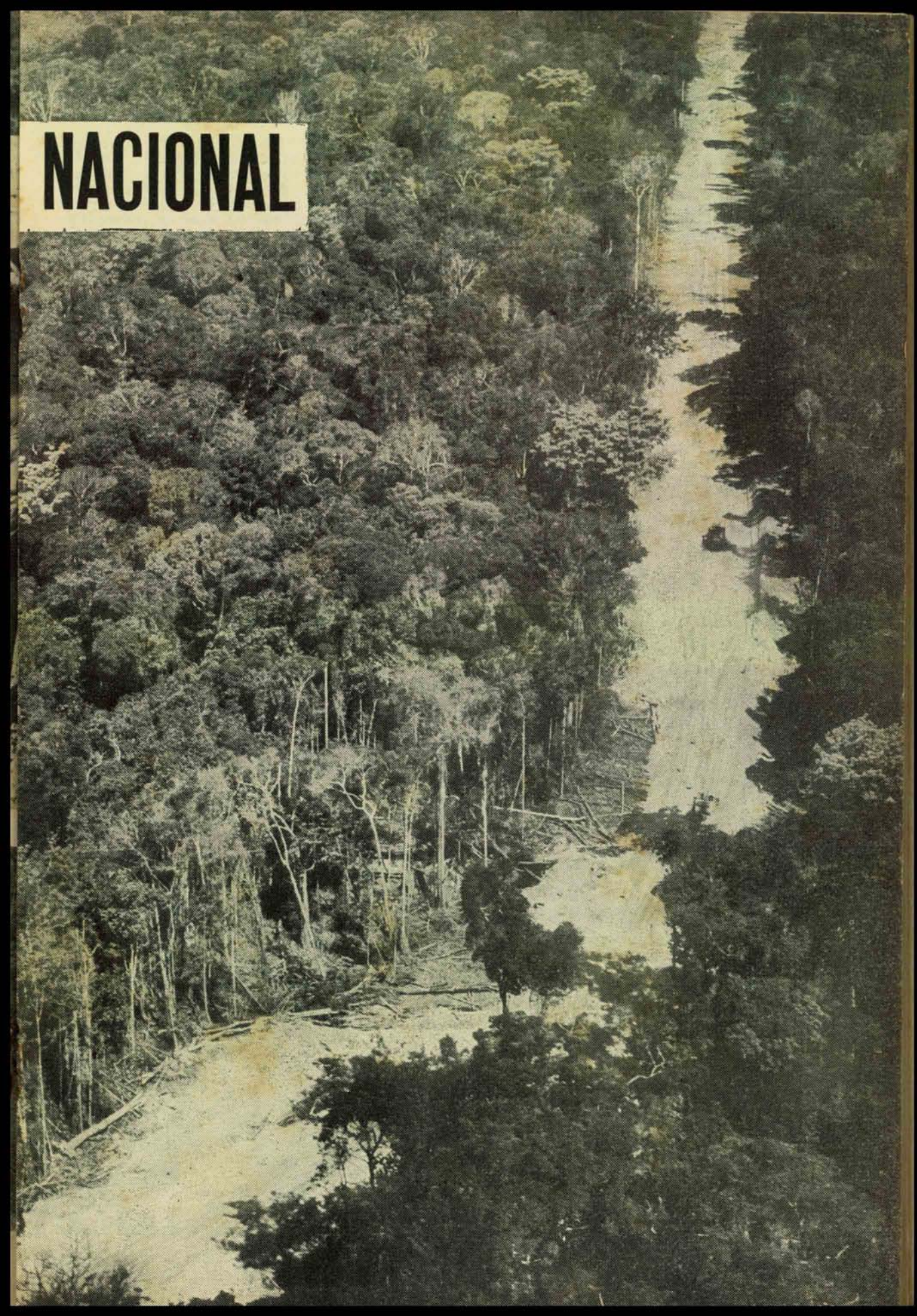
A Coluna Norte da Caravana de Integração Nacional, quando se aproximava de Brasília, depois de ter percorrido toda a extensão de 2.200 quilômetros da rodovia Belém—Brasília.



AINDA não há, na verdade, a necessária perspectiva histórica para que o povo brasileiro possa sentir, em toda a sua plenitude, a significação social, política e econômica da gigantesca realização do governo Juscelino Kubitschek: a rodovia Belém—Brasília, cuja abertura representa um dos marcos mais expressivos plantados até hoje na garantia da unidade nacional.

Todo o nosso país vibrou, em 31 de janeiro último, quando a já histórica "Caravana Norte da Integração Nacional", partindo de Belém do Pará, integrada por 60 carros de fabricação nacional, chegava a Brasília, sob o comando de Waldir Bouhid, depois de 8 dias de viagem, sendo recebida pessoalmente pelo presidente Juscelino Kubits-

NACIONAL



Belém - Brasília

chek. Estava aberto o caminho que virá completar a rodovia da unidade nacional, como está sendo denominada a Transbrasiliana (BR-14), que ligará Bagé, no Rio Grande do Sul, a Belém do Pará, numa extensão de mais de 6 mil quilômetros.

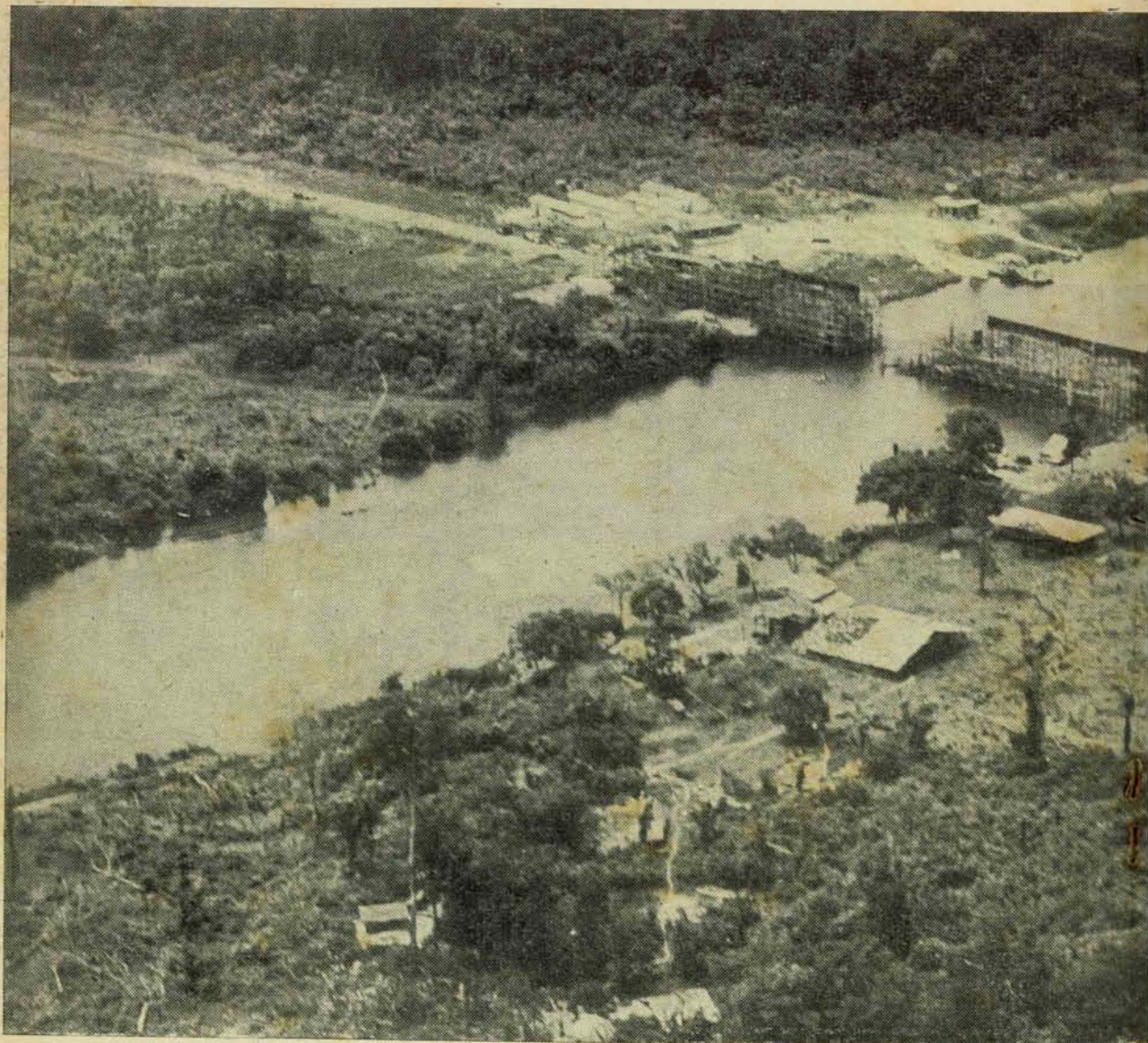
Caminho aberto através da selva densa da Amazônia, com perto de dois mil e duzentos quilômetros de extensão, a rodovia Belém—Brasília constitui uma das mais arrojadas iniciativas do nosso século,

especialmente se levarmos em conta as tremendas dificuldades de toda ordem que tiveram de ser vencidas, e, sobretudo, o tempo espetacularmente reduzido com que foi concluída, fato que surpreendeu o mundo inteiro. E' justo que se registre, portanto, quando todo o Brasil vibra de entusiasmo cívico pela inauguração de Brasília, a nova capital do País, o auspicioso fato de que a rodovia que a ligará a Belém do Pará, outra importante meta presidencial vinculada ao sen-

tido da interiorização da sede do Governo Federal, já é, também, uma realidade. E que para isso muito contribuiu, sem dúvida, a ação dinâmica e empreendedora de um brasileiro que tem sabido ser digno da confiança do Presidente da República nesse importante setor de suas metas: o Sr. Waldir Bouhid, presidente da Superintendência do Plano de Valorização da Amazônia (SPVEA), responsável pelas obras da grande rodovia.

Tronco central de um sistema

A rodovia Belém—Brasília, pelo arrôjo do empreendimento e pelo tempo de sua abertura, é considerada no mundo nossa competência técnica aliada à capacidade de trabalho dos nossos operários. A foto mostra a



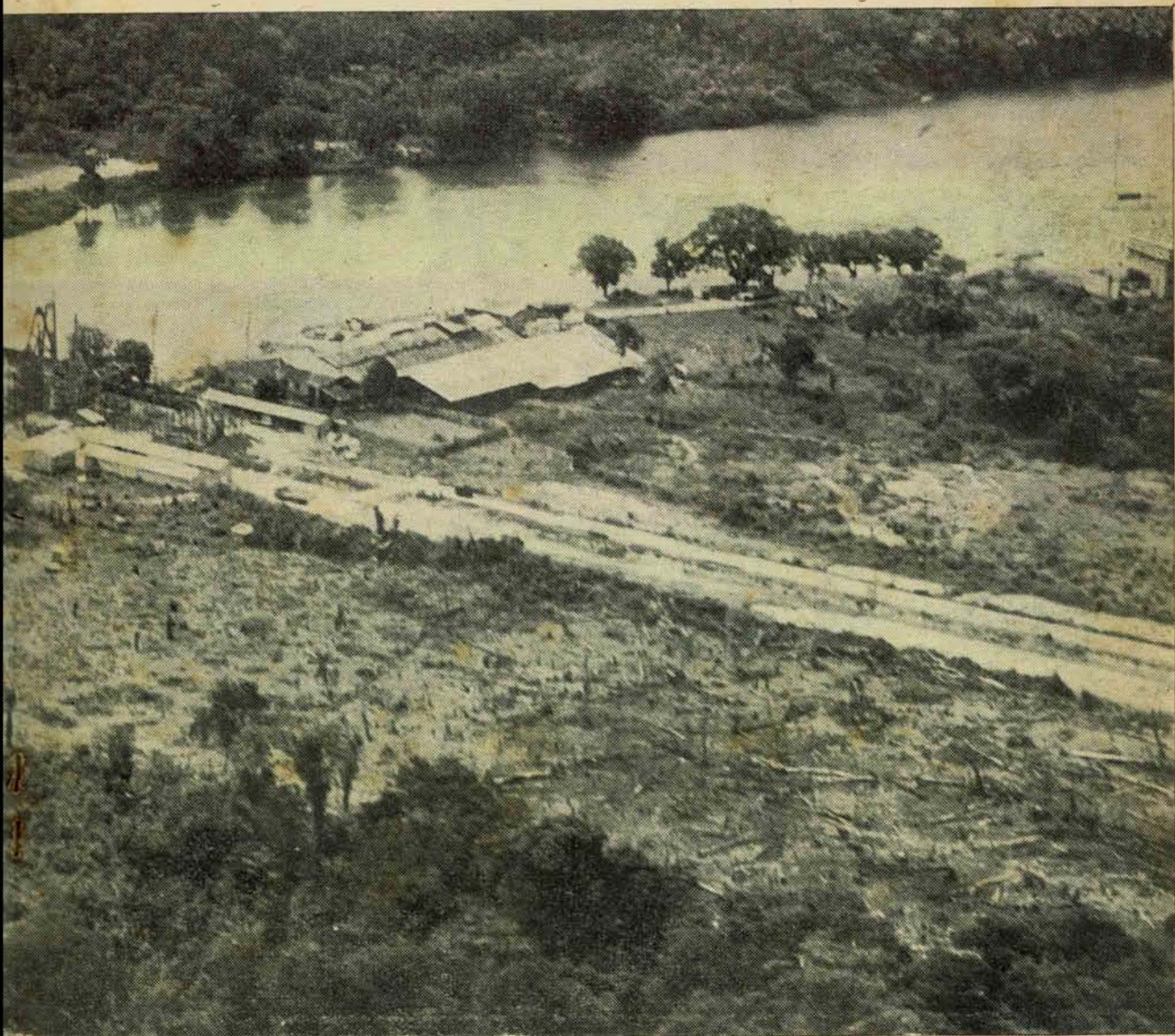
rodoviário que começa a ser completado com a abertura das estradas Brasília—Acre e Brasília—Fortaleza, a que virão unir-se dentro em breve muitas outras rodovias projetadas no Plano Rodoviário Nacional, a estrada Belém—Brasília virá promover rapidamente — não temos nenhuma dúvida — a integração de todo o centro, nordeste, noroeste e norte do Brasil no avanço civilizador que, há mais de 4 séculos, se vinha desenvolvendo exclusivamente no litoral, com-

pletando, ainda, o secular anseio dos estadistas brasileiros no sentido de uma ligação do sul do País com o riquíssimo sistema hidrográfico da bacia amazônica, completando-se, deste modo, a soberania nacional sobre uma área de mais de cinco milhões de quilômetros quadrados de imensas riquezas ainda por explorar.

E' cedo, ainda, como explicamos, para que o povo brasileiro possa avaliar a grandeza desse empreendimento para o futuro poli-

tico e econômico do País. Falta-lhe ainda a perspectiva histórica, que se poderá sentir dentro de talvez uma década, em seus salutares efeitos. Dia virá, porém, em que todos nós, voltando os olhos para os acontecimentos de 1960, veremos claramente como a interiorização da Capital Federal, simultaneamente com a abertura da grande rodovia Belém—Brasília — a estrada da unidade brasileira — marcaram o início da verdadeira posse do Brasil pelos brasileiros.

o inteiro como uma das mais audaciosas iniciativas do homem nestes últimos tempos. E constitui afirmação da construção da ponte sobre o rio Guamá, a primeira obra de arte, a partir de Belém do Pará.






Os serviços de desmatamento e destocamento, em plena selva, constituiu uma verdadeira epopéia escrita pelo braço do trabalhador brasileiro, nessa batalha ciclópica da abertura de 2.200 quilômetros da Belém—Brasília.

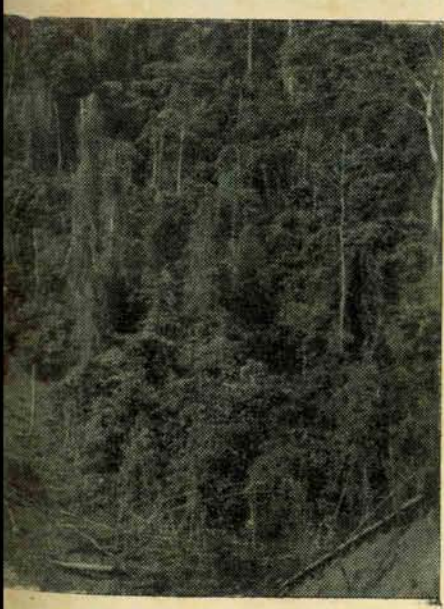


→
As gigantescas obras de implantação da grande rodovia exigiram um movimento de terras que ultrapassou a cifra de 8 milhões de metros cúbicos, mobilizando o total de 571 unidades mecânicas e veículos.



Belém - Brasília

A ATUALIDADE NACIONAL DA GRANDE RODOVIA



MUITO se tem escrito sobre a rodovia Belém—Brasília na imprensa de todo o País. Não tem faltado, até mesmo, opiniões contrárias, que teimam em ver no arrojado empreendimento um esforço sem justificativa de ordem econômica que justifique o seu custo, embora tais opiniões representem insignificante minoria no conceito da população brasileira. Por outro lado, jornalistas, escritores e economistas de prestígio na opinião nacional para não citarmos figuras destacadas do cenário estrangeiro, têm-se pronunciado de modo entusiástico sobre o sentido da rodovia Belém—Brasília, emprestando-lhe o aspecto de uma das mais oportunas, arrojadas e significativas realizações do governo Juscelino Kubitschek. No dia 8 de abril último, poucos dias, portanto, após a inauguração

simbólica da grande estrada de penetração pelo planalto central e pela bacia amazônica, o Sr. Waldir Bouhid, dirigente máximo da SPVEA (Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia) e presidente da "Rodobrás", numa exposição enviada ao presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, fazia interessante resumo dos grandes trabalhos realizados para a construção dessa rodovia, incluindo esplêndido trabalho sobre suas motivações históricas e o seu sentido geo-econômico e estratégico. E' desse importante documento, ainda pouco conhecido dos brasileiros, que vamos extrair alguns trechos esclarecedores, no sentido de mostrar aos leitores desta revista a atualidade nacional da rodovia Belém—Brasília.

"Em sua longa extensão de quase 2.200 km, a rodovia Belém—



O Dr. Waldir Bouhid, juntamente com o engenheiro Waldir Costa Lins, também diretor da "Rodobrás" e chefe do setor de Goiás na construção da grande rodovia, utiliza um dos postos de rádio instalados nos acampamentos de serviço, para comunicações entre as numerosas frentes de trabalho.

Belém - Brasília

Brasília, funcionando como autêntica espinha dorsal das vastas regiões norte e centro-oeste do País, beneficiando, indiretamente, uma área da ordem de 4.800.000 km² e, mais diretamente, numa faixa de 60 km para cada lado do seu eixo 70 municípios (10 no Pará, 3 no Maranhão e 57 em Goiás), além da nova Capital Federal — Brasília — vem a desempenhar, de imediato, um poderoso agente de civilização e povoamento, permitindo a fixação de largos contingentes humanos em processo de imigração de outras regiões brasileiras, a promover intensa e expressiva atividade agro-pecuária, uma vez convenientemente assistidos pelo Governo Federal e à base de uma política adequada de fomento à produção.

"O município de Ceres, fundado por Bernardo Sayão, ainda em 1946, atualmente convertido em grande centro produtor do norte goiano, é um exemplo mais antigo, mas aí está, deixando de passagem

os exemplos de Uruaçu, Porangatu e o recém-criado município de Gurupi, surgido há apenas 5 anos de um simples acampamento de serviço e que, com as obras da ligação Belém—Brasília, cresceu celeremente, oferecendo à Nação, em 1959, 100 mil sacas de arroz nêle produzidas. No Maranhão, a secular cidade de Imperatriz vivia vegetativamente, abandonada e sem destinação, e nos dias atuais ali se constroem, diariamente, 3 casas em média, com um progresso urbano revelando significativa mudança na sua infra-estrutura econômica.

"De outra forma, somente a partir da rodovia, e no sentido da descida das cabeceiras salubres do divisor de águas Araguaia—Tocantins, em Goiás, ou das linhas de cumeada, rumo aos vales, é que se poderá proceder ao saneamento geral da região, precursor do povoamento.

"Na zona amazônica própria-mente dita, o acesso à floresta

proporcionará, de imediato, o estabelecimento de grande indústria madeireira, além do acesso às zonas "habitat" de produção extrativa (oleaginosas), abrindo possibilidades à cultura racional da seringueira, do cacau, da pimenta do reino, do dendê, enquanto turmas de prospecção estarão em condições de promover a pesquisa de minerais e a delimitação do potencial energético do Tocantins, do Gurupi e do Araguaia.

"O porto de Belém virá a atender grande parte das necessidades de troca da região centro-oeste com o exterior, intensificando-se, também, o comércio pelas vias internas e abrindo-se à economia regional possibilidades de toda ordem.

"Há a considerar ainda o aspecto relacionado com o nosso problema de segurança, pois que na Amazônia se situam 3/4 partes das nossas fronteiras continentais, assumindo a rodovia Belém—Brasília o caráter de grande via estratégica da Nação".

Brasília, Capital do...

Continuação da pág. 70

tico sob a claridade cambiante, dando a impressão de um gigantesco caleidoscópio. Sob respeitoso silêncio, o arcebispo auxiliar do Rio de Janeiro, D. Helder Câmara, deu início às cerimônias, lendo a proclamação de Sua Santidade o Papa João XXIII, que designou o Cardeal Cerejeira, patriarca de Lisboa, como seu Legado para a inauguração de Brasília. Os conjuntos corais entoaram então o «Senhor, tende piedade de nós», oração em que se pede perdão a Deus, seguindo-se-lhe o Hino dos Anjos.

Quando o Cardeal Cerejeira, Patriarca de Lisboa e Legado do Papa, levantou o Santíssimo, a banda dos fuzileiros navais entoou o Hino Nacional. Estava inaugurada solene e oficialmente Brasília, a Nova Capital do Brasil.

Sua Santidade o Papa João XXIII, ao término da Primeira Missa de Brasília, pronunciou uma mensagem pelo rádio, em Língua Portuguesa da qual transcrevemos algumas significativas passagens:

«Aos queridos filhos do grande e nobre Brasil. É com o maior júbilo para o nosso coração de pai comum, que aproveitamos a oportunidade da inauguração da nova capital do Brasil, para dirigirmos ao seu laborioso e generoso povo a nossa palavra de bênção e de augúrio.»

E mais adiante:

«— Brasília há de constituir, assim, um marco milenar na história já gloriosa das terras de Santa Cruz, abrindo novos sulcos de progresso entre a sua gente que, unida na mesma fé e língua, tornar-se-á apta às maiores empresas.

Pedimos a Deus que, continuando a derramar a fartura das suas graças, faça do Brasil uma nação cada vez mais forte, grande e livre...»

A mensagem feita por Sua Santidade, o Papa João XXIII, comoveu visivelmente a enorme multidão que assistia à missa solene. As emissoras de rádio de todo o país transmitiam estas cenas comoventes para todo o mundo.

PRIMEIRO DIA COMO CAPITAL

Despertou Brasília, ainda abalada pelos acontecimentos da véspera. A «Cidade Livre», cidade satélite da nova capital, formiguejava. Cerca de quinze automóveis por minuto entravam nas

(Continua na pág. 80)



Sucesso nas Livrarias

A AFRICA DE HOJE

Ellen e Attilio Gatti

Cr\$ 170,00

Ampla visão do atual continente africano com todos os seus problemas: violentos contrastes entre civilização e primitivismo — ódios raciais — povos ansiosos de liberdade. Volume com 192 págs. e numerosas ilustrações fotográficas.

Outros grandes lançamentos:

A ESTRADA DO SOL - Victor Von Hagen

Os Incas e seu fabuloso sistema rodoviário. Volume com 268 págs., ilustrado — Cr\$ 220,00

A EXPEDIÇÃO KON-TIKI - Thor Heyerdahl

A maior aventura marítima do século XX. Volume com 198 págs., ilustrado — Cr\$ 180,00

AKU-AKU - Thor Heyerdahl

Autor de "Kon-Tiki" desvenda o segredo dos misteriosos gigantes de pedra da Ilha da Páscoa. Volume com 344 págs., ilustrado — Cr\$ 200,00


**Edições
Melhoramentos**

LIVROS MELHORAMENTOS - O MELHOR PRESENTE



indo ao Rio...

HOTEL TROCADERO

- o mais novo e moderno hotel de Copacabana

- ar refrigerado
- todos os apartamentos de frente

Av. Atlântica, 2064
Tel. 57-1834 - Posto 3
End. Teleg.: TROCADERO

CUMPRIDO O PRAZO FIXADO



POR mais fértil que seja a imaginação do leitor, nunca lhe será possível avaliar, em toda a sua extensão, as dificuldades que foram superadas no sentido de se abrir a rodovia Belém—Brasília, dentro do prazo previamente estabelecido, em consonância com a urgência determinada pelo presidente Juscelino Kubitschek para a cumprimento dessa sua meta de governo. Mas apesar das imensas dificuldades e da extrema exigüidade do prazo, a meta foi alcançada, e brilhantemente, marcando a vitória do trabalho e da tenacidade do homem brasileiro sobre as vicissitudes da natureza selvagem e sobre toda a sorte de embaraços de ordem técnica e material.

Muito contribuiu para essa vitória a perfeição do planejamento e a energia e decisão dos homens a que foi confiado o vigoroso empreendimento, assim como a fibra do trabalhador nacional, integrado de corpo e alma na tarefa hercúlea de dar ao Brasil a estrada da unidade nacional.

A direção de todo o trabalho ficou a cargo da Superintendência da Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA), cujo dirigente máximo, Sr. Waldir Bouhid, com o objetivo de dar maior eficiência e dinamismo à tarefa, cuidou logo de criar um departamento especialmente destinado à realização dessa meta presidencial: Comissão Executiva da Rodovia Belém—Brasília (RODOBRÁS), estabelecida por decreto do Governo Federal. A direção da "Rodobrás" está consti-

←
O engenheiro Waldir Costa Lins, diretor da "Rodobrás" e chefe do setor de Goiás nas obras da rodovia Belém—Brasília, fotografado numa barraca de acampamento, em



Belém - Brasília

Esta é uma fotografia histórica, na qual se pode ver o saudoso engenheiro Bernardo Sayão, vitimado nos trabalhos de abertura da grande rodovia que leva o seu nome, quando, em companhia do Presidente Juscelino Kubitschek, saboreava um cafêzinho num acampamento de trabalho da Belém—Brasília.

monstração de júbilo patriótico pelo histórico acontecimento que marcou a definitiva ligação nortesul do País através do planalto central e da bacia amazônica, rigorosamente dentro do prazo fixado em suas metas rodoviárias.

Empenha-se agora a "Rodobrás" em dar cumprimento à última fase das obras de implantação da rodovia Belém—Brasília, de modo a oferecer, até 31 de janeiro de 1961, condições de perfeita operação ao tráfego comercial em toda a sua extensão, cumprindo, assim, o velho sonho dos brasileiros.

Não seria justo encerrarmos es-

tas notas sem uma referência especial à valiosa colaboração da Força Aérea Brasileira ao êxito alcançado pela "Rodobrás" na abertura da rodovia Belém—Brasília. De tal forma se impôs o apoio aéreo na primeira fase da abertura da estrada, que o Presidente da República decidiu autorizar a FAB a pôr a seu serviço o helicóptero de uso pessoal de S. Ex^a, prestando, assim, inestimável auxílio nas tarefas de ligação e abastecimento. Dispondo de cerca de 12 campos de aviação ao longo do seu percurso, operados

regularmente por aviões DC-3 e C-47, da FAB, teve a "Rodobrás" todo o apoio que lhe poderia ser dado por uma eficiente cobertura aérea, sempre orientada e supervisionada pelo ilustre Cel. Lino Romualdo Teixeira, representante direto do presidente Juscelino Kubitschek para a supervisão geral das metas rodoviárias de seu governo. Desta forma, o nome do Cel. Lino Romualdo Teixeira está também ligado, de modo honroso, ao êxito espetacular do gigantesco empreendimento que constitui a estrada da unidade nacional.

Cortando as savanas e as matas do planalto central e as florestas virgens da amazônia, a rodovia "Bernardo Sayão" veio unir Brasília a Belém do Pará, promovendo a definitiva integração de uma vastíssima e rica região do País na civilização que, há mais de quatro séculos, teimava em conservar-se na área litorânea.





Um trecho da rodovia "Bernardo Sayão", para cuja abertura muito contribuiu a colaboração de George lunes (Gaúcho) e outros abnegados empreiteiros brasileiros que estão colaborando com a "Rodobrás".

Belém - Brasília

A INICIATIVA PRIVADA COLABORA COM A «RODOBRÁS»

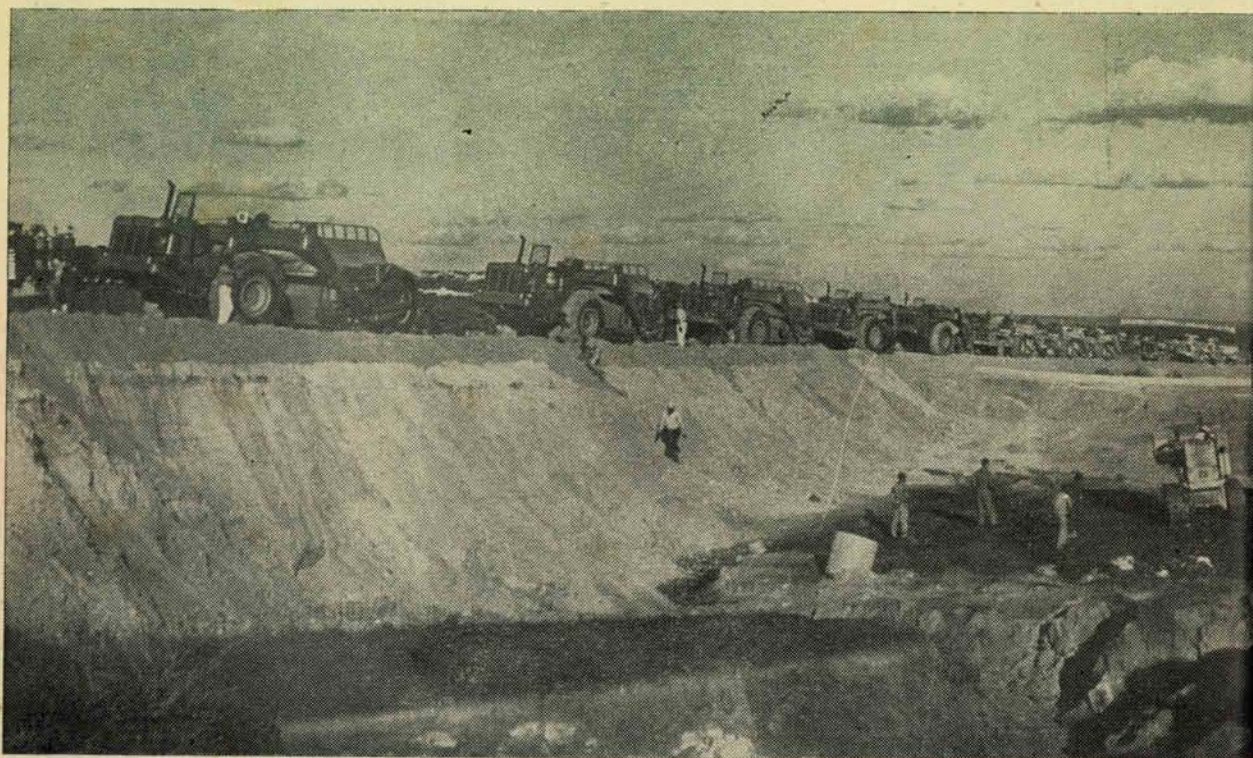
N^O momento em que se registra o êxito espetacular da "Rodobrás" na abertura da rodovia Belém—Brasília, não é possível omitir a contribuição valiosa da iniciativa particular nesse empreendimento de tão relevante significado para o progresso nacional. Sem dúvida alguma, a iniciativa particular, representada por um conjunto de firmas empreiteiras do mais alto gabarito técnico, dirigidas por homens que têm o mesmo espírito de pioneirismo que imortalizou Bernardo Sayão, contribuiu poderosamente para que o prazo fixado nessa meta presidencial fôsse pontualmente cumprido, sem em-

bargo das tremendas dificuldades de toda ordem.

Entre esses denodados colaboradores da "Rodobrás", merece especial referência George lunes, o verdadeiro bandeirante da grande rodovia da unidade nacional. "Gaúcho", nome pelo qual ele é conhecido em todos os círculos sociais, comerciais e industriais de Goiás e de outras capitais brasileiras, foi o empreiteiro que iniciou os trabalhos de abertura da Belém—Brasília com Bernardo Sayão, desde 1942, quando aquele saudoso engenheiro implantava na região de São Patrício a Colônia Agrícola de Ceres, hoje uma das mais florescentes comunas do Estado de

Goiás, onde se destaca ainda como grande produtora de cereais.

Através de sua firma "George lunes — Engenharia e Construções", Gaúcho vem prestando inestimáveis serviços à "Rodobrás", pois foi usando a sua larga experiência e conhecimentos naquela vasta zona que a "Rodobrás" pôde devastar tão rapidamente a longa área de perto de 600 km de mata virgem em plena Amazônia. Sua firma construtora possui mais de 30 máquinas de terraplenagem e mais de 100 caminhões em plena atividade, servindo eficientemente a essa monumental obra da engenharia nacional que é a BR-14 (Rodovia Belém—Brasília).



Equipamento da Empresa Nacional de Construções Gerais S. A., focalizado num de seus trechos de terraplenagem, pronto para entrar em ação.

NA história dos pioneiros da penetração do **hinterland**, a rodovia Belém-Brasília ficará indelêvelmente inscrita como marco principal, refletindo, para a posteridade, o heroísmo de seus realizadores à cuja frente está, inegavelmente, a figura ímpar do Presidente Juscelino Kubitschek, secundado pelo sr. Waldir Bouhid presidente da «Rodobrás», engenheiro Waldir Costa Lins, diretor e chefe do Setor de Obras, e demais diretores do importante departamento da SPVEA, que executa essa monumental meta rodoviária do nosso governo: Srs. Gasparino Silva, Antônio da Costa Lopes e Pedro Melo.

A Empresa Nacional de Construções Gerais S. A., com sede em Belo Horizonte e filial no Rio de Janeiro, merece entre esses realizadores um lugar de relevo, porquanto, programando e executando a terraplenagem de dois milhões e trezentos mil metros cúbicos

em cinco meses, numa extensão de cento e oitenta quilômetros no trecho Gurupi-Cercadinho, bateu vitoriosamente um notável recorde de produção, inscrevendo-se, portanto, merecidamente, mercê de alta demonstração de eficiência técnica e patriótico esforço, entre as entidades que melhor serviram ao programa das metas rodoviárias do Presidente Kubitschek.

Caracterizando seu trabalho por um alto espírito de colaboração, a Empresa Nacional de Construções Gerais S. A. mobilizou, para a realização desses cento e oitenta quilômetros de terraplenagem, o seguinte equipamento: doze TS-360, três DW-15, 4 HD-21, 2 HD-16, 3 D-8, dois patrol, quinze veículos e dois aviões.

Empregou, também, quatro mil metros lineares de bueiros Armco e manilhas.

Aliás, a cooperação da Em-

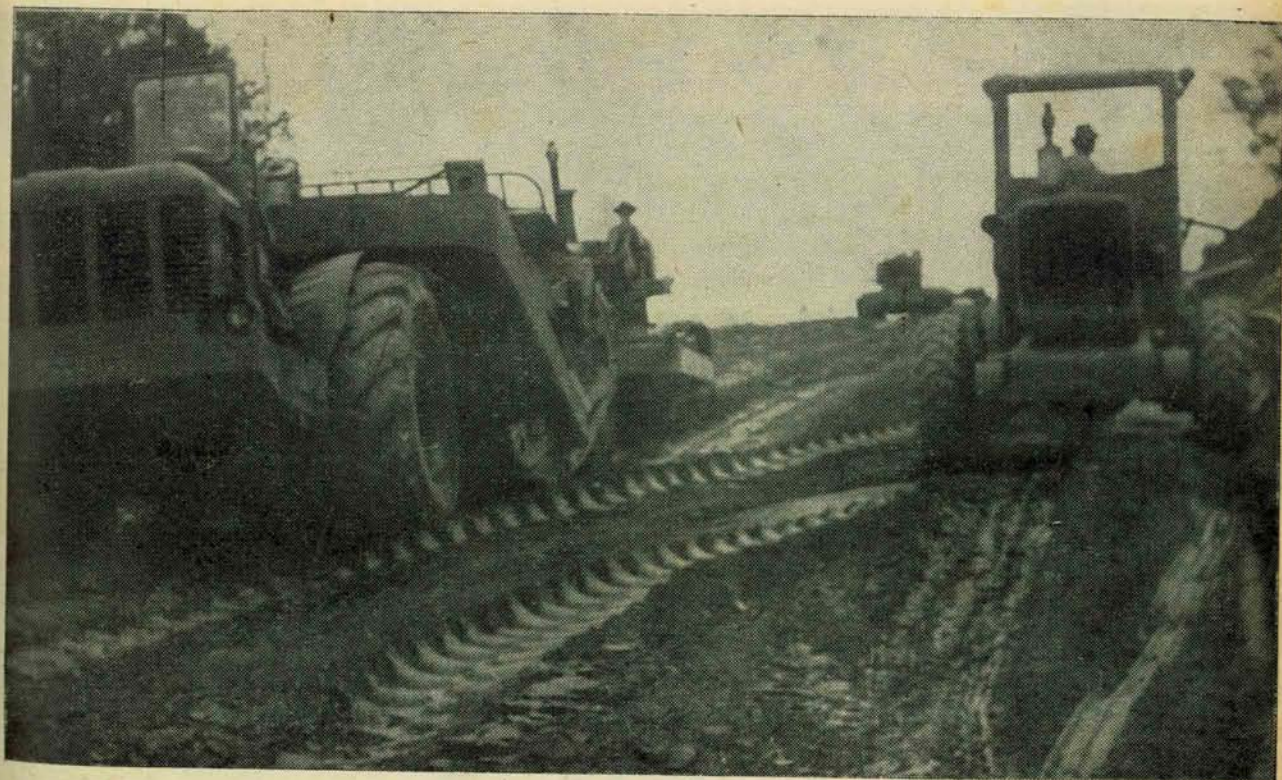
prêsa Nacional de Construções Gerais S. A. na realização de todas as metas rodoviárias do Presidente Kubitschek que demandam a Brasília, foi deveras significativa, pois se estende, eficiente e dinâmica, às rodovias Belém-Brasília, Belo Horizonte-Brasília, Acre-Brasília e Fortaleza-Brasília, o que equivale a dizer que a Nacional tem sob sua responsabilidade a execução de quinhentos e sessenta e três quilômetros de terraplenagem e cento e trinta e três quilômetros de pavimentação, já tendo realizado, em apenas vinte meses, dez milhões de metros cúbicos de terraplenagem e um milhão de metros quadrados de pavimentação.

Essa atividade da Empresa reflete, sem dúvida, o elevado espírito realizador que caracteriza seus dirigentes, vivamente empenhados em corresponder à confiança que lhes foi depositada.

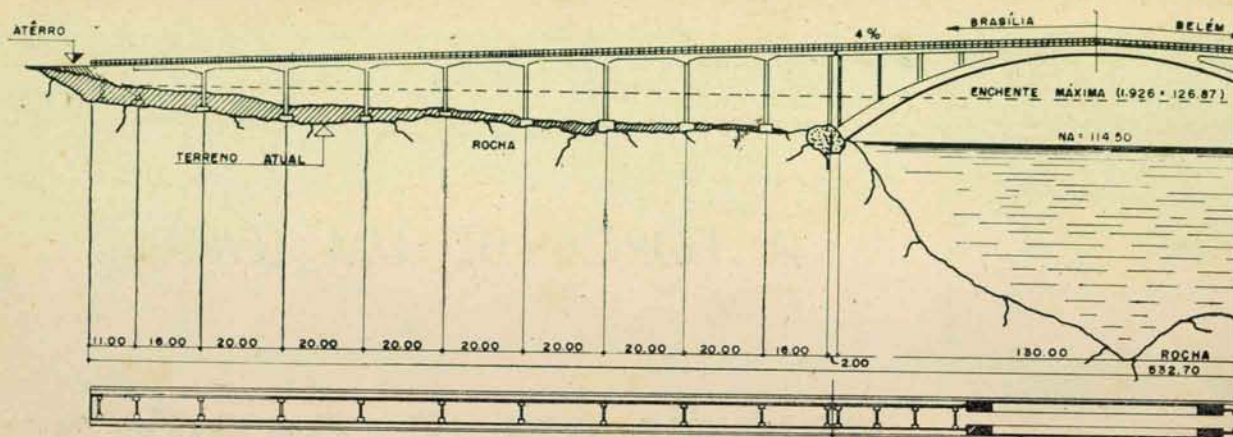
Belém - Brasília

A FÔRÇA DE UM LEMA: **EFICIÊNCIA E RAPIDEZ**

A Empresa Nacional de Construções Gerais S. A. bate recorde de produção — Trezentos mil metros cúbicos em cinco meses.



Flagrante do serviço de terraplenagem realizado pela Empresa Nacional na Rodovia Belém—Brasília, no trecho Gurupi—Cercadinho.



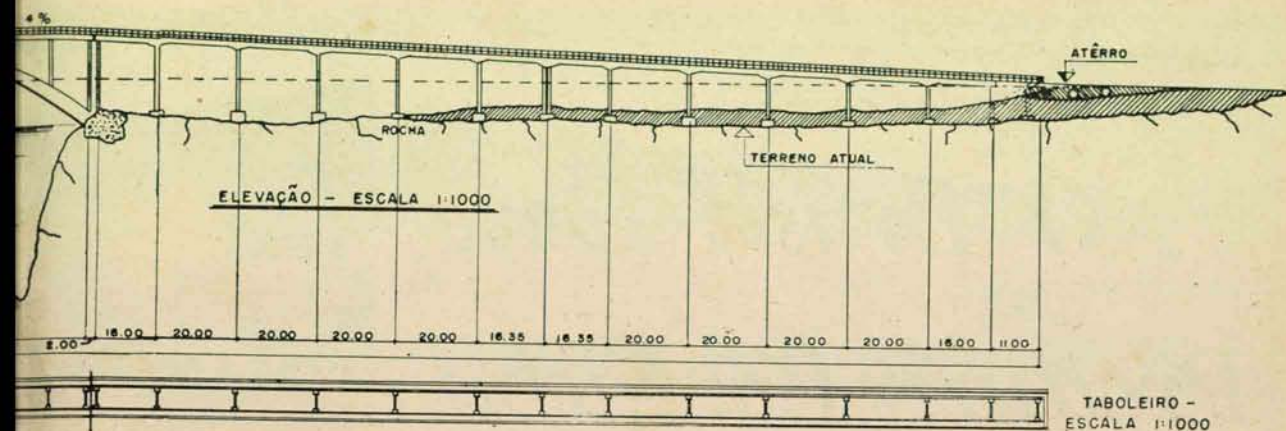
Ante-projeto da ponte em concreto armado sôbre o Rio Tocantins — 1.º — Seção de vasão
N. B. 6) um rôlo

Belém - Brasília

PONTE SÔBRE O TOCANTINS: NOTÁVEL

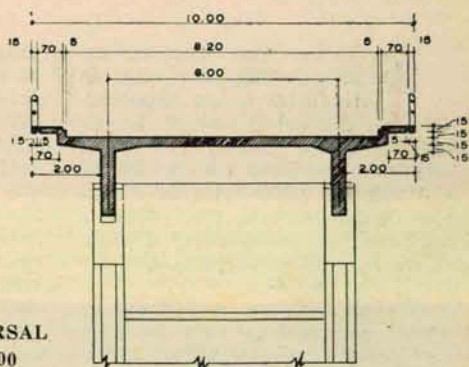
Aspecto da ponte em construção sôbre o Rio Tocantins, cujo término está previsto para o fim dêste ano.





primitivo; 2.º — Seção de vasação da ponte; 3.º — Trem tipo (de acôrdo com a revisão do compressor de 36 t.

OBRA DE ENGENHARIA



NA epopéia heróica da construção da rodovia Belém—Brasília, avulta, pela sua expressão técnica, a gigantesca ponte sobre o rio Tocantins, na localidade de Estreito, obra, aliás, considerada a mais importante da rodovia, não só pela extensão como pelas dificuldades impostas pela travessia. Trata-se de uma ponte com 532,70 metros de comprimento, constituída por 2 viadutos de acessos em concreto armado e 3 vãos em concreto pretendido vencendo o rio. Eis as características principais :

O vão central, em concreto pretendido, tem 140 metros de comprimento e será, no gênero, um dos maiores vãos do mundo em viga reta. Devido à grande correnteza do canal — cerca de 40 metros — foi adotada a execução sem escoramento pelo processo em cantilever. De acordo com este processo, a execução é feita por trechos em balanço com cerca de 6 metros de comprimento, que se apoiam nos trechos já concretados, sendo usadas treliças móveis que avançam simultaneamente com a obra. Este avanço, em balanço, será de setenta metros a partir de cada margem do rio, ligando-se os dois trechos assim executados por meio de uma articulação com dispositivo que permite a livre dilatação. A introdução desta dilatação, além das vantagens construtivas, elimina a possibilidade de aparecimento de esforços secundários devidos à retração, temperatura e de-

formação lenta. Este vão central será construído por um vigamento celular com a altura de 7,50 metros nos apoios e 3,20 metros no meio do vão. A ponte foi projetada para a primeira classe do DNER, que é um caminhão de trinta e seis toneladas associado a uma carga de multidão.

A obra está sendo construída sob a fiscalização da Comissão Executiva da Rodovia Belém-Brasília (Rodobrás) e deverá ser entregue ao tráfego até o fim do corrente ano.

O projeto e construção da grande obra está entregue à firma Sérgio Marques de Souza S.A. — Engenharia e Comércio, cuja sede é à Avenida Rio Branco, 103 — 9º andar — Rio de Janeiro, e que está executando, atualmente, também, a ponte sobre o Rio Paraná na BR-34, com cerca de dois quilômetros de extensão, e que possui em seu acervo as seguintes obras executadas : Ponte sobre o Rio São Francisco, na rodovia Belo Horizonte-Brasília — Viadutos Santos Dumont, na Rodovia Rio-Belo Horizonte — Viaduto sobre a Grota do Inferno, na BR-4 — Viaduto do Queias, na BR-55 — além dos projetos de inúmeras obras de vulto, como sejam : Viaduto sobre o Córrego das Almas, na BR-3 — Ponte sobre o Rio São Marcos, na rodovia Belo Horizonte-Brasília, e Plataforma Rodoviária no cruzamento do eixo monumental e rodoviário de Brasília.

O Brasil Deve Produzir Borracha



DENTRO das perspectivas atuais do País, o plantio da seringueira ocupa importância vital dentro do sistema econômico nacional. Com o desenvolvimento da indústria automobilística e o aumento ponderável de nossas vias de comunicação rodoviárias, a indústria de pneumáticos tornou-se ainda mais importante que antes.

E' essa indústria que produz os pneus, verdadeiros elos de ligação entre as diversas regiões do Brasil. São os pneus que transportam nossas riquezas, asseguram o indispensável intercâmbio entre as fontes de produção e os mercados de consumo. Os pneus estão presentes em tôdas as fases do

progresso. Participam ativamente da arrancada que o Brasil dá para encontrar os seus verdadeiros destinos.

Com os olhos voltados para os destinos do Brasil e reafirmando sua convicção e fé no nosso futuro, a Firestone, em 1954, iniciou o plantio de grande gleba de terra, em Ituberá, litoral baiano, com seringueiras. Após estudos pilotos, onde se revezaram técnicos em plantio racional e fitopatologistas, que estudaram as condições locais, foi iniciado o plantio.

Neste ano, quando a Firestone comemora 20 anos de atividades industriais no País, o número de seringueiras plantadas já chega à casa de um milhão. Os trabalhos dos

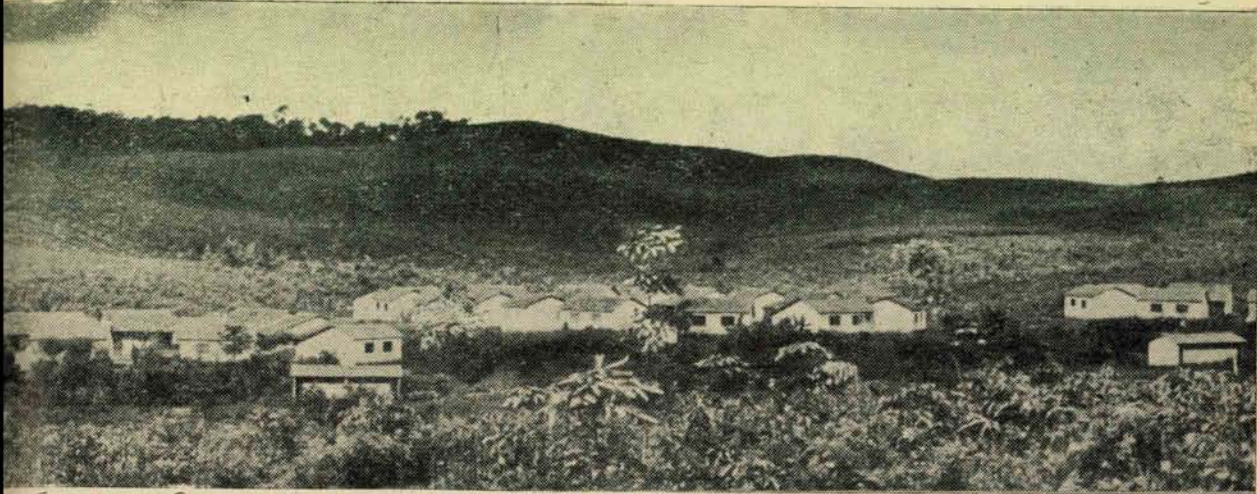
colonos são orientados agora para a árvore nº 2.000.000, meta a ser cumprida pela Firestone. Enquanto isso, a fábrica da indústria, instalada em Santo André, Estado de São Paulo, trabalha ininterruptamente para produzir o pneu nº 10.000.000. Dessa forma comemora a Indústria de Pneumáticos Firestone o seu 20º aniversário de atividades industriais no Brasil.

Os 11.000 hectares de terra da Firestone em Ituberá, aos poucos, vão sendo vencidos pelo trabalho do homem. Paralelamente com a plantação, se desenvolve vasto sistema de assistência social, completamente desconhecido na região. A Firestone levou para aqueles rincões uma concepção inédita



A seringueira é uma árvore melindrosa. Desde o viveiro de sementes, até a árvore já adulta, exige atenção e cuidados especiais para evitar as doenças que sacrificam culturas inteiras deixando-as sem qualquer possibilidade de salvação. A Firestone trabalha ativamente nesse setor.

O plantio de novos campos de seringueiras, abre perspectivas para um Brasil economicamente mais forte no amanhã. A Firestone trabalha ativamente para atingir a sua meta da sua seringueira nº 2.000.000. Superada esta, novas metas surgirão. E' progresso que marcha.



Núcleos residenciais, com todo o conforto da civilização, asseguram ao trabalhador rural da Firestone condições humanas de vida. A Firestone é pioneira também nesse setor.

de relações entre empregado e empregador.

Enquanto o trabalhador rural dedica o seu trabalho ao plantio da seringueira, cuja borracha produzirá pneus brasileiros, a sua família recebe toda sorte de assistência. Um vasto sistema de abastecimento leva às famílias os indispensáveis gêneros alimentícios, bem como todos os bens de primeira necessidade. As crianças, por seu turno, freqüentam escolas construídas pela Firestone, sem qualquer ônus para seus pais. Também aí, a Firestone cuida do Brasil de amanhã. Alfabetiza as gerações do futuro. Aos domingos, serviços religiosos são realizados nas igrejas que servem os vários núcleos resi-

denciais construídos na plantação.

Um moderno hospital serve de base para a assistência médico-hospitalar com que se beneficiam as famílias dos colonos. Modernos equipamentos permitem que se mantenha no sertão baiano os benefícios da moderna civilização. Também as gestantes recebem serviços médicos por intermédio de moderno sistema assistencial, que dispõe, inclusive, de incubadoras para prematuros. Em todos os setores, a Firestone assiste aos seus empregados, dando-lhes todo o amparo necessário.

A medida em que cresce a plantação, novos núcleos residenciais vão sendo construídos. Os serviços de assistência social se expandem.

E' a civilização que trabalha pelo desenvolvimento e crescimento do Brasil.

A perfeita unidade de esforços entre os diversos setores da Firestone assegura-lhe a liderança do mercado brasileiro de pneus. Enquanto em Ituberá plantam-se seringueiras para assegurar matéria-prima, em Santo André, a fábrica se moderniza diariamente. Novos métodos de produção são adotados. Aperfeiçoamentos de qualidade e técnica superam aperfeiçoamentos anteriores. A Firestone marcha firme dentro do seu propósito de canalizar todas as suas atividades para o progresso do Brasil, produzindo o melhor hoje e ainda melhor amanhã.





Um acidente... mas não se preocupe... é Quink Lavável!

Um pouco de água e sabão... e pronto! Quink Azul Real Lavável não mancha a roupa nem as mãos. Para sua segurança, use sempre PARKER QUINK LAVÁVEL!

— a única tinta que contém *solv-x*; limpa e protege a caneta à medida que escreve.



59 cm3	Cr\$ 30,00
473 cm3	Cr\$ 130,00
946 cm3	Cr\$ 210,00

Distribuidores exclusivos para todo o Brasil:

COSTA PORTELA

INDÚSTRIA E COM. S. A.

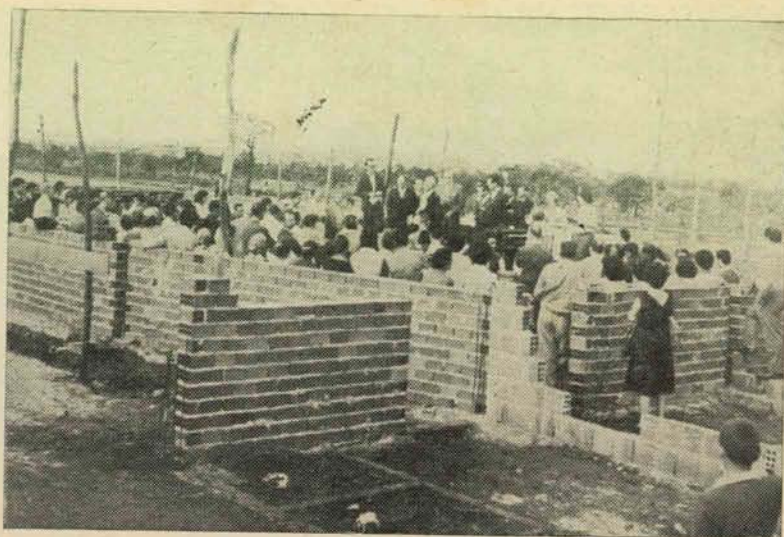
Av. Presidente Vargas, 435 - 8.º and. - Rio
Sub-Agente em Minas Gerais

JOSÉ HARRY LEITE

Rua dos Caetés, 652-1.º

Belo Horizonte

STB - 1021



Primeiro culto protestante realizado em Brasília no terreno de sua Igreja em construção.

Brasília, Capital do Brasil

Continuação da pág. M

suas ruas poeirentas e nos céus da cidade de madeira roncavam os possantes motores dos Constelations, dos Caravelles e dos Viscounts. O sol era abrasador e o céu estava toldado de nuvens brancas. Centenas de ônibus, taxis, caminhões, demandavam apressadamente o Plano Piloto, congestionando as avenidas de Brasília. Os célebres trevos estavam bordados de carros. Era uma avalanche se engrossando e deslizando por mais de quinze quilômetros da cidade livre a Brasília.

Para se ter uma idéia deste tráfego colossal, basta dizer que nossa reportagem que se locomovia em «jipe» demorou cerca de duas horas para varar estes quinze quilômetros e ingressar na Praça dos Três Poderes.

Ao longo das grandes avenidas de Brasília surgiam, às vezes, «troles» quase desconhecidos no Brasil e bares ambulantes em peruas «Volkswagen». Distintos de diferentes ufanismos e humores passavam afixados nos carros. Homens de trajes típicos, como o «índio peruano», eram encontrados e, vez ou outra, deparávamos com coisas incríveis como o caso do ciclista que veio do Rio Grande do Sul, pedalando, ou a coluna do Exército que veio a pé do Rio de Janeiro com cento e vinte homens.

Houve também muita exploração. Quando o sol era mais ardente chegamos a pagar trinta cruzeiros por um refrigerante ou vinte cruzeiros por um pastel. Uma laranja era vendida até dez cruzeiros — os gêneros alimen-

tícios atingiram o valor do ouro. A Imprensa dormia em acampamentos onde as «muriçocas», espécie terrível de pernilongos, «infeitavam» e médicos e homens ilustres dormiam, muitos deles, sobre uma colcha no chão limpo de uma tapera da cidade livre ou em seus carros.

A condição de vida e higiene era precária e quase inexistente para aquela enorme multidão. Mas o povo não arredava pé, todos queriam ver e sentir Brasília em seu primeiro e radioso dia de Capital do Brasil.

OUTRAS SOLENIDADES

Findando a manhã do dia vinte e um, teve lugar ao lado da Catedral, obra-prima de arquitetura, sua inauguração oficial. De fraque e cartola, compareceram o Presidente da República, sr. Juscelino Kubitschek de Oliveira, embaixadores das nações, Ministro da Guerra, autoridades da vida nacional e destacadas figuras da vida religiosa.

Logo após, diante da gigantesca cabeça de Juscelino esculpida em mármore e granito, em frente ao Palácio dos Despachos, como homenagem dos trabalhadores de Brasília ao construtor da Nova Capital, fez o discurso oficial de inauguração de Brasília, o grande vate brasileiro Guilherme de Almeida, da Academia Brasileira de Letras, que saudou a obra gigantesca com um poema. Novamente o povo, não se contentando, rompeu as barreiras da polícia do Exército, para dar vivas a Brasília e ao seu construtor que,

(Conclui na pág. 141)

A Grande Oportunidade

Conclusão da pág. 87

Devo tocar somente aquilo que sinto vontade de tocar.

— Oh... temperamento, hein?

— Oh, não. Mas divirto-me tocando assim.

— Diverte-se? — O homem pareceu rolar a palavra entre os dentes. Tomou o chapéu. — Para ser um desconhecido é o senhor antes um independente. Se decidir-se mostrar-se razoável, telefone-me.

Harry ficou a olhá-lo por um instante. Depois encolheu os ombros e voltou ao camarim. Antes de ali entrar encontrou Marge.

— Olá, querido — disse ela. — Como se foi, ontem de noite?

Ele fitou-lhe os olhos que conhecia tão bem.

— Teria preferido ficar com você — disse.

O rosto de Marge iluminou-se de repente e seus olhos tornaram-se brilhantes.

— Oh, Harry, sou tão feliz! Tive medo... receava perdê-lo... — disse. Depois ergueu-se na ponta dos pés, beijou Harry e saiu correndo.

Amélia, pensou Harry, era bastante alta para poder beijá-lo comodamente. Mas por que continuava a pensar nela?

Ouvia Marge cantar: a vivacidade e a alegria faziam quase esquecer aquela sua voz um pouco rouca.

Harry experimentou uma sensação de compaixão por ela. Marge não gostava de cantar. Na realidade não valia muito. Cantava somente porque aquela era uma maneira como outra qualquer de ganhar a vida. Pensou que não havia nada de mais triste que ter de fazer algo de antipático, simplesmente para ganhar dinheiro.

Foram talvez estes pensamentos que mais tarde, enquanto estava inclinado sobre o teclado, o influenciaram na escolha das canções. Quando ergueu os olhos, deparou Harry com Amélia diante de si.

Estava sentada na mesa habitual, sózinha, e tamanha era a sua beleza que ele sentiu alegria e ira ao mesmo tempo.

Por que não estava Amélia longe daquele café? Que queria dele?

Perguntou-lho a queima-roupa, quando acabou de tocar.

— Que quer de mim, Amélia?

— Nada. — Fitou-o nos olhos, surpresa. — Justamente nada, Harry. Venho somente para ouvi-lo tocar.

— E' só por isto que está aqui? Pela minha música?

Amélia sorriu.

— Sente-se, Harry. A sua música é você, não?

Por um instante ele não disse nada. Quando afinal falou, as suas palavras não pareceram de fato uma resposta.

— Quero apenas ser feliz. Quero ser eu mesmo.

— Sim, sei disso.

— Mas você não pode... uma moça como você...

Interrompeu-se porque Marge vinha-se aproximando dele, com o sorriso nos lábios, as faces brilhantes.

— Lamento interromper — disse — mas está alguém ao telefone. Disse que esteve aqui antes e quer saber se você mudou de idéia, Harry, porque tem necessidade de decidir logo.

— Não mudei de idéia.

— Harry... mas você está louco?

— Não, Marge. Você não compreende. Quer que eu toque de acordo com um programa estabelecido. Você sabe que isso não me agrada.

Marge fitou-o.

— Não lhe agrada? — exclamou, horrorizada. — Você tem diante de si a ocasião pela qual esperou a vida inteira... e diz que não lhe agrada!

— Mas não lhe agrada deveras! — interveio Amélia. — Harry tem necessidade de ser ele próprio para sentir-se feliz.

Marge corou e lançou um olhar para Amélia, depois disse:

— Naturalmente, Harry. Talvez agora não deva você preocupar-se mais com questões de dinheiro.

Se ele ouviu, não fez caso. Limitou-se olhar longamente Amélia, depois disse, baixo, a Marge:

— Não. Não era eu... era você que esperava esta ocasião Marge.

— Sim... decerto. Mas para você.

— Não — interrompeu-a ele. — Não para mim, Marge.

Mais tarde, Harry saiu com Amélia, vendo a chuva leve espalhar-se em tórno dos lampiões e brilhar no ar.

Depois fitou Amélia com seu incerto sorriso e perguntou a si mesmo se a ela agradaria aquilo que tinha em mente fazer.

— Harry — disse ela, depois que ele o fez — você beija como toca piano.

— Deveras?

— Sim. Como se tivesse medo e não soubesse como se faz. Pelo contrário, sabe-o muito bem. — Suspirou. — Com perfeição — acrescentou, num murmúrio.

Quanto Vale o seu minuto?



Vale muito, sabemos. Por isso, lhe oferecemos um negócio de quem não tem tempo a perder, mas para ganhar: colocando assinaturas da Revista ALTEROSA. Em questão de minutos, você pode explicar a um amigo, a pessoas de suas relações, as vantagens de ser assinante de nossa revista. E há o telefone: com rápida ligação você entrará em contato com muita gente que, ouvindo falar de ALTEROSA, terá prazer em assiná-la. Sim, porque cada pessoa, desde que seja alfabetizada, é um possível assinante, que você pode conquistar em um minuto.

Aproveite bem os seus minutos de folga,
para ganhar mais,
vendendo assinaturas de

ALTEROSA

Para inscrever-se como nosso agente, basta enviar à Soc. Editora ALTEROSA Ltda., Caixa Postal 279, os seguintes dados pessoais: nome e endereço completos, idade, estado civil, profissão, grau de instrução, e fontes idôneas — com as quais você não tenha parentesco — para referências: comerciantes, industriais ou bancos de sua cidade.

O caminho de

Foujita

FOUJITA ia para Paris. Vestia terno branco e usava capacete colonial. Durante quarenta e cinco dias de mar nem um só dia deixou de usar o terno branco e o capacete colonial; depois, chegou a Montparnasse. Um japonês vinha colonizar Paris. Os pintores da Coupole e da Rotonde viram então Foujita num terno que eles próprios teriam vestido se tivessem dinheiro para ir a Tóquio. Compreenderam que o exotismo podia ter duplo sentido, que dependia menos da direção tomada do que da distância percorrida.

Foujita contemplou longamente com seus olhos apertados e imóveis os clientes dos cafés famosos no mundo inteiro, nenhum deles sequer se assemelhava a outro: barbas bastas, cabelos compridos, chapéus ou bonés, blusas e camisas respingadas de tintas. Via uma reunião de seres absurdos com um uniforme tranquilizador: a pobreza.

Foujita sentia-se feliz por ver seus desejos satisfeitos. Era filho de um general samurai, rico, e se educara na tradição dos altos dignatários japoneses. Encontrava em Paris o que aí viera procurar: o contrário da vida que conhecia, a evasão.

Um amigo, a única pessoa que conhecia em Paris, apresentou-o, no dia de sua chegada, a Picasso. No *atelier* do pintor espanhol, Foujita deteve-se durante

muito tempo diante duma tela do "douanier" (empregado de alfândega) Rousseau: representava o poeta Guillaume Apollinaire e sua mulher. Picasso contempava-o; depois, disse calorosamente:

— Você é um dos raros pintores a se interessar por esta tela; jamais um amador pára diante dela. Sejam os amigos!

No dia seguinte, Foujita travou conhecimento com Apollinaire na Coupole. Os artistas de Montparnasse diziam uns aos outros:

— Chegou um japonês que compreende o "douanier".

Foujita já estava lançado. Mas, em 1913, lançar-se em Montparnasse era lançar-se na miséria. Por isso, Foujita teve de, lamentando, vender primeiro seu capacete colonial, depois seu belo terno branco. Mas o dinheiro que conseguira com essas vendas logo acabou, e Foujita outra vez teve de se desfazer de um pertence pessoal: a mala. Que importava vendê-la, já que não mais pretendia voltar? Afinal, vendeu também a cama. Que mal fazia não ter cama, já que não se deitava jamais antes das cinco horas da manhã? Bastaria encontrar um amigo que se deitasse cedo! Um, ocupando a cama durante a noite; outro, durante o dia, e o problema deixaria de existir.

— A pobreza em Montparnasse era suportável, porque era alegre e organizada — ainda diz com saudade.

Foujita ocupava um *atelier* pagando onze francos mensais. Mas logo chegou o tempo em que não podia dispor mesmo dessa soma. Mudou-se, então, para um *atelier* menos oneroso, em Falguière, que dividiu durante sete anos com Soutine. Na Rotonde, o café-



Diante do arcebispo paramentado, o casal Foujita se inclina, recebendo, com unção, o batismo católico — espetáculo comovente de conversão que atraiu à catedral de Reims grande multidão e toda a imprensa francesa.

Após 30 anos de vida boêmia em Paris, Foujita, um artista japonês do grupo dos «pintores malditos» de Montparnasse, converte-se ao catolicismo.



creme custava dois "sous". Por esse preço, passava uma noite a rir ou a conversar sobre pintura com Soutine, Modigliani, Van Dongen, Kisling, Blaise Cendrars, Apollinaire, André Salmon e Éric Satie juntavam-se a eles sábado, à noite.

Durante o dia, Foujita ia ao Louvre: a entrada, naquela época, era gratuita.

— Durante três anos, meus primeiros três anos em Paris, eu ia quase todo dia ao Louvre. Ia ver e rever os *Primitivos* e também as salas gregas e assírias, porque nelas descobri a síntese artística do Oriente e do Ocidente. O que desejava realizar em minha obra pessoal...

A boemia dos *Montparnos* ocultava o trabalho sério e verdadeiro que realizavam: pintavam. Depois, terminada a tela, retalhavam-na com golpes de navalha ou a queimavam, porque não estavam satisfeitos. Às vezes, arremessavam-na raivosamente pela janela. A porteira ou o proprietário — cujo pagamento negligenciavam — ia guardando as pinturas desprezadas.

— Quem sabe?... — diziam.

Foujita queimou mais de 500 de suas telas. Queimar era sua técnica de destruição. Queimou-as porque não as amava, e também porque era preciso se esquentar no inverno.

— Durante três anos não tive sobretudo. A única roupa quente que possuí foi uma blusa de lã.

Era a época em que certos pintores iam descalços à Coupole ou à Rotonde. Foujita fazia suas roupas de farrapos velhos. Às vezes, saía vestido numa túnica comprida, à maneira dos gregos antigos, um colar de vidrilhos em volta do pescoço, sua franja de cabelos muito negros caindo sobre a armação grossa dos óculos.

O japonês era o mais excêntrico dos *Montparnos*. Isto contribuiu sem dúvida para fazê-lo conhecido mais rapidamente do que os outros. Após a guerra, tornou-se o pintor da moda. Durante vinte anos os príncipes, os banqueiros, os políticos vinham procurá-lo em seu *atelier*, rogando-lhe que "fôsse de seus salões", que comparecesse a suas festas. Boni de Castellane desenrolou, ele próprio, sob seus pés, um tapete de veludo vermelho. Foujita passou, impassível e mudo.

Com suas desordens, estava continuamente criando escândalos. Sua maneira de se trajar a todos surpreendia, desconcertando com sua máscara imóvel de oriental. Ele sabia que tinha talento e, numa

época louca, compreendera o que era preciso fazer para impô-lo.

Mas o essencial era pintar: gatos graciosos, corpos nacarados de mulheres que acariciavam a pata voluptuosa dos felinos, criancinhas de olhares espantados. Sua glória se tornou mundial: um dia, em Buenos Aires, refugiou-se no porão do museu. Já dera 2.500 autógrafos, e mais de 10.000 pessoas esperavam ainda sua assinatura...

Hoje, ele se esconde, para trabalhar, num *atelier* magnificamente decorado de Montparnasse. E cita a frase de Gide: "Há um tempo para viver e há um tempo para se lembrar de ter vivido".

★ ★ ★

A fase dos escândalos e excentricidade passou. Sua vida tomou um caminho inteiramente diferente. Foujita converteu-se à Igreja, e nela se batizou. Nós assistimos ao batismo do último dos *Montparnos*.

Quando entrávamos no templo, o arcepreste falava, dando à sua voz um tom autoritário, um tanto metálico, mostrando o hábito de fazer as sílabas cantar nas catedrais de coluna em coluna.

— Esta cerimônia é uma cerimônia santa, não porque se trata do batismo do Sr. e da Sr^a Foujita, mas porque se trata de batismo.

Entretanto, era por causa de Foujita que dezenas de fotografos, todas as emissoras e a televisão francesa, representada pelo grande programa "Em Francês no Texto", estavam reunidos em Reims. O último dos pintores malditos de Montparnasse, o japonês da Rotonde convertia-se, aos sessenta e três anos, na catedral dos reis de França.

A Igreja fechara os olhos à invasão da imprensa. Por algumas horas de desconforto e alguns fiéis escandalizados, os jornalistas dariam testemunha até aos menores recantos da terra da conversão ao catolicismo do último dos *Montparnos*. Foujita respondia, tremendo, às questões de Monsenhor Béjot:

— Renuncio... renuncio... creio... creio...

Durante vinte anos, fôra o mais adulado dos pintores sem jamais ter-se perturbado. Pela primeira vez, sua fleugma lendária de oriental deixava de ocultar seus sentimentos profundos. Tremia de emoção.

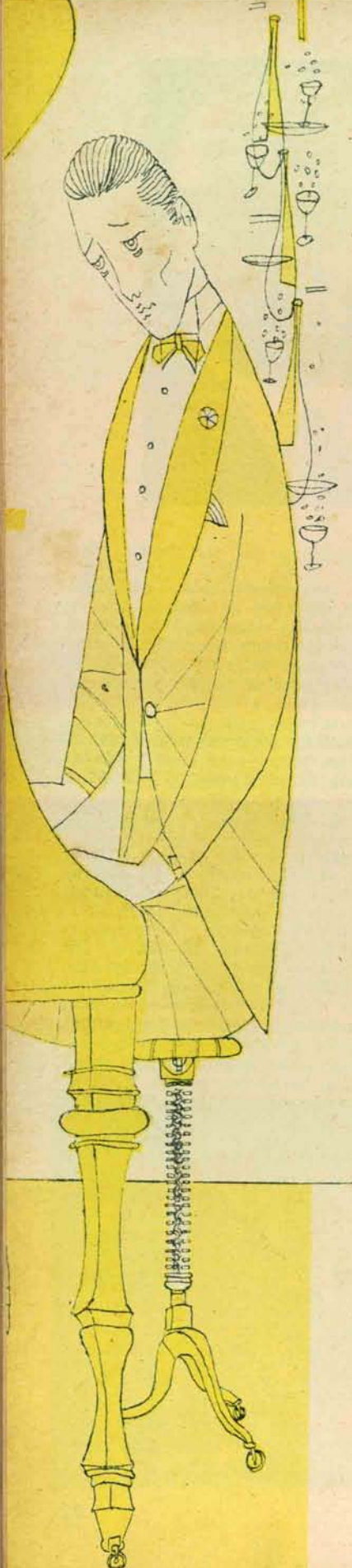
Em 1955, Foujita decidira tornar-se francês. Em 14 de outubro de 1959 decidiu-se tornar cristão. Atin-

(Conclui na pág. 111)

A GRANDE OPORTUNIDADE

Conto de Gertrude Schweitzer

Ilust. de Jarbas



CHAMAVA-SE Harry e era pianista em um café modesto. Durante a hora do jantar tocava em surdina, improvisando um pouco, repetindo motivos de canções e fazendo fundo à conversa e ao tilintar dos pratos e dos copos.

Mais tarde, porém... às dez, e depois ainda, à meia-noite... empurrava o piano até a pista de baile, no centro da luz de um refletor, e, cinco minutos depois, não se ouvia outro som senão o de sua música.

Harry talvez não fôsse um grande pianista, mas tinha qualquer coisa de especial. Parte dessa alguma coisa, naturalmente, era ele próprio. Tinha cerca de vinte e três anos, mas ficara-lhe grudada uma espécie de timidez, ou mesmo de incerteza que não conseguia absolutamente dominar.

Era demasiado alto para o pequeno piano. Quando se sentava, com sua figura ultrapassava o instrumento e com as mãos cobria todo o teclado. Antes de começar a tocar, voltava-se para olhar em redor com um sorriso incerto. Parecia um rapazinho no exame anual dos alunos de um curso de piano, um jovenzinho tímido, receoso de errar alguma nota e tenazmente aferrado à esperança de que ninguém pudesse percebê-lo.

Fazia a gente ficar sentado na beira da cadeira, retendo a respiração. E depois, repentinamente, viam-se seus dedos caírem fortes e seguros sobre as teclas, e a música entrava-nos no coração, fazendo-nos pensar em nunca ter ouvido nada igual a vida inteira.

— Harry, você é maravilhoso! — dizia-lhe sempre Marge. Marge era a moça que cantava com a orquestra e que ele todas as noites acompanhava até em casa. Habitualmente, paravam em algum pequeno bar a tomar um café e a falar durante horas. — Um dia você ficará famoso — sussurrava-lhe ela. — Rico e famoso. E' deveras um gênio!

Harry corava e lhe respondia que ela era uma tola.

— Amo a música e basta. Nisto não há nada de excepcional.

— Você não sabe o que faz os outros sentirem. Seu lugar é o West End... Um *night-club* ou um hotel de luxo, eis de que você precisa. Não aquela taberna aonde vão sempre as mesmas pessoas e ninguém se põe a ouvi-lo.

Marge era engraçada quando discutia e Harry a olhava, mais do do que a escutava. Marge era pequenina e morena, com chamas avermelhadas nos cabelos e olhos luminosos.

— Eu... estou no meu lugar — dizia. — Nunca farei carreira. Mas você, Harry... você pode ir longe.

— Sou feliz assim — respondia Harry. — E o importante é isto, não?

Um dia, Marge, ouvindo-o repetir pela milésima vez aquela história da felicidade, apoiou a mão em seu braço.

— Naturalmente, Harry — disse. — Mas poderia ser ainda mais feliz, não? Quero dizer, se muita gente fôsse ouvi-lo.

Marge parou e baixou os olhos.

— Você não tem mesmo *tudo* o que quer, não é verdade, Harry? — insinuou.

Viu ele a curva delicada de sua nuca e sentiu o coração bater.

Conhecia Marge havia um ano quase, isto é, desde quando tinha começado a tocar naquele café e a havia acompanhado sempre à casa, à noite. Por vêzes, como naquele momento, esperava-a antes de dirigir-se ao café e passeavam, ou se sentavam num banco.

Harry sempre estava assim contente. Nunca havia pensado em passar daquilo. Agora, pelo contrário, inclinou-se rapidamente, sem pensar, e depôs um beijo na nuca de Marge.

Não foi algo de improvisado ou de impulsivo: a Harry nunca acontecia isso. Foi simplesmente alguma coisa que lhe ocorreu à mente na-

**Entre as
duas moças
um piano...
com um rapaz
tocando.**

ta que valeria a pena você ouvir..."

A princípio, tratou-se apenas de um grupo de pessoas que entrou por acaso no café, após o teatro. Nada que pudesse modificar a situação, em suma.

Marge, porém, deu-se conta disso.

— Ouviram falar de você, Harry — disse ela, excitada. — Como eu lhe havia dito, compreende?

Harry sentia-se comovido diante de tão vivo interesse. Marge era a única pessoa que se ocupava se-

No momento desinteressou-se, mas depois inclinado sobre o pianinho no centro da pista do baile, não pôde deixar de notá-la.

A cadeira da moça estava muito perto da pista. Se Harry tivesse estendido um braço, talvez tivesse podido tocar-lhe de leve.

A moça trajava um vestido branco. A pele de marta estava pela metade apoiada na cadeira. A outra metade cobria-lhe um ombro. Harry teve quase a impressão de que alguma coisa houvesse imobilizado a desconhecida no ato de tirar a capa.

quele momento e que devia acontecer.

Marge reteve a respiração.

— E' esta a sua resposta? — perguntou, e ele disse que talvez sim, era justamente aquela, embora não estivesse muito seguro do que quisesse dizer a pergunta dela.

Mais tarde, foram trabalhar, como todos os dias. Mas doravante houvera uma mudança nas suas relações.

Naquela noite, quando chegaram à porta da casa de Marge, ela se voltou e ficou à espera. Ele então abraçou-a e beijou-a.

— Oh! Harry! — exclamou ela. — Você é maravilhoso! Um dia meia Londres o saberá!

Ele esboçou um sorriso incerto e fitou a moça.

— Só metade? — perguntou e ela riu, como se se tratasse de uma deliciosa piada.

— Tem razão — continuou, quando a risada se lhe acalmou na garganta. — Estará mais alto que todos. Todos conhecerão o seu nome. Poderá fazer o que quiser, ir aonde quiser.

— Não sei... — disse ele. — Aonde poderei ir?

Marge deitou a cabeça para trás.

— Oh, Harry... às vezes você até me faz raiva!

— Fica mais bonita neste caso!

Marge sorriu e apoiou a cabeça contra o ombro de Harry.

— Mas não posso enfadar-me com você — murmurou. — Com você é impossível, Harry.

— Muito me alegro.

— Seja como for, creio que você ficará famoso, apesar de tudo. Ainda mesmo que não o deseje, quero dizer. Tem você qualquer coisa de especial, Harry, e tenho visto muitos pianistas para poder afirmá-lo com certeza.

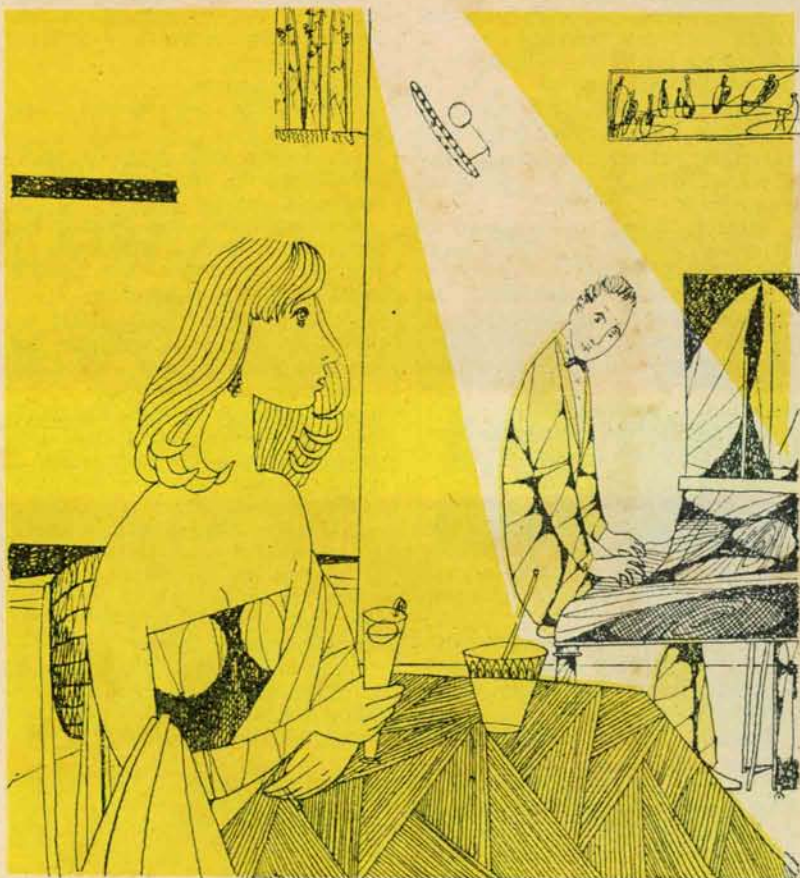
Marge tinha razão. Harry não teria podido permanecer sepultado e desconhecido naquele obscuro café, ainda que o tivesse querido. Um dia, fatalmente, alguém haveria dito a outrem: "Há um pianis-

riamente com ele, em tantos anos de solidão.

— Você é gentil, Marge. Mas como faz para saber donde vem essa gente? Como pode dizer que vieram eles para ouvir-me?

— E por que acredita que estejam aqui? Não para ouvir uma orquestra de segunda ordem ou uma cantora de terceira. Olhe a capa daquela moça loura: é de marta côr-de-areia.

Harry olhou, mas viu apenas uma capa de pele, que lhe pareceu igual às que via sempre. Mas a moça... moça loura: aquela sim é que era diferente!



A moça conservou-se imóvel durante todo o tempo em que Harry tocou. Somente seus olhos se desviaram do rosto do pianista para suas mãos e depois novamente para seu rosto.

Harry não havia nunca visto olhos como aqueles da moça loura. Eram de um azul tão escuro que ele a princípio pensou que fossem negros. Mas era sobretudo sua expressão que os tornava estranhos: uma expressão de maravilha. Ou talvez de esperança?

Harry não estava seguro de nada. Sabia somente que não podia desviar seu olhar da moça.

Em seguida deu-se conta de que era ela um tipo frágil, com uma carnção pálida e cabelos claros e mórvidos. Mas Harry não pensava em sua beleza, enquanto tocava. Talvez não tivesse podido dizer nem ao menos em que coisa estava pensando exatamente. Uma força misteriosa o obrigava a tocar unicamente para ela e esperava que lhe agradasse a homenagem.

Teria querido continuar a tocar, mas tinha pouco tempo à disposição. Parou afinal e as pessoas sentadas à mesa com a moça loura aplaudiram com distinção, mas por muito tempo.

A moça não aplaudiu. Ficou parada, sorrindo apenas, com os olhos fitos em Harry, numa espécie de complacente orgulho.

Uma só vez moveu os lábios e Harry teria jurado que havia sussurrado a palavra "obrigada". Mas por qual coisa teria devido agradecer-lhe?

Naquela noite, ao acompanhar Marge à casa, Harry teve de fazer esforço para manter a conversa.

Marge estava excitadíssima, dizia que agora se tratava somente de uma questão de tempo e depois qualquer um haveria de percebê-lo... o proprietário de um bom lugar em West End.

— Você nem se lembrará de mim, quando se tornar famoso — disse.

Ele lhe sorriu:

— E' uma idéia boba.

— Acredite-me, Harry — sussurrou Marge, fazendo escorregar sua mão na dele. — Não poderá esquecer-me, sei disso. Somos uma coisa só.

Mas Harry não a escutava mais. Estava na verdade perguntando a si mesmo quem poderia ser a desconhecida moça loura.

Naquela noite, pensando nela, dormiu pouquíssimo. No dia seguinte, deu um longo passeio solitário para procurar afugentá-la de sua mente. Era tolice continuar a pensar numa moça com quem não havia trocado nem ao menos uma palavra.

Era em Marge que devia pensar: Marge que o tinha sempre encorajado, que acreditava nele, e que era a realidade ao alcance da mão...

Mas naquela noite, quando se sentou ao piano, esqueceu-se de súbito de Marge. A moça loura estava sentada no lugar costumeiro. Desta vez, porém, estava só.

Quando os olhos de ambos se encontraram, ela lhe sorriu e Harry compreendeu que desejava falar-lhe, assim que tivesse acabado de tocar.

E, de fato, quando se aproximou dela e ela lhe dirigiu a palavra, teve Harry a impressão de

conhecê-la desde muito tempo.

— Salve, Harry! — disse a moça.

— Salve!

A moça sorriu.

— Habitualmente o anunciam assim: mas não conheço seu cognome.

Depois continuou, sem esperar que Harry lho dissesse... como se a coisa não tivesse importância.

— Eu me chamo Amélia.

— Amélia. Fica-lhe bem.

— E' terrivelmente antiquado.

— Talvez por isto é que lhe fica bem. Tem o aspecto de uma moça de outros tempos. — Interrompeu-se surpreso. — Nunca falei assim.

A moça sorriu.

— Como faz para saber o que sou, Harry?

— Talvez não o saiba. Não entendo muito de moças. Só entendo de música.

Amélia fitou-o com seus grandes olhos azuis, esperando, e Harry compreendeu que queria saber tudo a respeito dele.

— Meu pai foi meu mestre — disse. — Ter-se-ia tornado um grande pianista, mas faltou-lhe o dinheiro para continuar a estudar e teve de ir trabalhar. Obteve um lugar numa fábrica. Um dia escorregou-lhe uma mão e uma máquina arrancou-lhe dois dedos.

— Oh! — disse a moça e reteve a respiração. — Naturalmente — prosseguiu — derramou toda a sua música em você!

— Sim — Harry fitou-a. — Foi verdadeiramente assim.

Enquanto falava, deu-se conta de repente de que nunca havia contado aquelas coisas a ninguém. Agora, no entanto, estava contando à moça que seu pai era um homem maravilhoso e que tinham sido todos muito felizes até quando ele morreu. Harry tinha então quinze anos.

— Tinha ainda tanta coisa a aprender — explicou. — Compreende-se quando eu toco, não é verdade?

Amélia abanou a cabeça.

— Não sei. Talvez não seja somente a música. E' você. E' uma espécie de pura felicidade que é parte de você e que desabrocha na sua música. Quando a gente a escuta, sabe que é aquilo que sempre procurou...

— Amélia — perguntou-lhe — posso acompanhá-la à casa?

Foi somente quando se acharam à porta do café que Harry se lembrou de Marge. Não podia sair sem dar-lhe uma explicação. Disse a Amélia que voltaria dentro de um minuto e dirigiu-se ao cama-

rim de Marge. Encontrou sua amiga junto à porta, à espera dele. Havia já vestido o impermeável.

Os olhos de Marge estavam tão grandes e luminosos, que Harry pensou que estivesse zangada com ele. Em vez, tratava-se somente de entusiasmo.

— Mas onde estava você, Harry? Há aqui um sujeito que queria falar com você. Vai abrir uma nova casa e disse que lhe dará o duplo do que lhe pagam aqui.

Harry sentiu-se constrangido, porque Marge lhe demonstrava tanto apêgo e justamente agora deveria dizer-lhe que não poderia acompanhá-la à casa.

— Harry, ouviu o que lhe disse?



— Sim, naturalmente, Marge. E esse homem? Voltará?

Marge sorriu.

— Disse-lhe que pensaremos... que há ofertas melhores. Deixou seu cartão de visita... Oh, Harry! — roçou-lhe uma face. — Tudo está acontecendo como sempre sonhei!

— Mas por que?

Marge riu.

— Caro Harry, que artista já foi algum dia também um homem de negócios? Você não é obrigado a aceitar a primeira oferta que lhe fizerem. Se esperar um pouco, aparecerá coisa melhor.

Era a primeira vez que Marge o chamava "caro". Disse-o com leveza, com naturalidade, mas Harry corou.

— Não deveria você preocupar-se tanto a meu respeito, Marge.

— Não seja bobo — replicou Marge. — Eia! venha, vamos para casa.

Ele não se moveu e olhou-a, embaraçado.

— Não posso acompanhá-la, Marge. Prometi-o a uma outra.

— A uma outra? Quem?

— Chama-se Amélia. A moça loura, com a capa de pele. Pusemo-nos a conversar... e chegou-se a este ponto.

Por um momento Marge não falou e Harry não conseguiu descobrir que coisa estivesse pensando. Depois ela ergueu o rosto e sorriu.

— Vá então — disse. — E' natural. Quando você fôr famoso, mais de uma moça rica andarà atrás de você.

Sua voz enfraqueceu-se.

— Quase preferiria que você fôsse um pianista qualquer pelo qual ninguém se interessa...

— Marge!

Ela, porém, se fôra. Teve Harry a sensação de que estivesse ela chorando. Sabia que deveria tê-la seguido. Mas Amélia estava à sua espera e foi ter com ela.

Ele e Marge tinham sempre ido para casa a pé, mas desta vez sugeriu Harry tomarem um táxi.

No táxi, referiu-se Harry à oferta que acabara de receber de um sujeito que ia abrir nova casa, mas Amélia não mostrou o entusiasmo e o interesse de Marge.

— Irei ouvi-lo tocar aonde quer que você vá — disse. E depois:

— Você é feliz, Harry?

— Sim, naturalmente. E você, não?

Respondeu ela: "Sim decerto!", mas ele compreendeu que não era uma resposta: Amélia estava simplesmente repetindo as palavras de um sonho.

O táxi parou no enderêço dado pelo moço e, quando Harry viu a fachada branca do palacete, a porta de madeira entalhada, o delicioso terraço, as flores e as fontes do jardim, não teve necessidade de que Marge lhe abrisse os olhos, como havia feito com a pele de marta.

Sentaram-se sob o pórtico, ao clarão da lua. Contemplando a pávida e frágil beleza de Amélia, sentiu Harry gelar-se-lhe o coração. Que poderia querer dêle uma moça que morava numa casa como aquela? E que poderia ele esperar dela? Não era para ele. Vinham de dois mundos demasiado diferentes.

Como se tivesse lido seus pensamentos, Amélia disse:

— E' uma casa velha e dentro é até feia. Venha ver.

Ele a seguiu a uma sala enorme, de teto alto. Não lhe pareceu feia: somente, um pouco irreal. Em um ângulo, havia um imponente piano. Harry aproximou-se dêle logo.

Amélia sentou-se junto dêle no banquinho, mas quando começou

êle a tocar, deixou cair as mãos e ficou imóvel a escutar.

Depois Harry ouviu-a soluçar e uma voz de homem chamar pelo nome dela.

Parou de tocar e levantou-se, juntamente com ela. Um belo homem, jovem e distinto, estava parado à soleira da porta.

— Esperei-te a noite tôda, Amélia — disse o desconhecido, sem dar atenção a Harry. — Devíamos ter ido jantar juntos, lembraste?

— Lamento, Walter. Receio mesmo que o esqueci.

— Esqueceu? — Naquele momento o rapaz pareceu notar a presença de Harry. — Não compreendo que coisa tenha podido fazê-la esquecer.

Amélia respondeu alguma coisa, mas Harry não a ouviu, porque entretimentos havia alcançado a porta e estava vestindo rapidamente o capote. Já estava na metade da escada, quando ouviu chamarem seu próprio nome todavia continuou a andar, como se não tivesse ouvido.

Lá fora havia uma ligeira neblina. Enquanto caminhava para casa, pensou Harry em tôdas as vezes em que tinha acompanhado Marge, sob a chuva, e como pareciam frias as faces da moça contra as suas. Marge era a única pessoa, depois de seu pai, que lhe tinha querido bem e se mostrara verdadeiramente prêsa de coração a seu futuro.

Amélia não era para êle. Era uma moça à qual nem ao menos se podia pedir que andasse debaixo da chuva. Que poderia dar-lhe, para estar à altura da grande casa de pedra branca e de tudo mais? Harry era apenas um homem que amava a música e se sentia feliz na sua posição. Se na verdade o êxito o aguardava, como dizia Marge, então, decerto não o haveria de recusar. Mas para uma moça como Amélia era preciso ser um homem de fama. Não se podia andar avanti segundo o próprio instinto descuidado de tudo, não obstante estar juntos.

Quando no dia seguinte chegou Harry ao café, encontrou a esperá-lo o tal que o tinha ouvido tocar e queria contratá-lo para seu clube. Citou um dos lugares mais em moda da cidade e falou de um ordenado tão elevado que Harry pensou que êle quisesse brincar.

— Naturalmente deveremos decidir sobre seu programa — acrescentou o homem.

Harry abanou a cabeça.

— Não me agradam os programas preparados com antecedência.

(Conclui na pág. 81)



RUGÔL

2 cremes em 1

Limpa e embeleza a
cúti. Dá maravilhosa
brancura e esplendor de
juventude.



CREME
Rugôl

MANTEM EM SEGREDO SUA IDADE!

DR. J. MANSO PEREIRA

Docente da Faculdade de Medicina
da Universidade do Brasil.

Úlceras do estômago — Obesidade
e magreza — Crianças fisicamente
retardadas — Diabete — Alergia
clínica.

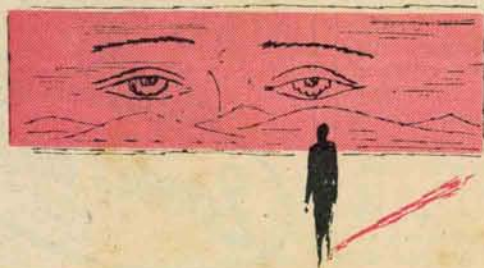
Consultório: Rua Ouvidor, 169 —
8º andar - Sala 809 - Fone: 23-6230
RIO DE JANEIRO

MUSEU DO OURO

Documentação histórica e artística
do Ciclo do Ouro em Minas
Gerais.

Aberto diariamente das 12 às 17
horas. (Fechado às 2ªs feiras para
limpeza).

Poesia



Pureza

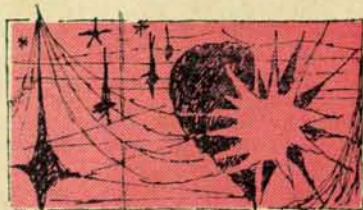
Presiso me banhar nessa pureza
Das águas dos teus olhos transparentes :
Dois regatos de luz e de beleza,
Onde nadam teus sonhos inocentes.

Andei muito e cobri-me de impureza,
Seguindo por caminhos diferentes.
Preciso me banhar na correnteza
Das águas dos teus olhos reluzentes.

O mundo é um lago imenso e a superfície
Parece cravejada de brilhantes...
Porém, o fundo é feito de imundície.

E somente a pureza dessas águas
Que vertem dos teus olhos cintilantes
É que pode lavar as minhas mágoas...

Antônio Zoppi



A noite, quando dormia

Antônio Machado

(Tradução de Altino Bondesan)

A noite, quando dormia,
Sonhei — bendita ilusão! —
Que uma nascente fluía
Dentro do meu coração.

Diz, por que senda escondida,
Água fresca, tu me alcanças,
Manancial de nova vida
Onde não bebo esperanças?

A noite, quando dormia,
Sonhei — bendita ilusão! —
Que uma colmeia fremia
Dentro do meu coração.

Lindas abelhas douradas
Fabricavam, num dossel,
Com amarguras passadas
Branca cêra e doce mel.

A noite, quando dormia,
— Sonhei — bendita ilusão! —
Que um sol ardente luzia
Dentro do meu coração.

Ardente, me propiciava
O calor do rubro lar,
E era sol, que deslumbrava
E me fazia chorar.

A noite, quando dormia,
Sonhei — bendita ilusão! —
Que era Deus o que eu trazia
Dentro do meu coração.

Cantigas

Bendigo as mágoas que trago
no coração, bem no fundo.
São mágoas que viram trovas
e que se perdem no mundo...

Marilda G. M. Sena

Ao findar nossa amizade
As tuas cartas rasguei...
Não resistindo à saudade
Os pedacinhos guardei.

Sérgio Maia de Farias

As ilusões são tão belas
e tão alto o seu valor,
que, às vezes, por uma delas,
paga-se um mundo de dor...

Benny Silva

MATE GELADO



Refrigera... reconforta... reanima !

Com mate gelado, o calor desaparece... a sensação de bem-estar é imediata... e você sente logo uma enorme disposição para o trabalho, para a vida! Síntese de ricos princípios tônicos, o mate elimina a fadiga e é um saboroso refrigerio nos dias quentes. Beba mate para ter mais saúde. Beba mate, que é nosso!

EM CASA

Em vez de água
beba mate!

NO TRABALHO

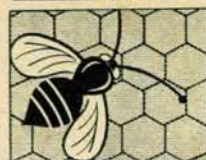
Com mate, você
se sente melhor

NA RUA

Você se refaz
com mate



* Rondon, após terminar a épica travessia do norte mato-grossense, com Theodore Roosevelt, atribuiu ao mate a resistência incrível de todos os componentes daquele feito memorável.



* Possuindo as Vitaminas A, B1, B2, C e E (da reprodução), e diversos minerais, o mate contém ainda o ácido pantotênico, princípio ativo da gélia real — uma extraordinária fonte de energia.

com mate você vai mais longe!

OS PRODUTORES E INDUSTRIAIS DO MATE — ATRAVÉS DO INSTITUTO NACIONAL DO MATE

GINA DEFENDE LOLLOBRIGIDA

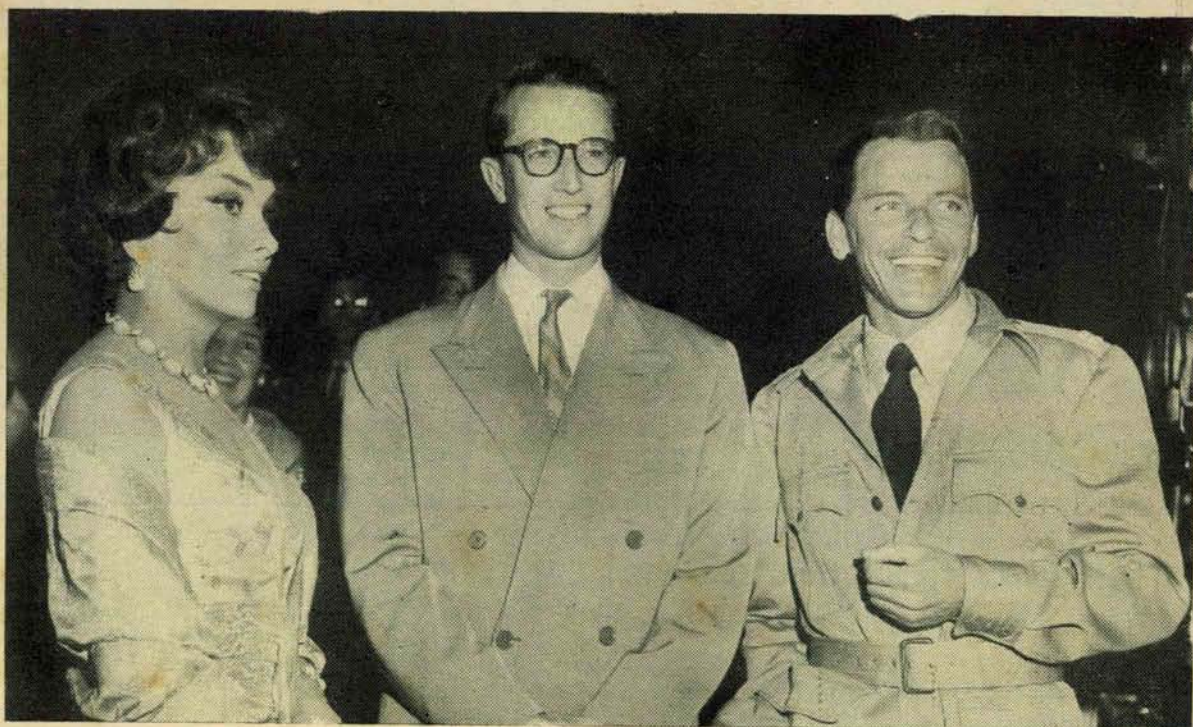
Pró ou contra, Gina é sempre assunto

— **NÃO ESTOU** descontente e amargurada pela maneira com que parte da imprensa italiana me trata; estou simplesmente admi-

rada com a raiva que tomaram de mim, a ponto de estarem sempre a inventar mentiras a meu respeito.

Com essas palavras, Gina se referia às afirmações nada favoráveis que a imprensa italiana fizera sobre ela. Assim, como, por

Cercando o rei Balduino da Bélgica, eis Gina Lollobrigida e Frank Sinatra, no intervalo entre duas cenas do filme «Never So Few» em que contracenam com Sinatra. Foi por esta ocasião que os jornais italianos começaram a divulgar o boato de um caso entre eles.



Lolô, um pouco «americanizada», numa foto feita nos estúdios da Metro, por ocasião da rotação de «Never So Few», película em que ela aparece com Sinatra.



exemplo, o suposto «caso» Frank Sinatra, que a estrela desmentiu com veemência.

— Meu matrimônio é feliz; por Frank Sinatra jamais tive mais do que amizade. Aliás, lá em casa, quem mais o admira é meu filho Milko.

E não foi só isso que os jornais e revistas italianos propalaram acêrca de Lollobrigida. Uma das coisas que mais a indignaram foi a notícia pèrfidamente explorada pela imprensa de que Gina estava ficando calva e que precisava usar uma peruca para disfarçá-lo.

Outra coisa foi o caso da reação do público londrino à exibição de «Salomão e a Rainha de Sabá». Segundo os jornais italianos, a exibição desta película constituirá um clamoroso fracasso, e a crítica inglesa a teria tratado com a maior dureza possível. Em vista disso, os produtores do filme resolveram dar-lhe de presente um luxuoso Rolls Royce, para apagar-lhe as lágrimas.

Gina contestou a versão italiana com todo vigor. Segundo ela, Londres possui uma platéia cinematográfica que não se entusiasma facilmente. Fato, portanto, que dá mais ênfase ainda ao sucesso — que classificou de pleno — da **première** mundial e dos espetáculos que se seguiram.

— O cinema que o lançou ficou durante duas semanas seguidas com a lotação inteiramente esgotada !... — argumentou.

E brandindo vinte-e-três recortes de críticas cinematográficas dos jornais ingleses, continuou :

— Olhe. Catorze são ótimas, extremamente lisonjeiras; cinco são simplesmente boas e apenas quatro são desfavoráveis. Como falar, então, em fiasco ?

E se ganhou um Rolls Royce com tôdas as comodidades (e superfluidades) que a moderna técnica automobilística proporciona, foi porque os produtores da fita ficaram simplesmente deleitados com o êxito e acharam que esta seria a melhor maneira de recompensá-la.

Gina : «Meu casamento não poderia ser mais feliz». E' claro que quem está a seu lado é seu marido, Dr. Milko Skofic, que, nesta foto, aparece quando conduzia Gina à maternidade, antes do nascimento de Milko Junior.

GINA DEFENDE LOLLOBRIGIDA

Gina parece estar cruzando atualmente uma fase de «defensiva». Toda grande estrêla experimenta a princípio um período em que a imprensa, fascinada por seu encanto novo e incomum, só lhe tece louvores. E' a fase da lua-de-mel entre a atriz e a imprensa. Mas o que era novidade acaba, o que era singular e incomum torna-se trivial, e os jornais passam a procurar alimento novo para a curiosidade insaciável do público. E' a fase de ataques e denegrimiento da atriz. Esta sente-se desamparada, mesmo porque a publicidade paga passa a lhe faltar, já que dela não mais necessita para se firmar, e a moça começa a fazer pronunciamentos amargos. Esta é a fase que Gina está atravessando no momento, a fase da «auto-defesa».

Mas isto também passa e um novo período será iniciado. A estrêla já atingiu a maturidade de seu talento e os ângulos sensacionalistas — favoráveis e desfavoráveis — já foram suficientemente explorados pela imprensa para que ainda constituam atrativo público. Os juízos são mais serenos, então, e a atriz tem inteiro domínio de si própria. E' para esta fase que Gina Lollobrigida está caminhando.

Gina ficou brava com as afirmações falsas que as publicações italianas fizeram a seu respeito.



"Pensei que meu
vestido fôsse branco... mas
o seu-que beleza!"

"É porque
Rinso lava
mais branco!"



Isso acontece sempre... e é quando muitas donas-de-casa descobrem que a roupa lavada com Rinso é mesmo mais branca! ■ Rinso Lava Mais Branco porque não é como os produtos comuns, que tiram apenas a sujeira superficial. O Mólho Super Espumoso de Rinso vai bem lá dentro do tecido, onde fica entranhada aquela sujeira fina que escurece a roupa. Rinso limpa de verdade! ■ E tudo isso sem estragar a roupa de tanto bater no ralador do tanque, e sem os alvejantes que corroem o tecido. Rinso é puro! Comece a usar Rinso, e a Sra. ficará satisfeita ao ver a sua própria roupa assim... com o branco mais branco que a Sra. já viu! Rinso Lava Mais Branco!



Rinso lava mais branco!

Vale a Pena A PENA DE MORTE?

Reportagem de
CÉLIA LABORNE TAVARES



O MUNDO assistiu, estarrecido, à sádica tortura a que esteve sendo submetido um condenado à morte que, na realidade, morreu várias vezes e, por estranhos milagres, ressuscitou outras tantas: Caryl Chessman. Sua história dramática, que nem Shakespeare talvez ousasse engendrar, traumatizou o mundo pelos requintes da crueldade que a tornou única nos fastos da penologia moderna. O flagício inominável, imposto à criatura humana que simboliza o mais dramático sofrimento humano deste século caótico em que vivemos, poderá realizar, paradoxalmente, o milagre da remissão do mais oprobioso borrão que macula a civilização contemporânea.

Conquanto sejamos ainda país chamado subdesenvolvido, não possuindo poderosa indústria nem devastadora força bélica, sem produção de bomba atômica nem foguetes espaciais, e ainda mais, com índice cultural e educacional baixíssimo em quantidade, restrito a elites e mingua nas grandes massas populacionais — compreendemos a tempo a aversão do nosso povo pela pena de morte, por força da nossa própria formação cristã, pena execrável que abolimos, no fim do século passado, da nossa legislação, como fizéramos com a libertação dos escravos: sem sangue nem luta armada.

Eis por que nos espanta verificar que países situados na primeira linha da civilização moderna, como seus guias e luminares, como os Estados Unidos, Inglaterra e França, ainda mantêm esse sistema obsoleto de combate ao crime. Tanto mais que, nesses países, não há provas de que a pena de morte tenha exercido a função intimidativa desejada, nem que a incidência criminal seja inferior à dos países que não adotam tão bárbaro processo judicial.

Nos Estados Unidos — o grande país irmão, cujo chefe recentemente reverenciamos, numa demonstração inequívoca de nossa admiração — nove Estados não têm a pena de morte na sua legislação: Maine, Michigan, Delaware, Rhode Island, Minnesota, North Dakota, Wisconsin, Alasca e Havaí. Infelizmente, em compensação, dos restantes, seis outros — Iowa, Idaho, Kansas, New Hampshire, Montana e Washington — além da pena capital, ainda a fazem executar com o bárbaro e medieval instrumento da força. Os demais dividem-se entre a cadeira elétrica e a câmara de gás.

Enumeramos esses Estados norte-americanos porque estão, na realidade, na ordem do dia, por força da tragédia de Caryl Chessman. Afirmam alguns jornalistas que o assunto é de interesse puramente interno dos Estados Unidos, e que a outros povos não é dado interferir nem tampouco manifestar-se. Ora, mas é preciso lembrar que os Estados Unidos ocupam, hoje, no cenário mundial, posição de lide-



Maria Luiza Ramos e Lucas, escritora e professora, elemento de prestígio nos meios intelectuais mineiros.

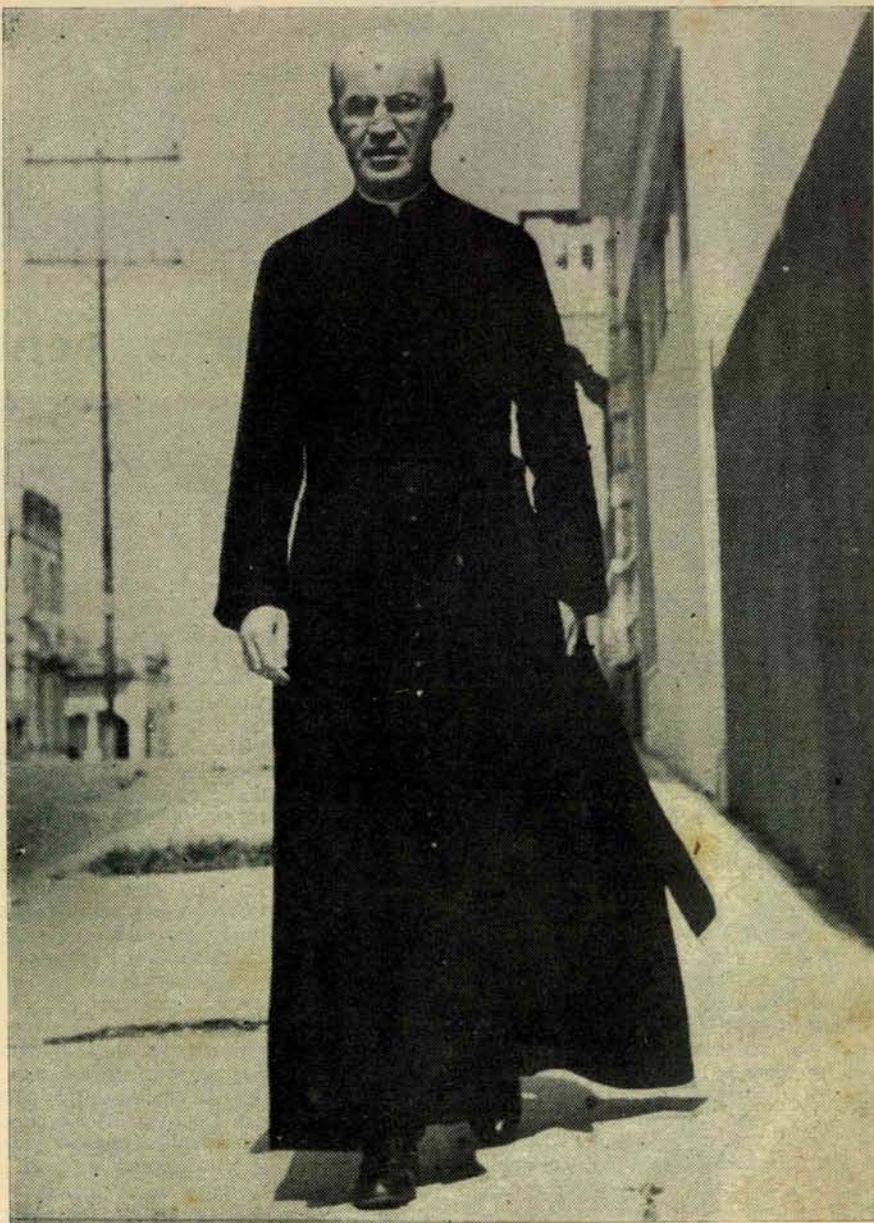
→
Padre Francisco Lage Pessoa, sacerdote católico muito estimado em Belo Horizonte por sua destacada atuação em favor dos legítimos anseios populares.

←
Bady Elias Cury, presidente da União Espirita Mineira, também empresta ao nosso trabalho o brilho da sua cooperação esclarecedora.

rança. E assim como os homens que atingem posição de mando ficam sujeitos ao exame público de toda a sua vida e seus atos, os Estados Unidos estão também passíveis desse exame rigoroso. Não podem, portanto, os Estados Unidos eximir-se da apreciação por aqueles a quem pretendem dirigir ou orientar. Porque liderança não se justifica apenas pela força econômica e militar. Deve coexistir, para enobrecê-la, o elemento moral indispensável.

Compunge-me, pois, verificar este contraste lamentável: um grande país que, por circunstâncias várias, sobretudo econômicas, pretende liderar a todos com esse ranço detestável do passado, maculando, com a pena de morte, a sua luminosa civilização material.

Chessman é, portanto, um símbolo. Mas um símbolo que fala através de um livro que sacudiu de emoção a humanidade: "Este livro é o desacôrdo de um homem com o sistema; a profissão de fé de um homem que considera que a nossa sociedade livre





←
Mário Matos, escritor e desembargador. Membro da Academia Mineira de Letras.



Pedro Aleixo, deputado federal e professor da Faculdade de Direito da UMG.

→
Rui Franco de Oliveira, pastor da Igreja Batista, em Belo Horizonte.

Vale a pena a pena

merece algo que esteja mais à sua altura; a voz de um homem falando pelos que, de outra forma, jamais seriam ouvidos. E' um voto racional, pela abolição da pena capital. Rezo de todo o coração para que minha obra possa ajudar a fazer pender a balança a favor da erradicação daquela horrenda câmara de execução, que está embaixo e dêste terrível lugar denominado *Corredor da Morte*. Se alcançar tal objetivo, tudo pelo que passei será um preço insignificante em relação ao benefício incomensuravelmente maior que resultará".

Estas palavras calaram fundo no coração do mundo que o materialismo humano ainda não conseguiu tornar empedernido. E êsse imenso coração vibrou de compaixão pelo homem que, através do sofrimento e da disciplina espiritual, se recuperou, tornando-se, paradoxalmente, através de suas obras, o inimigo número um do crime. Basta sentir-lhe as palavras...

Resta-me perguntar aos homens representativos da minha terra: vale a pena a pena de morte? Homens que, pela posição religiosa, política, social e cultural que ocupam, podem expressar, na síntese de seus depoimentos, o pensamento dêste mundo novo em que o sentimento cristão floresce, numa floração espiritual que envolverá os povos da terra.

Ouçamo-los, pois, e através de suas palavras tenhamos a resposta da pergunta que tornei título desta *enquete*: *Vale a pena a pena de morte?*

O JURISTA

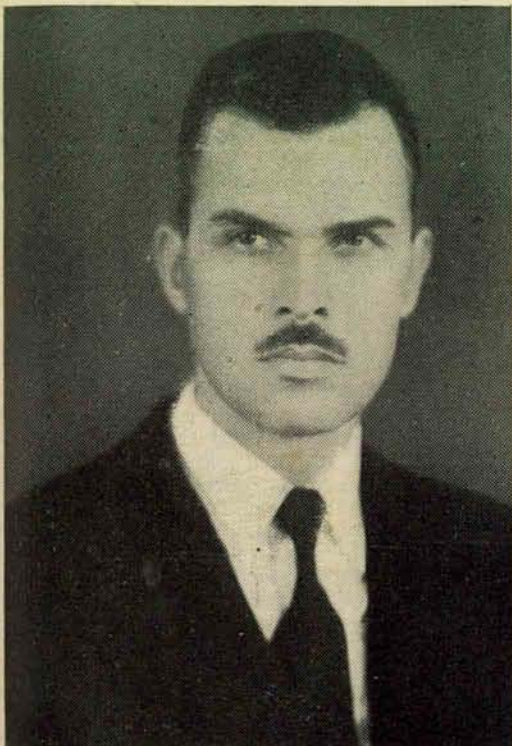
Nunca perde atualidade o debate sôbre a pena de morte. Na escala das sanções a que correspondem as mais graves infrações da lei penal, a privação da

vida costuma ser imposta como a primeira das penas. Quando no direito positivo de um povo é admitida a pena de morte, são permanentes os esforços para aboli-la; quando a pena de morte é proscrita da legislação, são freqüentes os surtos e campanhas para o restabelecimento dela.

Admito que nenhum dos argumentos — que seria muito longo aqui citar — contrários à pena de morte ou favoráveis a ela, tenha a virtude de impor convicção. Isto bastaria para que eu me inscrevesse, sem vacilações, entre os mais intransigentes adversários da inserção de tão controvertida pena em nossa legislação.

Mas, ainda que assim não fôsse, ainda que pudesse objetivamente ser demonstrada e cientificamente provada a conveniência da adoção da pena de morte, eu continuaria irredutivelmente seu adversário. E' que eu a vejo sempre identificada com os regimes políticos que abomino, como os chamados regimes fortes, onde tudo é fraco menos o homem privilegiado que cresce e se fortalece à custa da fraqueza do povo que governa. E' certo que, em alguns regimes democráticos e, em casos excepcionais, admite-se a pena de morte. Entretanto, ainda aí eu não consigo vencer minha visceral repugnância por ela. Sempre peço a Deus que me poupe o horror de ter de tirar a vida de um meu semelhante.

Assim, se por imperativo da lei eu devesse algum dia concorrer com o meu assentimento implícito ou explícito para que ao pior dos criminosos se aplicasse a pena capital, eu pressinto que, por maior que fôsse o remorso do condenado, se remorso viesse êle a sentir, nunca seria maior seu sofrimento do que o so-



de morte?

frimento que, pelo resto de meus dias, seria meu inseparável companheiro. — *Pedro Aleixo.*

A ESCRITORA

Sou contra a pena de morte. Em primeiro lugar, considero o criminoso um enfermo, cujos males, de natureza hereditária ou ambiental, devem ser tratados como quaisquer outros. Não se mata um leproso, portanto, não se pode expulsar da vida um indivíduo marcado por uma anormalidade psicológica, ainda que repugnante e contagiosa. Isolado do convívio social, o criminoso deve merecer um tratamento adequado até que se verifique a sua recuperação.

E aqui defrontamos outro aspecto negativo da pena de morte; ela desconhece inteiramente a possibilidade de transformação do caráter. Ora, o temperamento se herda, mas o caráter se adquire. Este é, de certa forma, a educação daquele. E assim como pode degenerar sob influências diversas, pode também aprimorar-se em meio a circunstâncias favoráveis. Por que aceitar que um indivíduo pode mudar para pior e não aceitar que outro possa evoluir para melhor? Não há pessoas inteiramente boas nem inteiramente más, a não ser nas páginas da ficção romântica.

E que dizer do espetáculo da execução, levado ao mundo todo através de fotografias exploradas comercialmente por agências de notícias e firmas comerciais? A imprensa explora, de um lado, o sofrimento do condenado, de outro, o sadismo da grande maioria dos que se situam na classe dos homens de bem. A propaganda se nutre do crime com a avidez do corvo, e é deprimente (apesar de muita gente não se dar conta disso) ver o Sabão X ou a Encera-

deira Y patrocinar em grandes cabeçalhos a miséria alheia.

Não mencionei o perigo de um erro judiciário e o fiz de propósito, porque alegar isso seria, de certa forma, aceitar a pena máxima para os casos em que, sem sombra de dúvida, o réu fôsse culpado do crime que lhe imputassem. — *Maria Luiza Ramos e Lucas.*

O ESCRITOR

Somos contrários à pena de morte. Como já se disse, a pena de morte é a morte da pena. E isto não é uma frase mas a verdade em face da doutrina e do direito penal positivo dos países mais cultos. A pena visa, como é notório, à recuperação do criminoso, a readaptá-lo à sociedade, a reeducá-lo, escoimada, portanto, da idéia de castigo que, em tempos antigos e superados, se lhe atribuía. Suprimir o delinquente é, por consequência, nulificar a sua finalidade. Mais ainda: — é querer combater um crime com outro, pois a pena de morte não passa de homicídio legal. Homicídio legal que causa a mesma emoção angustiosa no público que um grande crime. Agora mesmo, o mundo civilizado se encontra sob a aflição do caso de Chessman, encontra-se abalado com a sua execução.

Outra falha insanável que encerra a pena de morte: — pressupõe a infalibilidade da justiça humana, quando é certo que a história jurídica da humanidade está cheia de erros judiciais. Impossível corrigir um erro desses no caso de pena de morte.

De mais a mais, o homem comete crime, conforme disse bem Leonardo Da Vinci, por dois motivos, além do de loucura: — irascibilidade e concupiscência, tomada esta palavra na acepção mais ampla.

E essas duas falhas do homem caracterizam-se por serem corrigíveis e não suprimíveis. E depois, acima da lei, Deus disse: não matarás.

Somos contrário à pena de morte. — *Mário Matos.*

(Continua na pág. 62)



O pano desceu sobre a tragédia de Caryl Chessman, o dramático "homicídio legal" que teve lugar no dia 2 de maio último, na câmara de gás da prisão de San Quentin, na Califórnia. Mas a platéia que viveu, emocionada, êsse drama que durou 12 anos, continuará vibrando por muito tempo contra os que matam em nome da Lei.

**Terremoto... maremoto...
tufão... incêndios... tudo
isso se abateu sobre o mesmo
dia fatal, na maior catástrofe
natural dos tempos
modernos.**

SÁBADO TRÁGICO NO JAPÃO

TRES minutos antes do meio-dia, num sábado, 1º de setembro de 1923, a Srª Cyrus E. Woods, esposa do embaixador dos Estados Unidos no Japão, descia a escada do prédio grande e branco da embaixada americana em Tóquio. Na metade do caminho, sentiu as escadas se elevarem convulsamente sob seus pés. Olhando para baixo, viu uma lâmpada dançar sobre uma mesa, girar na beirada e despedaçar-se no chão.

Alhures em Tóquio, no terceiro andar do edifício do Nippon Dempo, um jornalista americano estava absorto no planejamento de uma reportagem. De repente — relembra mais tarde — ocorreu pavoroso choque, uma espécie de ruído vago e universal... toda a criação se rachando e se retorcendo.

O mais terrível desastre natural dos tempos modernos — o grande terremoto de 1923 — tinha abalado o Japão.

Atingiu a área abrangendo Tóquio e Yokohama, a área mais populosa de uma das nações mais congestionadas do mundo. Na realidade, houve quatro desastres englobados num só. O terremoto precipitou um incêndio cataclísmico e um maremoto. E, na esteira de tudo isso, veio um tufão. Aproximadamente 150.000 pessoas morreram, pelo menos 125.000 ficaram feridas e 1.000.000, desabrigadas. Umhas 450.000 casas foram destruídas e a catástrofe varreu praticamente toda Yokohama e 70 por cento de Tóquio. Combinando-se o terremoto de São Francisco, o incêndio de Chicago, a destruição de Sodoma e Pompéia, toda essa devastação será somente fração do que se deu por ocasião do terremoto japonês.

— Estava na entrada de nosso escritório — disse, depois, um americano que estava em Tóquio — quando o tremor jogou-me sobre as mãos e de joelhos. Quando tentei levantar-me, lançou-me ao chão de novo. No espaço de tempo que levei para ficar de joelhos e olhar para trás — no espaço de tempo que se leva para bater as mãos três vezes — a cidade inteira tinha sumido, desaparecido como que pela gigantesca ação devastadora de um mágico.

O "mágico" realizara uma destruição indescritível. Seiscentas pessoas morreram ao ruir um túnel de estrada de ferro. Seiscentas mais perderam a vida quando uma estação geradora de energia desabou. Todos os edifícios governamentais foram danificados. A Torre Junikai, de 12 andares, no Parque de Diversões Asakusa, de Tóquio, curvou-se como uma pessoa — disse um observador japonês — e se abateu sobre centenas de casas ao seu redor. Matou 700 pessoas.

O edifício de uma Companhia de Seguros no centro de Tóquio esboçou-se e as pessoas agoniadas que passaram pelo local, logo após o desastre, notaram uma folha de papel pregada a uma viga, que dizia: "Dentro deste prédio há 400 pessoas. Dignai-vos salvá-las".

Mas ninguém se dignou.

Houve, por incrível que pareça, 1.300 choques naquela semana. Mas os primeiros dois do primeiro dia, vindos num intervalo de minutos, foram os mais fortes e causaram maiores danos. Atingiram a cidade exatamente quando as refeições do meio dia estavam sendo prepradas em centenas de milhares de lares — frágeis estruturas amontoadas. E os dois tremores despedaçaram essas casas frágeis e, em seguida, as chamas de fogões abertos puseram-lhes fogo — e o holocausto estava iniciado.

Hordas de japoneses foram engarrafadas em estreitas alamedas e assados vivos. Outros abriram caminho para espaços abertos, apenas para caírem na armadilha de chamas que rugiam por todos os lados. Numa dessas áreas, 30.000 pessoas pereceram. Era tão grande o congestionamento que muitos deles morreram eretos, amontoados ombro a ombro.

Mergulhando nos canais de Tóquio, as pessoas se afogavam, e eram esmagadas pelos escombros flutuantes. Uns poucos sobreviveram, se agachando ao longo das margens de rios e canais e cobrindo as cabeças com lama, a fim de se protegerem do calor infernal. Os refugiados de Yokohama entraram náguas, no porto, até o pescoço, esperando assim escapar às chamas zurzidas pelo vento.

Uma delas era uma ama japonesa, que se empregara para pagar o filho de um casal estrangeiro. Os pais da criança foram mortos ao primeiro tremor sísmico, e a ama, levada pelas chamas que se aproximavam, fugiu para o porto com o bebê. Ali, com água até os ombros, em meio dos redemoinhos, ficou dia e noite segurando a criança sobre sua cabeça. Por fim, arrastou-se para o litoral e desmaiou de fadiga. A criança sofreu pouca coisa.

No porto, o caos era total. O primeiro choque arrancou dezenas de navios de suas amarras, e o vento os fazia chocar uns contra os outros. Então, os incêndios que se espalhavam comunicaram-se a navios carregados de lenha, transformando-os em tochas flutuantes que eram levadas pelo vento em direção de navios ancorados.

Dentro da moldura do grande desastre havia muitas tragédias menores. Houve a da Ponte Momen. Centenas de refugiados enxameavam em cima da ponte para escapar ao fogo invasor. Mas o vento mudou de direção e, num instante, a ponte pegou fogo. As pessoas estavam tão densamente aglomeradas que não conseguiam mover-se.

— Creio que a morte não será capaz de tirar aquela visão de minha memória — disse um japonês depois disso. — Por fim, a ponte queimou-se toda e desabou no ribeirão embaixo, com centenas de mortais carbonizados.

Um agente de uma fábrica suíça de relógios testemunhou uma cena mais pessoalmente dolorosa.

— Vi um amigo meu, comerciante inglês — disse — de pé, no meio de ruínas, com sujeira até a cintura, apontando para a cabeça de uma mulher, que parecia, lá em cima, dentre uma pilha de vigas que eram as ruínas de sua casa. Estava viva, mas fortemente presa pelas vigas, e o incêndio já havia começado.

— Ofereço 10.000 yen a quem salvar minha esposa. — gritou. Mas ninguém conseguia chegar ao local. A pilha de vigas foi varrida pelas chamas e a pobre mulher foi consumida diante de nossos olhos.

Em Tóquio, perto do Grande Hotel, havia uma enseada que era usada como um ancoradouro de barcos pequenos, ou *sampans*. Quando o terremoto o atingiu, as margens do ribeirão se fecharam como que por punhados de areia atirados pela mão descuidada de uma criança. Os *sampans*, cheios de uma multidão de japoneses, foram apanhados no embate, e nem um só barqueiro escapou vivo. Depois disso, quando o povo pensou em procurar a enseada, não encontrou dela nem um só sinal além de uma ponte, numa extremidade. E a ponte não ligava mais nada. Simplesmente se estendia sobre um trecho plano de terreno.

Um dos poucos edifícios de Tóquio que escaparam a danos foi o Imperial Hotel. Um edifício de forma estranha, desenhado pelo falecido arquiteto americano, Frank Lloyd Wright, que tinha sido ridicularizado por arquitetos em toda parte. Mas Wright passara um ano no Japão, estudando as condições de terremotos antes de desenhar o projeto. Ao invés de fazer um arranha-céu de aço, que considerava "uma armadilha para o sacrifício humano", em caso de terremoto, imaginou um prédio largo, baixo, de tijolos e concreto reforçado. Para maior flexibilidade, construiu-o em 12 seções, cada qual livre para se mover independentemente. E, em vez de ancorá-lo à rocha, construiu-o sobre fundamentos que flutuavam sobre a lama, e amarrado à terra firme com pilares de concreto. A lama serviu como uma almofada contra a força do grande terremoto, e, quando o Imperial o enfrentou a salvo, Wright ficou famoso no mundo todo.

A grande penitenciária de Tóquio não era tão durável. O primeiro choque desmoronou as paredes. Em qualquer outro país os prisioneiros teriam fugido para a liberdade. Mas não os obedientes japoneses. Apenas um dos 1.300 prisioneiros fugiu — um condenado à prisão perpétua, que estava preocupado com sua pobre mãe. Arrastou-se para fora, levou algum dinheiro para sua mãe e em seguida, voltou para a penitenciária.

O caráter japonês manifestou-se de outras maneiras. Houve muita bravura, por exemplo. Num amplo espaço aberto, 1.000 pessoas ou mais, aglomeraram-se em busca de salvação do fogo. Então, faúlhas trazidas pelo vento começaram a pôr fogo em suas roupas. O calor era tanto que causou poderosos redemoinhos — vácuos enormes que sugavam corpos que se queimavam e, em seguida, os arrojavam de volta à turba para pôr fogo em outros. Mas, finalmente, as chamas se extinguíram, e um mestre-escola subiu no tóco fumegante de uma árvore e gritou numa voz fina, de taquara rachada:

— Todos os vivos gritem três *banzais* comigo! — E, de uma centena ou mais de sobreviventes, saiu um viva débil e valente.

Houve também a tradicional cortesia japonesa. Os estrangeiros eram considerados como hóspedes do Japão. Seu bem-estar era considerado acima de tudo. O embaixador americano, sua esposa e seus servidores japoneses refugiaram-se num prédio nas circunvizinhanças de Tóquio, depois que a embaixada dos Estados Unidos foi destruída. Estavam ilesos, mas na casa toda só havia uma tigela de arroz. Logo, porém, o portão se abriu e entrou uma procissão fantasmagórica de jovens "coolies" japoneses, alguns carregando lanternas em pedaços de pau forquoados, outros carregando sacos pesados. O chefe era um japonês impecavelmente vestido em roupas européias. Caminhou até o embaixador, curvou-se e acenou aos "coolies" para que abrissem os sacos. Foram despejados patos gordos, batatas, repolhos e bisnagas de pão.

— Excelência — disse o chefe — venho de Suas Majestades Imperiais, o Imperador e a Imperatriz, que lhes enviam estes alimentos, compartilhando das dificuldades que caíram sobre os senhores em seu Império.

E havia também o fatalismo, nascido de repetidos terremotos, tufões e guerras, que chegava à beira da apatia. Enquanto o incêndio se espalhava, o povo dizia:



Sugestões MAIZENA



MACARRÃO DE FÔRMA

Cozinhe 200 g de macarrão em água e sal, escorra-o e deixe-o esfriar. À parte, bata bem 4 ovos, junte 3 colheres de MAIZENA dissolvida em 1 copo de leite, 2 colheres de queijo ralado, 1 colher de manteiga, sal e pedacinhos de presunto ou sobras de galinha. Junte essa mistura ao macarrão. Despeje em forma untada com manteiga e leve ao forno quente. Depois de assado, desenforme e sirva polvilhado com bastante queijo ralado.



RÓSICAS FRITAS

Bata 3 claras em neve, junte 3 gemas e continue a bater. Adicione 1 xícara de açúcar e bata um pouco mais. Junte 2 colheres de manteiga ou margarina, previamente derretida. Peneire 1 xícara de farinha de trigo com 3 colheres (chá) de fermento em pó e 1/2 xícara de MAIZENA. Junte essa nova mistura a primeira, alternando-a com 1 xícara de leite. Acrescente 1/2 colher (chá) de raspas de casca de limão e 1/2 colher (chá) de noz-moscada ralada. Junte mais 2 xícaras de farinha e 1 colher (chá) de sal. Depois que a massa ficar leve e macia, coloque-a no refrigerador até gelar. Em mesa enfarinhada, abra a massa na espessura de 1 a 1 1/2 cm. Corte-a com cortador próprio, com furo no meio. Frite as rósicas em bastante óleo MAZOLA quente, e deixe-as escorrer em papel de embrulho. Sirva-as, simples ou polvilhadas com açúcar.



TORTA DE BANANAS

Ponha numa frigideira 1/2 dúzia de bananas nanicas, 12 colheres de açúcar, e leve ao fogo baixo para cozinhar. Junte, depois, 1 colher (sobremesa) de manteiga e arrume-as num prato que vá ao forno. À parte, ferva 3 xícaras de leite com algumas gotas de essência de baunilha e 1 colher de açúcar. Depois de frio, misture 2 gemas e 3 colheres (sobremesa) de MAIZENA dissolvida em um pouco de leite frio. Leve a mistura ao fogo e adicione 1 colher (sobremesa) de manteiga, depois de uns 3 minutos de fervura. Despeje esse creme por cima das bananas. Bata 2 claras em neve, adicione aos poucos 4 colheres de açúcar, até obter um suspiro. Despeje por cima do creme e leve ao forno brando para acabar de secar.

S-3-60

Shikatanai (Não se pode fazer nada). E nada fazia.

Houve casos em que a burocracia japonesa embarçou os esforços para ajudar o povo. Destroieres americanos que traziam fornecimentos de socorro foram mandados embora por força de lei contra a entrada de navios de guerra estrangeiros em águas japonesas. E, em Yokohama, enquanto navios norte-americanos e britânicos aceitavam a bordo todo e qualquer refugiado, muitas embarcações japonesas admitiam somente aqueles que comprassem bilhetes.

O mundo foi tomado de compaixão pelos sofrimentos do povo. Nos Estados Unidos, a Cruz Vermelha empreendeu uma campanha para levantar 5.000.000 de dólares para auxílio e conseguiu 11.000.000.

Os escolares colocaram 5.000 dólares em moedas, em caixas com os dizeres. "Ajude o Jão"; a Federação Americana do Trabalho descontou de cada um de seus membros 25 centavos de dólar e os prisioneiros de Sing Sing circularam o chapéu e coletaram 457 dólares.

— E' totalmente inconcebível — disse, agradecido, o Govêrno Japonês — que se possa criar uma situação que desvie dos Estados Unidos o amor, a solidariedade humana, a gratidão eterna do povo japonês.

Com o correr do tempo, eterno veio a significar aproximadamente 18 anos — de um sábado trágico, em 1923, até um trágico domingo, em 1941, num lugar chamado Pearl Harbour. — Joseph Stocker.

☆☆☆

DECEPÇÃO

Um casal realizava sua viagem de núpcias, quando, na fronteira da Alemanha com a Dinamarca, a polícia descobriu que a data de nascimento escrita no passaporte da jovem dinamarquesa, apresentava erro de seis anos para menos. Ao impacto da verdade, o noivo apressou-se em retirar do carro a bagagem da cara-metade e continuou a viagem sozinho...

☆☆☆

Rio Paranaíba, Município de Jesus

Conclusão da pág. 59

Escultor Sublime, tomai em vossas mãos benfazejas este amado Brasil, ao qual, por força de sua gloriosa predestinação, destes a forma geográfica de um coração, e imprimi-lhe os derradeiros retoques, para que ele seja a Pátria do Evangelho.

Emissário da Luz, dai a todos quantos foram investidos no supremo mandato das nações a visão perfeita desta hora apocalíptica, para que preservem da destruição iminente o legado de amor e sacrifício das gerações extintas.

Finalmente, compadecei-vos, Senhor, das imensas fragilidades do pobre ser que vos fala e ministrai-lhe os suprimentos de vosso Celeiro Imortal, para

que ele não descanse até que este Município fulja, como estrela de primeira grandeza, na luminosa constelação dos Municípios Brasileiros!

Assim seja!"

§ 1º — Revogadas as disposições em contrário, entrará este Decreto em vigor na data de sua publicação.

Mando, portanto, a todos aqueles a quem o conhecimento e execução deste Decreto pertencer, que o cumpram e façam cumprir tão fielmente como nêle se contém.

Dado no Palácio Municipal, Rio Paranaíba, Minas Gerais, em 25 de Dezembro de 1959.

José Jacinto de Alcântara

DEUS NO LEGISLATIVO

Confirmando a repercussão favorável do decreto — inédito na forma e no fundo — do Prefeito do Município de Rio Paranaíba, a sua Câmara Municipal promulgou, recentemente, a seguinte RESOLUÇÃO.

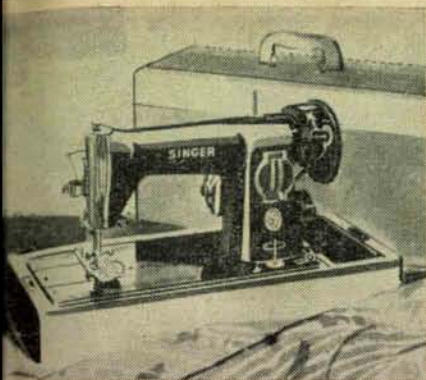
O Povo de Rio Paranaíba, Estado de Minas Gerais, por seus representantes na Câmara Municipal decreta e promulga a seguinte Resolução:

Art. 1º — A partir desta data, o início e o término das sessões da Câmara serão feitos da forma seguinte: no início, o presidente dirá: «Em nome de Deus e na qualidade de presidente, declaro abertos os trabalhos da presente sessão».

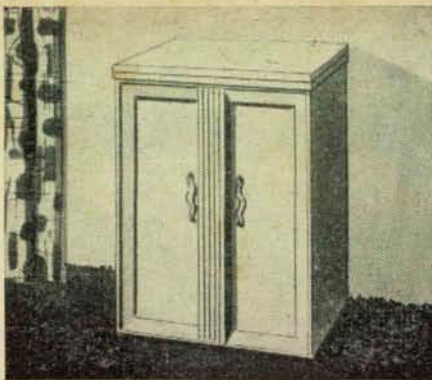
§ único — A presente resolução é uma declaração pública e oficial da homenagem em que a Câmara de Vereadores proclama a sua completa submissão a Deus, e pede seu perene auxílio aos trabalhos, e representa, ainda, adesão aos termos do Decreto 001/59, do Executivo, que entregou o Município à Superior Jurisdição de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Art. 2º — A presente resolução entrará em vigor na data de sua aprovação. Dada na Câmara Municipal de Rio Paranaíba, 15 de fevereiro de 1960.

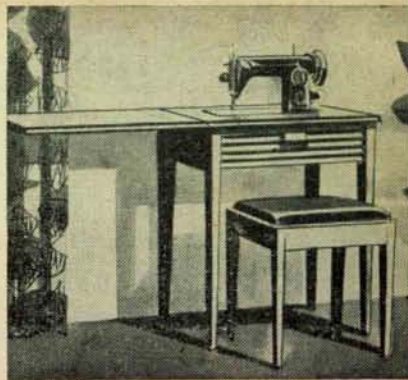
a) Celestino Barbosa de Oliveira, Presidente.
a) José Resende Vargas, Secretário.



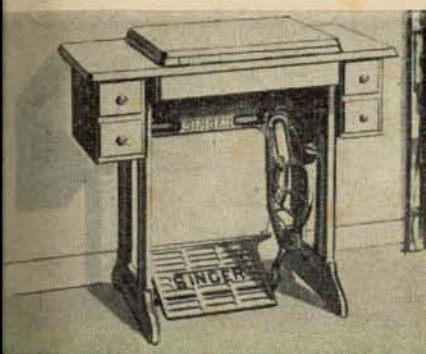
Portátil N.º 280 — Permite trabalho cômodo em qualquer lugar. Motor, farol e contrôle de pé. Maleta de linhas modernas e elegantes.



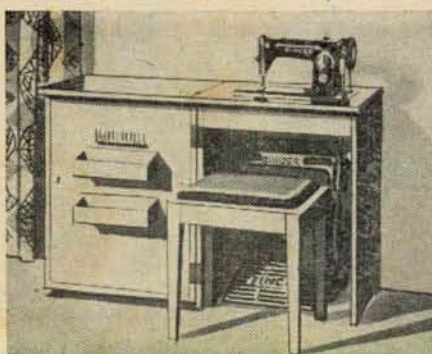
Gabinete N.º 451 — Móvel de dupla utilidade, linda peça, que se harmoniza com a sua mobília. Em modelos elétricos ou de pedal.



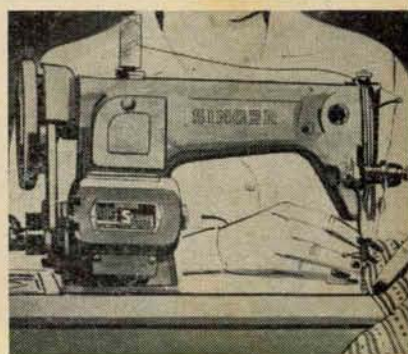
Gabinete de Luxo N.º 71 — Peça que adorna qualquer ambiente. Móvel finíssimo, fabricado com as melhores madeiras de lei.



Meio Gabinete N.º 404 — A melhor máquina de pedal que existe. Cose para frente e para trás, instantaneamente. Fácil de usar.



Gabinete N.º 450 — Belíssimo móvel, de linhas modernas e construção esmerada. Encontrado em modelos elétricos e de pedal.



Motor Singer — Converte qualquer máquina de pedal em máquina elétrica, com grande facilidade. Contrôle com leve toque de pé.



Há uma **SINGER** para cada gosto...
para cada orçamento!

(À vista ou em suaves prestações)

O nome Singer quer dizer tradição e preferência máximas. E mais ainda: assistência técnica que assegura um funcionamento perfeito, continuamente.



— O NOME
GARANTE
O PRODUTO

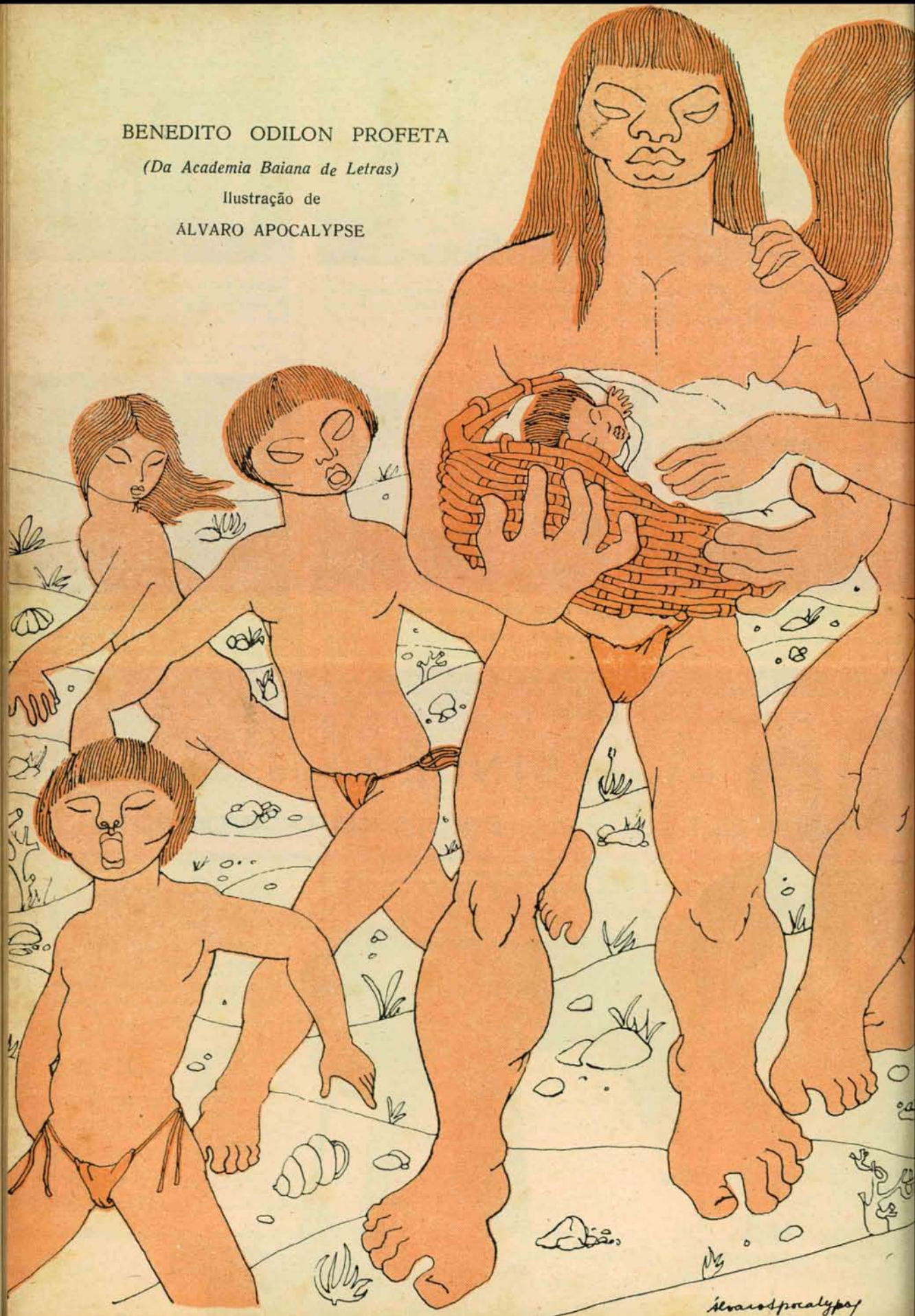
SINGER SEWING MACHINE COMPANY

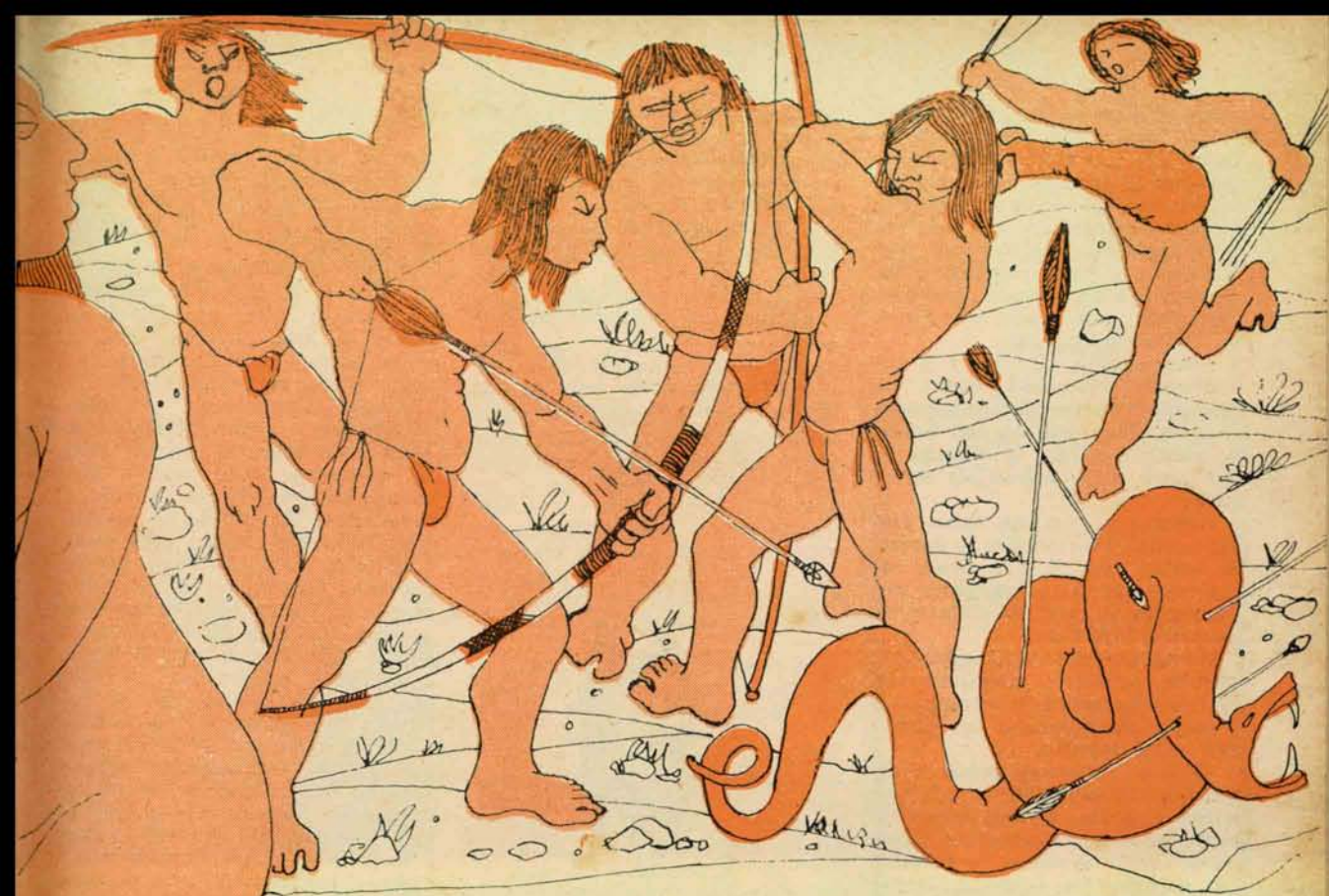
BENEDITO ODILON PROFETA

(Da Academia Baiana de Letras)

Ilustração de

ÁLVARO APOCALYPSE





IGAPITANGA

PRIMEIRO CAPÍTULO

Jacy, formosa filha de Abaeté e irmã mais velha de Moacyr, ainda era simples como a jaó, ave da capoeira. No todo selvagem de Jacy, havia qualquer coisa de misterioso que a tornava de uma graça original: era a arte em recreio na selva. A pele nua, apenas banhada nos lagos de luz que o sol mandava visitar a taba por entre as franjas do arvoredor, era mimosa e fresca como a flor do algodão selvagem, da qual ela tecia os fios de colar dos guerreiros. Da cútis acanelada trescalava o mesmo cheiro da canela do baixo Tocantins. Tinha no colo esbelto a formosura estética da suçuapara nova. O andar vaporoso, Jacy o furtara ao veado lesto.

Pelas rosadas manhãs, de estio, brincava com os curumins da tribo, agitando as águas plácidas do igarapé, como a juriti nos lagos do sertão. Ao meio-dia, dormia Jacy o sono tranqüilo que o índio dorme na rede tecida, aos nós, da fibra do caruá macio.

Quando a via dormindo, a boa mãe Jurema beijava-lhe as faces e o velho Abaeté chorava de alegria — a única lágrima que os olhos do guerreiro vertiam para a honra da tribo. Jacy despertava ignorando a veneração que os seus lhe tributavam.

O prazer e a alegria viviam no coração da virgem selvagem, como vivem os passarinhos irrequietos a gazilar por entre os ramos das árvores.

Ao cair da tarde, pendurava o corpo flácido nos liames entrelaçados no jatobazeiro secular da margem do igarapé, imprimia um balanço rápido e longo, chegava à outra margem, e corria: era a recepção dos caçadores e pescadores que Jacy costumava fazer àquela hora, voltando com eles, carregada dos frutos adquiridos na diligência do dia.

Quando subia a noite e a lua argentea derramava ondas de prata líquida por sobre a copa da floresta, Jacy cantava um poema e bendizia o céu, a morada de sua xará, cuja beleza ela admirava.

Reinava a paz na taba. Havia muitas luas cessara a guerra. A inúbia silenciara o brado do alarma, que metia no peito dos guerreiros a sede de desafronta da tribo injuriada.

Havia abundância de pescado: piraiá, pirarucu, jaú, curimatã, trairão, tucunaré, tartarugas e tracajás estendiam-se em profusão pelos lajedos.

Veados, caitetus, pacas, ouriços e cutias abundavam nos muquês, assando. A areia incandescente guisava os saborosos paparutos (beiju de massa de mandioca) e berarubus (carne guisada) suculentos. Mutuns, jacus e pombas não faltavam no jirau. E grande quantidade desses animais vivos, fazendo da tribo um jardim zoológico original, com muitas araras, tucanos, maguari e jaburus — tudo isto denunciava a riqueza e felicidade da aldeia onde nasceu Jacy.

Os xerentes andavam de boa avença com Tupã, e Tupã os abençoava sorrindo nas cintilações das estrelas ou nas irradiações do sol poente.

O festim pacífico verificava-se, de continuo, na voz cadenciada das toadas, no bater compassado dos tambores e no som alegre dos borés. Cristão já gostava de xerente e não botava mais bandeira contra ele: cristão descia o Tocantins e enchia de presentes as ubás (canoas) encalhadas à margem do rio. Assim corriam os dias: os moços divertiam-se; as cunhas festejavam; os curumins brincavam e todos sorriam...

Mas um dia a cauã amanheceu cantando num som plangente e triste! As nuvens esconderam o sol. A boca da noite o caboré piou e o água-só percorreu os ares dando o aviso fatídico: água-só, água-só, água-só... (Quando o água-só canta no sertão, a inundação está prestes, e ninguém se atreve a duvidar do aviso fatídico). Abaeté deu o

aviso de chamada e toda a aldeia o ouviu de olhar fito no chão; ele assim falou:

«Abaeté ouviu a voz da cauã e o coração pesou.

«Passou amarrado todo o dia.

«Pedi a Tupã e Tupã ficou [calado.

«De noite o caboré piou.

«Abaeté viu o coração estreme- [cer.

«Água-só agora decidiu...»

Olhou três vezes para o céu, depois inclinou-se, beijou Moacyr,



suspensão na tipóia presa aos ramos da caraibeira que esparzia flôres d'ouro pelo chão, e depois continuou:

«Tupã está zangado com xerente.

«Xerente já furtou dois curumins de cristão.

«Agora manda o aviso da vingança.

«Tupã é marama que amarra e ninguém desata.

«Ele tem razão.

«Abaeté também aprendeu a vingança com Tupã.

«Por aí Abaeté nunca errou, porque Tupã não erra.

«Agora xerente pode dormir

descansado.

«O aviso do céu é doce como o mel da itiúba, (abelha grande), porque depois de ferretar a pele da gente, com o favo que se chupa a itiúba faz descer o prazer ao coração...»

Nisto, o relâmpago bateu o isqueiro. O trovão ribombou longe, como o ruflar do tambor no fundo de uma caverna. Mas a tribo, ouvindo a voz soberana do velho chefe, indiferente dormiu.

Abaeté desapareceu. O água-só silenciou e a chuva despejou-se abundante sobre a terra. Veio a tempestade com todo o seu cortejo de ameaças dos elementos revoltados. As águas do majestoso Tocantins rápidas cresceram e saltaram do leito. O igarapé da piabanha fôra rechaçado. As barrancas do rio se desmoronaram e as ubás ficaram no fundo, alagadas. As cutias de pêlo de ouro e as pacas mosqueadas, corriam das tocas e acumulavam-se no enxuto das restingas. Os cedros gigantes ruíam por terra com fragor imenso. Os canguços deixavam as furnas que de repente a inundação ocupava. Os guarás e as raposas fugiam de medo e, com o instinto de terror, regougavam, a êsmo, curveteando sem destino pelos chapadões mais elevados. Até os pássaros eram açoitados para fora dos ninhos, à força impetuosa dos tufões, que, semelhantes a feras bravias, se combinaram para agravar o horror da tempestade.

Quase sem variantes, a tempestade entrara até a meia-noite, acompanhada da mesma ventania, dos mesmos estapidos tétricos do trovão, dos mesmos relâmpagos que incendiavam o céu e as águas.

A aldeia xerente, porém, era indiferente ao furor da tempestade. Ouvira a voz de Abaeté e perdera o direito de pensar no terror já esperado.

Se Tupã tinha sede de vingança, esta, justa como era, devia ser esperada sem cuidados. Tupã não errava.

Por fim, a inundação, como entrara até o coração da floresta e subira até o terreiro da taba de Abaeté, despertara os índios e os pusera em debandada. O pai de Jacy enlaçou a pela cintura e nadou rumo à terra firme, onde chegaram a salvo, orientados no labirinto pelo delicado tato que lhe dava o conhecimento das árvores que as trevas da noite ocultavam.

— Volta, pai, disse Jacy; vai acudir mãe Jurema que luta com as águas, trazendo Moacyr nos braços.

— Sim, filha, Jurema está se-

gura e salva e o curumim também.

Abaeté arrepiou as águas, nadando fortemente contra o ímpeto da onda inundadora. Chegou às imediações onde deixara Jurema e ouviu a voz da companheira que chamava por ele:

— Abaeté, Abaeté...

— Eh! boa Jurema, Abaeté não é ingrato; não poderia ver morrer a flor que, embora há tempos da haste colhida, ainda conserva no cálice o néctar da bondade que o anima nas pelejas da vida.

Jurema estava guindada aos galhos de gigantesca árvore da floresta. O primeiro cuidado do velho xerente, antes de salvar Jacy, foi amarrar Jurema à extremidade de um comprido cipó (tripa-de-galinha), certo de que o instinto de conservação da vida não permitiria que a companheira procurasse a salvação, senão subindo ao cipó, que dava acesso aos galhos da árvore, com os quais Jurema então se comunicava, e onde as águas não poderiam chegar.

— E Moacyr, boa Jurema? interroga o velho xerente, acabrunhando-se.

— Moacyr? Abaeté!... Tinha ele no coração comigo...

— Ai!... e o doce nome de «filho» confundiu-se com a pancada do fruto estranho que a árvore do amor materno, regada no coração selvagem, produziu, maravilhosamente, uma noite trágica, no seio da floresta goiana.

Abaeté, com a boa companheira desmaiada nos vigorosos braços, compreendeu a consequência da catástrofe... Moacyr desapareceu na voragem da inundação destruidora...

À margem esquerda do Tocantins, a cavaleiro do arraial de Pia-banha, penachos multicores agitavam-se aos milhares em atitude de guerra. Os maracás aflovavam minaretes agressivos.

Uma onda enorme, como interminável lençol rubro de sangue, brandamente sacudido em tôdas as direções, movimentava-se sem parar.

Os índios traziam nos corpos nus a pintura do urucu — símbolo de guerra. Eram os carajás. Havia abandonado a Ilha do Bananal na última lua de agosto, para fazer guerra aos xerentes, antes das primeiras águas; mas a inundação lhes frustrara o intento. Todavia, restava uma esperança que, entretanto, encerrava maior perigo do que o que lhes poderia sobrevir do combate: fazer balsas e transpor o rio.

Mas a largura colossal e a força impetuosa das águas ofereciam talvez maior resistência aos carajás do que as flechas envenenadas dos xerentes. A inundação invadia a mata, enquanto o dia corria límpido e o sol dardava raios de ouro sobre os ombros nus dos guerreiros carajás.

O chefe Uru, guerreiro estratégico, sabia tão bem guardar a tribo de uma investida perigosa, como guardava o refrigerante inspirador de força e valentia aos guerreiros. Em todo caso, aconselhava-lhes Uru que aguçassem as setas de osso envenenadas; dentro de três dias o Tocantins apanharia o leite e ferir-se-ia o combate, que se afigurava encarniçado.

O plano estava firmado. E os carajás iriam esperar tranqüilos.

Abaeté salvara também Jurema, embora semi-morta nos seus braços. Horribes transe de agonia e dor irreparáveis!

Ao ver os vultos que se aproximavam do sítio de salvamento, Jacy compreendeu toda a desgraça; beijou muitas vezes o rosto da mãe desmaiada e uniu às suas as lágrimas do velho xerente que tremia em convulsão de dor infinita.

Cenário repleto de aspectos sombrios e tristes! Enquanto banhavam de lágrimas o rosto de Jurema, ouviram gritos lancinantes, ecoando longe no coração da floresta: eram os naufrágos xerentes a lamentar de desespero por desconhcerem o paradeiro da família do bondoso e amado chefe. Abaeté entendeu o clamor: tirou da patrona uma raiz, passou às mãos de Jacy, e ordenou:

— Filha, dá conta da vida de Jurema, e a vida está aqui (na raiz) guardada; basta conservá-la entre os lábios de tua mãe e verás logo o resultado: Jurema está salva. Xerente não morrerá desamparado; enquanto Abaeté conservar juízo, dará a última gota de sangue para salvar os seus de qualquer perigo, tão pesado como este...

Apenas disse as últimas palavras, o índio afastou-se nadando e mergulhou no ventre escuro da floresta inundada.

Poucos momentos permanecera a tribo em perplexidade.

Abaeté possuía em cada dedo uma bússola, e, guiado sempre pelo contato das árvores, que a todas conhecia pelo nome, não tardara a arrebanhar os índios desorientados na escuridão. Todos os xerentes foram salvos, menos o infeliz Moacyr!...

Quando o terral da madrugada



ESPORTISTAS

Tudo para esportes pelo Reembolso Postal — Compre pelos preços do balcão.

Pegam catálogos de preços de artigos para futebol, voleibol, basquetebol, natação, etc.

CASA

RANIERI
LTDA.

Rua Caetés, 317 —
B. Horizonte

Considerado em relação à tiragem e à classe de leitores, o anúncio em ALTEROSA é dos mais baratos da grande imprensa periódica brasileira.



OPERAÇÕES BANCÁRIAS
EM GERAL,
INCLUSIVE CAMBIO

veio encrespar as águas estranguladas da inundação, os índios tinham os braços cruzados, enquanto tiritavam de frio e quebravam o silêncio tétrico daquela hora desastrosa com profundos clamores de agonia. Depois, o mutum gemeu à margem oposta do rio e aqueles sons freqüentes repassados de modulações tão sonoras como tristes, verteram religiosa união nos corações selvagens.

Como vencidos pelo terror, tendo entretanto, nas faces maceradas a luminosidade mística e profunda da resignação, emudeceram os índios. Deitaram-se a fio pelo chão: uns debruçados, descansando a fronte sobre os braços enlaçados, ressupinos outros, de mãos exânicas reclinadas sobre o peito. Eram vencedores vencidos, como soldados que, após a vitória do combate, acamam-se de cansaço. Nessa expressiva atitude surpreendeu-os o dia.

O plano estava assentado e os carajás iriam esperar tranquilos. Mas a mesma catástrofe, como um ser inteligente, não só malograra o intento, como substituíra o plano dos guerreiros. Já o dia andava em meio e os índios divertiam-se em flechar as curimatãs e os tucunarés que os bulhões da corrente desalojavam. Nesse exercício agradável, avistaram longe uma balsa descendo ao sabor das águas.

Ao defrontar o acampamento dos carajás, a balsa redemoinhou precipitada e caiu ao fundo de um rebójo, que de ondas sucessivas em rápido parafusear formava um verdadeiro funil. Segundos depois voltou a balsa à tona; fez-se a placidez e, da estranha embarcação que a inundação improvisara, partiram vagidos de criança nova.

Os índios espreitaram... E uma voz firme e imperativa surgiu do seio dos guerreiros selvagens:

— Guerreiros carajás, que só a Tupã temeis e nem mesmo a morte respeita! Ide! Combatei a morte e venci-a!

Quando o carajá ouviu na voz do aflito o pedido de socorro, sacudiu a moleza do corpo, como a arara sacode as penas e voa para salvar os filhos caídos do ninho que ela fez na cavidade alta da montanha!

«Ide! Salvai curumim que vai no caminho da morte e tem a vida em vossas mãos...»

Salvemo-lo... O chefe carajá deu a ordem e o exemplo: empunhando um feixe de flechas e o arco de vinte palmos, atirou-se de salto, na vertigem da corrente.

Os outros índios o imitaram. De momento, as águas vertiginosas do Tocantins apinharam-se de selvagens nadando rumo ao sítio almejado.

As cunhãs (moças selvagens) estenderam-se em linha à margem do rio, contemplando serenamente o acostumado espetáculo, tantas vezes apreciado das margens aprazíveis do formoso Araguaia.

Com grande sacrifício conseguiu o chefe Uru vencer a distância tão eivada de empecilhos: ora mergulhava fundo, para oferecer passagem ao cedro gigante que, rápido, descia de raízes nuas olhando para o céu; ora, instantâneo, recuava rápido fugindo à sanha destruidora do rebójo que pretendia explodir-lhe sob o peito vigoroso. E os outros na porfia e na mesma peleja o imitavam.

Felizmente, alcançaram a balsa desejada. Surpresa horrível! O curumim que chorava dentro de um lindo berço original, forrado de macia paina, trazia uma enorme sucuri no mesmo berço, duas vezes enroscada. A tartaruga se-

Muito mais importante do que a maior descoberta é conservar aberto o caminho para descobertas futuras.

— John Jacob Abel.

cular salvara da fome, um dia, com a preciosa carne; agora salva da morte, na cavidade do grande casco, um esperançoso filho das selvas bravias de Goiás.

O chefe carajá teve uns segundos de perplexidade, como ligeiras nuvens que passam diante da luz; mas a cobra não foi o que o índio rápido temeu; ele temeu assustar o monstro que, dormindo em pleno sossego, poderia, com o choque violento e brusco do despertar, arrojar-se náguia, levando ao fundo o precioso naufrago.

Com uma vista dolhos significativa, fez-se o chefe entendido pelos selvagens... Nisto, silenciosamente, todos os índios desapareceram mergulhados... E, de repente, emergindo em semi-círculo paralelo às dimensões do monstro, no sentido do comprimento (que cem palmos foram medidos) os carajás, de braços enfileirados à mesma altura, numa inversão pitoresca de papéis, lançaram-se de um bote formidável de encontro à fera descuidada. Três robustos índios, saltando como raios, aproveitaram a oportunidade que o si-

nal do chefe lhes reservara, e dessembarçaram dos laços esmagadores o mimoso curumim também selvagem.

Luta de gigantes!... Enquanto de um lado a colossal serpente, em contrações bruscas, se esforçava inutilmente para desembaraçar-se das garras selvagens, feito tenazes de ferro resistentes, do outro, nadavam suavemente os índios, emparelhados como interessante jangada, conduzindo um novo Moisés salvo das águas.

Como a flor do vale inclina-se da haste flexível, emurchecida e triste, chorando as lágrimas cristalinas que o orvalho da manhã depositara no seu mimoso cálice, assim permanecendo longos dias após ser açoitada pelos vendavais ardentes do nordeste, deste modo ficara chorosa a tribo dos xerentes, após a perda irreparável do inditoso Moacyr.

O cão-do-mato, que oito dias velara na taba o leito formoso de Moacyr, oito dias farejou os bosques, alagados e regressou entristecido, tendo eliminado os sinais de esperança que conduzira na viveza das pupilas e no agitar constante da cauda.

O velho Abaeté, de faces cada- véricas e mãos descarnadas estendidas para o céu, mal desapareceu o último disco de sol no horizonte, convidou a tribo agoniada para o culto da tristeza, e assim falou:

— Vinde! Vinde filhos da taba honrada! Vinde salvos da desgraça, para o culto da tristeza! Xerentes! Botai a face sobre a terra! Os olhos que do céu se desviaram, para o céu não devem olhar!

Tupã é bom e justo! Xerente teve inveja de cristão branco e furtou-lhe os filhinhos do coração! Xerente, de noite, tinha de baixo dos olhos toda a vila de «Pôrto Imperial» e, por isso, pôde ver como cristão branco chorava a perda então sofrida! Mas o coração era duro como pedra da cordilheira, e xerente, em vez de consentir a dor alheia pesar no coração dele, e em tempo se arrepender da malineza praticada, não fez assim; antes tinha a bôca cheia de gargalhada!

Quando a marmota berra de alegria na enseada, o canguçu de esperança sorri na caverna e parte com o pêlo eriçado; avança e faz a presa cobiciada. A vaca geme de dor por não encontrar mais a filha abrigada à sombra da moita; e o canguçu brame, profanando a dor que a pobre mãe revela, mugindo angustiada!

Xerente fez como o canguçu...

Mas vem o homem e mata a fera. Assim faz agora Tupã, matando no coração xerente a fera da crueldade!

Tupã está vingado! Agora, como Tupã é justo, também poderoso. Ele é.

Assim como xerente, um dia, deixou fugirem ao seio dos pais, os dois curumins furtados, também pode consentir Tupã que o filho de Abaeté regresse, um dia, ao seio da tribo então vingada... Três luas já se passaram... Moacyr pode voltar! Tende bom ânimo! Despejai o resto de vossa lágrimas perante a face de Tupã, assim como derramais da igaçaba a última gôta de caraná para dar coragem ao coração dos guerreiros da tribo.

Quando a tristeza sai, a esperança entra no coração: é como fazem os passarinhos. «João-de-barro» não abandona os filhos: quando a mãe sai, fraca de fome, o pai entra no ninho forte de alimento e abastado de provisão para o sustento dos filhinhos. Seja resignada a tribo dos xerentes... E o culto da tristeza agora seja findo!...

Levantaram-se os selvagens com a resignação estampada nas faces. Dissiparam-se as trevas da agonia. Raiou a luz da esperança. Jurema beijou as mãos de Abaeté e disse:

— Bendito sejas tu, companheiro amado, que tens no som da voz soberana, a doçura da consolação... Assim como o jatobazeiro tem a copa vasta que dá sombra de conforto ao meio-dia, o tronco vigoroso que abriga das flechas dos inimigos os guerreiros famosos, e tem o fruto de fina massa que mata a fome da tribo em tempos de calamidade, quando o rio esconde o peixe e o mato esconde a caça!

Jacy, como ainda lhe não fôra possível estancar as lágrimas sentidas, revelando vivos sinais de emoção, embora resignada também, apenas abandonou-se aos braços do pai, cobrindo-lhe de beijos a espaçosa fronte...

Os carajás tomaram a praia através dos repêlões que as contrações da sucuri lhes aplicavam. As águas espadanavam feixes de cristal fragmentado. Os índios centuplicavam as forças de contenção; mas nenhuma fraqueza revelaram, até que, fatigados, atiraram o monstro vivo no acampamento dos guerreiros da tribo.

Mal enrodilharam os músculos flexíveis para lançar o temível bote calculado, teve a cobra todo o corpo de flechas crivado.

Magnífico espetáculo! As



O general Franklin Rodrigues de Moraes, na presença de Enos Sadok de Sá Motta e deputado Aluizio Nonô, corta a fita simbólica, dando o sanatório como inaugurado.

Sanatório Alberto Cavalcanti: ponto alto em Belo Horizonte

NUM país em que a carência de hospitais é um problema crônico, assume transcendental importância qualquer iniciativa visando a instalar ou reequipar um nosocômio. Belo Horizonte vem de conseguir o reequipamento de um desses estabelecimentos, o qual, embora destinado apenas a uma classe trabalhadora — por sinal bastante numerosa — significa apreciável conquista da comunidade montanhosa.

Convidados a assistir às solenidades, comparecemos ao Sanatório Alberto Cavalcanti, constatando que pode ele, agora, sem favor algum, equiparar-se aos melhores do gênero. Presentes altas autoridades, deputados, senadores, numerosos membros da classe bancária local, cortou a fita simbólica o general Franklin Rodrigues de Moraes, representante do Presidente da República e Comandante de nossa Região Militar, tendo a seguir, diversos oradores feito uso da palavra.

A nossa reportagem fez demonstrada visita a todas as instalações do Sanatório, examinando detidamente o moderno equipamento científico de que disporá, doravante, a classe bancária local e terminamos a nossa visita vivamente impressionados com tudo aquilo que observamos in loco, o que nos levou a concluir poder o Sanatório inaugurado equiparar-se aos melhores e mais modernos do mundo, no tratamento especializado da tuberculose. Tudo isso graças à administração Enos Sadok que, frente aos destinos do

Instituto dos Bancários, tudo tem feito para, em atendimento a justos reclamos da classe bancária, interiorizar a previdência social, em benefício dos segurados da Autarquia.



O Sr. Enos Sadok, presidente do IAPB explana pormenores do funcionamento do instrumental científico ao comandante da Região que representava o Presidente da República.

cunhãs desabrocham dos lábios as flores do riso da felicidade! Mas a ventura verdadeira estava concentrada no rico despojo da tempestade, o formoso curumim salvo das águas.

Moacyr encontrou um seio de mãe adotiva, que previamente o carinho da Providência lhe houvera preparado. Uma gorducha cunhã de olhar inteligente e intumescidos seios, tomou-o solícita nos braços, ao mesmo tempo que lhe aproximou dos lábios a mimosa teta apoiada de leite vigoroso. Fêz-se a índia generosa mãe estremecida de dois filhos queridos: um que a dor materna lhe colocara no regaço, outro que a mão do destino lhe entregara.

O chefe carajá sentiu-se feliz e contentado; chamou os guerreiros e declarou:

— Valentes e nobres filhos da Ilha do Bananal: como é grande a terra em que nascemos, grande é o coração dos seus temíveis guerreiros! No peito dos carajás está saciada a justa sede de vingança! Tupã interveio entre as tribos inimigas! A vontade dos olhos de Uru era forte como cerne de arueira! Uru queria ver arrasada a tribo dos xerentes! As florestas do Tocantins não deviam dar mais sombra e fruto, nem lugar à planta do pé a nenhum dos nossos inimigos. Na taba dos xerentes havia de chover, como raios, as nossas flechas, e por todas, contar-se-iam as vidas apagadas! Mas Tupã mandou a tempestade e a tempestade fez a vingança!...

Xerente fica vencido! E Tupã vem-nos provar que um inimigo teria de escapar, para fazer guerra aos valentes carajás! O inimigo seria o curumim agora salvo, que é xerente, e se chamará IGAPITANGA, para nos lembrar sempre que na água foi achado!

Quebrai, guerreiros, quebrai as vossas flechas! Já é extinta a guerra com xerente! Maldito aquele que fizer guerra à tribo que Tupã nos entrega, como sangue do mesmo sangue, na pessoa de Igapitanga!

E milhares de flechas, coladas aos joelhos dos valentes guerreiros carajás, num ruído crepitar de estalos, ficam partidas ao meio e reduzidas a pequenos e inúteis pedaços...

O ferreiro, retinindo marteladas de argenteos sons na bigorna do bico poderoso, pousou na fronde alta do buritizeiro, anunciando os primeiros clarões da alvorada. A estrêla da manhã mirava-se no espelho refulgente das águas tranqüilas do Tocantins, como em

um verde lago de esmeraldas. A graúna atira aos ares as melífluas variações do seu canto.

Com essas voláteis e sonoras sentinelas da madrugada, em res-tiosas quadras, no sertão do Brasil Central, a Natureza intertropical estremunha na flacidez volutuosa de seu tálamo como Rainha caprichosa, aos maviosos acordes de solene orquestra por entre as naves do castelo.

A música da manhã desperta a tribo em retirada. Partem os guerreiros carajás, rumo direto às margens generosas do majestoso Araguaia.

A luz abundante do sol doira os cumes elevados da Serra das Cordilheiras, pôsto que nos primeiros momentos do dia, o tempo é quente.

Longe, pelas quebradas da serra, por onde a vista perlonga-se além e esbate-se no azul imenso do horizonte, triangulam emas de alongadas pernas e pescoços longos, a pescar, num mar de grama, os pequenos insetos saltitantes. Correm bandos de galheiros encarnados, saturando o am-

O excessivo desejo de poder causou a queda dos anjos assim como o desejo de conhecimento em excesso ocasionou a queda do homem. — Francis Bacon.

biente de almíscar tresandante. A anta roliça, de saborosa carne, evoluciona os ares com a tromba flexível, sente estranho cheiro e parte rumo à aguada, acamando as moitas de taquara e crivando de espinhos o largo peito, sem desviar-se da marcha retilínea.

E uma fila interminável de guerreiros carajás desnovela-se longe, surgindo do matagal espesso e assomando no descampado, lentamente, como serpente enorme desatando-se preguiçosamente em doces meandros. Contornam o topo da ladeira íngreme, descrevendo uma espiral graciosa e vasta. Depois, ténue véu de poeira se esgarça a pouca altura do solo engolfado na luz como chuva doiro seguindo o curso do alongado caminho. Os carajás sumiram através das arestas pontiagudas das serranias azuis.

Os dedos selvagens não contavam mais as luas que iluminaram as tabas carajás.

Igapitanga já era curumi-açu (rapaz) robusto e forte. Tinha na água a destreza da ariranha, e

em terra a argúcia do jaguar. Uma tarde chegou da caça fatigado e triste. Não foi feliz na diligência: desprezou os mateiros gordos que se lhe atravessaram. Os queixadas pisaram três vezes no rastro e romperam longa jornada. Sentou-se sobre o dorso de um grande casco de tracajá, inclinou o arco ao ombro, deixou cair ao lado um feixe de flechas empenadas, vagueou maquinalmente o olhar pela amplidão e disse:

— Pai Uru, tenho abuso na alma!

— Filho, quem te saiu na mata?

— Queixada hoje deu que fazer a Igapitanga, e Igapitanga está arrengado.

— Pois escuta! Vou te alinhar no segrêdo da caçada...

— Pai Uru, já conheço todo bicho do mato pelo faro...

— Mas te falta o necessário...

Meteu a mão na patrona, sacou um como caroço de manga, passou às mãos do filho, dizendo:

— Volta, renova o ânimo. Queixada te espera no lagamal da enseada...

— Sim, pai, retrucou Igapitanga, eu desprezo tua dádiva... Se Igapitanga aceita outro segrêdo mais forte do que o seu, dêle, Igapitanga fica vencido. Perdoa, pai Uru... Igapitanga está abusado. Ele teve medo de te achar zangado! Se quando o sol entra no mato, curumim já entrou na taba, Igapitanga não tinha mais força de perseguir queixada. Mas agora, se pai Uru falou, Igapitanga de novo pisa o rastro.

— Rejeitas meu presente?

— Sim, pai Uru, Igapitanga conduz muito poder com ele... Perdoa...

— Então vai, filho, vai. Tupã irá contigo...

Sobraçando as armas, novamente o índio caiu na mata.

Aracy, mãe adotiva do salvodas-águas, compreendendo no gesto do filho o orgulho característico da raça, desabotoou dos lábios um sorriso alegre e fresco como a flor do jasmineiro selvagem.

— Chefe Uru, disse ela, Igapitanga não nega o sangue outrora inimigo nosso — mas hoje irmão e amigo.

— Igapitanga é filho amado, por quem Tupã nos enviou amor e paz.

— Sim, disse Aracy, por ele emudeceu a inúbia dos guerreiros no campo dos carajás.

— Igapitanga é o zéfiro fagueiro da manhã que, soprando docemente em minh'alma, veio apagar a chama viva da vingança.

— Por êle a mãe que o adotou, só tem gozado alegria; mas Aracy guarda no peito uma dor que a consome, como o incêndio a destruir o bosque no verão.

— Aracy, tôda a tribo sofre essa dor contigo.

— Sim. Compreendo a dor da tribo. Mas, quando a caninana esfacela o ninho do jacamim e a mãe perde o filho, só sabe sentir a dor da verdadeira mãe, aquela que sob o calor do seio, como faria ao próprio filho, abriga o perdido.

— Tens razão, Aracy... E como pode tamanha dor se extinguir?

— Igapitanga precisa conhecer a sua origem...

A fisionomia do chefe se descompôs. Uma aluvião de pensamentos povoou-lhe a alma de tristeza. Depois, reanimando-se, continuou:

— Aracy, tem cuidado com a alma de teu marido e chefe! O que não sobe ao pensamento, jamais toca o coração! A árvore que produz frutos, há de perdê-los um dia, pois que amadurecem e caem. O tempo voa ligeiro como a flor efêmera do pequi-zeiro da campina. A flor, o vento arranca e precipita longe, e novos frutos a árvore produz cada ano. Assim sucede à mãe fecunda. Cada fruto extingue a saudade no seio materno, porque o amor de cada filho novo, absorve em si tôda a sensibilidade do coração. A mãe, cujo fruto foi bruscamente arrebatado de seu seio, naquela noite de tempestade, já deve ter visto nos seus braços novos rebentos de amor maternal...

A alma de Aracy saturou-se de eflúvios de consolação, todavia obtemperou:

— Sim, guerreiro amado, com os nossos, os corações dos carajás cairiam abatidos de paixão, se perdêssemos de vista os olhos que nos iluminaram o caminho da paz e tranqüilidade. Se Igapitanga conhecesse seu passado, certamente ficaria com a tristeza no coração e a dúvida no pensamento. Perdoa, na pessoa da esposa que te estima, o erro da mãe que ama o filho e só pensa em vê-lo feliz. Os olhos da boiúna (cobra preta) só enxergam bem no fundo do rio. A mãe que ama o filho tem os olhos da boiúna no coração.

— Igapitanga só será feliz enquanto não souber donde veio. O desejo que não tem fim róí o coração como a rapôsa come a própria carne para escapulir do mundo... (armadilha).

A lua cheia vinha surgindo por sobre as grimpas das árvores da

SAÚDE

A VERDADE SÔBRE O CAFÉ

O CAFÉ possui virtudes terapêuticas e seus efeitos salutareos são devidos essencialmente ao conteúdo de cafeína, o precioso alcalóide que exerce ação múltipla e complexa sobre diversos setores do organismo. Seu efeito imediato e universalmente conhecido é o de estimulante do sistema nervoso central, tanto que, na linguagem corrente, é conhecido sob a etiqueta de «excitante». Todavia, é necessário que se entenda bem o significado desta palavra. Nas pessoas sãs e normais, o café, em doses médias, provoca um estado de ligeira excitação neuropsíquica, que torna mais ativa a atenção, vence a sonolência e o torpor, facilita o trabalho intelectual, estimula as faculdades ideativas e perceptivas, atenua a sensação de fadiga, permitindo ainda mais profícua atividade muscular.

A ação estimulante efetua-se de preferência sobre o córtex cerebral, fazendo-se sentir também no nível do bulbo espinhal, onde alcança os centros da circulação e da respiração. Por isto mesmo, a virtude tônico-excitante da cafeína distingue-se decididamente daquela devida ao álcool e a outras substâncias que ativam o sistema nervoso. A euforia produzida por estas é atribuída a uma paralisia dos centros inibidores e, por isto mesmo, acompanhada de imprecisão dos movimentos e de ofuscamento do auto-controle.

Se o benéfico efeito excitante do café for conhecido e aprovado por todos, existirá ainda um ponto a discutir: sua ação sobre o coração. A cafeína é, antes de tudo, um cardiotônico, isto é, exerce ação estimulante direta sobre as fibras do coração, proporcionando-lhes impulso fisiologicamente coordenado e inteligente, de modo que o rendimento do órgão seja constante e duradouro. É absurdo afirmar que o café prejudica o coração, e um contrasenso desaconselhar indiscriminadamente o seu uso aos cardiopatas, aos quais, salvo alguns casos, se prescreve a cafeína, que é o seu princípio ativo.

São bastante numerosos os pontos que o café pode assinalar a favor da saúde do organismo. Poderíamos agora mencionar suas desvantagens e contraindicações, mas nos limitaremos a citar os danos que pode causar o seu uso imoderado, em certos estados constitucionais e em particulares condições fisiológicas e patológicas. Existem, é verdade, casos de hipersensibilidade ao café, a qual se manifesta mesmo em consequência de pequenas doses, com o aparecimento de tremores, palpitações, excitações psíquicas, náuseas, insônia. Mas são casos raros de intolerância, de idiossincrasia, que podem ocorrer com qualquer outro alimento ou remédio, hipótese em que a bebida deve ser completamente eliminada. De um modo geral, entretanto, esses distúrbios são expressões de intoxicação aguda, causada por doses excessivas.

Como se vê, as vantagens da ação do café sobre a saúde são muito mais numerosas do que as desvantagens, sendo portanto injusto o conceito que muitos fazem da famosa rubiácea, que constitui a base da economia brasileira.

CÁPSULAS

Casos em que o café faz bem: digestão difícil, hemicrania, fraqueza aguda que surge no curso de uma doença. Não devem tomá-lo: os que sofrem insônia, taquicardia, tremores nas mãos, hipertireoidismo, úlcera gástrica, doenças do fígado, hipertensão, nefrite crônica, asma, nevrose cardíaca e gástrica. Durante a gravidez é prudente moderar o seu uso.

floresta. A luz de prata projetava-se na taba carajá, como se de monstruoso cadinho escoasse o líquido argênteo, enchendo todos os vãos até então obscurecidos pela penumbra do primeiro trecho de uma noite de luar. Farfalharam as folhas secas da linha extrema do terreiro.

— Ai vem Igapitanga, disse Aracy.

— Igapitanga vem desabafando...

Os selvagens se haviam enganado... Era uma paca, que, sentindo cheiro especial, farejando os arredores, se aproximava, incauta, da taba.

☆☆☆

Adeus, Felicidade!

Continuação da pág. 21

sica: os clássicos e o jazz. Era a época das adegas de Saint-Germains-des-Près, daquelas famosas "caves" onde as moças e os rapazes de sua geração dançavam até perder o fôlego, numa atmosfera carregada com a fumaça dos cigarros.

Em "Bonjour Tristesse" essa geração encontrou sua voz. Françoise, que em criança gaguejava, tinha um estilo extremamente fluido e uma extraordinária facilidade de narração. Aliás, aquele romance não era sua primeira tentativa literária. Começou escrever, entre quatorze e quinze anos, versos, contos, pequenas histórias vividas ou observadas. Mas tinha rasgado tudo, achando que não prestava. O editor René Julliard — o segundo que Françoise procurou — ficou impressionado com "Bonjour Tristesse": pela primeira vez uma jovem desse pós-guerra frio e sem ilusões contava a vida dos jovens de Saint-Germain tal como de fato era, com clareza e honestidade, sem grandiloquência, nem sentimentalismo, nem pretensões de ser melhor do que era. Julliard é o tipo do editor que tem "faro" para descobrir talentos novos. Lançar em Paris livros de autor desconhecido é um empreendimento muito arriscado. Uma editora com capital reduzido pode entrar em falência se errar o alvo duas ou três vezes seguidas. Mas Julliard gosta de arriscar e raramente erra. Com Françoise Sagan, porém, ele teve uma surpresa: a tiragem ia subindo cada vez mais, chegando, dentro de poucos meses, ao recorde fabuloso de 850.000 exemplares. Com 18 anos, Françoise Sagan era famosa e rica. Era feliz? Quem sabe?

Quando pessoas razoáveis lhe aconselhavam a pôr o dinheiro no banco, Françoise ria. Para ela, o dinheiro é feito para ser gasto, especialmente no caso da autora francesa melhor paga de todos os tempos. Com o dinheiro de seu livro, comprava um carro após outro, cada vez mais rápido, pois estava alucinada pela velocidade. Mas nem por isso deixava de tra-

balhar e não esquecia os velhos amigos. A amizade, para ela, é coisa sagrada. A coisa, aliás, que a impediu de ser feliz no casamento.

O homem com quem ela ia casar apareceu, ao que dizem os entendidos, no segundo romance de Françoise: "Un Certain Sourire", publicado em 1956. O herói desse livro era, de fato um homem de mais de trinta anos, que parecia idoso à autora de dezenove primaveras. As histórias de Françoise Sagan, muito mais breves do que os romances dos seus predecessores — mal chegam a 200 páginas em letras bastante grossas — não têm "happy end", palavra usada na linguagem cinematográfica para dizer que, ao fim de muitas peripécias, os namorados acabam casando. Nem teria sentido no vocabulário dos heróis de

Jamais ficarei velho. Para mim a velhice é, sempre, quinze anos mais velha do que eu. — Bernard Baruch.

Sagan. Casados ou não, eles — e elas — sempre continuam solitários, isolados, perdidos em inextricáveis dúvidas e complicações. Não são as complicações sentimentais e amorosas de outrora: a mulher é livre, como o homem, de fazer o que lhe agrada. A fronteira entre amizade e amor é quase imperceptível. A paixão é controlada pela razão. O ciúme, o desejo de exclusividade é ridículo. O homem de certa idade tem a vantagem de estar acima e além das paixões da mocidade.

O segundo e o terceiro livros de Françoise Sagan — depois do "Certo Sorriso" sai, em 1958, sua terceira obra, "Dans un mois, dans un an" — também são "best-sellers". Sem serem premiados, como o primeiro que ganhou o "Prix des Critiques", a tiragem do segundo romance de Sagan ultrapassa a do terceiro quase alcança meio milhão de exemplares.

Gravemente ferida num desastre de automóvel durante as férias de Páscoa, a escritora que se tornou para o público francês uma personagem lendária, passa grande parte do ano de 1957 num leito de hospital e, em seguida, em convalescência durante muitos meses, receando ficar aleijada a vida inteira. Durante esse tempo, ela pensa muito: "Até então", disse numa entrevista, "parecia-me que o cúmulo do drama era sofrer de amor. Agora, entendi que a pior das coisas é ter a saúde abalada".

Depois de repetidas operações, padecendo dores atrozes que a obrigavam a usar entorpecentes em excesso, com o resultado de impor-lhe uma cura de desintoxicação numa clínica psiquiátrica, a saúde, afinal, voltou. Mas Françoise já não era a mesma cabeça de vento de outrora. Com vinte e três anos de idade, encarava a vida de uma certa altura, distante, um tanto indiferente, como outros na casa dos cinquenta. Para se distrair, tentou uma aventura com o *ballet*: junto com os amigos dos tempos idos, o compositor Michel Magne e o cineasta Vadim — ex-marido de Brigitte Bardot — montou um bailado com o título "Le Rendez-vous manqué" — "O desencontro", etapa que marcou seu primeiro desencontro com o êxito. O "Rendez-vous" ficou pouco tempo em cartaz em Paris, fracassou em Londres e trouxe fama apenas à primeira bailarina Noëlle Adam, a quem serviu de trampolim para uma carreira cinematográfica e o noivado com o filho de Carlitos, Sydney Chaplin.

Para Françoise Sagan chegou a hora de tentar uma nova aventura: o casamento. "Ele tinha olhos cinzentos, um ar de cansaço, quase triste. De certo modo, ele era bonito. Durante um segundo, pensei que era mesmo o tipo do sedutor para moças como eu". Assim estava descrito em "Un certain sourire", o homem que dizem ter sido o retrato do Sr. Guy Schoeller, com pouco mais de quarenta anos, personalidade bem conhecida nas altas rodas parisienses, em particular no mundo das letras, pois ocupava um cargo de responsabilidade numa grande casa editora. Homens dessa idade apareciam, aliás, em todos os romances de Sagan, "falando com cortesia e ternura e demonstrando uma doçura de pai e de amante... um tanto grave, protetor e silencioso". Ela o achava "muito compreensivo" — mais uma garantia para a aventura dar certo.

(Conclui na pág. 112)

O Caminho de Foujita

Conclusão da pág. 83

gia, assim, uma das metas de sua vida : casar o Oriente ao Ocidente, no que um e outro têm de mais profundo e mais precioso. Conseguiu isso no plano da arte; testemunhava agora, com seu exemplo, ser possível, no plano espiritual, também aí se chegar.

Foujita declarou-o com naturalidade :

— Foi sobretudo por minha arte que fiz minha educação religiosa.

Desde 1914, visitava os *calvários* da Bretanha. Em 1919, empreendeu uma viagem em torno da França, visitando as mais belas igrejas romanas. Já costumava pintar motivos religiosos : sua *Descida da Cruz* e seu *Cristo no Sepulcro* já traduziam "um sentimento tão próximo à fé como se fôsse um cristão". As catedrais o fizeram sensível ao poder e à glória da Igreja. Os primitivos italianos tocaram-no pela doçura e bondade que emanavam de seus quadros. E o pintor confessa :

— Levei quarenta anos — quarenta anos de reflexões e meditações sobre quadros — para tomar a decisão de me fazer batizar.

Foujita chegou ao termo desta lenta descoberta da religião. Com sua voz impessoal, voz de padre, o arcebispo dizia :

— Dêste momento em diante Léonard e Marie Foujita passam a fazer parte da Igreja.

O japonês escolheu o prenome do maior dos pintores do Ocidente : Leonardo da Vinci. Sua mulher escolheu o nome da Virgem, motivo do primeiro quadro de Léonard Foujita. Terminara. Uma nova vida começava. (De "Marie France").

☆☆☆

Vale a Pena a Pena de Morte?

Continuação da pág. 63

das na consciência dos criminosos devem ser juguladas pela luz esplendorosa da educação evangélica. A pena de morte, ato bárbaro, ação vingativa da sociedade, cria no mundo espiritual uma corte de seres desajustados e marginais que continuam a influir, pensamento a pensamento, nas criaturas encarnadas na terra e que tenham idéias afinadas com os sentimentos de vinditas, exacerbando ódios e rancores.

No Livro dos Espíritos, codificado por Allan Kardec há 102 anos, vamos encontrar o esclarecimento na pergunta 760 :

— Desaparecerá algum dia, da legislação humana a pena de morte ?

— Incontestavelmente desaparecerá e a sua supressão assinalará um progresso da humanidade. Quando os homens estiverem mais esclarecidos, a pena de morte será completamente abolida da terra".

Para terminar, entendemos que as leis humanas, criadas para desfazer desníveis sociais, não podem negar ao homem aquilo que não lhe podem dar : — a vida. — *Bady Elias Cury.*

O PASTOR

Não matarás — Eis aqui o mandamento do Criador da vida. E' simples, claro, insofismável, incisivo. Aquêlê que tem poder sobre a morte e sobre a vida e cuja justiça é perfeita, determina que ao homem seja negado o direito de usar a pena capital. E como podemos nós mortais, limitados, finitos, contrariar o desígnio supremo ?

O castigo para ser aplicado deve ser justo. Exige de quem o aplica autoridade moral e absoluta certeza de culpabilidade da vítima. Ora, tudo isto é muito falho nos processos que visam a proteção dos direitos da sociedade. Os erros judiciários se acumulam, sendo necessário, em muitos casos, que o clamor público, através dos órgãos de publicidade, levante-se a

(Conclui na pág. 112)

A fragrância
suave e
refrescante
de tôdas
as horas !



LINTAS - E 12

EXCELSA
— COLÔNIA OU LOÇÃO

Em todos os momentos,
uma generosa aplicação de
Excelsa é sempre um
prazer que refresca... e
um requinte a mais
para o seu bom-gosto!



EM 3 TAMANHOS



Françoise Sagan durante um ensaio de seu ballet "Le Rendez-vous manqué", que foi um desencontro com o sucesso.

ADEUS, FELICIDADE!

Conclusão da pág. 110

Quando os recém-casados saíram da "Mairie", onde se desenrolou a cerimônia do casamento civil, o espôso de Françoise disse, com certo sorriso: "Acabo de tornar-me Monsieur Sagan". Mas, quando tomaram assento no carro, foi ele quem pegou no volante para rumar ao apartamento comum. Aliás, Françoise guardava, para trabalhar, seu quarto na casa dos pais, e Guy não quis renunciar ao seu "studio" de solteiro: nenhum queria perder inteiramente sua liberdade, mas ambos procuraram fazer concessões. A aventura durou quase dois anos. Tudo parecia correr bem, ninguém ouviu falar em desentendimentos ou brigas.

A notícia sobre o divórcio do casal Schoeller foi uma surpresa para todo o mundo. E, paradoxalmente, o casal de quem todo o mundo pensava que sua vida matrimonial não ia durar, antigos amigos de Françoise Sagan — o pintor Bernard Buffet e a ex-ma-

nequim de alta costura Annabel, que também se tornou romancista e acaba de publicar seu segundo livro na editora Julliard — estavam cada vez mais unidos. Indagada a respeito por um repórter, Annabel respondeu: "Françoise e eu temos uma idéia inteiramente diferente a respeito do casamento, foi isso que nos separou, pois antigamente vivíamos muito juntas. Ela admitiria sair sôzinha, sem o marido, e vice-versa. Eu não". O novo livro de Annabel chama-se "L'Amour quotidien", uma história singela da vida de todos os dias de um jovem casal feliz desde o dia do casamento, porque a moça descobriu que "gosta de obedecer" em vez de lutar pela sua independência.

Françoise Sagan admitia que "o casamento constitui uma disciplina", mas, exigia que sua liberdade e independência fossem respeitadas. "No casamento", a seu ver, "duas liberdades podem existir lado a

lado". Quando, um dia, lhe perguntaram qual a vida que desejaria para sua filha, se a tiver, Françoise respondeu: "Desejaria que encontrasse, aos dezoito anos, um homem por quem se apaixonasse, e ele por ela, para viverem juntos a vida inteira, até morrerem aos oitenta anos, de mãos unidas". Porém, não é essa a felicidade que desejava para si mesma: "Para mim, tanto faz ser infeliz, não tem importância", disse ela um dia. No fundo de todos os seus livros está a solidão, e a solidão, para ela, é uma coisa exaltante, uma coisa que ela sempre procura e nunca suporta. Para tolerar sua nova solidão, ela voltou à casa dos pais, e ele ao seu apartamento de solteiro.

Françoise entregou o processo a seu advogado Maître Croquez, que já a defendeu quando foi acusada de ferimentos causados por imprudência aos ocupantes do carro que ela levou ao desastre. E está tentando uma nova aventura: o teatro.

Já há muito estava trabalhando numa peça, "Un Chateau en Suède" ("Um castelo na Suécia"), da qual foi publicado apenas o primeiro ato, na Revista "Cahiers des Saisons", editada por Julliard, edição do outono de 1959. Agora, ela se dedica a esse trabalho apaixonadamente, e não deixa de assistir aos ensaios, vendo surgir as personagens de seus sonhos no palco: três homens, Hugo, Sebastião e Frédéric, e três mulheres, Eleonora, Ofélia e Agata, vivendo num castelo sombrio cujo ambiente encantaria Orson Welles, unidos pela loucura, pelo ciúme e pelo ódio. "Sempre o tempo entre mim e aquilo que eu desejo", é uma réplica bem "saganiana", à qual responde esta, nada menos saganiana: "O tempo antes não importa. O pior é o tempo depois. Entre si mesmo e o que a gente desejava. Isso é que não perdoa".

Vale a Pena a Pena de Morte?

Conclusão da pág. 111

fim de apontar o verdadeiro criminoso e defender o inocente. Isto é prova de que não estamos em condições de julgar e aplicar uma pena definitiva. Mesmo a opinião pública, que tem o direito de se defender contra os perturbadores da ordem, poderá falhar, levada tantas vezes pelo sentimentalismo e influências estranhas aos princípios de justiça.

Creio, com tódia convicção na reabilitação do homem. E não é justo tirar-lhe tódas as possibilidades de retornar a uma vida digna, infligindo-lhe a pena de morte. Criminosos bárbaros, comprometidos em crimes monstruosos, se têm transformado em corações dóceis e vidas úteis à sociedade. Essa reabilitação terá de começar no interior de cada indivíduo, pouco valendo qualquer ação externa para cor-

rigir.

A religião é responsável pela conquista do bem na vida dos homens. Tem falhado porque a sociedade acostumou-se a praticá-la exteriormente. O dia em que o homem voltar-se para o seu Criador, sentindo uma experiência pessoal e renovadora na vida, deixará o caminho da iniquidade.

A pena de morte é medida exterior, exorbitante e vazia de princípios morais. Quem a executa pisa as areias movediças do mesmo terreno de quem a recebe.

Que as leis do nosso País nunca doutrinem tão aviltante direito. E que as autoridades constituídas apliquem as leis que regem, sem subterfúgios e sem interesses subalternos. — Rui Franco de Oliveira.

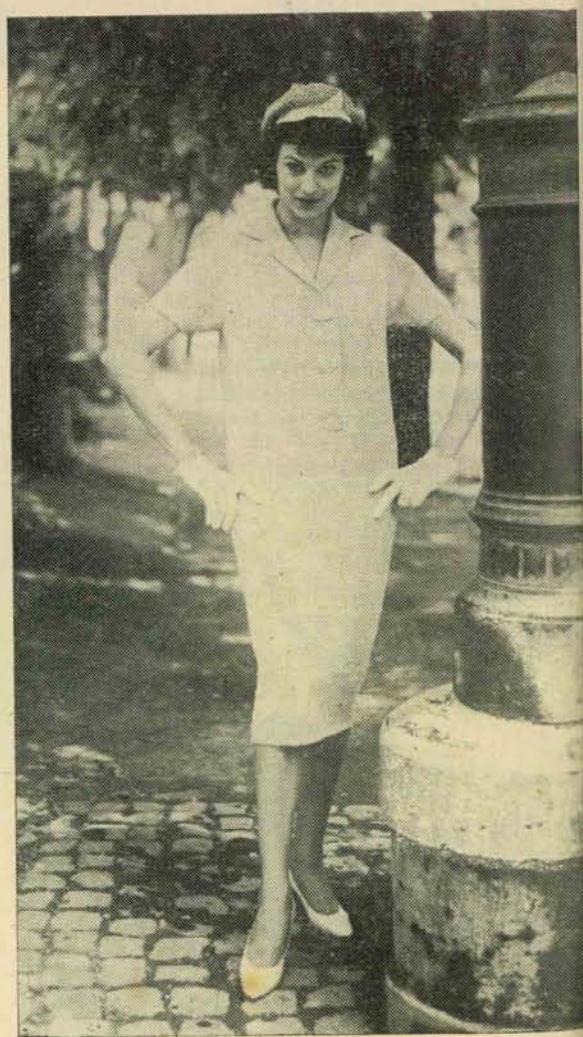
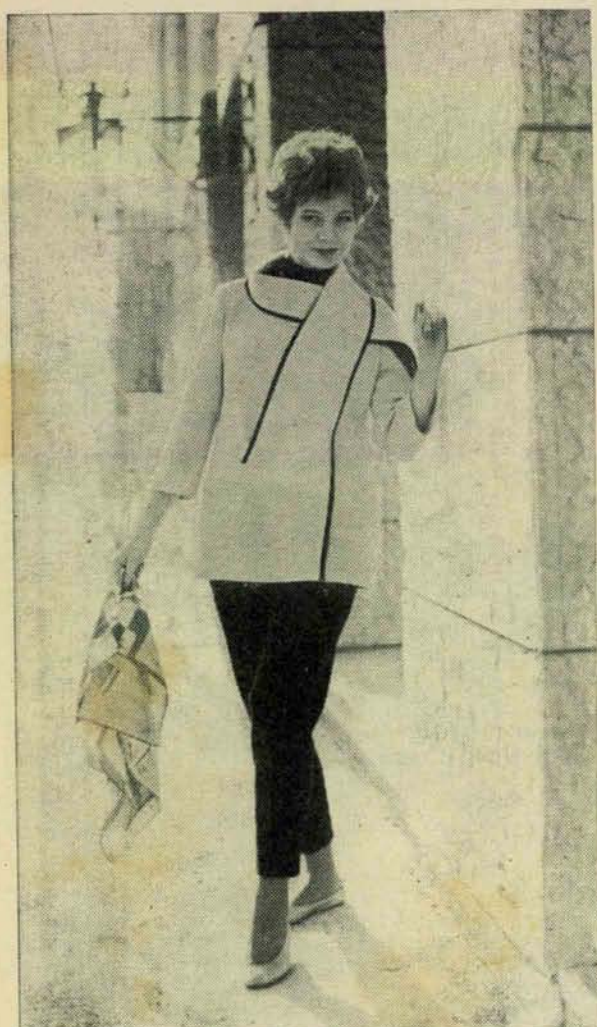
**MAIS PERFUME...
MAIS ESPUMA...
MAIS BELEZA
PARA VOCÊ!**

O suave e delicado perfume do
SABONETE GESSY é um buquê raro
das mais finas essências... e na sua
espuma cremosa Você tem a proteção
de um verdadeiro tratamento de beleza!
GESSY faz mais espuma...
é mais perfumado...
e é também muito mais durável
e econômico!
Proteja sua beleza com o

SABONETE
Gessy

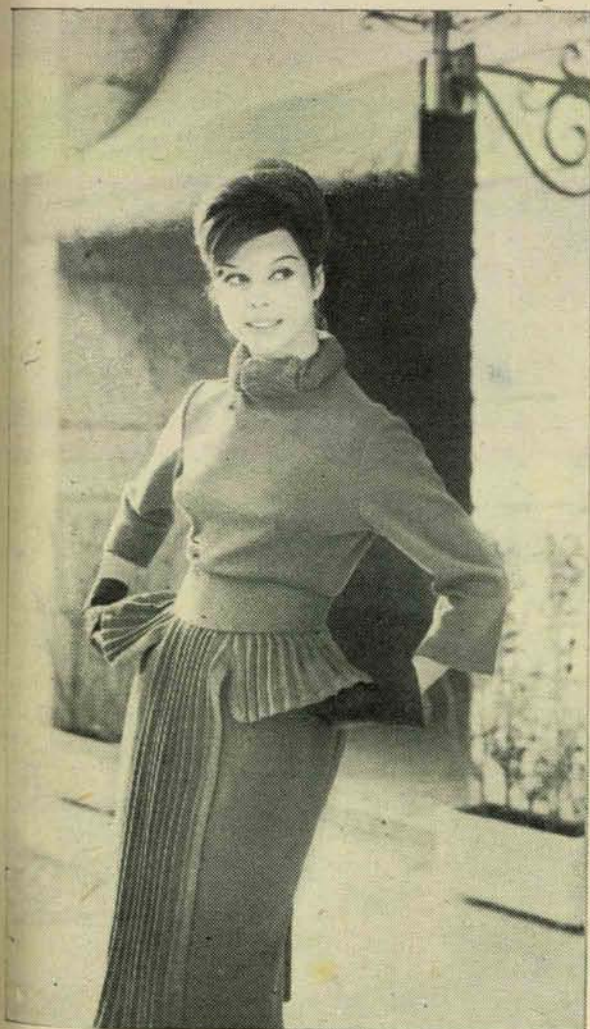


DE ROMA



- 1 Bonito casaco em lã côm-de-marfim, enfeitado com vivo marron, próprio para acompanhar saia justa ou calça esporte da mesma côm do vivo. Da altura da cintura sai uma echarpe que envolve o pescoço.
- 2 Elegante vestido sôlto, confeccionado em malha de ponto fantasia. Mangas raglan, gola esporte e três botões de madrepérola no feitió rústico de concha constituem suas características.
- 3 Elegante vestido em lã ligeira côm-de-conhaque, dispensando perfeitamente o uso do casaco. Sôbre a saia estreita há uma «basque» plissada na frente e atrás. O plissê é feito à máquina e embutido no cinto de sêda verde-esmeralda, combinando com o «foulard» de esponja de sêda que envolve o pescoço
- 4 Conjunto de duas peças em lã bege ou pastel. Interessante corte desce até a altura da cintura, nas costuras de lado, de onde sai um cinto que termina na frente com pequeno laço que se reproduz nas mangas. Dois botões de côm mais viva terminam a abertura do decote

PARA O INVERNO BRASILEIRO





←
Bastante distinto é este vestido de malha, com manga raglan e interessante gola cruzada na frente. As mangas e a gola são enfeitadas com debrum branco ou de tom mais claro que o vestido. 4 grandes botões de madrepérola enfeitam a blusa enquanto um cinto bem largo, com fivela recoberta pelo mesmo tecido do debrum, ajusta a cintura.

→
Harmonioso conjunto, em lãzinha listrada de azul e branco, tendo gola esporte, cinto e botões em azul. A blusa, que aparece apenas no peitinho, é confeccionada em tecido vermelho.

DE ROMA

COM sua chegada, o inverno sempre traz novidades no campo da moda, graças à arte dos desenhistas e costureiros. É de fato maravilhoso pensar na grande quantidade de modelos bonitos e delicados que eles criam, com a finalidade de tornar cada vez mais elegante a já chamada «estação da elegância». Os conjuntos harmoniosos, as variações cromáticas diluídas com ousadia e equilíbrio, as linhas inéditas dos modelos, tudo isto testemunha a incansável genialidade dos nossos costureiros. Agora mesmo, por exemplo, chegamos de Roma, numa excelente criação de Albertina, a série de modelos que aqui apresentamos e que, sem dúvida, constituirão sucesso seguro de elegância e bom gosto.



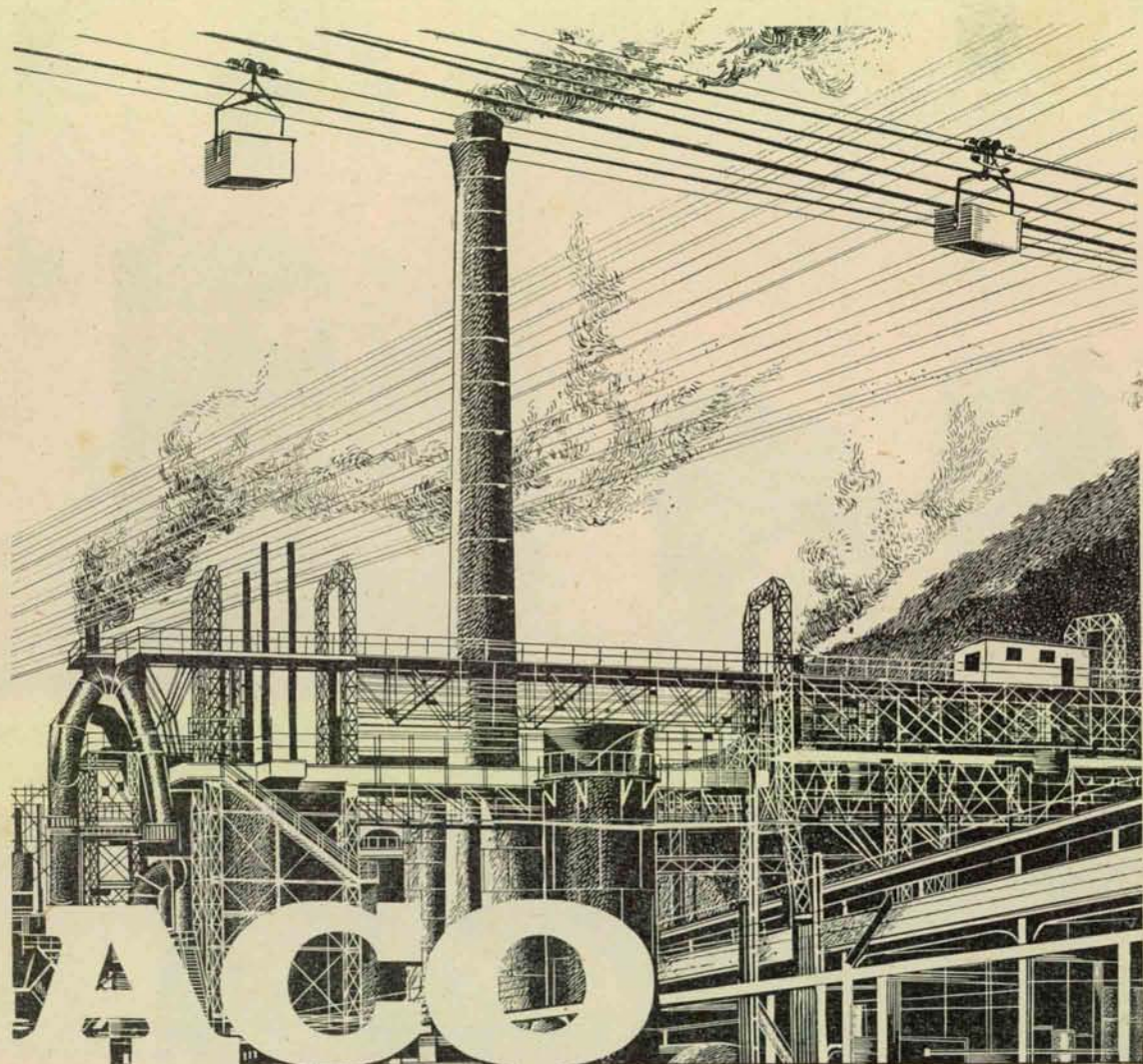
DE ROMA



Conjunto de malha composto de calça e blusa pretas sob casaco vermelho vivo. A blusa possui gola esporte muito original, que termina em forma de gravata, com dois grandes pompons nas pontas. Esta gravata passa por uma abertura no decote do casaco vermelho.

Gracioso conjunto em duas peças, trabalhado em lã azul-turquesa, bege ou cinza. A saia é lisa e o blusão reto possui gola esporte, tipo «marinheiro», nas costas. Os bolsos são enfeitados com vivos azul-marinho, sendo da mesma cor o peitilho e o laço que termina a gola.





AÇO **DE MINAS PARA BRASÍLIA-** **A CAPITAL DO SÉCULO!**

Desde 1957, quando começou a ser edificada, até o momento em que é erigida em Capital da República, Brasília foi abastecida por um fluxo contínuo de produtos da Belgo Mineira.

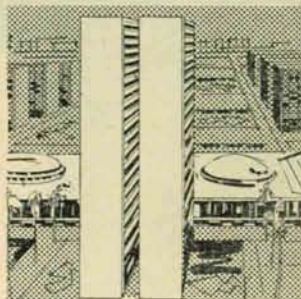
Dezenas de milhares de toneladas de produtos siderúrgicos, saídos das usinas de Monlevade e Sabará, contribuíram, assim, para erguer, em tempo rápido, esta nova maravilha do século, que é a atual Capital do Brasil.

Brasília tem sido apontada como marco de uma nova civilização, como centro de irradiação da pensamento, de trabalho e de vida, que se credencia a integrar, numa só área de prosperidade e bem-estar social, as vastas regiões da grande pátria comum.

Pioneira da moderna siderurgia nacional, desen-

volvendo seus empreendimentos no próprio coração do Brasil, em Minas Gerais, a Belgo Mineira sente-se, naturalmente, orgulhosa de ter cooperado com os seus produtos para a realização de uma iniciativa, que assinala uma etapa decisiva no processo evolutivo da nacionalidade.

Realizando a sua confiança no futuro do Brasil, a serviço de cujo progresso industrial se encontra desde há quatro décadas, a coletividade da Belgo Mineira—seus operários, técnicos, engenheiros e administradores—congratula-se, nesta eventualidade histórica, com o povo brasileiro e as suas autoridades, em particular com os construtores da Nova Capital, e com o Exmo. Sr. Presidente da República, a quem se deve o comando desta obra de coragem e de fé, que é Brasília.



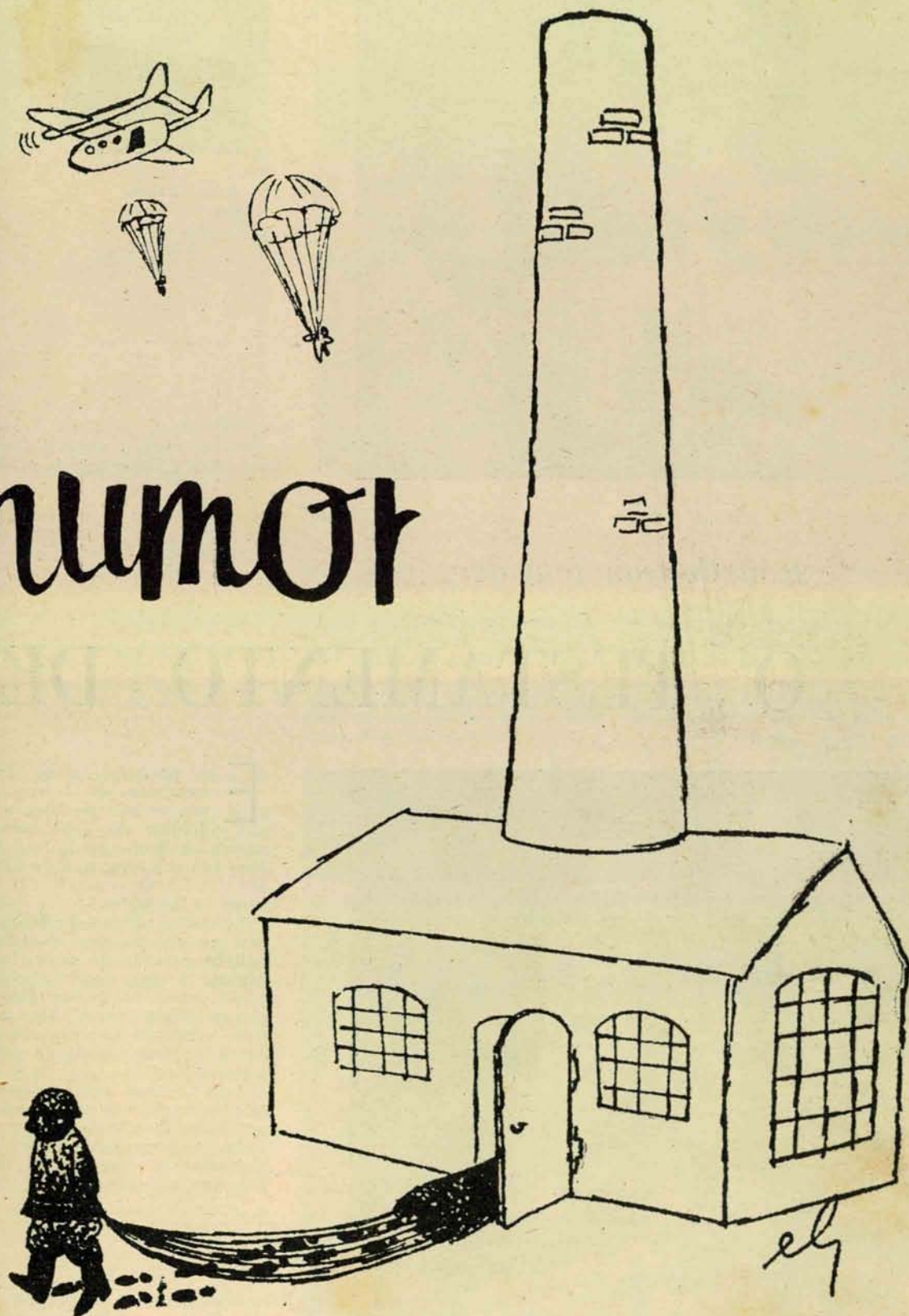
COMPANHIA SIDERÚRGICA

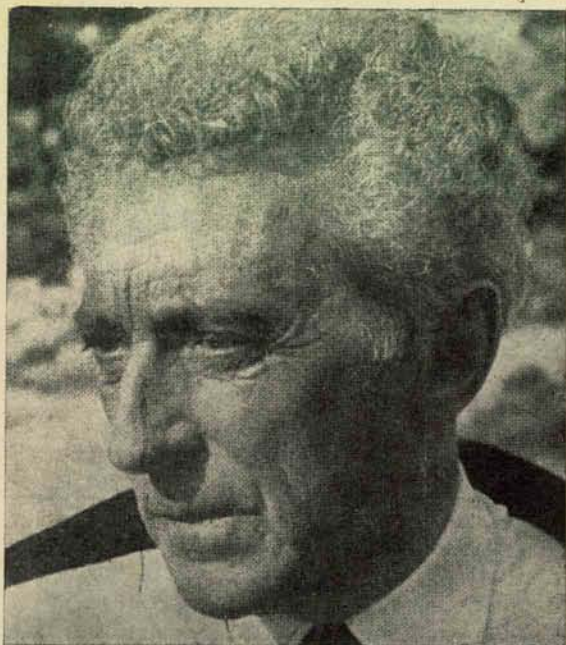


BELGO MINEIRA

Faz o progresso com aço

humor





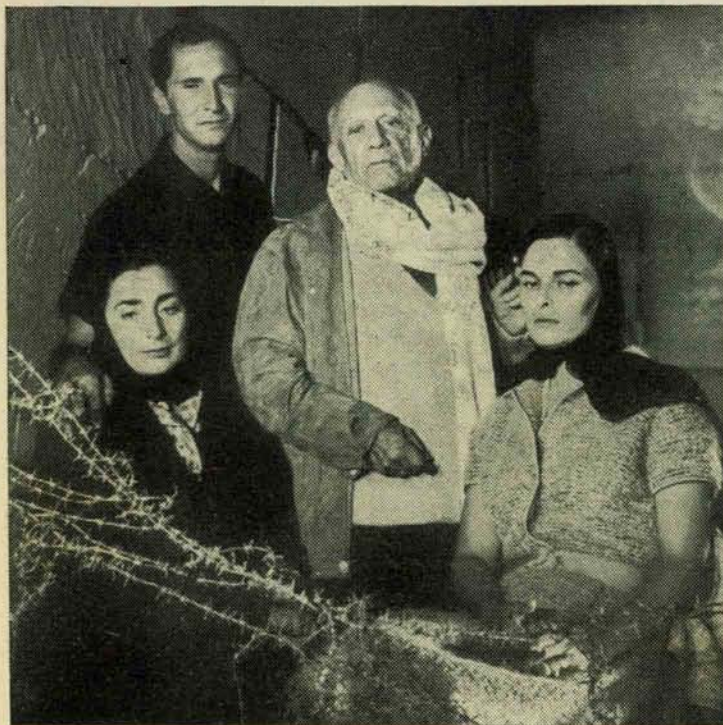
cinema

Neusa Batista e
Orlani Cavalcanti

Jean Cocteau, da Academia Francesa. Aos setenta anos, o poeta dedica seu último filme à "juventude da sombra".

Jean Cocteau fala de:

O TESTAMENTO DE



EM provença, onde Dante imaginou seu Inferno, em um estúdio de Nice e nos jardins de uma casa de campo da Costa Azul, Jean Cocteau rodou o filme que ele afirma ser sua última produção: **O Testamento de Orfeu**.

Tal filme poderia definir-se como um poema, uma espécie de bailado através do tempo e do espaço, e uma confrontação do poeta como os personagens de sua mitologia pessoal. Mas, como disse o próprio Cocteau, ele será antes de tudo, qualquer «outra coisa».

Jean Cocteau, poeta, romancista, autor dramático, cineasta e acadêmico francês, respondeu muito bem às perguntas que lhe foram propostas a respeito do filme. Eis suas respostas:

Pablo Picasso, L. M. Dominguin, Jacqueline Roque e Lucía Bose assistem a uma das mortes do poeta.



"Finjam estar chorando como eu finjo estar morto" diz o poeta, em seu leito de morte, àqueles que o cercam.



Jean Marais, Édipo com os olhos vazados, apóia-se sobre o ombro de uma pequena Antigona de Provença.

ORFEU

— Que significa o título do filme?

— Meu filme não possui qualquer relação com o título. **O Testamento de Orfeu** significa que este será meu último filme, análogo, pela liberdade de estilo, à minha primeira produção — **O Sangue do Poeta**. Nêle, interpreto meu próprio papel, pois desaprovo esses filmes documentários exibidos para contarem a vida da gente.

— Então **O Testamento de Orfeu** será uma autobiografia?

— É em se distanciando do modelo que o pintor se lhe aproxima. Meu filme não mostra nenhum episódio que se possa produzir na vida moderna, e é justamente mostrando episódios imaginários que me aproximo da vida (da minha), dando-lhe uma imagem

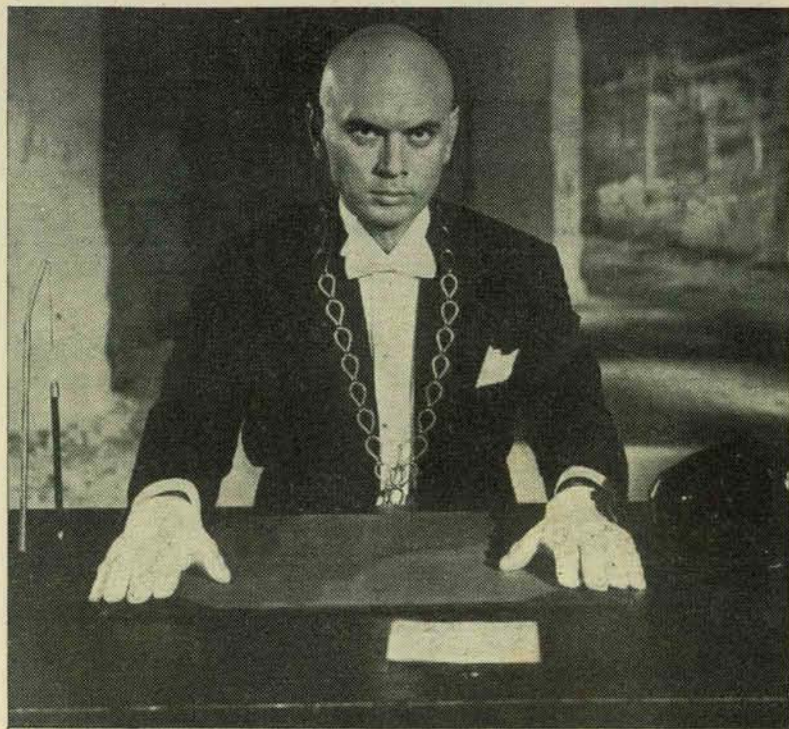
"Vós que aqui entraís, deixai toda a esperança lá fora", é o que parece dizer o porteiro Yul Brynner aos visitantes que solicitam audiência.

exata. Objetar-me-ão, dizendo que o pintor pinta para alguns especialistas do belo, e que o filme é feito para a multidão. Entretanto, não existe razão alguma para que certa categoria de filmes não se destine a pequena multidão de jovens que não queiram rever na tela aquilo que se passa entre eles diariamente.

— Seu filme narra uma «história»?

— Meu filme não tem pé nem cabeça, mas tem alma. O que se leva em consideração não é o pretexto, mas a maneira de dizer, de mostrar as coisas, de mover o «écran». Parece-me mais verdadeiro deixar que o espírito va-

(Conclui na pág. 136)



NEM TODOS OS ANJOS VOAM NO CÉU

Uma estrêla sueca põe as asas do «anjo azul» que Marlene Dietrich usara antes.

Reportagem de Orlani Cavalcanti

Correspondente de ALTEROSA em Hollywood

ÍDOLOS Caídos (The Young Lions) marca o «debut» da sueca do rosto de esfinge no cinema americano. Dizem por aqui que, na ocasião em que o filme foi exibido em São Francisco, a entrada da loura, que contracenava com o fabuloso Mr. Brando, produziu mais emoção e alvoroço do que o inesquecível terremoto de 1906! Dizem também que o impacto (costumeiro) de Marlon Brando não conseguiu prender a atenção do público, que parecia completamente fascinado pela enigmática atriz.

Antes, porém, de conquistar Hollywood May Britt já havia conseguido o título de «rainha da tela» na Itália, para onde fora levada por Carlo Ponti, produtor de faro invejável em matéria de descobrir novas personalidades para a tela. May trabalhava em Estocolmo, no estúdio de um fotógrafo, quando o marido e descobridor de Sophia Loren abriu a porta do estúdio em busca de um rosto novo para a sua película, *Yolanda*, a ser realizada em Roma. Ponti deu uma olhadela à assistente do fotógrafo e esqueceu por completo as fotografias das candidatas. Mais tarde, após estrelar uma série de filmes na Itália, May chamou a atenção de Jean Negulesco, então sob contrato com a 20th Century Fox e de passagem para a Grécia, onde dirigiria *Boy on a Delphin*. Negulesco pediu um «scream-test» da atriz, oferecendo-lhe em seguida um contrato vantajoso.

Afinal em Hollywood, a moça estreou em *Ídolos Caídos*, tendo mais tarde interessado a Edward

←
Eis Marlene Dietrich como Lola. Qual das duas é mais «Lola»?
Marlene ou May?

→
Os traços escandinavos de May Britt aliado aos seus olhos enviesados e ao cabelo longo e liso produzem um tipo bastante exótico e fascinante.





NEM TODOS OS ANJOS...



→
A julgar por essa foto e por outras a Lola de May Britt tem atitudes mais desenvoltas que a insinuante Lola de Marlene Dietrich.

←
May Britt substitui a Marlene Dietrich na refilmagem da película «Anjo Azul», que marcou uma verdadeira sensação na temporada de lançamentos em São Francisco da Califórnia.



* * * * *

Dimytrik, que planejava então sua nova película : **O Anjo Azul** (The Blue Angel), reedição de um sucesso estrondoso de Marlene Dietrich.

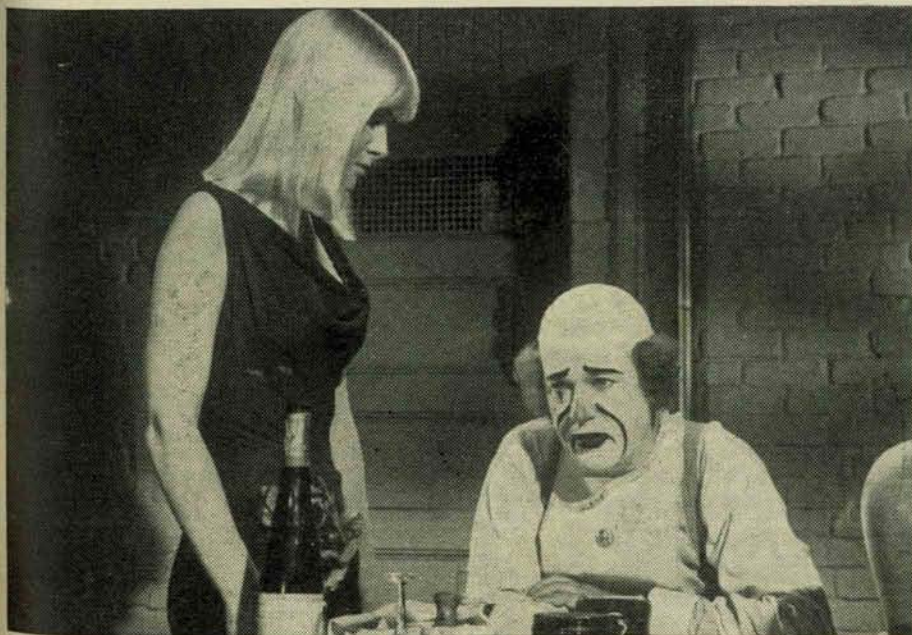
Segundo dizem, «pensar é fácil, fazer é que são elas...» Nada mais fácil do que dizer : — Vamos filmar o **Anjo Azul** de novo ! — Filmar até que seria fácil, Hollywood tem diretores e técnica suficientes para isso. Mas que estrêla ou-saria reeditar o papel que deu a Marlene Dietrich um renome mundial que passa de geração a geração ? Após muitas tentativas frustradas e muita controvérsia, os responsáveis pela produção se fixaram em três nomes : Marilyn Monroe, Maria Schell e Anita Ekberg. Foi aí que Ed Dimytrik deu com um par de olhos oblíquos, uma voz rouca e quente e uma cabeleira platinada como a de Dietrich. Ed pegou a moça pelo braço, levou-a ao estúdio — e a sua finalista, May Britt, foi escolhida. Alguns temiam que May não fôsse capaz de reviver a Lola sensual e cheia de languidez de Marlene. E talvez seja mesmo verdade que sua movimentação e seus gestos sejam mais desenvolvidos do que o necessário para fazer uma vamp. (Compa-rem a foto de Marlene com a de May). No entanto, é justamente isto que faz com que a Lola de May Britt seja autêntica, verossímil. Sem dúvida, só uma

✱
✱
✱
✱
✱
✱
✱
✱
✱
✱
✱

✱ ✱ ✱ ✱ ✱ ✱ ✱ ✱ ✱ ✱



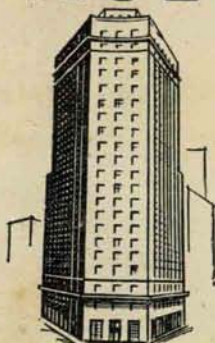
May Britt, numa cena do filme **O ANJO AZUL**, contracenando com Curt Jurgens.



Curt Jurgens representa o papel de um professor universitário que, apaixonado pelo «anjo azul», se humilha até a uegradação.

em São Paulo...
- o mais tradicional:

Hotel SÃO PAULO



PRAÇA DAS BANDEIRAS, 15 - TEL. 32-6111
END. TEL.: CONFORTÁVEL

para seu
cinema...

POLTRONAS KASTRUP

- garantidas
por toda a vida

CIA. P. KASTRUP - COM. E IND.
Rua Espírito Santo, 225 - Belo Horizonte

Aumentar o alistamento eleitoral é trabalhar pela grandeza do Brasil. O próximo pleito, em Minas e no País, será decisivo para o futuro da Nação. Votar conscientemente, em homens dignos, é o nosso maior dever cívico e a única arma de que dispomos para assegurar um futuro melhor aos nossos filhos.

atuação muito pessoal salva May das comparações inevitáveis — que, certamente, não seriam a seu favor — com o anjo «antológico» de Marlene.

A história da fita não foi modificada, apenas os cenários são mais modernos. May interpreta a «femme-fatal» Lola, um anjo muito diabólico apesar do azul (que se presume cor celestial), mulher que leva um homem à degradação e ao desespero com seu sorriso de vibora e seus gestos lânguidos. O filme é uma obra monumental. A direção de Dimytrik, humana e altamente artística, impressiona e comove.

No «boulevard» principal de Hollywood um enorme cartaz exhibe Lola que, com o gelo dos escandinavos, derrete o fogo dos californianos, incapazes de resistir ao sorriso à Greta Garbo dessa jovem que, como César, veio, viu e venceu.

Almoçamos com May Britt no restaurante da Fox. Apesar de sempre representar criaturas desenvoltas e afoitas na tela, pareceu-nos tímida e retraída. Paradoxalmente, começa a conversa contando que tem paixão pela velocidade. A polícia de trânsito de Los Angeles já não tem cadernetas onde anotar novas multas para a estrêla! Conta-nos também que adora o Oriente, e que

os orientais mantêm uma fascinação estranha sobre seu espírito.

— Logo que possível pretendo ir a São Francisco — diz ela, explicando que lá se hospedará num hotelzinho de terceira, no bairro chinês da cidade.

— Assim poderei estudar o elemento humano mais à vontade. Nos hotéis de luxo as pessoas são insipidamente iguais!

O que ela quer dizer com «insipidamente iguais» não se sabe. Esperemos que a fama e a fortuna não lhe tragam desilusão e amargura, como aconteceu com sua patricinha Greta Garbo, que termina os dias em completa solidão, gritando a quem dela tenta se aproximar:

— Deixe-me sôzinha!

May é jovem, dona de certa atração exótica que lhe emana dos olhos rasgados numa pele muito branca. Sua carreira artística já a colocou definitivamente na galeria dos astros famosos. Na sua curta estada na meca do cinema, já se casou e se divorciou de um «play-boy», nem uma coisa nem outra trazendo contentamento à sua tranqüilidade. Daqui por diante, May estará cada vez mais envolta na teia de aranha da popularidade. Que os anjos se compadeçam da alma do Anjo Azul!...

* * *

O LADO HUMILDE DE SÃO PAULO

Conclusão da pág. 53

lhos pelos quatro cantos, perambulam desamparadas não tendo nem onde morrer. Tais criaturas estão sempre em crise. Não vendem maçãs pelas ruas como faziam os norte-americanos em 1929, mas vendem «souvenirs» e mil pequenas mercadorias de fabriquetas localizadas em porões e especializadas em artigos para camelôs: aranhas de borracha que sobem nas paredes, aviõezinhos de papel que sobem, tesouras que cortam tudo, flâmulas de personalidades, distintivos, lapiseiras, cinzeiros e mil outras coisas.

80% do povo residente em São Paulo batalham duramente para ganhar a independência, enquanto 20% constituem o lado definido e sólido. Os médicos se especializam e os advogados se combatem. Há uma guerra surda no comércio concorrente procurando superar concorrente. Milhares de rapazes, nas redações das grandes publicações, procuram aperfeiçoamento. Estudantes aos milhares, perdem noites em cima dos livros pro-

curando aprender um meio de sair da mediocridade. Pequenas indústrias nascem da noite para o dia fabricando grampinhos, fitas, malhas, sapatos, pentes, botões, meias e mil outras utilidades que ocupam máquinas modestas e gente não muito especializada.

Há uma luta incessante por parte dos humildes que desejam vencer, e essa luta é que faz de São Paulo a cidade que é. Em todos os setores, há o modesto operário cooperando. Não há esmorecimento por parte desses 80% de homens dinâmicos que procuram romper a negra mortalha da pobreza para ver o sol brilhar com estrondo.

E a cidade continua a caminhar indiferente, consumindo em suas fornhalhas tantos destinos, como se a tragédia de milhares não a afetasse. E aqueles que meditam sobre a comédia do rico e do pobre, não se cansam de lembrar que mesmo Cristo disse aos hebreus endinheirados: «Sempre tereis pobres entre vós».

TEATRINHO

Conclusão da pág. 143

RUBEM BRAGA, capichaba («modéstia à parte», ele é de «Cachoeiro do Itapemirim») assim se manifestou:

«Sapo de fora, eu sou, mas me sinto como sócio fundador do novo Estado, pois aqui vivo, aqui tenho meus bens, e aqui, também, meus males. Não serei candidato a deputado nem a nada, mas bem que eu poderia alegar serviços prestados a esta brava comunidade, tantas vezes verberei seus pecados e louvei suas virtudes, e folguei e sofri com seu povo, e feri as melhores cordas de minha lira no combate às suas injustiças e na exaltação de suas mulheres — estas, Senhor Deus, como no mundo não há.»

Suspira o Braga; depois, franze os sobrolhos e adverte, meio desconfiado:

«Deu-nos o Presidente, de Governador o Sr. Sette Câmara, homem de bom nome. Mineiro, é certo, que o tempo é de mineiros; mas ouço que é dos bons — que, afinal de contas, também os há, pois neste mundo, e em Minas, há de tudo».



O CAMPEÃO DA AVENIDA, o Campeão das Sortes Grandes, vendeu em 13 de maio da Loteria de Minas.

13.802 com 1 MILHÃO

Sortes Grandes?

CAMPEÃO DA AVENIDA

e... não se discute

Avenida 770 — Avenida 612

Caixa Postal 225 — B. Horizonte

DE TODOS OS CRONISTAS DO RIO, os que mais apaixonados se mostraram pela nova condição da Cidade Maravilhosa, não foram cariocas, foram dois mineiros, um de Juiz de Fora, Henrique Pongetti, o outro, de Itabira do Mato Dentro, Carlos Drummond de Andrade.

Desabafou o Pongetti n'O Globo:

«Eles se foram. Já estão no Planalto... Ficamos só nós, os cidadãos, os verdadeiros donos da casa... Podemos agora conversar em família... Vida nova, estamos entendidos?... Vamos sentir a gostosura de pôr em ordem a louça, expulsos da loja os macacos... O Rio foi até hoje de todo o mundo, menos dos cariocas de nascimento ou de coração... Como falava alto o Governo Federal e como ocupava lugar!...

Enquanto isso, no «Correio da Manhã», Carlos Drummond cantava:

«Minha cidade do Rio / meu castelo de água e sol... / ...minha terra de nascerça... / Rio antigo, Rio eterno, / Rio oceano, Rio amigo, / o Governo vai-se? Vá-se! / Tu ficarás, e eu contigo.» /

VEXAME: Adalgiza Neri, uma mulher, a puxar os brios dos congressistas que na inauguração de Brasília tiveram o descaramento de queixar-se por terem dormido uma noite num colchão de molas armado no chão:

«Ora, diz Adalgiza, disse o deputado que nunca dormiu no chão e não seria em Brasília que essa degradação à sua mimosa pessoa iria ser consumada. Isso é mau. A maioria do povo que os deputados representam, dorme no chão porque não tem mesmo um teto com um colchão de capim, quanto mais de mola. Aliás, se aprofundarmos muito a história desse deputado que danou-se porque teve de dormir uma noite num colchão de molas colocado no chão, possivelmente acabaremos encontrando no passado desse barão parlamentar várias noites dormidas na terra batida. E por acaso isto impediu o homem de tornar-se deputado? Além do mais achamos de bom alvitre o deputado começar a gostar de dormir no chão. Todos os viventes, mesmo aqueles que dormem em camas régias, acabam dormindo mesmo é no chão, quando às suas pálpebras vem bater o sono eterno...»

HERMINIO TEIXEIRA

&

CIA. LTDA.

ARTEFATOS DE CIMENTO ARMADO VIBRADOS

Fornecedores da «Novacap» e principais firmas de Brasília.

MANILHAS — MOIRÕES — MEIOS-FIOS

PRÉ MOLDADOS EM GERAL

HERMINIO TEIXEIRA & CIA. LTDA.

CAIXA POSTAL 334 BRASÍLIA



MINIATURAS DE MURANO

Bijouterias finas

Brinquedos de pelúcia

Novidades Lilice

Rua Tamoios, 522 — S/109
PREÇOS PARA ATACADO



PANORAMA

EM MADRI: FESTEJANDO BRASÍLIA

NO dia 21 de abril último, em Madri, o ator brasileiro Anselmo Duarte reuniu em seu apartamento todos os brasileiros residentes na Capital espanhola, a fim de comemorar quatro acontecimentos importantes: seu aniversário natalício; a inauguração da nova Capital do Brasil; o final da roda-

gem de "Un Rayo de Luz", cujo protagonista é ele próprio; e a sua despedida daquela cidade, rumo à Alemanha, onde irá tomar parte na produção germânica "Der Rapt".

A simpática festa foi concorrida e alegre. Todos os brasileiros presentes tiveram oportunidade de matar saudades do Brasil, dançan-

do ao som de músicas nossas executadas pela orquestra brasileira que atua em Madri, e saboreando uma succulenta feijoada completa regada a "pitu". A foto mostra Anselmo Duarte e a atriz espanhola Maria Mahór, numa cena do filme também espanhol "Un Rayo de Luz".

SAIAS E SACRAMENTOS

CONTRARIANDO a advertência grave de São Paulo — "As vossas mulheres estejam caladas nas igrejas; porque não lhes é permitido falar, mas estejam sujeitas, como também ordena a lei" (Coríntios, XIV, 34) — as luzes da Grande Igreja de Estocolmo, juntamente, com os refletores de televisão, acenderam-se há pouco

para iluminar uma cena singular: o bispo luterano Helge Ljunberg, solenemente, investia a alva e a casula bordada num novo ministro da Igreja Luterana sueca. O importante é que o ministro, de 30 anos, que estudara farmacologia e depois passara para a teologia, e que pretende exercer o seu ministério no subúrbio, era uma mulher, Elisabeth Durlé. No mesmo dia, noutras igrejas, foram ordenadas também Ingrid Persson, de 48 anos, que fez os exames de teologia em 1936 e tem permanecido no diaconato desde 1949; e Margit Sahlin, de 46, que já é membro do Comitê Central do Conselho Mundial das Igrejas e secretária da Fundação Diaconal Sueca.

A ordenação das primeiras mulheres-ministros na Suécia vem recordar uma prolongada disputa eclesiástica, e a verdade é que, para muitos cristãos, aquilo foi mais que um desrespeito às palavras de

São Paulo. Mas, pelo menos um dos temores anti-feministas — a idéia de uma mulher subir ao púlpito em estado de gestação — não apresentava perspectivas imediatas. Nenhuma das três "ministras" é casada.



Sr. Margit Shalin, uma das três mulheres suecas ordenadas ministros da Igreja Luterana.



EMPRÉSTIMO FAMILIAR

Você
pode contar
com êle!

—a grande solução de seus problemas pessoais!

Quantas vêzes surge em casa um problema cuja solução envolve despesas inadiáveis: uma doença repentina... o nascimento do bebê... o tratamento dos dentes... o casamento da filha... e até a viagem de férias! São despesas imediatas e nem sempre há reservas de dinheiro...

Para sua tranquilidade, no entanto, você pode lançar mão do Empréstimo Familiar. Iniciativa pioneira* do Banco da Lavoura, desde 1925. Todas e quaisquer despesas da família e do lar estão previstas no plano do Empréstimo Familiar. Faça uma visita à agência mais próxima do Banco da Lavoura de Minas Gerais e apresente o seu caso: êle será prontamente resolvido com o Empréstimo Familiar. Você pode contar com êle!

*Iniciativa Pioneira

Já em 1925, logo após sua fundação, o Banco da Lavoura se impôs como varejista de crédito, realizando um grande volume de pequenos empréstimos de até 200 ou 300 mil réis, destinados, em sua maior parte, a resolver os problemas solucionados pelo Empréstimo Familiar.



EMPRÉSTIMO NASCITURO



EMPRÉSTIMO ESCOLAR



EMPRÉSTIMO NUPCIAL



EMPRÉSTIMO DE FORMATURA



EMPRÉSTIMO PARA CONCERTOS



EMPRÉSTIMO ENFERMIDADE



EMPRÉSTIMO TRAT. DENTARIO



EMPRÉSTIMO FÉRIAS

Banco da Lavoura

DE MINAS GERAIS, S.A.

um amigo em toda parte

FADO PARA JOSÉ



Capitão José Santos

SOB o governo discricionário de Antônio de Oliveira Salazar, que já atingiu os setenta anos de idade, Portugal descansa politicamente há mais de um quarto de século. De quando em vez a nação, com seus 11.450.000 habitantes, parece prestes a despertar como, por exemplo, em 1958, ocasião em que o general Humberto Delgado, enfrentando todos os riscos e perigos, levou seriamente a cabo uma campanha eleitoral para a presidência. Logo depois, porém, no ano passado, Portugal ferrava de novo no sono, quando o Governo anunciou que havia desarticulado um "complot" militar idealizado para derrubar o idoso Dr. Salazar. Entre os presos envolvidos no acontecimento encontrava-se o jovem capitão José de Almeida Santos de 39 anos, oficial de cavalaria, com distinguida fôlha de serviços prestados nas colônias portuguesas de Goa e Moçambique.

Encerrado na prisão de Elvas, situada a quase duzentos quilômetros de Lisboa, o capitão Santos passou a arquitetar sua fuga: "O governo não honra suas pró-

prias leis e eu não aceitaria um longo julgamento", disse a um colega de prisão. Não demorou muito, com a ajuda de outro presidiário e de um guarda conivente, Santos acabou escapando em novembro último. Fora da prisão encontrou-se com Maria José Siqueira, que o conduziu e seus dois amigos para uma cabana paupérrima situada perto da fronteira espanhola. Enquanto o tempo passava os outros trataram de se pôr em segurança em território francês, ao passo que o capitão Santos ficou oculto por ali mesmo.

Agora, há poucos dias, na encantadora praia do elegante balneário de Guincho, perto de Lisboa, o cão de um pescador, ao escavar a areia descobriu uma sepultura rasa em que jazia o corpo de um homem. Este havia recebido um tiro na nuca e outro no coração, vestia uma camisa de frio, calças cinzentas e sapatos pretos — em pés errados. O morto foi identificado como sendo o capitão José Santos.

O episódio deu o que falar. A oposição imediatamente responsa-

bilizou a polícia por sua morte. A polícia, como é costume em Portugal, e outros países, responsabilizou os comunistas. De uma maneira ou de outra, porém, seja quem fôr o culpado, o certo é que a história do capitão e de sua bela companheira cativou a imaginação do público e resultou numa série de poesias clandestinas e fados. Um fado que corria de boca em boca estes dias, dizia:

Eles o mataram pelas costas, não de frente.

Dunas de areia, tempestades e chuvas ocultaram o ato;

Os jornais e a polícia cobriram o resto.

CRIME AMERICANO EM PARIS

QUANDO se fala em crime, os franceses não ficam atrás de ninguém — exceto quanto ao rapto, que é geralmente considerado uma especialidade dos Estados Unidos. Os franceses nem mes-

mo possuem um nome especial para tal modalidade, e usam comumente a palavra americana que a especifica: "kidnaping".

Recentemente, porém, um "crime americano" verificou-se bem no coração de Paris. Como foi amplamente noticiado, o menino Eric Peugeot, herdeiro de uma das maiores fortunas industriais da França (automóveis, peças sobresalentes, maquinaria pesada), foi vítima de um rapto perpetrado a plena luz do dia e condicionado ao resgate de valor correspondente a 200 milhões de cruzeiros.

De acordo com a versão relatada à polícia, Eric e seu irmão mais velho, Jean Philippe, de sete anos, haviam saído de Paris, a fim de irem a um clube de golfe, em companhia do avô, Jean Pierre Peugeot, principal titular de um

império industrial avaliado em 8 bilhões de cruzeiros. Enquanto o avô jogava golfe, as crianças brincavam sob as vistas de uma empregada no jardim do clube. A ama sentia frio e voltou ao carro a fim de buscar um agasalho, e conversar um pouquinho com o chofer. Dez minutos depois, ela própria anunciou que Eric havia desaparecido. Um homem de "boa aparência" havia surgido, tendo falado com Eric: "venha comigo" — levando-o, em seguida, conforme informou mais tarde seu irmão Jean Philippe. Outras testemunhas viram o raptor levar Eric através do jardim para uma alameda, onde um cúmplice esperava,

O menino Eric Peugeot (nos braços da mãe) volta para casa.

CADA QUAL TEM SEU PREÇO

PARA a jovem datilógrafa ou "vendeuse" de Uganda o casamento pode representar um destino pior que a morte. Se os seus pais ainda se apegam aos costumes tribais, podem vir a vendê-la em casamento a qualquer homem que ofereça o melhor preço — em geral, umas tantas cabeças de gado. Caso o marido, em qualquer época, venha a cansar-se dela, poderá mandá-la de volta aos pais e pedir de volta as suas vacas. Em certas partes do país, tem ela de dar ao homem três filhos, antes que a união seja considerada estável. Noutros distritos, se o marido morre, ela será entregue ao seu herdeiro. O dinheiro ou a propriedade que ele deixar passarão às mãos do chefe da família, mas o dinheiro que ela mesma ganha pertence ao marido — e se ele assim o qui-

ser, poderá empregá-lo na compra de mais uma esposa.

Mesmo no caso de se casar com um moço de educação semi-europeia, como é a sua, ela encontrará certos dissabores. Numerosos africanos afirmam ser cristãos, mas são capazes de conciliar dois mundos opostos, possuindo uma esposa por casamento na igreja e várias outras esposas tribais. Pela lei de Uganda, essa poligamia é passível de pena de cinco anos de cadeia, mas a lei raramente é aplicada. "Se o fôsse — disse uma assistente social — toda a aristocracia africana estaria na prisão".

Antigamente, quando os africanos raramente casavam-se fora dos seus grupos tribais, esses costumes pouca influência exerciam. Depois que cresceu o número de africanos de educação urbana, o problema tornou-se geral. Hoje, muitas famílias não são nem completamente tribais nem completamente europeizadas; estão no meio termo, com todas as tensões e disputas provocadas pelo conflito de uma cultura tradicional com uma cultura emergente. Para guardar a liberdade pessoal e o controle do que ganham, numerosas moças africanas estão preferindo deixar de casar-se com os homens com que vivem. Estima-se que metade dos casais de Uganda não passou pela cerimônia de casamento, nem cristã nem tribal.

A notícia da nova liberdade gozada pelas mulheres da cidade chegou ao interior, mas teve uma recepção variada. Há pouco, por isso mesmo, realizou-se uma conferên-



Delegadas à Conferência de Mulheres de Uganda.

cia do Conselho de Mulheres de Uganda, para discutir os problemas matrimoniais das africanas. Para surpresa do conselho, delegadas rurais em muito grande número votaram unanimemente pela manutenção do costume do preço certo. "O preço da noiva — observou uma delas — dá à moça uma sensação de valor". E outra afirmou que "a família de uma noiva pode sempre lembrar-se dela olhando as vacas que recebeu em troca".

Todas, porém, desejavam que melhorasse o destino das mulheres. Uma delegação queixou-se de que há mulheres que são tratadas "exatamente como cabras", e perguntou, em tom de queixa: "Por que educar essas moças, se elas serão tratadas como cães depois de casadas?"



usando propositalmente um Peugeot 403, semelhante ao outro, do milionário. Certa nota onde se exigia o resgate foi encontrada no local, dirigida ao pai de Eric, Roland Peugeot, que é gerente geral da famosa fábrica de automóveis: "Você é um dos ricos sórdidos. Deve desembolsar 50 milhões de francos se deseja ver o menino vivo outra vez".

Nos dois dias seguintes, enquanto a polícia punha mãos à obra, a família negociava com os raptadores de Eric. Posteriormente chegou outra carta, e houve pelo menos dois chamados telefônicos, com instruções adicionais ditadas num voz seca e misteriosa. A imprensa francesa explorou o caso ao máximo. Roland Peugeot chegou a comparecer a um programa de televisão a fim de pedir colaboração pa-

ra que seu filho voltasse. "Não fiz acusações e pedi que os raptadores não fossem perseguidos", alegou.

Cerca de 55 horas depois do rapto, um transeunte encontrou Eric abandonado, pela manhã, nas proximidades do Arco do Triunfo. Guardas foram chamados e, mais tarde, chegou o pai de Eric que o envolveu num cobertor, carregando-o para casa. Roland Peugeot, segundo ele próprio disse, havia pago aos raptadores uma quantia em dinheiro, não informando porém, onde, nem quando. "Foi um acôrdo pessoal, e eu sou o único a saber o que se passou".

Por toda a França organizou-se então a caça ao homem misterioso, enquanto comentava-se que o caso deveria ser doméstico: tudo foi demasiadamente perfeito.



«L'OSSERVATORE»

DIREÇÃO NOVA

PARA TEMPOS NOVOS

Manzini, novo diretor de "L'Osservatore".

LOGO depois de sua eleição em 1958, o Papa João XXIII convocou o diretor do "L'Osservatore Romano", jornal semi-oficial do Vaticano, para expressar certa insatisfação acerca das numerosas alusões encomiosas do "L'Osservatore" ao "Iluminado Santo Padre" e "Mais alto pontífice", etc. Disse João XXIII: "Seria muito melhor se vocês simplesmente dissessem: 'O Papa fez isto' e 'O pontífice disse aquilo'. Entretanto, a advertência havia caído nos ouvidos de um homem que vinha dirigindo "L'Osservatore" durante 40 de seus 99 anos, sobrevivendo a três Papas, e que se achava mais ou menos acostumado com seus próprios métodos.

Agora, há alguns dias, o Vaticano num compreensível esforço para

modernizar "L'Osservatore" tanto no estilo como nos métodos, exonerou o antigo diretor do jornal, Conde Giuseppe Dalla Torre di Sanguinetto, que conta setenta e cinco anos de idade. A fim de substituí-lo, foi convidado o Sr. Raimundo Manzini, diretor do influente diário católico de Bologna: "L'Avvenire D'Italia", que conta com uma circulação de 80.000 exemplares.

Manzini assumiu assim a direção de um jornal que não tem paralelo na imprensa. De fato, cada número do "L'Osservatore" traz a sanção do Papa e da Igreja. Os quinze redatores do "L'Osservatore", dois deles padres, todos escrevem seus artigos com certo vagar, pouco incomodando se saem com pequeno atraso. "L'Osserva-

tore", aliás, é pequeno no número de assinantes, cerca de 75 mil, mas grande na influência que exerce no mundo inteiro: eminentes figuras da Igreja lêem-no de ponta a ponta, juntamente com chefes de Estado e diplomatas de todo o mundo. "Nós não ambicionamos circulação". — disse certa vez o cardeal Pietro Gasparri, Secretário de Estado do Vaticano de 1914 a 1929 — "Todos necessitamos é de um jornal onde publicar nossas repulsas".

Certamente este foi o espírito com que "L'Osservatore" foi fundado em 1861, tendo amadurecido na qualidade de órgão atuante e ardoroso "para denunciar e refutar todas as calúnias contra Roma e seu Pontificado". Quando Dalla Torre, jovem e brilhante jornalista,

MORTIFERA PARA RATOS E ASSISTÊNCIA

RECENTEMENTE o Uruguai esteve em pé de guerra com um escândalo que parecia não merecer a repercussão que teve. O motivo foi uma peça teatral, cujo herói, Simon Bolívar, provou mais uma vez ser ainda capaz de mexer com o orgulho das populações americanas de língua espanhola. A peça, que iria abrir a temporada de outono no Teatro Solís de Montevideo, estava fadada ao sucesso. O assunto escolhido, só por si, serviria para atrair o público. Tendo por título "Bolívar", tratava-se não apenas de um alentado estudo do maior libertador da América Latina, mas havia sido escrita por Jules Supervielle, francês nascido no Uruguai e considerado um de seus ilustres filhos. Anteriormente, o crítico Roberto Ibanez havia transcrito "Bolívar" para o espanhol, e o diretor Antonio Larreta escolhera um elenco dos mais talentosos.

Tudo isso, porém, redundou em escândalo. Acontece que o embaixador do Equador naquele país,

senhor Leopoldo Benitez, tendo obtido uma cópia do original, passou, furioso, a lê-lo para os embaixadores da Venezuela, Colômbia, Panamá e Bolívia, todos representando partes do velho domínio de Simão Bolívar. Estes não esconderam também seu descontentamento. "Do começo ao fim", dizia Benitez, "a peça não é nada mais do que uma coleção de distorções históricas e de abusivas liberdades literárias".

Começando com o pé esquerdo, o autor Supervielle havia representado o primeiro encontro de Bolívar com a lendária Manuelita Sáenz, como tendo ocorrido durante o terremoto de Caracas, em 1812, "quando", continuava Benitez, "Manuelita era ainda uma criança residindo em Quito". Mas, segundo o embaixador Leopoldo Benitez, a maior ofensa era a caracterização do próprio libertador, homem considerado aristocrata. Numa certa altura da peça de Supervielle, Bolívar arranca com os dentes um pedaço do lenço para

ta católico de Pádua, aceitou o chamado de "L'Osservatore", em 1920, deu às diretrizes do jornal uma interpretação mais positiva. Na Itália fascista, por exemplo, "L'Osservatore" foi um flagelo para Mussolini. Dalla Torre recusou-se a chamá-lo de "Duce". E, certa vez, quando oficiais ordenaram que ele comemorasse o dia 28 de outubro como o aniversário da marcha facista contra Roma, o diretor ao invés disso, assinalou a data, em manchete, como a do aniversário da consagração do Papa Pio XI como arcebispo. A despeito de ameaças de prisão, Dalla Torre audaciosamente denunciou também Hitler como um "anti-Cristo".

E nos dias de após-guerra, Dalla Torre muitas vezes não precisava de muitos pretextos para lutar. Embora decidido anti-comunista, ele criticava também o capitalismo como "uma moléstia e pestilência social". No entanto, desde que o Papa João XXIII foi coroado, corriam rumores em Roma de que os dias de Dalla Torre estavam contados.

Com Dalla Torre removido para o posto agora criado de "diretor emérito" do "L'Osservatore", a orientação do diário deverá sofrer ligeira modificação. Raimundo Manzini, velho amigo do Papa João XXIII, é um jornalista conservador, deputado pelo Partido Democrata Cristão, e de quem se pode esperar sensíveis reformas no jornal do Vaticano.

dar um "souvenir" a Manuelita. Outra passagem mostra o antigo libertador que, pensando no suicídio, desiste da idéia logo depois, matando, ao contrário, um rato, "a fim de libertá-lo de sua miserável existência". Um dos embaixadores fez declarações violentas pela imprensa: "Passou dos limites", disse. "Bolívar libertou nações, não ratos". Embora não surtisse efeito, pedidos foram encaminhados ao Governo, a fim de que proibisse a representação da obra.

Estreitada perante uma casa cheia, a peça provocou revolta geral. Sua condenação definitiva foi dada pelas palavras de certo ator: "Não sei se contradiz a história, mas posso dizer que ela foi terrivelmente mortífera". Além disso, o público e os críticos julgaram insuportavelmente longas e exageradas as quatro horas de representação de "Bolívar". As vendas antecipadas de ingressos mantiveram a peça em representação por poucos dias. Todos exultaram com o fato, achando que a morte era o que a peça realmente merecia.

A CAVEIRA DE VOLTAIRE

RECENTEMENTE foi processado em São Giovanni, na Itália, um certo Francesco Soregaroli, autor de uma das maiores trapagens do século. Tempos atrás, Soregaroli conhecera uma velha senhora colecionadora de preciosidades e objetos de arte e imaginou que não seria difícil enganá-la. E começou então a "fabricar" antiguidades e oferecê-las à velha que, todas as vezes, pagava generosamente.

A princípio o «comércio» se limitava apenas a ânforas romanas e etruscas. Depois, Soregaroli decidiu dar um golpe mais rendoso: um belo dia, mostrou à tal senhora uma caveira e explicou-lhe que se tratava de uma das mais preciosas raridades do mundo. «É a caveira de Voltaire»,

disse. «Praticamente não tem preço, mas eu posso cedê-la por 900 mil liras». (Quantia equivalente, mais ou menos, a trezentos mil cruzeiros).

A velha desembolsou 800 mil liras em dinheiro, reservando-se o direito de pagar o resto no dia seguinte. Somente quando se deu conta de que o «vendedor de preciosidades» parecia não mais estar disposto a ir acertar as contas, é que ela teve alguma suspeita e resolveu informar a polícia.

Francesco Soregaroli foi preso e confessou haver roubado a caveira num cemitério. O tribunal condenou-o a quatro anos de prisão por fraudulência agravada, exploração de incapaz e danificação de cadáveres.

PALAVRAS DE HEMINGWAY



Ernest Hemingway

O PRÊMIO Nobel Ernest Hemingway, segundo se anunciava, acaba de conseguir a mais alta remuneração que jamais foi paga por um artigo na história do jornalismo. Receberá da revista ame-

ricana "Sports Illustrated" trinta mil dólares, para escrever duas mil palavras que contarão a história da arte das touradas. Cada palavra, segundo se pode constatar, não ficará muito barata.

O TESTAMENTO DE ORFEU

Conclusão da pág. 123

gue, como quando cochilamos ao pé do fogo, dando corpo às imagens imprecisas que se encadeiam em nós sem menor fio de Ariadne. Não se trata nem de vigília nem de sono, mas daquele estado intermediário tão favorável ao casamento do consciente com o inconsciente, casamento do qual nossas obras são a proleitura. Não haverá histórias em *O Testamento de Orfeu*, isto é, o espectador não se verá obrigado a pensar em resolver o enigma do «suspense». Em compensação, cada imagem da película constituirá por si uma história, com o mesmo princípio, meio e fim, e essa série de histórias irão encadeando-se como contas de colar. Assim, o forte fio que as unificará oculto como o *post-scriptum*, no qual eu gostaria de aparecer como um conferente detrás de sua mesa; este não

seria outra coisa senão o fecho do colar que ofereço à minha musa, para que ela o coloque no pescoço.

— É verdade que figuram nomes célebres no seu filme?

— Não há muitos personagens em *O Testamento de Orfeu*. Falam pouco, e alguns amigos célebres, que correspondiam a certos papéis, dispuseram-se, com extrema gentileza, a figurar no filme. Estes são papéis menos fáceis e que, contrariamente ao que se imagina, exigem talento capaz de dar-lhes relevo em poucos minutos.

— O filme será colorido?

— A cor me prejudicaria. Ao contrário do que acontece na pintura, a cor se opõe à abstração dos filmes, à sua estranha clareza de lua. Além disto, esperar-se-ia de mim algumas surpresas neste domínio. Ora, ou bem eu rodaria a cor exata e cairia no

cartão postal ou bem a falsificaria, distraindo o olhar do espectador em prejuízo do espírito.

— O senhor não tem medo de assustar um público simplesmente habituado a algumas audácias burguesas e de ordem erótica?

— Precisaria compreender de uma vez por todas que o gênio consiste em santificar faltas, em «impor faltas tão faltas, que elas deixem de ser faltas e convertam-se em casos exemplares. Oxalá possa meu filme acumular essas faltas que assassinam os costumes. Por outro lado, a linguagem cinematográfica é uma linguagem viva e nossa linguagem escrita está quase morta de cansaço pela força do uso. Não é preciso confundir-las. «Ver que será o que é». Eis nossa verdadeira profissão de cineasta. Não duvido que seja uma profissão perigosa.

CESTAS DE NATAL



Amarel

S. A.

LOJAS NO ESTADO DE MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE — Av. Amazonas, 491/507, loja 9-B
Edifício Dantés — Fone: 2-5059

GUAXUPÉ — Rua Capitão Joaquim Norberto, 19
Fone: 210

ITAJUBÁ — Av. Cel. Carneiro Júnior, 398

JUIZ DE FORA — Galeria Bruno Barbosa, 52 —
Fone: 5-987

UBERABA — Rua Manoel Borges, 9 — Fone: 17-57

UBERLÂNDIA — Rua Santos Dumont, 517 — loja 9
Fone: 28-36

Escritório central — Sede própria:

RUA NESTOR PESTANA, 87 — 2.ª sobre-loja — SÃO PAULO

Fones: 36-0106 — 36-0197 — 36-6303 — 36-7494 (rêde interna)

Enderêço Telegráfico: «CESMAL» — Caixa Postal, 1.924

Patrimônio de 150 Milhões de Cruzeiros, garantindo o Direito de seus Prestamistas!

Uma República...

Conclusão da pág. 28

quebrado e esfregam, esfregam, até a mancha desaparecer. Tudo é feito com espírito de camaradagem e compreensão recíproca. Há outro **trote**: uma ponta de cigarro acesa é atirada e o calouro terá que apagá-la com a língua, sem se queimar. Mas a **crueldade** maior, nesses cinco ou seis dias finais, constitui-se na única hora por noite que os calouros têm para dormir... Terminado o período, gozando o alívio total, o calouro é considerado veterano, se as notas do conjunto de matérias na Universidade forem sete ou superiores a sete.

A **Fraternidade Kappa Alpha** promove, no final dos exames, magníficas festas, cujo lucro é destinado às crianças órfãs ou às vítimas da paralisia infantil. Mas há, também, festas bimensais, e tanto nestas como naquelas, a comida é abundante e a cerveja, idem.

O acontecimento mais importante se constitui no banquete oferecido aos alunos pelos ex-alunos, todos membros e ex-membros da **Fraternidade**. Nessa ocasião, os alunos são apresentados aos ex-alunos que já são médicos, engenheiros, advogados, artistas, comerciantes e esportistas — muitos deles famosos. Esse **encontro** tem a finalidade de proporcionar aos alunos perspectivas de futuras amizades que poderão concorrer para o seu êxito profissional na vida.

A **Fraternidade Americana Kappa Alpha** é entidade estudantil cuja tradição jamais o **trote** empanará, porque, nela, esse hábito não se reveste de hostilidade nem contém propósitos ridicularizantes que humilham calouros, diminuindo-lhes o entusiasmo para o estudo e indispondo-os para o convívio universitário.

Terminando esta mensagem, sinto, já, a saudade começar...

☆☆☆

O «Benemérito» de Pankow

Josef Hausladen, chefe da polícia de fronteiras da Alemanha Oriental, foi condecorado com uma medalha da «ordem ao mérito patriótico da República democrática alemã». O chefe policial, que tem 55 anos, prendeu pessoalmente um milhão de pessoas consideradas «violadoras da fronteira», isto é, alemães que tentavam fugir para o ocidente.

PAÑOLERIAS ESPAÑOLAS

Importante fabricação e confecção espanhola de mantilha fina especial para senhora, estampada em desenhos de alta novidade e fantasia, sobre tecidos de qualidade garantida, nos tipos: Jumel, Nylon, Seda natural, Cambraia fina, Linho selecionado, Rayon, Algodão egípcio, Georgette, Popeline, etc.

Fábricas em

BARCELONA, SABADELL E TARRASA

DESEJA:

Relacionar-se com firmas IMPORTADORAS, Comerciantes e AGENTES DE NEGÓCIOS interessados, que se achem devidamente capacitados para organizar importantes operações de venda em grande escala, remetendo variados mostruários com preços e condições especiais.

CARTAS PARA:

PAÑOLERIAS ESPAÑOLAS

Sans, 315

BARCELONA — 14

(Espanha)

A Tradição, a Organização e a Seriedade dos negócios do

BANCO DE CRÉDITO REAL DE MINAS GERAIS, S/A

são a garantia da sua numerosíssima clientela.

142 casas no Brasil. — Correspondentes em todo o mundo.

AS CINCO PALAVRAS MAIS BELAS

EUCLIDES M. ANDRADE

NOSSA «enquêta» — Quais as cinco palavras mais belas da língua portuguesa? — tem tido extraordinária repercussão. Cartas de todos os pontos do país são endereçadas ao responsável por esta seção. Os leitores querem de fato se manifestar, desejam apontar para os outros leitores as palavras que julgam mais belas de nossa língua. Isto vem provar o interesse que a «enquêta» desperta em nosso público, ao mesmo tempo que atesta a validade de nossa pergunta.

Estes comentários foram despertados por uma carta que recebemos da sra. Dr. Américo Gomes de Souza, de Paraisópolis,

Minas. Abordando o tema com desenvoltura, demonstrando o interesse que seu espírito culto dedica à nossa língua, a sra. Américo Souza focalizou a beleza das palavras com palpitante atualidade. Aliás, como já acentuamos, esta «enquêta» não é nova, mas resolvemos lançá-la, porque ela não é de ontem nem de hoje, mas de sempre.

Mas vamos à carta. Depois de salientar «que «Alterosa» é a revista de maior repercussão social e moral nos lares brasileiros», a sra. Dr. Américo Gomes comenta: «Enumerar apenas cinco palavras de nossa língua é quase uma injustiça, pois são tantos os

vocábulo de destacada beleza que várias páginas desta revista não seriam suficientes para contê-los. Neste interessantíssimo concurso poderiam pedir, pelo menos, cinco palavras de bela pronúncia, cinco de belos significados e outras tantas com significados desagradáveis».

Mais adiante a sra. Américo Gomes acrescenta: «Notei que o leitor (ALTEROSA, 15 de março) Argemiro Corrêa, de Cambuquira, classificou as palavras pelo seu significado: Deus, Mãe, Amor, Filho, Saudade, expressam o bem, o belo, o bom, enfim, o que há de melhor neste mundo efêmero. Mesmo a palavra Saudade tem

«A CULTURA
BRASILEIRA»

A ORIGINALIDADE da obra é total, profunda e essencial e reside no poder de reconstrução e de unificação — diz o sociólogo Prof. Roger Bastide sobre o monumental livro de Fernando de Azevedo: «A Cultura Brasileira».

A nova edição deste livro, único no gênero, constitui uma justa homenagem da editora ao consagrado

autor e ao público que, através de 802 páginas de texto além das centenas de páginas contendo 404 magníficas ilustrações, tem uma visão completa do desenvolvimento cultural do Brasil, realizado pelos seus vultos exponenciais, que se distinguiram em todos os ramos da atividade humana.

ACADEMIA
MINEIRA DE LETRAS

EM maio último a Academia Mineira de Letras comemorou oficialmente a passagem de seu cinquentenário. Grandes festividades assinalaram a data. Já temos, aliás, noticiado em detalhe as comemorações, que se estenderão pelo correr deste ano.

Hoje, deveria sair em «Livros e Letras» a biografia de mais um acadêmico. Essas biografias, que vimos publicando, são a homenagem que prestamos à Academia pelo transcurso da expressiva data.

As festividades de maio, porém, dificultaram a obtenção dos dados necessários. Fica assim para o próximo número a inserção de mais uma biografia.

NOVOS LIVROS
DA
MELHORAMENTOS

ENTRY os últimos lançamentos da Melhoramentos, podemos registrar alguns títulos que estão despertando acentuado interesse nas livrarias: A Primeira Espôsa, de Pearl Buck, contendo alguns dos mais famosos contos da notável novelista dos costumes chineses; Noções de Psicologia Aplicada à Educação, do professor Iago Pimentel; Aprenda a Língua Alemã, de autoria de Fritz Pietzchke; A Arte de Ensinar, aplicada às escolas, universidades e profissões, de Gilbert Highet; Barro Blanco, de José Mauro de Vasconcelos; A Exploração do Espaço, de Arthur Clarke; A Estrada do Sol, de Victor W. von Hagen, que descreve, de maneira sugestiva, o incrível sistema de estradas dos Incas, um livro que mereceu a Seleção do Círculo de Boa Leitura Melhoramentos; e Culturas da Fazenda Brasileira, valioso volume de 464 páginas, verdadeiro manual prático de agronomia, escrito pelos engenheiros agrônomos E. A. Graner e C. Godoy Júnior, especialmente para os lavradores brasileiros.

significado agradável porquanto, onde ela existe, existiu o amor, laço primordial da união entre os homens. Também o leitor Gildo Guimarães, de Goiânia, selecionou palavras de significados ternos e suaves.

Em seguida, a missivista escolhe suas palavras preferidas: Sudário, Campanário, Crepúsculo, Inviolável, Plenilúnio.

Fizemos questão de publicar esta carta, porque ela situa muito bem o problema. Realmente, há leitores que escolhem pelo sentido das palavras, outros pelo som, e outros ainda por um complexo de motivos que se entrelaçam. O que desejamos, aliás, dos frequentadores de «ALTE-ROSA», é exatamente isto: que eles façam um esforço de síntese e apontem as palavras que lhes agradem tendo em vista os vários ângulos da questão. Não podemos aceitar a sugestão da missivista porque o espaço não permite. Não fôsse isto, e o fariamos de bom grado.

Acima de tudo, porém, a manifestação desta leitora é um

incentivo e atestado eloquente do interesse que vai lavrando em nossa terra pelos problemas culturais.

Saudade — a Palavra mais Votada

Como acentuamos em outro local desta seção, nossa «enquete» — Quais as palavras mais belas da Língua Portuguesa? — vem despertando grande interesse entre os leitores. Neste mês, por exemplo, recebemos onze cartas com respostas expressivas, e bem concatenadas. Os missivistas são: Maria Aparecida B. de Oliveira, de Barbacena; Cremilda Corrêa Costa, da Capital; Ana Barbosa, de Sorocaba, São Paulo; Yoshiya Nakagawaka, de Londrina, Paraná; Maria de Lourdes Utsch, da Capital; Irene de Souza, de Itaúna; Lúcia Nollet, de São Paulo; José Carlos Mendes, de Passa Quatro, M.G.; Nelly Burtett, de Porto Alegre, R.G. do Sul; Angelino Cruz, da mesma cidade; e Helena Nollet, também de São Paulo.

Até agora a palavra «Saudade» tem sido a mais escolhida, com 7 votos; em 2.º lugar, vêm

«Mãe» e «Amor» com 6 votos cada; em 3.º, «Ternura», com 5 votos; em 4.º, a palavra «Deus», com 4 votos; e em 5.º, «Azul» e «Liberdade», com 3 votos cada.

As seguintes palavras têm, cada uma, dois votos: Crepúsculo, Felicidade, Mãezinha, Pureza, Pátria, e Sutil. Até agora 69 palavras foram lembradas em nossa «enquete».

Como se verifica, a sra. dr. Américo Gomes tem razão: parece que, em suas escolhas os leitores vêm-se atendo mais ao sentido dos vocábulos, o que é, como os outros, um critério válido.

Pessoas de todas as classes sociais têm comparecido a esta seção com suas respostas. Isto se percebe em parte pelo papel das cartas e, num plano mais importante, pelo teor da redação.

Nota curiosa: até no verso de um convite de casamento recebemos uma resposta! O fato nos alegrou, pois demonstra que a missivista, despida de vaidade e sem protocolos, queria de fato mandar sua opinião.

«TREZE HISTÓRIAS «TRAGICÔMICAS»

ALBERTO Renart publicou há pouco, como já registramos, «Treze Histórias Tragicômicas», contos.

Ironia e humanidade são as principais características de Alberto Renart. Em «João Formiga, professor alemão», por exemplo, o autor põe bem a mostra certos aspectos dolorosos da vida, mas o faz com deliciosa ironia e com profundo e bem humorado senso de humanidade.

Alberto Renart narra com fluência e naturalidade. Suas frases objetivas, serenas, escondem, muitas vezes, a vibração emotiva do autor. Por isto, suas histórias, animadas de intenso calor humano, transmitem ao leitor autêntica sensação de vida, com o sorriso despontando em surdina.

Assinala-se ainda que suas histórias são contadas com técnica sugestiva, despertando sempre a atenção de quem o lê. Professor e jornalista, Alberto Renart, além de poeta é, de fato, um autêntico contador de histórias.

EDIÇÕES RECENTES

EDIÇÕES mais recentes nas diversas livrarias: «O Velho Félix e suas Memórias de Um Cavalcanti», de Gilberto Freire, na José Olímpio Editora; «Vento Geral», poesia, de Thiago de Melo; «Iniciação à Filosofia do Jornalismo», de Luis Beltrão e «Psicologia Científica Geral», de Madre Cristina Maria, na Agir.

«REFLEXOS» DE LILIA

LILIA A. Pereira da Silva tem comparecido com frequência em «Livros e Letras». Motivo: vem lançando, ultimamente, vários volumes. Agora, acaba de apresentar «Reflexos».

Neste volume, de poesia, Lilia A. Pereira da Silva demonstra mais uma vez sua grande sensibilidade. Em versos inspirados ela capta muitos dos anseios do homem de hoje. E o faz com sentimento, amor e ternura.

SEMENTEIRAS NAS PEDRAS

NO número de maio desta revista, ao comentarmos o livro de poesias de Agripa Vasconcelos, «Sementeira nas Pedras» escrevemos, a certa altura, «ritmos interiores». A revisão descuidou-se e o que os leitores leram foi «ritmos inferiores». Apesar da flagrante retificação, que se impunha pelo próprio sentido do contexto, fazemos questão de deixar aqui a devida corrigenda, pois os versos de Agripa não merecem a classificação que, por um lapso, foi dado a eles. Muito pelo contrário.

OS «BEST-SELLERS» DO MES

SEGUNDO informações das livrarias, os livros mais vendidos foram os seguintes: «A Face Cruel da Justiça», de Caryl Chessman; «Sete Palavras da Cruz», de Fulton Sheen e «Vem Meu Amô», de Pearl Buck.

CONCURSO DE CONTOS

NO sentido de incentivar os valores novos de nossas letras, a Companhia de Seguros "Minas-Brasil" patrocina o "Concurso Permanente de Contos" desta revista, nas seguintes bases:

1º — O original deve ser datilografado em uma só face do papel, em espaço nº 2, com o máximo de 8 e o mínimo de 3 laudas.

2º — Motivo e ambiente nacionais.

3º — Observância dos princípios morais que norteiam os costumes da família brasileira.

4º — Argumento isento de tragédias fortes ou mistérios tenebrosos, fixando de preferência as emoções do ambiente de família, do lar e os dramas de fundo moral sadio e honesto.

5º — Os trabalhos devem ser inéditos e, uma vez premiados, terão os seus direitos autorais reservados por ALTEROSA.

6º — É permitido ao concorrente assinar o trabalho com pseudônimo. Neste caso, deverá mencionar também o seu nome e endereço completos para a remessa eventual do prêmio que lhe couber.

7º — Os dois melhores trabalhos recebidos em cada mês serão divulgados nas páginas de ALTEROSA e contemplados, cada um, com o prêmio de mil cruzeiros.

8º — Os trabalhos considerados publicáveis, embora não reúnam qualidades suficientes para que sejam premiados, receberão menção honrosa e poderão ser eventualmente divulgados.

Os prêmios deste Concurso são enviados pela Companhia de Seguros "Minas-Brasil", diretamente aos autores premiados, sessenta dias após a publicação.

Não se devolvem originais, ainda que não sejam aproveitados, nem se manterá correspondência sobre o destino dos mesmos. A revista noticiará, mensalmente, o resultado do julgamento, relacionando os trabalhos aprovados.

COLABORAÇÃO DE LEITORES

PARA conhecimento de nossos leitores que concorrem com trabalhos para o Concurso "Minas-Brasil" e com outras colaborações espontâneas para esta revista, mencionamos a seguir as produções recebidas durante o mês de abril e que mereceram aprovação da Comissão Julgadora:

CRÔNICAS — "História Quase Canção" e "A Primeira Lua" de Célia Laborne Tavares.

POESIAS — 1 trova de Cremilda Corrêa Costa; 1 trova de Paulo Freitas; 1 trova de Antônio J. Couri.

O CRIME QUE ABALOU FORMIGA

Conclusão da pág. 49

contra os especuladores da política municipal, nem sempre isentos em suas vaidades de mandonismo?

E, também, porque não estabelecer sanções coercitivas, através de meios fiscais eficientes, contra serventuários relapsos, que se obstinam na inobservância do cumprimento do dever, especialmente os que "achacam", tirando o dinheiro a quantos lhes caíam às garras rapineiras? Por que tolerar, nos quadros da instituição, elementos que a desservem, ostensivamente voltados para interesses políticos e monetários, quando a diretoria do policial é tão-somente o combate ao crime?

Todavia, quais os culpados de uma polícia partidária e ineficaz, senão os próprios governantes, que nomeiam, removem, protegem ou perseguem, conforme as circunstâncias, consubstanciadas no "quero, posso e mando"?

Chega a ser gaiata a doutrina de certo ex-governante ao dogmatizar que "a polícia civil era um pêso morto ao orçamento do Estado"... Gaiato, também, o estadista ao descobrir que a "polícia era um saco de gatos a se arranharem uns aos outros": por isto nada fez para melhorá-la, quando podia fazê-lo, pelo menos, moralizando-a enquanto que outro governante entregava a Segurança Pública a um grupo esmoado e inoperante, no sentido de procurar impedir a eclosão do crime, ou esclarecê-lo, depois de consumado. Um terceiro tornou-se alheio ao que se passa, fingindo que vai mas não vai, deixando assuntos inadiáveis para depois...

Deponto sobre uma realidade, sem nenhum farrapo de exagero, ou derrotismo, não temos em mira denegrir pessoas, poluindo reputações. Teríamos viva satisfação que a Segurança Pública mineira fosse apontada como modelo, pela eficiência de seu aparelhamento, bem assim, que se fixasse nos serventuários da hierarquia, homens idôneos, em virtude de um passado de serviços concretos.

Através de um punhado de lustros, entre delegacias de comarca a chefia de polícia, desempenhamos todos os cargos da carreira, sem que, em um só instante, houvéssemos alienado o imperativo de servir. Assim foi em Águas Virtuosas do Lambari, logo ao início, quando fomos atingidos, de inopino, com a primeira remoção, conseqüente à queixa de humilde munda contra um maior político

prestigiado pela Chefia de Polícia. E em Jacuí, onde a captura de um criminoso movimentou seus protetores do P. R. M. da localidade, deslocando, mais uma vez, quem cumpria sua missão. Também, em Formiga, simples caso de polícia rotineira, revolucionou o diretório político, e novo "change-ment"...

Na princesa do Oeste — São João del Rei — ligeiro telegrama de um deputado federal, acarreta chamado urgente à Secretaria da Segurança Pública para explicações de queixumes infundados. Caudilho municipal após blandicioso induzimento, do alto de seu prestígio, como que impunha a remessa de soldados para certo distrito onde se realizariam decisivas eleições. Não encontrando ressonância ao ardil, encheu-se de espírito de vingança e obteve do amigo a saída do insolente que deixara de cumprir uma ordem, açucarada em versos de Lourenço Stecchetti... Assim era há meio século: a política perseguia a quem não obedecesse...

A corrupção pela pecúnia, entretanto, era desconhecida: instalou-se definitivamente, depois do movimento de 1930, sendo a segurança pública rebaixada à dependência doméstica dos Chefes do Executivo.

No setor em aprêço, a indiferença atingiu alto grau, manifestada em reformas a jacto para propiciar aposentadorias e promoções a granel, numa positiva manifestação de insensibilidade às aperturas do erário. Cada dirigente novo, tendo afeição a colocar, arquiteta logo uma reforma...

Polícia, entretanto, é um órgão de defesa social contra o crime, diferente de um plantel de engorda, ou irmandade beneficente de protegidos. Não é incidir em intransigências descabidas ou em sonhos de poeta-lírico devaneando no mundo da lua, o desejá-la engrenar no incenso exagerado. Um dia para todos os plebeus, deveria tamar na diretoria certa. Se assim fora, qual a denominação aos realistas das caixinhas que tomam o dinheiro? Seguramente exato que lavra a corrupção por toda a parte: carneiros pretos emporcalham a brancura do rebanho...

A segurança pública, entretanto, tem o encargo de sanear a sociedade dos maus elementos: mas, se em seus quadros existem corruptos, como extirpá-los, se "onça não come onça?"...

A Vida das Estrêlas

Conclusão da pág. 56

gantes azuis) é muito intensa e constitui a causa principal de suas mutações. Nos últimos anos, a influência das correntes corpusculares das estrêlas em sua evolução tem sido teóricamente estudada, em particular pelos astrônomos soviéticos, valendo-se para isso de todas as observações que são possíveis da Terra.

Os dados obtidos por meio dos foguetes de altitude acerca da radiação ultravioleta dos corpos celestes assinalam o grande papel da radiação corpuscular no Cosmo.

O desenvolvimento impetuoso das investigações do espaço cósmico, com ajuda dos foguetes e dos satélites artificiais soviéticos, indubitavelmente nos proporcionará novos e abundantes materiais para resolvermos definitivamente este problema.

Brasília, Capital do...

Conclusão da pág. 80

sempre simpático, acenava a mão visivelmente comovido.

Chegava a hora do monumental desfile. Um grande palanque estava armado na Avenida Principal, onde se erguem os majestuosos edifícios dos Institutos. As sete pistas da grande artéria estavam literalmente tomadas pelos carros que iam e vinham apressadamente. Era uma tarde de rara beleza. No céu surgiu um arco-íris, como uma homenagem da Natureza. Aviões sobrevoavam o local e a multidão se comprimia.

Momentos depois surgia o sr. Israel Pinheiro, prefeito de Brasília, conduzindo a bandeira nacional, as máquinas que construíram a cidade, a banda dos fuzileiros navais, forças aéreo-terrestres das três armas, e os «candangos» que ergueram Brasília.

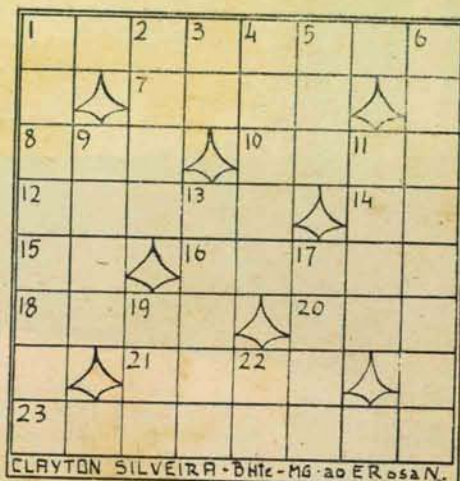
FOGOS DE ARTIFÍCIO

Ponto culminante da inauguração de Brasília e um dos mais belos espetáculos ali desenrolados, foram as trinta toneladas de fogos de artifício que subiram na noite formando os mais estranhos ballados de cores e formas, sob o incessante e estrondoso aplauso de mais de 200 mil pessoas que se acotovelavam no Eixo Monumental. O helicóptero presidencial sobrevoava acima da zona de fogo, lançando sobre a multidão milhares de papéis prateados.

PALAVRAS CRUZADAS

ERNESTO R. NETO

VETERANOS

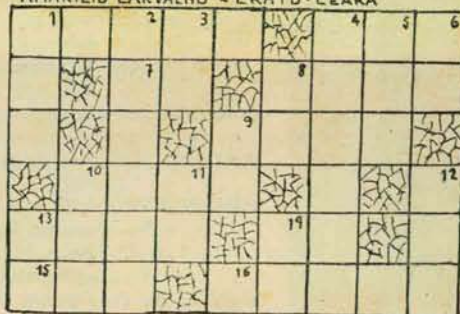


CLAYTON SILVEIRA - DITE - MÓ-20 EROSAN.

HORIZONTAIS: 1 — Despertar perene de uma nação que clama por desenvolvimento. 7 — Cume. 8 — Exclusão. 10 — Vingado. 12 — Surra; repreensão. 14 — Do verbo ser. 15 — Andar. 16 — Exprime repulsão (pl). 18 — (fig) Estar sem dinheiro. 20 — Época. 21 — Lugar de delícias. 23 — Aplica-se ao touro que tem em volta dos olhos uma circunferência de cor diversa da do resto da cabeça.

VERTICAIS: 1 — Fortaleza; castelo. 2 — Climax. 3 — Nota musical. 4 — Único. 5 — Apologia. 6 — Que está costas com costas. 9 — Flata. 11 — Gelar. 13 — Aneidota. 17 — Rangifer. 19 — Até não. 22 — Símbolo do érbio.

AMARILIO CARVALHO - CRATO - CEARÁ



NOVATOS

HORIZONTAIS: 1 — Sentinela. 4 — Botequim. 7 — (interj.) Exprime dor. 8 — Relativo aos habitantes da Alta Escócia. 9 — O gado. 10 — Melodia. 13 — Prender. 14 — Pessoa Exímia. 15 — Andavas. 16 — Cabo com que se amarram embarcações à terra.

VERTICAIS: 1 — Rumor. 2 — (fig) Tirania. 3 — (interj) Designativa de espanto. 4 — Corajoso. 5 — Membro empenado das aves. 6 — A parte de traz. 8 — Símbolo químico de érbio. 9 — Aqui. 10 — Pinha. 11 — Correr. 12 — Sossêgo. 13 — Nesse lugar. 14 — Clima.

SOLUÇÕES ANTERIORES

VETERANOS

HORIZ: Pua, rola, ur, pejar, bar, lá, açude, escol, ut, ala, nível, er, atar, axe.

VERT: Puba, uraçu, reles, oja, lá, aro, ru, deter, pôlex, cá, laré, ana, uva, it.

NOVATOS

HORIZ: Rua, momo, am, mamar, papai, me, amoral, ditar, th, adão, caá.

VERT: Rapada, uma, maior, om, mamata, orelha, mamão, pata.

A HISTÓRIA DIRÁ : dize-me o que disseste de **Brasília**, e eu te direi quem foste. Se Homem do Futuro, ou do Passado. Se progressista ou retrógrado. Porque Brasília é sentença, balança, termômetro.

Pedra filosofal: a cujo toque até o ferro se transmuda em ouro.

Esfinge : corpo de leão e cabeça de gente. Quem não a decifrar, será por ela devorado.

COM A MUDANÇA DA CAPITAL, vieram perguntar-me, com lágrimas de crocodilo saltando pelos olhos, se, como carioca (nunca fiz praça de minha cariocidade, mas daqui por diante, vou fazer questão) se como carioca não fiquei triste de haver perdido a coroa...

Não sabem os coitados que não era a Capital Federal que coroava o Rio. Era o Rio que coroava a Capital Federal. Se houve azar, é óbvio que não foi da **Belacap** o azar.

BRASÍLIA É OBRA D'HOMENS, proclamou sua eminência o Cardeal Cerejeira, Patriarca de Lisboa e Legado de Sua Santidade às festas comemorativas da inauguração da Novacap.

Depois, deu um pulinho ao Rio e, em lá chegando, não resistiu:

— Sim, Brasília é obra d'homens, mas o Rio é obra de Deus!

O RIO É ASSIM, quando se pensa que vai-se apagar, renasce das cinzas, rebrilhando.

Tentaram enxovalhá-lo com um apelido senil: **Velhacap**... Não pegou. Ao contrário. Inspirou logo um outro, triunfal: **Belacap**!

PERGUNTARAM A J. K., antes da partida histórica para Brasília:

— No meio de tudo isso, que mais o comoveu?

Respondeu o Presidente :

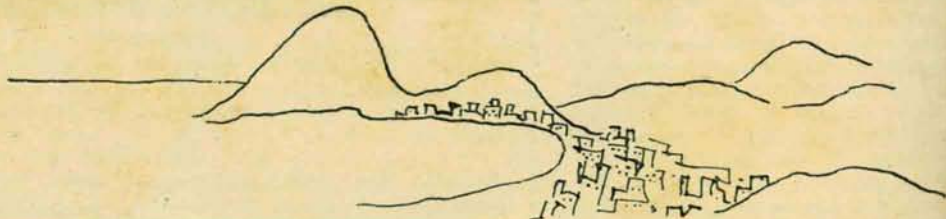
— O desprendimento sublime dos cariocas, vendo o Rio perdendo a coroa de Capital da República e aplaudindo Brasília!

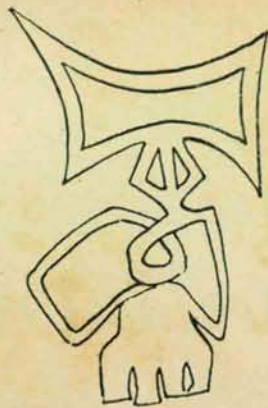
JA O MEU AMIGO JAIR SILVA, o jovial colunista de «Oropa, França e Bahia», não teve êsse desprendimento. Bairrista agressivo, faltou-lhe generosidade. Preferiu vingar-se:

«No Rio de Janeiro — resmungou o Jair — enforcaram o nosso Tiradentes, o Odontólogo. Os cariocas ridicularizavam os políticos de Minas, de modo especial o Bernardes. Na opinião dos cariocas, nós, os mineiros, éramos compradores de bondes, isto é, refinados caipiras. No dia 21 de abril, o presidente Juscelino «enforcou» a própria cidade do Rio de Janeiro, levando a Capital Federal para Brasília.»

E o cronista de Paraopeba se desrecalca, lavando o peito:

— Viva Juscelino, o Vingador!





ORA, JAIR, REFINADO VINGADOR, porque você não se candidata a uma poltrona de deputado à futura Assembléia Legislativa do Estado da Guanabara? Ou mesmo de senador, com assento no Planalto? Eleição garantida. O carioca é o sujeito menos bairrista do mundo e até mesmo quando escolhe os seus representantes ao Congresso não se preocupa em saber de que metrópole vieram, se da Oropa, se da França, se da Bahia ou de Paraopeba. Lá está, na própria Praça dos Três Poderes, a prova. Dos três senadores eleitos pelo Rio, apenas um é carioca, e, assim mesmo de origem goiana: Caiado de Castro. Os outros dois não são cariocas, um é gaúcho: Gilberto Marinho. O outro, é o Afonso Arinos, mineiro de Paragatu.

Na Câmara, então... Dos 17 deputados federais eleitos pelos guanabarin, cinco apenas são cariocas: Waldir Simões, Mendes de Moraes, Gurgel do Amaral, Lúcio Hauer e Eurípedes Cardoso. A súcia restante, quero dizer, a dúzia restante é composta inteiramente por irmãos de outros Estados, a saber, quatro mineiros: Adauto Lúcio Cardoso, Eloi Dutra, Hamilton Nogueira e Menezes Côrtes; dois fluminenses: Carlos Lacerda e Chagas Freitas; três pernambucanos: Breno da Silveira, Rubem Berardo e Sérgio Magalhães; um capichaba: Mário Martins; um matogrossen-

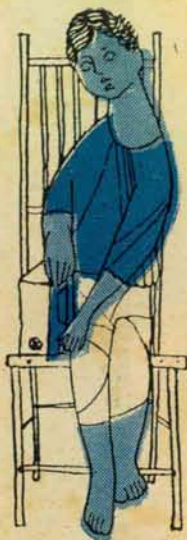
se: Benjamin Farah e um baiano: Nelson Carneiro.

Ora, Jair, se isso acontece, se os filhos da Guanabara preferem compor a sua bancada no Congresso com mineiros, pernambucanos, fluminenses, capichabas, matogrossenses e baianos, não é por falta de cariocas, você sabe, eles são dois milhões e quinhentos mil, é por falta apenas de **bairrismo**, essa amarela flor do mato que não vinga naquelas plagas...

SEM RECALQUES — o «Times» em Londres, o «Estado de São Paulo» na Paulicéia e o «Estado de Minas» em Belo Horizonte, são os porta-vozes da circunspeção; o que eles dizem não se fala, escreve-se. Pois vamos ver o que sobre o novo Estado da Guanabara, disse o velho «Estado de Minas»:

... «fundos são os laços afetivos que prendem todos os brasileiros à Cidade Maravilhosa. Os mineiros, especialmente, voltam-se para o Rio de Janeiro com uma ternura indisfarçável, por várias razões sentimentais e históricas. As primeiras decorrem da índole cavalheiresca e hospitaleira dos guanabarin, que conferem logo a cidadania carioca a todos os patrícios que ali aportam para iniciar a sua vida. Povo alegre, sem recalques, sem pruridos regionalistas, considera o carioca que o Rio é fabuloso demais para ser usufruído apenas pelos que nascem ali mesmo».

(Conclui na pág. 129)



Menino Cego

GILBERTO DE ALENCAR

ASSIM como eu li, é de crer que muita gente haja também lido o caso do menino cego que, não faz muito, da sua cidade do interior de Minas, foi levado por uma alma compadecida para o Rio de Janeiro, a fim de ser operado num hospital de renome e recuperar a vista. Os jornais falaram bastante do fato, com fotografias e tudo, e a criança viu-se rodeada de cuidados e carinhos; até uma casa comercial lhe deu de presente um pequeno aparelho de rádio, para ela poder ouvir música durante as longas horas que deveria passar, como passou, depois da operação, imobilizada numa cadeira.

O menino foi operado e sarou, tal qual previam os médicos.

No decorrer das horas de imobilidade na cadeira, ouvia música e falava pouco, decerto embobado no antegozo da alegria imensa que iria ter, vendo de novo o mundo que deixara de ver havia muito, trocando enfim as trevas pela claridade, voltando a ser o que já fora. E quem sabe não estaria calado e triste por temer que o milagre não se realizasse e continuasse cego?

Falava pouco o menino, mas sempre falava e era para dizer que sentia muitas saudades da mãe, que lá ficara na pequena cidade do interior, à sua espera.

Mas há espera e espera.

O que essa mãe esperava, com ansiedade, não era, ao contrário do que se poderia imaginar, a volta do filho completamente curado e sim a sua volta na mesma. Na mesma, isto é, sem luz nos olhos e tateando nas mesmas trevas, com a mesma tósca bengala na mão, a indicar-lhe o caminho pelas ruas.

Assim, quando lhe enviaram a boa nova, ou que boa parecia, da cura do filho das suas entranhas, com a informação de que ele regressaria em breve ao lar, a dona não esteve nem por uma nem por duas. Pegou da pena, ou alguém pegou por ela, e mandou dizer para a gente do hospital que ficasse com o menino curado, porque o que lhe interessava era apenas menino cego.

— Que diabo vou eu fazer com um filho que enxerga? Filho cego é que me servia, esmolando pela cidade e trazendo-me ao fim de cada dia o produto das esmolas. Menino que enxerga não desperta compaixão de ninguém e não arrecada senão alguns cruzeiros. Cruzeiro, hem? Que é que vale esse tal de cruzeiro que anda por aí, com o qual a gente não compra nada? Se o menino está enxergando, se me deram esse prejuízo, então que fiquem com ele e dêle façam o que quiserem. Eu é que não posso carregá-lo às costas.

Para arrematar, modificou algum tanto o provérbio, no fundo e na forma, e declarou, numa explosão de despeito, senão de ódio:

— Quem inventou Mateus, que o embale.

Foi assim que Mateus, quero

dizer, o menino curado ficou mesmo pelo Rio de Janeiro. Ficou enxergando, mas ficou. Se agora, que podia ver, queria ver a mãe, esta é que não o queria ver a ele, nem pintado.

Hão de me dizer, aqueles que leram a notícia, como eu mesmo a li, que casos semelhantes existem por aí aos montões, não se podendo contar o número de mães e de pais que exploram a cegueira dos filhos, tantos são eles.

Acredito, acredito.

Se isto já era verdade no tempo das vacas gordas, muito mais verdade será hoje, neste tempo de vacas magras, que só não são magras para os açougueiros que as vendem a peso, roubando neste o mais que podem ou mais do que a lei faculta. Há leis facultando e até estimulando o roubo, pois não.

Mas entre esses pais e sobretudo entre essas mães que fazem do filho cego uma fonte de proventos, dificilmente se encontrará exemplo que se compare a este de que aqui se trata. Quase todos, senão todos, preferirão o filho vidente e não produtivo ao filho cego que ajuda a manter a casa com as esmolas que recebe todos os dias pelas ruas ou pelas esquinas.

Pelo menos assim me parece, a mim que, duvidando de tanta coisa, não cheguei ainda a duvidar do amor de mãe. E até, a falar a verdade, do amor de pai. E então?

Então, o caso do menino cego que ficou bom e, por ter ficado bom, perdeu a mãe, é a exceção que confirma a regra. Exceção monstruosa, logo se vê, mas por isso mesmo mais confirmante.

O prestígio dos meus

**20
ANOS**

**no êxito de
suas vendas**

Prezado Anunciante: Sinceramente, estou envaidecida com a pesquisa realizada entre meus leitores. Senti-me desejada. Terei atrações irresistíveis? Examinem-me toda, imagine! Estranhei, pois me considerava exclusiva desse público encantador, as mulheres, mas me habituei, também, ao assédio oftálmico dos homens de bom gosto... E sabe por que me dirijo ao grande Amigo? Eis o segredo: a pesquisa ofereceu-me resultados curiosos. Sou lida por 884.800 pessoas: 51,6% do sexo feminino, 48,4% do masculino. Quanto ao grau de instrução: secundária, 63,2%; superior, 16,4%. Profissões que possibilitam proventos apreciáveis: 45,4% com renda mensal superior a 20 mil cruzeiros, e 35,2% superior a 10 mil. E observe: 57,7% residem em casa própria; 64,5% possuem geladeira; 33,9% têm automóvel particular. Percebeu o ambiente em que vivo? Eis por que o convido a confiar-me sua mensagem — seja para homem ou mulher! Deixe-me mostrar-lhe o prestígio dos meus vinte anos! Conceda-me o privilégio de vender seus produtos!



ALTEROSA

A A R T E

de Presentear...

Quando você deseja
homenagear uma pessoa querida,
presenteando-a,
é claro que se lembra:
entre a pessoa e o presente
deve existir delicada harmonia...
A mesma harmoniosa
identidade que sempre existe,
e perdura,
entre a mulher elegante
e o perfume que usa, cercanda-a
de inebriante halo de poesia...
A mesma harmonia que deve haver
entre o artista,
o instrumento
e a música...
Eis por que a criatura querida
merece a homenagem permanente
de uma revista cuja leitura
seja suave perfume para o espírito
e música inesquecível para os sentidos...
numa doce harmonia para enlêvo
da sensibilidade...
mensagem de bom gosto
para melhor compreensão
das autênticas belezas da vida...
Seja também artista na
homenagem que
ninguém esquece:

Ofereça uma
assinatura anual de

A L T E R O S A



de Paula

RESENTE MAIS DESEJADO • O PRESENTE MAIS DESEJADO • O PRESENTE MAIS DESEJADO